

FaE



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

GISLENE RANGEL EVANGELISTA

LIVRE, PORÉM SERVO/A E LOUCO/A POR JESUS: a produção do/a jovem
cristão/ã no *Currículo da Célula Evangelizadora*

Belo Horizonte

2023

Gislene Rangel Evangelista

LIVRE, PORÉM SERVO/A E LOUCO/A POR JESUS: a produção do/a jovem
cristão/ã no *Currículo da Célula Evangelizadora*

Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Shirlei Rezende Sales
Linha de pesquisa: Currículos, Culturas e Diferença.

Belo Horizonte

2023

E921
T

Evangelista, Gislene Rangel, 1983-

Livre, porém servo/a e louco/a por Jesus [manuscrito] : a produção do/a jovem cristão/ã no Currículo da Célula Evangelizadora / Gislene Rangel Evangelista. - Belo Horizonte, 2023.
220 f. : enc., il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Shirlei Rezende Sales.

Bibliografia: f. 209-219.

Apêndices: f. 220.

1. Educação -- Teses. 2. Juventude -- Aspectos sociais -- Teses. 3. Juventude -- Vida religiosa -- Teses. 4. Evangelismo -- Teses. 5. Religião e estudo.
I. Título. II. Sales, Shirlei Rezende. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 377.1

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecária: Raissa Michalsky Martins CRB6 3155/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

ATA DA DEFESA DE TESE DA ALUNA

GISLENE RANGEL EVANGELISTA

Realizou-se, no dia 11 de dezembro de 2023, às 14:00 horas, na sala da Congregação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 942ª defesa de tese, intitulada *Livre, porém serva/a e Louco/a por Jesus: a produção do/a jovem cristão/ã no Currículo da Célula Evangelizadora.*, apresentada por GISLENE RANGEL EVANGELISTA, número de registro 2020651828, graduada no curso de PEDAGOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Shirlei Rezende Sales - Orientador (UFMG), Prof(a). Flávio Munhoz Sofiati (UFG), Prof(a). Maria Carolina da Silva Caldeira (UFMG), Prof(a). Marco Antonio Torres (UFOP), Prof(a). Danilo Araújo de Oliveira (UFMA).

A comissão considerou a tese: APROVADA e destaca a relevância do tema, ao considerar o cristianismo protestante como constitutivo das juventudes, aspecto que deve ser profundamente conhecido pela educação. Destaca ainda que a pesquisa colabora para a ampliação dos debates nos campos de estudos da juventude e curriculares, ao focar na dimensão das práticas de si. A banca recomenda a publicação da tese.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 11 de dezembro de 2023.

Prof(a). Shirlei Rezende Sales (Doutora)

Prof(a). Flávio Munhoz Sofiati (Doutor)

Prof(a). Maria Carolina da Silva Caldeira (Doutora)

Prof(a). Marco Antonio Torres (Doutor)

Prof(a). Danilo Araújo de Oliveira (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Carolina da Silva Caldeira, Professora Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 13/12/2023, às 08:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Shirlei Rezende Sales, Professora do Magistério Superior**, em 13/12/2023, às 08:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marco Antônio Torres, Usuário Externo**, em 13/12/2023, às 08:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flávio Munhoz Sofiati, Usuário Externo**, em 13/12/2023, às 20:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danilo Araujo de Oliveira, Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 13:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2896277** e o código CRC **93EC6288**.

AGRADECIMENTOS

*O segredo, Alice, é cercar-se de pessoas
que façam sorrir teu coração.
E então, só então encontrarás o País das Maravilhas.
(Chapeleiro Maluco – Alice no País das Maravilhas)*

Como seria possível chegar ao final de uma jornada marcada por acontecimentos inquietantes e até perturbadores? O Chapeleiro Maluco tinha uma receita para Alice que apliquei e deu certo para mim também. O segredo é cercar-se de pessoas que te façam sorrir o coração! Em 2020 iniciei o doutorado e junto com ele vieram a pandemia, as perdas, o isolamento, o cansaço, as crises emocionais, o medo. Por muitas vezes, achei que não iria conseguir chegar ao final dessa jornada, porém eu estava cercada por pessoas que se empenharam em me fazer sorrir o coração. Sem elas, me faltariam motivação e coragem para seguir rumo à realização de um sonho da vida inteira e não encontraria meu País das Maravilhas.

Agradeço à minha mãe, meu exemplo de perseverança e força. Minha maior motivação para não desistir. Ela que fazia “shiiiiiiuu”, exigindo o silêncio das pessoas quando eu estava estudando. Mesmo sem entender o motivo de eu ficar tantas horas na frente do computador, sempre ofereceu condições melhores para que meus estudos fossem realizados.

Agradeço ao meu filho, Rian, que se mostrou tão seguro, responsável e paciente para que eu vivesse todo esse processo, somado às outras coisas que vivemos juntos no mesmo período. Você é incrível, filho!

Às minhas irmãs e irmãos, que se fizeram presentes sempre que precisei. Wesley, Edilaine, Teco, Ninha e Xu, talvez eu ainda não tenha verbalizado o quanto vocês me dão segurança.

Agradeço à minha “dupla de três”. Isso mesmo, eu tenho uma dupla formada por três pessoas, e ninguém além de nós entenderia. Dupla Jesebel e dupla Glória, nossos encontros-terapia regados a vinho, risada, choros, karaokê e muitas confidências me salvaram tantas vezes que é impossível numerar. Com vocês, renovei as energias e tomei o fôlego necessário para seguir com o plano.

Agradeço a amizade e a orientação comprometida da querida Shirlei Sales. As pessoas falam que ela é luz. E ela é mesmo. Uma pessoa *imperdível* de se ter na vida. Ela é um *oásis* na rotina, muitas vezes insana, da pós-graduação. Eu falo dela para todo mundo. Digo que todos precisam conhecer essa mulher forte, corajosa e que é puro amor. Que sorte eu tive em conhecer e ser orientada por você, minha amiga.

Toda a minha gratidão ao grupo de orientação coletiva. Ali temos pessoas reproduzindo as práticas ensinadas pela Shirlei, de compromisso com o texto do colega e de muita troca de experiência. Bruna, Danilo, Glhebia, Jessica, Paulinha, meu texto tem as marcas de vocês e eu não conseguiria chegar aqui sem os inúmeros apontamentos, correções e sugestões que vocês gentilmente fizeram.

Agradeço muito às Crias da Shirlei. Um grupo que é generosidade e alegria. Às vezes, a gente entra lá só pra rir e ficar leve com as brincadeiras.

Também agradeço ao Observatório da Juventude da UFMG. Um lugar que é, antes de mais nada, puro afeto e acolhimento. Aprendo com vocês todos os dias.

A generosidade de outras pessoas foram o combustível para eu continuar. Generosidade é a palavra que caracteriza as professoras do 5º ano da Escola Municipal Jacinta Éneas Orzil (2022), onde trabalhei boa parte do doutorado. Lá encontrei pessoas como Roberta, Paty, Nilde, Eliane Maria, Pri, que sempre me ajudaram com as demandas do 5º ano, me permitindo investir mais tempo nos estudos. Obrigada pelas atividades partilhadas e pelas palavras de incentivo e encorajamento.

Agradeço aos profissionais e alunos/as da UMEI Cecília Meireles. Recebi uma onda de carinho quando cheguei aqui e isso me fortaleceu de muitas formas.

Meus agradecimentos à banca composta para a avaliação do trabalho final: Danilo Araújo de Oliveira, Flávio Munhoz Sofiati, Maria Carolina da Silva Caldeira, Marco Antônio Torres. Agradeço, ainda, os membros suplentes André Marcio Picanço Favacho e Marcos Antônio Silva. A seleção dos/a membros/a da banca foi uma escolha interessada, pensada e realizada considerando os encontros das produções de vocês com a minha e pautada pela admiração e pelo respeito que lhes dedico.

Agradeço à Pauliane Coelho, pela revisão e pelo cuidado com o texto final da tese.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação e a todos/as professores/as pelo aprendizado.

Meu coração está radiante. Estudar na UFMG era um sonho de infância. Fazer doutorado aqui era quase um devaneio do País das Maravilhas. Cada um de vocês contribuiu para me fazer chegar até aqui.

Vocês me fizeram sorrir o coração!

RESUMO

Nesta tese analisa-se como o/a jovem produz a si mesmo/a no *Currículo da Célula Evangelizadora*. A produção de si é uma discussão da teoria foucaultiana que tem a compreensão de que o sujeito é constituído em meio às práticas de governo do/a outro/a e do autogoverno, de modo que, na produção de si, o foco da discussão está no trabalho ético que o indivíduo efetua sobre si mesmo a fim de se constituir como o sujeito moral de suas ações. Investiguei jovens envolvidos/as em uma prática religiosa protestante conhecida como Célula. Considerando a relação entre juventudes e cibercultura, uma página do Instagram denominada de *a.rede* também foi investigada. Nomeio o conjunto de práticas que aconteceram nas reuniões presenciais da célula e as interações na *a.rede* de *Currículo da Célula Evangelizadora*. Currículo, por sua vez, é entendido como discurso, isto é, como práticas produtivas que se formam sob regimes de verdade sobre a fé cristã protestante. Como metodologia, a pesquisa articulou elementos e procedimentos da etnografia, da netnografia e da ascese como analítica foucaultiana, uma ferramenta teórica-metodológica. A tese aqui desenvolvida é a de que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, produz-se o/a jovem cristão/a *Livre, porém servo/a* e o/a *Louco/a por Jesus*, por meio de práticas de renúncia de si, obediência, santidade, liberdade e amor. *Livre, porém servo/a* e *Louco/a por Jesus* são posições de sujeito nomeadas por mim a partir da análise das práticas ensinadas no currículo investigado. As características e o modo como o/a jovem cristão/ã deve se conduzir são ensinados/as por meio de práticas que ele/a deve operar sobre si mesmo/a e por meio delas conduzir a própria existência. Práticas de renúncia de si, de obediência, santidade, liberdade e amor são produzidas por um regime de verdade que atesta que, para ter acesso a Deus, o/a jovem deverá ser distinto/a, renunciando aos padrões culturais e sociais do mundo em que vive.

Palavras-chave: Currículo. Práticas de si. Célula evangelizadora. Juventude.

ABSTRACT

In this thesis it is analyzed how the juvenile produces themselves in the *Evangelizing Cell Curriculum*. The production of the self is a Foucauldian's theory discussion which comprehends that the subject is constituted through practices of governing others and self-government, so that in the production of oneself the focus of the discussion is on the ethical work which the subject carries out on themselves, in order to constitute their own as the moral subject of its actions. I investigated the juveniles involved in one protestant religious practice known as Cell. Considering the relationship between the youth and cyberculture, an Instagram page called *a.rede* was also investigated. I name the set of practices that happened in the cell's face-to-face meetings and the interactions in the *a.rede* as *Evangelizing Cell Curriculum*. Curriculum, in turn, is understood as discursive, that is, as productive practices that are formed under regimes of truth about the protestant christian faith. As methodology, the research articulated elements and procedures of ethnographic, netnographic and asceticism as foucauldian analytics, as a theoretical-methodological tool. The thesis here developed is that in the *Evangelizing Cell Curriculum* the christian juvenile is produced as *free, but servant and crazy about Jesus*, through self-denial practices, obedience, holiness, liberty and love. *Free, but servant* and *crazy about Jesus* are subject positions named by myself from the analysis of the taught practices in the investigated curriculum. The characteristics and the way how the young christian should be conducted are taught through the practices that they should operate on themselves and through them lead their own existence. Practices of self-denial, holiness, liberty and love are outputted by a regime of truth which certify that to have access to God the juvenile should be distinct, waiving the cultural and social standards of the world they live in.

Key words: Curriculum. Self-practices. Evangelizing Cell. Youth.

LISTA DE SIGLAS

AA – Almeida Revisada Imprensa Bíblica

ACF – Almeida Corrigida Fiel

ARA – Almeida Revisada Atualizada

KJA – King James Atualizada

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

NVI – Nova Versão Internacional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Áudios das reuniões presenciais da Célula	85
Figura 2 – Pasta netnografia	86
Figura 3 – Limites do município de Belo Horizonte e divisão administrativa.....	88
Figura 4 – Conecte-se ao Instagram	91
Figura 5 – <i>a.rede</i>	92
Figura 6 – Viver de ponta-cabeça.....	97
Figura 7 – Loucura para o mundo	101
Figura 8 – Obedecer é melhor que sacrificar.....	103
Figura 9 – Eu escolhi esperar	108
Figura 10 – Ser santo.....	111
Figura 11 – Ser distinto é viver em santidade	112
Figura 12 – Oração	117
Figura 13 – Reunião de oração	120
Figura 14 – Eu oro porque.....	121
Figura 15 – Culto.....	122
Figura 16 – Amanhã tem culto	123
Figura 17 – Emojis	124
Figura 18 – Conferência	126
Figura 19 – Logo mais tem Célula	126
Figura 20 – Minha Célula.....	127
Figura 21 – Filho pródigo.....	134
Figura 22 – Viva com liberdade	135
Figura 23 – Morri para ser livre.....	136
Figura 24 – A que voz você tem ouvido?.....	140
Figura 25 – O que tem saído da sua boca?	140
Figura 26 – Sal da terra.....	140

Figura 27 – Ser distinto	141
Figura 28 – Na presença de Deus, há liberdade	145
Figura 29 – Dicas.....	147
Figura 30 – Ambiente propício.....	149
Figura 31 – Sem relacionamento, não há intimidade	150
Figura 32 – Organize-se	151
Figura 33 – Louvor, leitura e oração	152
Figura 34 – Registre seu devocional	153
Figura 35 – Curta, comente, compartilhe	154
Figura 36 – Loucos/as por Jesus.....	158
Figura 37 – Turn down for what?.....	160
Figura 38 – Peregrinos/as em terra distante.....	161
Figura 39 – Líderes de respeito	168
Figura 40 – Três fortes ensinamentos.....	170
Figura 41 – Qual seu motivo para amar a Deus?.....	180
Figura 42 – Por que eu amo a Deus?	181
Figura 43 – Ele nos amou primeiro	183
Figura 44 – Ame. Cuide. Edifique.....	187
Figura 45 – Abraço grátis	188
Figura 46 – Dinâmica do abraço.....	189
Figura 47 – Do que você tem se alimentado?.....	192
Figura 48 – Que conteúdo tem te alimentado.....	193
Figura 49 – Solitude	195
Figura 50 – Entrega radical	198
Figura 51 – Amor e temor	199
Figura 52 – Ame o Senhor.....	200

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	21
2.1	O que é a Célula evangelizadora?	21
2.2	O surgimento da Célula evangelizadora: do protestantismo histórico à Igreja em Célula	25
2.3	A Célula tá on: A evangelização no ciberespaço	28
2.4	As condições de emergência da pesquisa: um encontro entre <i>eu-pesquisadora</i> e <i>eu-cristã</i> na Célula Evangelizadora	30
2.5	O/a jovem cristão/ã da Célula evangelizadora e o sujeito cristão da ética foucaultiana: diferenças e aproximações	39
3	CAPÍTULO TEÓRICO-METODOLÓGICO	44
3.1	O cuidado de si por meio das práticas de si e da manifestação da verdade	47
3.1.1	Metanoia	47
3.1.2	Currículo pós-crítico e o currículo da Célula: tramas de ordenamento, prescrição e liberdade	56
3.1.3	Juventudes e posições de sujeito.....	61
3.1.4	As juventudes e as posições de sujeito ocupadas pelos/as jovens cristãos/as 62	
3.2	Metodologia	67
3.2.1	Sobre as escolhas metodológicas ou o cultivo de uma cerca viva.....	75
3.2.2	Procedimentos metodológicos.....	82
3.2.3	O filtro antes de chegar à Célula jovem investigada	82
3.2.3.1	A observação	84
3.2.3.1.1	As entrevistas.....	86
3.2.4	Corpora da pesquisa.....	87
3.2.4.1	A Célula	87
3.2.4.2	O Instagram – a.rede	90
3.2.4.3	Os/as jovens participantes da pesquisa	93

4	MARCAS CONSTITUTIVAS DA JUVENTUDE CRISTÃ	96
4.1	O/a jovem cristão/ã vive de ponta cabeça	97
4.2	A marca da obediência	102
4.3	A marca da santidade	109
4.4	A marca da oração	116
4.5	Ser jovem cristão/ã é participar	122
5	LIVRE, PORÉM SERVO/A: Práticas de Liberdade-Governada e Liberdade-arte-da-existência	130
5.1	Liberdade-governada: sois livres, mas viveis como servos/as de Deus	133
5.2	Liberdade-arte-da-existência: livre para se conduzir a Deus.....	142
6	VIVER É CRISTO, MORRER É LUCRO: PRÁTICAS DE RENÚNCIA DE SI NA PRODUÇÃO DO/A JOVEM CRISTÃO/Ã LOUCO/A POR JESUS	156
6.1	A loucura da salvação.....	157
7	AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO/À PRÓXIMO/A COMO A TI MESMO/A: PRÁTICAS DE OBEDIÊNCIA SEM FIM E DE EXAME INCESSANTE DE SI MESMO/A	178
7.1	<i>O Currículo da Célula Evangelizadora</i> ensina: o/a jovem cristão/ã deve amar a Deus sobre todas as coisas	179
7.2	<i>O Currículo da Célula Evangelizadora</i> ensina: amar ao/à próximo/a como a ti mesmo/a	186
7.3	Amor e temor: práticas de obediência sem fim e exame incessante de si mesmo/a	197
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	205
	REFERÊNCIAS	209
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	220

1 INTRODUÇÃO

A presente tese investigou como os/as jovens produzem a si mesmos/as no *Currículo da Célula Evangelizadora*. As Células são reuniões de grupos religiosos que se encontram semanalmente para estudar a Bíblia e os ensinamentos cristãos protestantes. O objetivo da Célula é a evangelização de seus/suas participantes, o que ocorre por meio dos estudos e da reflexão que eles/as fazem dos textos bíblicos e do modo como devem conduzir a própria conduta frente a esses ensinamentos. Os/as membros/as da Célula são, em sua maioria, parte de uma mesma Igreja. Entretanto, existem pessoas que vão à Célula sem, no entanto, frequentarem a Igreja. Esses/as são conduzidos/as de modo a integrarem a membresia em algum momento. As Células funcionam para garantir a saúde espiritual, pois nelas as pessoas aprendem a se conduzir conforme o modelo de cristãos/ãs segundo os princípios bíblicos e da Igreja. Os encontros são organizados a partir de orientações advindas da liderança na qual a Célula esteja inserida, que devem ser seguidas à risca. As reuniões de Célula duram em média uma hora e são organizadas com períodos de louvor, oração, estudo e reflexão das escrituras sagradas. É comum, ainda, a realização de lanche coletivo e de dinâmicas que promovam o engajamento entre os/as participantes.

Entre os anos de 2010 e 2015, essas reuniões se popularizaram entre o público jovem, especialmente depois que alguns/algumas artistas famosos/as passaram a afirmar que participam de Células¹. Concomitante a isso, as igrejas protestantes vêm aperfeiçoando suas práticas para promover um crescimento expressivo no número de fiéis. Para tanto, várias estratégias têm sido criadas a fim de que pessoas sejam evangelizadas e passem a fazer parte desses grupos. Uma das estratégias para garantir a participação do público jovem nas igrejas é o desenvolvimento de atividades dirigidas especificamente a eles/as – como festivais, congressos, acampamentos –, cujo público é predominantemente juvenil.

Nesse cenário de expansão das Células, jovens vêm sendo ensinados/as acerca de diferentes assuntos numa perspectiva religiosa. Por meio desses ensinamentos, modos específicos de ser sujeito são produzidos. Compreendo sujeito na mesma perspectiva que Michel Foucault, que o conceitua como uma produção discursiva (Foucault, 1995a), fruto de

¹ A participação de famosos/as em grupos de Célula virou assuntos em diferentes sites e jornais sobre a vida das celebridades. Alguns deles podem ser acessados por meio dos links: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/bruna-marquezine-organiza-grupo-de-oracao-entre-famosas.html>; <https://rd1.com.br/bruna-marquezine-revela-uncao-de-ludmilla-em-celula-evangelica/>; <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/26/ludmilla-cria-celula-religiosa-com-seu-nome-amor-de-deus.htm>; <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/11/01/fernanda-souza-diz-que-sua-relacao-com-deus-mudou-apos-ajuda-de-marquezine.htm>. Acesso em: 10 dez. 2020.

discursos permeados por relações de poder. As relações de poder “produz[em] o[s] discurso[s]” (Foucault, 2019, p. 44) e tanto o poder quanto o discurso produzem sujeitos. Os discursos, por sua vez, são entendidos como composições que adquirem caráter de verdadeiro com base na relação poder-saber (Giuslane Silva; Sergio Machado Júnior, 2016²). Desse modo, o discurso nomeia aquilo de que fala, produzindo aquilo que ele diz (Foucault, 1993). No e pelo discurso, modos específicos de ser sujeito são produzidos. Essas produções são transitórias e fluidas. O processo pelo qual os indivíduos se constituem como sujeitos é o que Foucault chama de subjetivação, entendendo por processo de subjetivação a articulação entre as técnicas de dominação e as técnicas de si³ (Foucault, 1993). Na presente pesquisa investigaram-se as práticas de si produzidas no *Currículo da Célula Evangelizadora* e acionadas pelos/as jovens para se constituírem sujeitos de determinados tipos.

As práticas de si referem-se a um “conjunto de práticas nas quais vai manifestar-se o cuidado de si” (Maria Lucena, Jaime Paviani, 2017, p. 3). Em termos foucaultianos, prática de si são formas de elaboração de um trabalho ético que se efetua sobre si mesmo/a. Trata-se do exercício que o sujeito opera sobre si mesmo a fim de se autogovernar e conduzir a própria conduta (Foucault, 2018). No *Currículo da Célula Evangelizadora*, as práticas de si são ações que o/a jovem cristão/ã opera sobre si mesmo/a para se conduzir de acordo com o código moral de comportamento cristão. Oração, exame de si mesmo/a, obediência, santificação de si, renúncia de si são algumas das práticas de si ensinadas no currículo investigado.

Ao dizer que a Célula evangelizadora é um currículo, tomo por referência as formulações conceituais pós-críticas de currículo. Nessa perspectiva, currículo é um discurso que “diz sobre o tipo de sujeito que se deve com ele formar” (Marlucy Paraíso, 2010, p. 11). Ao compreendê-lo dessa forma, entendo que os conhecimentos organizados, fabricados e divulgados no currículo atuam na produção dos sujeitos. Além disso, ele está em muitos espaços e assume diferentes formas, se corporifica nos documentos, mas também está nas músicas, na dança, no teatro, nos filmes, na internet, entre muitas outras práticas e espaços (Paraíso, 2010).

Desse modo, entendo que o *Currículo da Célula Evangelizadora* disputa espaço com outros e se constitui na articulação entre o que acontece nas reuniões da Célula e nos desdobramentos de tais acontecimentos em uma página no Instagram vinculada ao grupo

2 Com o objetivo de dar visibilidade às produções de autoras e autores dos textos utilizados nesta tese, escrevo o nome completo de autoras e autores ao serem citadas/os pela primeira vez.

³ Esse conceito será desenvolvido no tópico Referencial teórico desta pesquisa.

investigado, a *a.rede* – nome fictício criado para me referir à página investigada na rede social. O que estou nomeando de *Currículo da Célula Evangelizadora* é uma composição do que é produzido nas reuniões de Célula presenciais e do conteúdo divulgado na *a.rede*. No currículo investigado existe uma lógica de funcionamento que, por meio de relações de poder-saber, são produzidas verdades sobre a fé cristã e, por meio dessas verdades, é determinado o que é certo ou errado e como os indivíduos devem se conduzir. Nesse currículo, os saberes são produzidos e organizados de modo a “ensina[r], educa[r] e produz[ir] sujeitos” (Paraíso, 2010, p. 11).

Realizando pesquisas anteriormente sobre esses grupos e, com base em minha experiência pessoal com as Células – a qual será explicada no capítulo de contextualização –, compreendo que sua expansão para o ciberespaço é uma prática comum no meio religioso. Nas Células voltadas para o público jovem, elas são ainda mais frequentes, isso se explica pela intensa conexão dos/as jovens com as tecnologias digitais. Estudiosos/as sobre juventudes afirmam que os/as jovens contemporâneos/as são marcados/as por uma imbricada relação com as tecnologias (Shirlei Sales, 2010, 2012, 2014; Aline Ferreira, 2017; Gislene Evangelista, 2016; Luiza Silva, 2018; Juliana Reis; Juarez Dayrell, 2020).

Desse modo, as Células buscam se adaptar a essa característica e têm ocupado cada vez mais o ciberespaço. A juventude está cada vez mais conectada. Considerando isso, é preciso utilizar as ferramentas ciberculturais para conseguir evangelizar os/as jovens. A cibercultura é constitutiva da juventude contemporânea. Desse modo, é preciso ocupar o ciberespaço, incorporar suas lógicas para que se consiga evangelizar o público juvenil. O termo ciberespaço é utilizado para descrever aqueles territórios em que a comunicação ocorre mediada por artefatos tecnológicos (Pierre Lévy, 1999). Segundo Juliana Reis e Shirlei Sales (2021, p. 26-27), não se trata apenas da infraestrutura material de comunicação digital, mas sim do “universo oceânico de informações que ela abriga. É um espaço com existência tão real quanto qualquer outro”.

O modo como emergiu o interesse em investigar a produção juvenil na Célula evangelizadora está intimamente relacionado a duas posições de sujeito que há quase uma década venho ocupando. Nomeei essas posições de *eu-cristã* e *eu-pesquisadora*. Na concepção foucaultiana, as posições de sujeito são produzidas e disponibilizadas nos discursos (Foucault, 2005). Dessa forma, “a constituição do sujeito está intimamente relacionada às posições sociais que ele ocupa e/ou pode ocupar e às relações de poder que permeiam essas posições” (Paula Pereira, 2011, p. 2). Por muito tempo fui governada pelo discurso religioso e me conduzi conforme os regimes de verdade que nele eram produzidos,

assumindo a posição *eu-cristã*. Entretanto, em 2014 tive a oportunidade de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGE/FaE/UFMG) e, em contato com o referencial teórico foucaultiano, houve um deslocamento a partir de outros discursos que me constituíram como sujeito, sobretudo o discurso acadêmico. Nesse deslocamento, passei, então, a ocupar a posição *eu-pesquisadora*. No ponto de contato entre essas duas posições emergiu o interesse pela temática que deu origem a esta pesquisa.

Retornei ao PPGE/FaE/UFMG em 2020 com a proposta de investigar a Célula evangelizadora, ainda sem ter muita clareza de qual era o fenômeno que gostaria de pesquisar nela. O referencial teórico foucaultiano, principalmente sobre a constituição ética do sujeito (Foucault, 2006, 2014, 2020), fundamentou a formulação da pergunta de pesquisa, que consiste em indagar *Como o/a jovem produz a si mesmo/a no Currículo da Célula Evangelizadora?*. A partir daí, como primeiro passo, foi preciso mapear as produções científicas sobre o tema e sistematizar o que já era conhecido a respeito. Em seguida, tracei um mapa teórico-metodológico capaz de me auxiliar na investigação. A partir disso, fui a campo.

Entre os meses de novembro de 2021 e março de 2022 acompanhei um grupo de jovens que se reunia semanalmente em uma Célula evangelizadora. Apoiando-me na etnografia e na netnografia, observei as Células presenciais e um perfil no Instagram acessado pelos/as jovens. As entrevistas também foram realizadas no modo presencial e online. De acordo com Ana Oliveira, Carlos Santos e Roberto Florêncio (2019), na atualidade, os modelos de entrevista nas pesquisas em educação estão cada vez mais conectados com as tecnologias digitais. Desse modo, seguindo as especificidades da própria pesquisa em questão, que se deu no online e no offline, a metodologia aqui construída também mesclou elementos de investigação presenciais e ciberespaciais.

De posse da materialidade produzida durante as observações e as entrevistas, acionei a lente teórico-metodológica foucaultiana para analisar as práticas de si ensinadas no currículo investigado. A pesquisa se desenvolveu no campo das teorias pós-críticas. Desse modo, os pressupostos teórico-metodológicos articularam conceitos e ferramentas para interrogar os modos de produção da subjetividade em um currículo. Como consequência de pensar e fazer pesquisa organizada a partir do problema de pesquisa e do referencial pós-crítico, fui impelida a experimentar diferentes ferramentas que, de modo articulado, possibilitaram a “produção de informação” (Dagmar Meyer, Marlucy Paraíso, 2012, p. 16).

Argumento nesta tese que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, produz-se o/a jovem cristão/a *Livre, porém servo/a* e o/a *Louco/a por Jesus*, por meio de práticas de renúncia de si, obediência, santidade, liberdade e de amor. *Livre, porém servo/a* e *Louco/a por Jesus* são posições de sujeito nomeadas por mim a partir da análise das práticas ensinadas no currículo investigado. Essas posições são prescritas e podem ser ocupadas por jovens cristãos/ãs em momentos distintos e até concomitantes. As características e o modo como o/a jovem cristão/ã deve se conduzir são ensinados por meio de práticas que ele/a deve operar sobre si mesmo/a e por meio delas conduzir a própria existência. Práticas de obediência e santidade são produzidas por um regime de verdade que atesta que, para ter acesso a Deus, o/a jovem deverá ser distinto/a, renunciando aos padrões culturais e sociais do mundo em que vive.

A obediência refere-se à conduta do/a jovem, que deverá estar em consonância com a doutrina da Igreja e os ensinamentos bíblicos. Já a santidade diz do modo como o/a jovem deve renunciar a tudo que foge ao padrão da conduta cristã estabelecido pela Igreja. Para alcançar o padrão de obediência e santidade demandados no Currículo, o/a jovem cristão/ã deve examinar-se incessantemente, vigiando a si próprio para que não caia em tentação. Estrategicamente, esses ensinamentos são prescritos no Currículo, entretanto, ensina-se também que o/a jovem é livre e somente ele/a poderá escolher como se conduzir nessa experiência. Porém, ao fazer tal escolha, ele/a deve renunciar à sua liberdade, tornando-se servo de Deus. Assim como a liberdade, o amor a Deus, ao/à próximo/a e a si mesmo/a também é uma prática ensinada ao/à jovem cristão/ã no Currículo investigado.

No que segue, apresento o modo como a tese foi organizada neste relatório. Após esta introdução, no primeiro capítulo, contextualizo o que são as Células evangelizadoras, sua relação com o protestantismo e as condições que deram origem a essa investigação. No segundo capítulo, apresento o aporte teórico e metodológico. No terceiro capítulo iniciam os registros das análises propriamente. Intitulado “Marcas constitutivas da juventude cristã”, no capítulo analisam-se as marcas que caracterizam especificamente o/a jovem cristão/ã. Para apresentá-lo, aciono o trecho da música “Loucos por Jesus”, do Ministério Zoe⁴:

Chamado pra ser santo
Crucificado para o mundo

⁴ O videoclipe da música pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=eHmrXreYrAM>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Nele, analisou-se qual modelo de jovem é demandado naquele Currículo, identificando suas características. Ele/a vive de “ponta-cabeça”! Argumenta que o/a jovem cristão/ã é aquele/a que, em seu estilo de vida, deve renunciar aos padrões do mundo em que vive. Ele/a não se importa com o que o mundo diz sobre ele/a e sua fé, afinal, está crucificado para as experiências mundanas. Ele/a decidiu seguir os passos de Jesus, desse modo, está morto para as práticas culturais que aqui se experimentam. Certamente que o exemplo da morte pela crucificação de Cristo não se finda com sua crucificação, pois as escrituras afirmam que Jesus ressuscitou. O crucificado é aquele que ressuscita, que é mártir e que vence a morte. O/a jovem que morre para o mundo também é o/a vencedor/a, pois ressuscitará em uma vida dedicada a Cristo. Ele/a conduz a própria conduta em obediência, santidade, oração, participando de atividades e eventos propostos pela Igreja, pois lhe foi ensinado/a que esse é seu chamado.

A música selecionada para anunciar o quarto capítulo desta tese chama-se “Livre, porém servo”, do Ministério em Tuas mãos⁵.

Esvazio-me de mim
Para declarar
Que livre porém servo sou

No quarto capítulo, analiso como o *Currículo da Célula Evangelizadora* produz o/a jovem cristão/ã como um sujeito de liberdade. Com o título “Livre, porém servo/a: Práticas de *Liberdade-Governada* e *Liberdade-arte-da-existência*”, nele é evidenciado que o/a jovem cristão/ã é livre, porém escolhe servir a Deus. Por meio de práticas de *liberdade-governada* e da *liberdade-arte-da-existência*, no Currículo investigado, saberes que objetivam conduzir a conduta dos/as jovens são divulgados, produzindo sujeitos livres. No trecho da música que anuncia o capítulo, aborda-se o esvaziamento de si mesmo/a, uma característica do/a jovem cristão/ã livre, porém servo/a. Ele/a tornou-se livre pelo amor de Deus, mas, esvaziando-se de si mesmo/a, se autodeclara servo/a desse amor.

O/a jovem cristão/ã entende que viver o evangelho de Cristo é uma loucura, por isso, se reconhece como louco/a por Jesus. Outro trecho da música do Ministério Zoe, acionada anteriormente, corrobora com o argumento desenvolvido na tese:

Louco por Jesus
Sim, por Ele eu vou viver ou morrer
Tanto faz

⁵ Videoclipe da música pode ser visualizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDgtifz7NkI>. Acesso em: 3 jan. 2023.

A canção afirma que o/a louco por Jesus por Deus irá viver ou morrer. “Viver é Cristo, morrer é lucro: práticas de renúncia de si na produção do/a jovem cristão/ã louco/a por Jesus” é o quinto capítulo desta tese, no qual analiso como o/a jovem cristão/a é ensinado/a a renunciar a si mesmo/a, às suas vontades, à própria vida, em favor de uma entrega a Deus. O/a jovem cristão/ã precisa morrer para as próprias vontades em detrimento da vontade de Deus. E, para ele/a, *viver ou morrer tanto faz*, pois conduz sua conduta por um regime de verdades sobre a salvação cristã, o qual afirma-se que, para chegar-se a Deus e ser salvo/a, o/a jovem cristão/ã precisa morrer para as próprias vontades.

A prática do amor é outro exercício ensinado ao/a jovem cristão/ã. A música selecionada para apresentar o sexto capítulo é “Amar como você”⁶, do cantor gospel José Augusto.

Coloque Suas marcas em mim
Coloque as marcas que o amor fez em Você em mim, oh

E amar como Você me ama
É o mínimo que eu poderia fazer
Por tudo o que Você fez por mim

Intitulado “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao/à próximo/a como a ti mesmo/a: práticas de obediência sem fim e de exame incessante de si mesmo/a”, no sexto capítulo analisam-se as práticas de obediência e exame de si prescritas ao/a jovem cristão/ã, à medida que é ensinado/a que ele/a deve se conduzir amando a Deus e ao/à próximo/a como a ele/a mesmo/a. Assim como na música de José Augusto, as evidências analisadas apontam que ser amado/a por Deus é o motivo para também amá-lo. E amar a Deus significa viver em obediência aos seus mandamentos. Amar como Ele ama e ser suas mãos, seus pés e olhos na terra, ou seja, se conduzir conforme a vontade do próprio Deus.

Escolhi apresentar os capítulos analíticos por meio das músicas para argumentar que os ensinamentos sobre a conduta cristã estão pulverizados em toda parte e diferentes artefatos culturais são acionados para prescrever como deve ser e se conduzir o sujeito cristão. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, essas prescrições são ensinadas por meio da prática de si, de modo a produzir o/a jovem cristão/ã e conduzir sua conduta. No próximo capítulo apresento, na Contextualização, a origem do protestantismo, das Células e as condições de emergência que me conduziram à investigação aqui relatada.

⁶ Confira o videoclipe completo acessando: <https://www.youtube.com/watch?v=hIS6p9SaQYM>. Acesso em: 3 jan. 2023.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O objetivo deste capítulo é contextualizar as condições nas quais se investigou como o/a jovem cristão/ã produz a si mesmo no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Como já mencionado, foi realizada uma investigação em uma célula jovem e uma página do Instagram na qual os/as fiéis interagem. Para tanto, inicio explicando o que são as Células, como elas funcionam e como a evangelização opera para conduzir as condutas juvenis. A fim de situar o/a leitor/a acerca do surgimento das Células, apresento algumas modificações na Igreja desde o protestantismo histórico até a formação das Igrejas em Célula. Na sequência, apresento a relação entre a Célula e o ciberespaço, evidenciando como a ciberevangelização atua na produção do/a jovem cristão/ã. No tópico seguinte, discuto a minha relação com as Células, explorando as condições que me mobilizaram em avançar no percurso investigativo que aqui apresento. Por fim, no último tópico deste capítulo, problematizo o acionamento de conceitos foucaultianos acerca da produção do sujeito cristão para investigar a produção juvenil no *Currículo da Célula Evangelizadora*. A seguir, o intento é explicar o que é uma Célula evangelizadora e como ela funciona.

2.1 O que é a Célula evangelizadora?

Nesta pesquisa, indagou-se como os/as jovens produzem a si mesmos/as no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Para isso, considerou-se o modo como os/as jovens conduzem a própria existência, por meio de práticas de si ensinadas no currículo investigado. Tem-se o entendimento de que o currículo investigado, em disputa com outros currículos, tem por objetivo produzir modos específicos de ser jovens por meio de práticas e exercícios que eles/as operam sobre si mesmos/as.

As Células evangelizadoras se constituem por um grupo de pessoas que se reúnem para estudar a Bíblia e para aprender sobre as práticas do cristianismo protestante. O objetivo é formar o sujeito cristão/ã, ou seja, preparar seus/suas membros/as para se tornarem e permanecerem como seguidores/as fiéis de Jesus Cristo. De acordo com Joel Comiskey

[...] as células são grupos pequenos abertos focalizados no evangelismo que estão embutidos na vida da Igreja. Elas se reúnem semanalmente para que os/[as] seus/[suas] participantes se edifiquem uns/[umas] aos/[as] outros/[as] como membros do Corpo de Cristo, e para anunciar o evangelho àqueles/[as] que não conhecem Jesus. O objetivo principal de cada Célula é multiplicar-se à medida que o grupo cresce por meio do evangelismo e das conversões que seguem. Dessa maneira os/[as] novos/[as] membros [/as] são acrescentados [/as] à igreja e ao Reino de Deus. Os/[as] membros/[as] das Células também são encorajados/[as] a participar do culto

de celebração da igreja inteira, quando as células se encontram para adoração (Comiskey, 2008, p. 20).

Esses grupos são um movimento desenvolvido por Igrejas protestantes que se organizam de acordo com o modelo celular – as Igrejas em Célula. Entende-se por Igreja em Célula toda “comunidade cristã evangélica estruturada em grupos pequenos ou Células ou comunidades cristãs de base” (Osvaldo Cipriano da Silva Filho, 2010, p. 45). Ou seja, são igrejas que organizam pequenos grupos de evangelismo, que buscam ensinar práticas do cristianismo para um número menor de pessoas e ocorrem nos lares. É uma espécie de reforço dos ensinamentos disseminados nos templos religiosos.

Nas reuniões de Célula o objetivo é evangelizar, ou seja, ensinar preceitos da vida cristã, prescrever como o/a cristão/ã deve se comportar e ajudá-lo/a a se tornar semelhante a Jesus. Marcelo Carvalho Costa define a evangelização da seguinte maneira

Evangelizar, portanto, é o conjunto de todas as ações realizadas pela Igreja com o objetivo de proclamar o Evangelho de Jesus e formar discípulos. Esse processo pode acontecer de diferentes maneiras (discipulado, liturgia, catecismo etc.) e nos mais diversos locais (casa, escola, trabalho, Igreja etc.). A ordenança vem sendo cumprida por meio das ações de evangelização desde a chamada Igreja Primitiva (33-325 d.C) e o processo já passou por inúmeros níveis de transformação ao longo do tempo (Costa, 2020, p. 158).

Estudo desenvolvido por Silva Filho (2010) atribui a origem das ações evangelísticas que ocorrem nos lares aos textos bíblicos do Novo Testamento. Após a morte de Jesus, houve uma caça aos seus discípulos e aos/as seus/suas seguidores/as. Sem poderem frequentar templos, os/as fiéis passaram a reunir-se de “casa em casa com o propósito de repartir o pão (ceia ágape), ter comunhão, orar, instruir e ensinar” (Silva Filho, 2010, p. 44). Sem terem ainda recebido o nome de Célula, pequenos grupos de fiéis se reuniam nas casas uns/umas dos/as outros/as e prosseguiram com os ensinamentos cristãos.

Trezentos anos depois de Cristo, esses pequenos grupos “passaram a reunir-se nos templos, mudando o foco e as relações no meio delas (adoração, liderança e estrutura organizacional e física), de modo que o evangelismo foi sistematicamente abandonado e a Igreja centrou-se na edificação cristã e no crescimento espiritual” de seus/suas membros/as (Silva Filho, 2010, p. 44). A evangelização fora dos templos seria retomada anos mais tarde. Decorridos vários anos, em 1958, a primeira versão de Igreja em Célula no Brasil seguia um modelo importado do sul da Coreia, denominado G-5 (Governo dos cinco), formado inicialmente por cinco pessoas (Silva Filho, 2010). Depois da implementação da Igreja em Célula e o G-5, o líder religioso Cesar Domingues Castellano criou, em Bogotá, um modelo

celular mais eficiente, segundo ele, que visava a um crescimento ainda maior. Foi então que surgiu o modelo Celular do G-12 (Governo dos 12), formado por 12 pessoas (Andrade, 2010).

Atualmente, o formato das Células permanece sofrendo mutações. Uma delas diz respeito ao fato de que os grupos podem ser compostos por mais de 12 pessoas, “tendo à frente um/[uma] líder de célula e um/[uma] auxiliar de líder de Célula. O/[a] líder, por sua vez, é visto como pastor/[a] dos/[as] membros/[as] da célula” (Silva Filho, 2010, p. 47). A célula tem dois pilares, que Silva Filho (2010) sistematizou como a “edificação e o evangelismo”. A edificação trata-se do cuidado que um membro tem com o/a outro, oferecendo apoio para que juntos/as possam aprender sobre o cristianismo protestante. O evangelismo ocorre no fortalecimento dos grupos de amizade. Refere-se a uma extensão evangelística da célula para auxiliar os/as que já estão e alcançar quem ainda não faz parte do grupo.

Dessa forma, as Células obedecem toda a lógica de crescimento do número de participantes e operam com vistas a prepará-los/as a atuarem no processo de multiplicação da organização celular. Ao evangelizar os/as jovens e ensiná-los/as a serem o sujeito cristão, uma das práticas demandadas é a evangelização de outros/as jovens. Eles/as são preparados/as para o “ide e pregai o evangelho a todas as pessoas” (Bíblia, Marcos 16:15 NVI⁷), porém este é apenas mais um dos muitos ensinamentos que se apregoa nas Células. Atualmente, o crescimento numérico é apenas uma consequência do trabalho formativo que se desenvolve nas Células. Os/as jovens são ensinados/as sobre como se tornar um fiel seguidor de Cristo, como se conduzir em obediência a Deus, sobre pecado e santidade, entre muitas outras instruções.

Assim, é possível dizer que nas Células são postas em funcionamento diversas estratégias que atuam na produção de subjetividades, sobretudo porque nelas os/as jovens são ensinados/as como devem se conduzir a partir da evangelização. A subjetividade é o resultado dos modos de subjetivação, ou seja, quando, na interface entre as técnicas de dominação e as técnicas de si, um eu é construído e modificado (Foucault, 1993). Desse modo, considero que, à medida que esses/as jovens avaliam, julgam, classificam, aceitam, negam, alteram as práticas que ali circulam, colocam em funcionamento os exercícios de si e produzem modos de ser sujeito.

O/A líder de Célula tem a responsabilidade de ensinar seus/suas liderados/as acerca de diferentes assuntos, de acordo com as premissas bíblicas e um roteiro

⁷ Os trechos bíblicos serão referenciados nesta tese indicando BÍBLIA, nome do livro, número do capítulo, número do versículo onde se encontra o texto citado, seguido por uma sigla que corresponde à edição/tradução. A informação acerca da edição/tradução é importante, pois cada edição/tradução pode apresentar algumas diferenças que podem interferir na compreensão dada a determinado texto bíblico.

preestabelecido e, assim, formar outros/as líderes e novas Células (Tulio Gustavo, 2019, online). Em meio a essas práticas, os/as jovens são dirigidos/as sobre como devem cuidar de si⁸ mesmos/as para se manterem firmes no propósito de seguir os preceitos evangélicos, de não cair em tentação, ou seja, de não cometerem os pecados condenáveis pela Igreja.

As células obedecem a uma lógica de funcionamento e na sua dinâmica interna contemplam os “quatro ‘Es’, com duração de 90 a 120 minutos. Eles são na ordem de acontecimento[s]: Encontro (quebra-gelo); Exaltação (adoração); Edificação (edificação); e Evangelismo (compartilhamento da visão)” (Silva Filho, 2010, p. 49). Dessa forma, as Células se estabelecem no tempo e no espaço de modo organizado. Os conhecimentos que ali se deseja ensinar não são selecionados de forma neutra. Toda a sua ação tem o objetivo da evangelização.

A partir da compreensão acerca do funcionamento das Células evangelizadoras, argumento que elas operam como um currículo que deseja formar sujeitos por meio de ensinamentos e prescrições. Nelas, condutas consideradas adequadas são divulgadas e demandadas aos/às jovens. Além disso, as práticas realizadas nas células são intencionalmente selecionadas, tais como o texto bíblico a ser estudado, as músicas escolhidas para cantar durante a reunião, o formato de dinâmica e outras atividades que ali acontecem. Tudo tem o propósito de produzir o sujeito cristão. A interface entre as reuniões presenciais da Célula e as interações que se estabelecem no Instagram nomeei de *Currículo da Célula Evangelizadora*. Na presente pesquisa, objetivou-se investigar como os/as jovens produzem a si mesmos/as em tal currículo. Para tanto, investigaram-se as práticas de si que nele são produzidas e ensinadas. Nos exercícios que o/a jovem opera consigo mesmo/a – a partir das práticas que objetivam subjetivá-lo –, múltiplos modos de ser são constituídos. Portanto, interessou investigar as relações que o/a jovem estabelece consigo a partir dessas vivências, que resultam na produção de modos específicos de ser jovem. Trata-se de pensar “na relação do sujeito consigo mesmo, nos procedimentos e nas técnicas por meio das quais ele as elabora, nos exercícios pelos quais ele se propõe a si mesmo como objeto a conhecer, e nas práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser” (Foucault, 2014a, p. 221).

O *Currículo da Célula Evangelizadora* opera com vistas à evangelização dos/as jovens. Desse modo, ele configura-se como território de prescrições, que visa subjetivar seus/suas participantes e torná-los/as sujeitos evangelizados, ou seja, que creem e praticam as verdades cristãs. Por meio dos saberes sobre a fé cristã, são fabricadas verdades sobre ser

⁸ O cuidado de si é um conceito foucaultiano importante para a formulação do problema de pesquisa aqui apresentado, por esse motivo será explorado mais detalhadamente no capítulo o Referencial teórico.

cristão/ã e, em meio aos jogos de poder no currículo da Célula, diferentes estratégias atestam como verdadeiros os saberes praticados naquele espaço. Diante disso, investigaram-se as práticas por meio das quais os/as jovens se ligam a essas verdades, questionando por meio de quais jogos de poder-saber os/as jovens que vivenciam as práticas se afirmam como sujeitos. No tópico a seguir será explorado o surgimento da Célula a partir da evolução do protestantismo.

2.2 O surgimento da Célula evangelizadora: do protestantismo histórico à Igreja em Célula

Para entendermos como as Células foram criadas no Brasil, faz-se necessário compreender a relação que se estabelece entre os grupos de Célula e a expansão protestante no país. Isso porque as Igrejas em Célula são “responsáveis por uma boa parcela do crescimento evangélico evidenciado nos últimos anos” (Andrade, 2010, p. 50). Ainda que o foco da pesquisa tenham sido os modos pelos quais produz-se o/a jovem cristão/ã no currículo investigado, torna-se necessário dizer que, à medida que esses/as jovens são ensinados/as a se tornarem um determinado tipo de cristão/ã, é esperado que eles/as escolham uma Igreja protestante para se vincularem, caso ainda não tenham feito. Tal fato corrobora com o argumento defendido por Andrade (2010) e por Silva Filho (2010) ao relacionarem o crescimento do número de pessoas evangélicas com as Células.

São considerados/as evangélicos/as protestantes os/as religiosos/as pertencentes às “Igrejas oriundas da Reforma Protestante, pentecostais e neopentecostais” (Nina Rosas, 2009, p. 1). De acordo com Christina Queiroz (2019), a história do protestantismo inicia-se no século XVI com a chamada Reforma Protestante promovida pelo então monge agostiniano Martinho Lutero. Mas é apenas no século XIX que as primeiras Igrejas protestantes se estabelecem no país e são conhecidas como Igrejas do protestantismo histórico, sendo elas: Igreja Luterana, Batista e Metodista (Queiroz, 2019). Essas Igrejas eram fortemente marcadas por seu caráter evangelizador como meio para alcançar a sociedade.

Já nas últimas décadas do século XX, houve uma renovação nesse cenário que deu espaço a uma diversificação das práticas protestantes. Sobre isso, Andrade afirma que

[...] os protestantes destes novos tempos adotaram uma postura de flexibilização dos tradicionais usos e costumes. Tornaram-se mais agressivos e incisivos na adoção de estratégias de crescimento e participação na sociedade, inserindo-se mais na cultura nacional, aproximando-se e identificando-se mais com a sociedade circundante (Andrade, 2010, p. 52).

Os tradicionais usos e costumes mencionados pela autora referem-se aos ensinamentos sobre a conduta cristã, baseada em regras sobre comportamento, vestimentas, tamanho de cabelo, entre outros. Esses ensinamentos, no entanto, vêm sofrendo mutações. Nesse cenário de mudanças, surge um segmento protestante conhecido como pentecostalismo ou movimento Pentecostal. Segundo Andrade (2010, p. 14), “os pentecostais se diferenciam dos [protestantes] históricos, em termos gerais, pela ênfase no batismo com o Espírito Santo como prova evidente da conversão de um indivíduo, pela glossolalia,⁹ pelo uso de profecias, visões, sonhos e a crença na cura divina”. As primeiras Igrejas pentecostais a chegar ao Brasil foram a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus (Rosas, 2009). Entretanto, rapidamente outras igrejas com as mesmas características foram fundadas, entre elas estão a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Deus é Amor.

A partir da década de 1970, o pentecostalismo começa a sofrer algumas mudanças. As principais delas dizem respeito ao fato de que atualmente as Igrejas evangélicas vêm assumindo um papel que se relaciona mais com as questões sociais, culturais e políticas de uma sociedade. Com o objetivo de se obter “maiores rendimentos de uma participação mais concreta no mundo da política, da educação e da comunicação social” (Andrade, 2010, p. 52), as estratégias de expansão reúnem diferentes artefatos e modos de se organizar e fazem emergir as Igrejas protestantes neopentecostais, ou seja, uma geração de religiosos/as articulados/as com questões do seu tempo.

São chamadas de neopentecostais as denominações religiosas que incorporaram mudanças importantes em sua forma de organização. Andrade (2010) organizou algumas das características neopentecostais da seguinte forma:

[...] podemos agrupar um conjunto de características visíveis nos grupos neopentecostais como: a ênfase na Teologia da Prosperidade, a exacerbação da chamada Guerra Espiritual contra o diabo, as práticas de exorcismo, a liberalização dos tradicionais usos e costumes de santidade do fiel, o antiecumenismo, a presença de líderes fortes e carismáticos, o uso dos meios de comunicação de massa, o estímulo à expressividade emocional e a participação na política partidária (Andrade, 2010, p. 15).

Entre as Igrejas neopentecostais estão “Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus, além das igrejas Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra” (Rosas, 2009, p. 3). Entretanto, algumas Igrejas até então

⁹ Segundo o site de perguntas e respostas bíblicas, Got Questions, “Glossolalia, um fenômeno por vezes referido como ‘expressões de êxtase’, é proferir sons ininteligíveis que se parecem com linguagem enquanto em um estado de êxtase”. Para os/as cristãos/as pentecostais, falar essas línguas estranhas é uma evidência do batismo com o Espírito Santo. Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/glossolalia.html>. Acesso em: 19 mar. 2021.

consideradas históricas ou pentecostais também aderiram às mudanças presentes no neopentecostalismo e passaram a ser assim denominadas, como algumas Igrejas Batista e Deus é Amor. Vale ressaltar que essas classificações do protestantismo são apenas uma forma de organizar os estudos sobre as diferentes denominações, mas as fronteiras entre uma e outra são fluidas. Conforme destacou Andrade (2010, p. 16), o “protestantismo se revela uma realidade bem diversificada e complexa, onde não se pode aplicar uma tipologia de forma rígida”.

Acompanhando a onda de mudanças que têm movimentado as Igrejas protestantes, surge no Brasil um modo de organização nomeado de Igreja em Célula, que se destaca pelo trabalho evangelístico. Ela é definida como uma comunidade cristã protestante, “estruturada em grupo pequeno ou Célula ou comunidade cristã de base” (Silva Filho, 2010, p. 46). O modo de funcionamento da Igreja em Célula consiste em uma igreja protestante que divide pequenos grupos para a evangelização. Silva Filho (2010) define a Igreja em Célula como uma igreja de duas asas, em que uma delas se desenvolve na celebração que ocorre no templo (igreja) e a outra refere-se aos encontros de pequenos grupos nas casas dos/as fiéis. A Igreja em Célula é uma vertente da Reforma protestante, assim como aquelas consideradas pentecostais ou neopentecostais.

As mudanças no âmbito protestante deram origem à Igreja em Célula e esta fez emergirem as Células evangelizadoras. Percebe-se, então, que a Igreja protestante segue se modificando a fim de que cada vez mais fiéis sejam atraídos a ela. Nesse cenário de mudança, a evangelização cresce e faz crescer a Igreja, afinal, “sem a ação evangelística, que parte do seio das células, a Igreja deixa de cumprir o IDE e morre. A evangelização, já comentada, não acontece a esmo” (Silva Filho, 2010, p. 50). O mandamento conhecido como "Ide" determina que todos/as os cristãos/ãs devem multiplicar os ensinos de Jesus para todas as pessoas do mundo. Observa-se que a incorporação de outros métodos para convencer as pessoas das verdades protestantes e para subjetivá-las de um modo específico é permeada de estratégias, como a presença de líderes carismáticos/as, o apelo às questões emocionais e à prosperidade, os estudos em grupos menores.

O processo de ensinar o modo como o/a cristão/ã deve ser alinha-se ao que Túlio Gustavo nomeou de “plano de dominação evangélico” ou “projeto de poder”. Em matéria publicada pelo site The Intercept Brasil, em 2019, Gustavo descreveu os motivos pelos quais ele abandonou a Igreja após identificar a existência de um plano evangélico para dominar o Brasil em vários segmentos, como arte, entretenimento, educação, ciência, política, família e religião (Gustavo, 2019, online). O autor fala sobre “uma grande mobilização em prol da necessidade de a igreja ir além das suas quatro paredes para conquistar espaços para o Reino

de Deus” (Gustavo, 2019, online). Essa mobilização, que é descrita e ensinada em um livro chamado *Sete Montes*, do apóstolo Fernando Guillen, revelaria “um modelo ideal de sociedade pretendido por Deus, além de conter estratégias de atuação e oração para que a igreja conquiste” os espaços desejados (idem). Nesse modelo ideal, os/as cristãos/as teriam o domínio de diversos espaços e territórios e passariam a governar o Brasil.

O plano de dominação evangélico parece estar em curso no país, e o cenário político atual tem contribuído de forma significativa para isso. Indício disso é o crescimento de membros na Frente Parlamentar Evangélica - a bancada evangélica no congresso, e seu engajamento com questões intimamente relacionadas aos valores e aos costumes da nossa sociedade (Gustavo, 2019, online). De acordo com matéria publicada na revista eletrônica *Carta Capital*¹⁰, dos/as 513 deputados/as federais em exercício no Brasil no ano de 2023, 187 compõem a bancada evangélica e dos/as 81 senadores/as, 30 são declaradamente cristãos/ãs. Esse crescimento parece corroborar para que o projeto de dominação evangélico seja posto em prática, uma vez que há forte atuação dos/as parlamentares e de outras lideranças religiosas para “adequar elementos culturais de uma sociedade ao que entende por princípios cristãos” (Gustavo, 2019, online).

Andrade (2010) mostrou em seu estudo de mestrado que os/as religiosos/as estão cada vez mais envolvidos/as com assuntos relacionados à política e essa tem sido debatida com muita frequência por esse público. As células também atuam de forma impactante no plano de dominação evangélica, uma vez que, por meio da evangelização, ensinam-se as práticas consideradas adequadas para o/a cristão/ã, tais como quais lugares frequentar, que tipo de música escutar, qual deve ser a conduta sexual de cada membro/a e, em algumas situações, até que tipo de roupa é adequada ou não para o/a cristão/ã. A evangelização celular não se restringe ao espaço físico das casas dos/as fiéis. Ela também ocorre no ciberespaço. No tópico a seguir, é explorado como ocorre a ciberevangelização e como ela atua na produção do/a jovem cristão/ã.

2.3 A Célula tá on: A evangelização no ciberespaço

Conforme descrito no tópico anterior, com o objetivo de evangelizar um número crescente de pessoas, as Igrejas protestantes têm modernizado suas práticas para atrair mais fiéis. Ao longo dos anos foi possível observar que “a Igreja foi adaptando o processo de

¹⁰ A matéria completa encontra-se disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bancada-evangelica-define-eli-borges-como-novo-lider-em-2023/>. Acesso em: 22 abr. 2023.

evangelização a cada nova ferramenta ou campo evangelístico. Com o surgimento do ciberespaço, a partir dos anos 80/90, a Igreja vislumbrou a possibilidade da utilização desse novo campo para proclamar o Evangelho” (Costa, 2020, p. 158).

Por possuir características que garantem a velocidade no compartilhamento de informações, o ciberespaço consiste em um território de muitas possibilidades que favorecem a evangelização. Assim sendo, a propagação do evangelho no ciberespaço é comparada ao impacto que a prensa tipográfica, utilizada por Martinho Lutero para espalhar suas ideias durante a Reforma Protestante, obteve (Costa, 2020). Baseado nos estudos de Borelli et al. (2010), Costa (2020) atestou que no Brasil uma das primeiras igrejas a utilizar o ciberespaço foi a Universal do Reino de Deus, no final da década de 1990. Na mesma década, a Igreja Adventista fazia lançamento do seu primeiro site, pioneiro em disponibilizar estudos bíblicos online. Atualmente, em função do isolamento social imposto pela pandemia provocada pelo coronavírus, o número de Igrejas que utilizam o ciberespaço para evangelizar cresceu bastante.

No ano de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foi detectado um novo coronavírus, nomeado de Covid-19. Em pouco tempo, o coronavírus havia se espalhado e em 2020 diferentes países do mundo se viram frente ao desafio de lidar com a pandemia de Covid-19¹¹. A pandemia impôs uma série de restrições que deveriam ser seguidas à risca, entre elas o isolamento social. De acordo com dados de pesquisa divulgada pelo PoderData¹², durante a pandemia, 45% dos/as brasileiros/as que professam alguma fé acompanharam as atividades religiosas por meio da internet.

Além de ser uma estratégia de evangelização acionada pelas Igrejas, o ciberespaço é fortemente povoado pelo público jovem. Por considerar a íntima relação dos/as jovens com as tecnologias digitais, que obviamente acontece em diferentes níveis (Sales, 2010), torna-se relevante a necessidade de se pensar a evangelização também no ciberespaço como algo que incide sobre a produção das subjetividades juvenis. Sobretudo porque, como mostrei acima, nas Células é bastante comum o acionamento do ciberespaço como campo de atuação para esses grupos. É comum a utilização das tecnologias digitais para convocar os/as jovens a participar das Células e para difundir as verdades nas quais se apoiam, constituindo-se como uma estratégia para a *evangelização*. Ali os/as jovens são ensinados/as a se conduzir na experiência religiosa.

¹¹ Saiba mais sobre a pandemia de Covid-19 em: https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus?adgroupsurvey=%7badgroupsurvey%7d&gclid=EAIaIQobChMIgumgo9SngQMV9VR_AB0uKgs0EAAAYASAAEgLI5fD_BwE. Acesso em: 13 set. 2023.

¹² Dados da pesquisa disponíveis em: <https://www.poder360.com.br/poderdata/45-dos-que-professam-alguma-fe-estao-acompanhando-cultos-pela-tv-ou-internet/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Ao refletir sobre o modo como as subjetividades são produzidas, Foucault argumenta que tal produção também deve ser pensada a partir do próprio sujeito. O autor sinaliza, ainda, que as práticas e os exercícios que o indivíduo opera consigo mesmo constituem-se na “própria história da subjetividade” (Foucault, 2006, p. 15). Pensar na produção da subjetividade nessa perspectiva requer compreender que elas são produzidas quando o indivíduo assume determinada posição de sujeito divulgada nos discursos. Dito de outra forma, para a constituição de um outro eu, é preciso que o indivíduo opere sobre si mesmo o que demandam os discursos em que ele esteja inscrito. André Favacho (2016), se apoiando em Larrosa, afirma que as subjetividades são construídas e alteradas. Ao abordar as subjetividades como produção discursiva, o autor argumenta que “o sujeito pode recusar, aceitar, concordar, dispensar, tomar como uma proposta (no sentido de que pode alterar, modificar, cortar uma parte, negar toda, inteira, perspectivar), enfim, refazer o discurso recebido” (Favacho, 2016, p. 492). Os/as jovens inseridos/as no *Currículo da Célula Evangelizadora* são ensinados/as a partir de práticas que desejam conduzi-los/as como o sujeito cristão. Entretanto existem outros currículos em disputa pela subjetivação juvenil. Conforme explicou Paraíso (2010), o que todo currículo deseja é a produção do sujeito. Até aqui, busquei contextualizar a relação entre as células e o ciberespaço, a seguir, apresento as condições que deram origem ao meu interesse em investigar a produção juvenil na célula evangelizadora.

2.4 As condições de emergência da pesquisa: um encontro entre *eu-pesquisadora* e *eu-cristã* na Célula Evangelizadora

Para contextualizar as condições de emergência que deram origem à presente tese, é necessário falar da minha relação com o protestantismo e com as Células evangelizadoras. Entre os anos de 2016 e 2018 fui líder de uma Célula para jovens casais. Mais adiante falarei mais demoradamente sobre essa experiência e como ela contribuiu para a construção do problema de pesquisa que deu origem a esta tese. Antes disso, faz-se necessário contextualizar a minha inserção no ambiente religioso protestante. Aos 11 anos de idade, depois de ter passado toda a infância frequentando igrejas evangélicas com minha mãe, fui batizada nas águas, como membra de uma Igreja Batista. Nas igrejas protestantes, o batismo nas águas é uma “demonstração pública de arrependimento e preparação para a chegada do Reino de

Deus”¹³ (Rosa, 2018, online). De acordo com Andrade (2020, p. 131), “o batismo simboliza para o novo fiel um novo nascimento, uma nova vida que passará a ter dentro dos preceitos evangélicos”. Trata-se de um ritual que se baseia em versículos bíblicos, acredita-se que esse é um momento de novo nascimento, no qual a pessoa batizada morre para si e renasce para viver a vontade de Cristo (Bíblia, João 3, 1-18).

Em algumas vertentes do protestantismo, ao ser batizada, a pessoa é imersa em água para que seja purificada dos seus pecados. Diferentemente do cristianismo praticado no catolicismo que batiza as crianças em seus primeiros meses de vida, em algumas Igrejas protestantes, as crianças não são batizadas antes dos 11 anos de idade, pois entende-se que, para isso, é preciso ter capacidade em reconhecer seus pecados e deles se arrepender. De acordo com a lógica protestante, uma criança pequena ainda não tem maturidade para tal ato. Por esse motivo, as crianças pequenas são evangelizadas e preparadas nas igrejas para que, no tempo certo, possam ser batizadas. Assim o fiz, depois de alguns anos sendo preparada para confessar Jesus Cristo como meu Salvador e professar minha fé na doutrina protestante, lá estava eu sendo batizada, morrendo para mim mesma e renascendo para Cristo.

Minha trajetória no protestantismo foi marcada por momentos de grande imersão nas práticas ali vivenciadas. Sempre fui muito atuante. Participava de grupos de dança e teatro, me juntava aos/às jovens e saíamos às ruas convidando as pessoas a estarem conosco, ajudava a ensinar e cuidar das crianças, participava de todos os cultos, fazia jornadas de oração no templo, em retiros e em casa. Além dessas práticas, também realizei todos os ritos advindos daquele grupo, como jejuns, confissão de pecados para a purificação da alma, batismo nas águas, batismo com o Espírito Santo, entre outros. De acordo com o site Estilo Adoração¹⁴, o batismo com o Espírito Santo refere-se a uma “expressão bíblica encontrada no Novo Testamento para denominar o derramamento do Espírito Santo sobre os/[as] cristãos/[as]”. Considerado a terceira pessoa da trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), Ele é “capaz de realizar o processo de santificação e ratificar a conversão, [e pode ser] evidenciado através da glossolalia ou do falar em línguas estranhas” (Ana Pinezi, 2009, p. 201). Desse modo, o batismo com o Espírito Santo é uma evidência da conversão ao protestantismo.

Após longos anos na Igreja Batista, passei a frequentar uma Igreja Protestante da vertente pentecostal. A principal diferença entre a Igreja Batista e a Pentecostal à qual me filiei era a doutrina mais rigorosa para usos e costumes. Usos e costumes são uma série de

¹³ A matéria completa sobre o batismo segundo o protestantismo pode ser acessada por meio do link: <https://www.gospelprime.com.br/batismo-nas-aguas-o-que-e-e-para-que-serve/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://estiloadoracao.com/batismo-com-espírito-santo/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

regras que determinam um padrão de comportamento que dita normas para o corpo, que lugares frequentar, como deve ser o namoro e o casamento entre membros/as, entre outras práticas para conduzir a conduta dos/as fiéis. Entre essas regras estão a proibição de corte de cabelo e do uso de algumas roupas para as mulheres, tais como calças e camisetas. Para os homens, as proibições referem-se ao uso de bermudas e regatas, não manter cabelos e barba grandes, entre outros. Cada Igreja adota dos usos e costumes constrói suas próprias regras e proibições e elas são válidas para todos/as os/as membros/as. Mas o fato é que essas regras tornam o ambiente religioso ainda mais difícil, sobretudo para os/as jovens. Durante um período na minha juventude, instaurou-se em mim um conflito entre a doutrina da Igreja e os desejos que habitavam meu corpo e coração. Eu não conseguia me manter *pura*, segundo as normas da igreja.

No protestantismo há uma premissa de purificação. Lá entende-se que todo/a cristão/ã deve lutar incessantemente contra aquilo que é considerado pecado. Em linhas gerais, por pecado entende-se toda prática que separa as pessoas de Deus (Bíblia, Isaías 59, 2). Cada Igreja classifica uma série de ações como pecaminosas. Entretanto, há alguns pecados que se aproximam de um consenso entre os grupos cristãos, como aqueles oriundos dos dez mandamentos descritos na Bíblia no livro de Êxodo, dos quais destaco os seguintes: obedecer a pai e mãe, não matar, não roubar, não cometer adultério, não falar mal e não sentir inveja das outras pessoas. A lista do que é pecado pode ser muito mais extensa. Cada Igreja faz a interpretação dos textos bíblicos e cria seu manual de conduta cristã. Nesse sentido, aquele/a que não estiver disposto/a a combater o que a Igreja julga ser pecado não pode continuar nela como um/a membro/a ativo/a.

Nesse contexto, são fabricadas verdades sobre o que é ou não é pecado. Tais verdades se constituem por meio do acionamento de saberes que assumem caráter de verdadeiro naquele discurso. Essa constituição se dá em meio a relações de poder-saber (Foucault, 1996). Para instituir uma verdade sobre o pecado, é necessário o acionamento de certos saberes religiosos. Em meus conflitos com a Igreja sobre o que era puro ou profano, passei a indagar: como as instituições religiosas determinam o que é ou não pecado? Quem define o que o/a jovem pode ou não fazer consigo mesmo/a? Alguns anos mais tarde, ao me deparar com os estudos foucaultianos, indaguei: Quais as relações de poder-saber engendram as verdades sobre o pecado?

No fulgor da juventude, havia muitos desejos em mim que eram classificados como pecaminosos pela Igreja. Iniciou-se aí uma crise no meu relacionamento com a comunidade da qual eu fazia parte. Entre as proibições que lá eram prescritas, existiam certas

práticas que eu não considerava pecado. Não conseguia ver problema em sair com amigas/os para outros lugares que não fossem os territórios religiosos. Não considerava um erro namorar alguém que não professasse a mesma fé que eu. Eu queria me vestir de modos que a Igreja rechaçava, desejava dançar músicas que eram inaceitáveis nos meios religiosos.

Essa instabilidade fez com que, aos 16 anos de idade, eu abandonasse a Igreja. Passei a experimentar coisas que tanto queria e que não eram indicadas pela igreja que eu congregava, como sair para dançar, namorar quem desejasse, vestir as roupas sem me preocupar se estavam ou não nos padrões da igreja. Em 2004, aos 21 anos de idade, já mãe e prestes a me casar, as crenças das quais já estavam imbuídas em mim e meu apreço por muitos dos rituais que ali se experimentam me fizeram retornar à igreja. Eu, meu marido e meu filho nos tornamos uma família cristã protestante. Entretanto, já não era mais uma ovelha passiva ou incapaz de questionar as formas de governo que ali eram estabelecidas. Por isso, decidimos buscar uma igreja mais flexível.

A igreja, por sua vez, também havia se modernizado. Novas estratégias para atrair fiéis estavam sendo implementadas. Atrativos das culturas juvenis eram incorporados nos cultos a fim de que a membresia se identificasse com aquele espaço. Nesse novo contexto, de uma Igreja mais maleável e menos tirana, mais uma vez, emergi nas práticas e nos rituais do cristianismo protestante de uma Igreja Batista. Sempre estive inserida em grupos de Célula. A cada instante naquele espaço percebia o quanto o governo das condutas estava em jogo. Nas Células isso ficava ainda mais evidente, desde a sua organização, agrupando fiéis com características semelhantes: Células para mulheres, para crianças, para casais, para jovens, até a escolha dos temas a serem estudados nas reuniões, que visavam produzir determinados modos de ser cristão/ã. A partir de minha participação neste contexto religioso passei a entender, por instrumentos analíticos foucaultianos e pela minha experiência, que trata-se de um território para governar as condutas conforme o desejado.

Apesar do meu perfil questionador, em 2016, após um período de 12 anos imersa na Célula como membra, fui convidada a liderar uma Célula para jovens casais. Talvez essa tenha sido uma estratégia da igreja para me fazer questionar menos. Ou decidiram me convidar pelo fato de a igreja estar diante de um novo perfil de fiéis que, assim como eu, questionam e problematizam o modo como estão sendo conduzidas na experiência religiosa. Fato é que aceitei o desafio e me coloquei a evangelizar jovens casais por meio da Célula. Sempre questionando os padrões religiosos, me vi frente a um conflito com a igreja, pois como líder de Célula eu deveria seguir esses padrões e ensiná-los aos/às fiéis.

Gerou-se mais um conflito entre o que a Igreja condenava e o que eu desejava fazer e ensinar, o que culminou em mais uma crise no meu relacionamento com ela. Eu passei a contestar certos padrões, questionava o motivo de coisas simples, a meu ver, serem condenáveis. E dessa forma me tornei uma pessoa desajustada dentro da Igreja. Muitas práticas que eu desejava fazer e eram condenadas pela Igreja eram temas de discussão durante os cultos, nas Células e em todos os espaços onde os membros da Igreja se reuniam. Havia um investimento das lideranças religiosas em nos convencer do que era certo ou errado e o que poderia ou não ser feito. E eu, como líder, deveria ensinar essas práticas aos/às meus/minhas liderados/as. Inspirada em Foucault, entendo esse investimento de como o indivíduo deve se comportar como uma estratégia de governo do/a outro/a (Foucault, 1993). Fui tomada por muitos questionamentos sobre o modo como os/as membros/as são conduzidos/as nas Igrejas. Esses questionamentos ganharam forma e posteriormente foram fundamentais para a formulação das análises aqui registradas.

Ao indagar *como os/as jovens se produzem no Currículo da Célula Evangelizadora*, tomo por referência inicial os momentos em que eu mesma busquei me constituir em face aos muitos ensinamentos e às prescrições que buscavam subjetivar os/as membros/as daquela Igreja. No entanto, apenas a minha experiência com as Células não era suficiente para indicar qual fenômeno acerca da produção juvenil interessava investigar. Foi preciso, então, buscar suporte em Foucault para dar início ao processo de indagar como os/as jovens se produzem em face aos ensinamentos prescritos no espaço religioso, especificamente nas Células. Passei a “interrogar o que somos e como nos tornamos o que somos” (Maria Cláudia Dal’igna; José Pascoal Mantovani, 2021, p. 198) a partir da experiência religiosa. Imbuída de tais questionamentos, direcionei o olhar para o modo como os jovens se produzem nas Células. Torna-se necessário ressaltar que, embora minha experiência com as Células tenha funcionado como uma centelha, uma faísca que deu início às inquietações que me mobilizaram a investigar os/as jovens nas Células, esta pesquisa não é sobre minhas experiências. As práticas investigadas não têm relação com nenhuma Igreja ou Célula que eu tenha frequentado como cristã praticante. Minhas vivências como líder e membra não estão presentes na composição das análises aqui apresentadas. Elas auxiliaram de modo mais específico no início da pesquisa na formulação do problema. Daí em diante, a investigação seguiu cuidadosamente todo o rigor metodológico de uma pesquisa acadêmica. Após esse esclarecimento, retomo a discussão sobre a relação entre a pesquisa aqui relatada e minha experiência com as Células.

As Células são espaços em que se estuda sobre o que se deve ou não fazer, o que é certo ou errado, o que é santo ou profano. É bastante comum que o/a líder de Célula faça um curso chamado “Liderança Eficaz”, no qual são ensinados/as a como conduzir uma Célula, quais os objetivos e as etapas dessa prática. De tempos em tempos, os/as líderes fazem uma espécie de “reciclagem” desse curso, para manter todas as Células da mesma Igreja alinhadas, com os mesmos objetivos.

Na minha experiência como líder, um desses momentos de reciclagem de que participei ocorreu em 2018, ano em que no Brasil acontecia uma disputa eleitoral à Presidência da República marcada por ataques, ódio, violência, mentiras, conservadorismo e militarismo, conforme destacaram Leandro Prazeres e Maria Carolina Abe (2018) em matéria publicada no site Uol¹⁵. Na matéria, o autor e a autora fizeram um mapeamento dos principais fatos que marcaram a campanha eleitoral à Presidência no Brasil naquele ano. Outro fator que chamou bastante atenção durante a campanha foi a utilização das redes sociais. Segundo Prazeres e Abe, as redes sociais figuraram como a grande estrela nas campanhas eleitorais. De acordo com Rodrigo Oliveira (2018), o acionamento das Mídias Sociais Digitais durante a campanha foi eficaz na redução de gastos e para levar mais informações a um número maior de pessoas.

O uso massivo das redes sociais e da internet trouxe à tona uma expressão que já conhecíamos e que não é nenhuma novidade em campanhas eleitorais, mas que ganhou muita força durante a campanha de 2018: as *fake news*¹⁶. “Mentir na política não é algo novo. Porém, essa eleição foi marcada pela avalanche de mentiras produzidas em escala industrial e distribuídas em massa com apenas um clique” (Prazeres; Abe, 2018). Por meio das redes sociais e de aplicativos de mensagens, as mentiras circularam em uma velocidade que impressionou. As *fakes news* engendravam um esquema nefasto que envolvia políticos, empresas e “sistemas de distribuição organizada e massiva de mensagens” (Prazeres; Abe, 2018). As afirmações produzidas e espalhadas nas redes não eram apenas ataques a políticos, elas incidiam diretamente na vida das pessoas porque diziam respeito à educação dos/as filhos/as, ao que estava sendo ensinado nas escolas, à sexualidade das pessoas, aos direitos das mulheres, entre outras questões.

Enquanto as campanhas políticas e as notícias falsas cresciam no ciberespaço, as Igrejas protestantes demonstravam apoio ao então candidato à Presidência da República Jair

¹⁵ Matéria completa disponível em: <https://www.uol/eleicoes/especiais/lula-presno-facada-em-bolsonaro-fake-news-os-fatos-que-marcaram-as-eleicoes-de-2018.htm#sangue-suor-e-votos> Acesso em: 16 fev. 2021.

¹⁶ Termo em inglês utilizado para se referir a notícias falsas.

Messias Bolsonaro, que se dizia a favor da família tradicional e do cristianismo. Nesse cenário, houve um crescente apoio a esse candidato por ter um discurso moralizante acerca dos assuntos mais comentados no momento. As famigeradas *fake news*, disseminadas durante a campanha eleitoral presidencial em 2018, foram fortalecidas pelo moralismo religioso. Esse moralismo serviu de embasamento para disseminar notícias falsas sobre acontecimentos no ambiente escolar, como: a distribuição de *kit gay*¹⁷ e a adoção de livros de cunho sexual e apologético a religiões de matrizes africanas adotados pelo Ministério da Educação. Além disso, há algum tempo, o discurso moralista religioso¹⁸ tem sido acionado para atacar os estudos sobre gênero nas escolas (Paraíso, 2016) e em defesa do projeto Escola Sem Partido¹⁹. Segundo Marco Antônio Torres e Izabella Marina Martinho Saraiva (2021), determinados grupos católicos e evangélicos

[...] atacam várias políticas públicas, principalmente nas áreas da saúde e educação, visando restringir, obliterar e rechaçar conquistas das lutas de LGBTI+, dos direitos sexuais das mulheres, como também de grupos que historicamente lutam pelo reconhecimento de suas formas de existência.

Esses ataques constituem uma ofensiva aos estudos sobre gênero. As discussões sobre essas temáticas agitaram os espaços religiosos e tensionaram relações entre os/as membros/as das Igrejas. Dito interpretados a partir de uma ótica fundamentalista instauraram em diferentes espaços da sociedade o que Dal’Igna e Mantovani (2021, p. 196) chamaram de “crise anti-intelectualista e negacionista”. As discussões políticas passaram a fazer parte dos sermões nos púlpitos da igreja que eu frequentava e ali também pude perceber por diversas vezes a reiteração de algumas das inverdades que circulavam nas redes sociais, aumentando em mim a sensação de que ali havia se perdido “a dimensão da diferença entre o que é crime e o que é opinião” (Dal’igna; Mantovani, 2021, p. 196). Na condição de professora do ensino básico, os boatos relacionados à educação me mobilizavam de maneira especial a combater as *fake news* na Igreja, na Célula e nas redes sociais nas quais eu estava inserida. Por diversas vezes, me vi discutindo em postagens publicadas nos perfis e nos grupos de WhatsApp da Igreja acerca de afirmações sobre a educação. Percebi o quanto as redes sociais estavam sendo acionadas para prescrever condutas, ditar regras e convencer pessoas. Nesse período, eu já

¹⁷ Termo pejorativo para referir ao material didático do programa “Escola Sem Homofobia”, chamado vulgarmente de “kit gay”, e que teve sua distribuição vetada (Natanael Silva, 2019, p. 334).

¹⁸ É importante ressaltar que os ataques aos estudos sobre gênero não são algo que parte apenas dos grupos religiosos. Grupos não religiosos de direita e extrema direita também fazem esses ataques e se articulam a grupos fundamentalistas religiosos em prol desse objetivo. Para mais informações sobre esse assunto, seguem algumas referências: Luis Felipe Miguel (2016); Rogério Diniz Junqueira (2018).

¹⁹ Informações sobre o projeto Escola Sem Partido estão disponíveis em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

havia defendido minha dissertação de mestrado, em que abordava o Facebook como um território curricular, permeado por ensinamentos e prescrições (Evangelista, 2016). Logo, compreendia que o conteúdo que ali se compartilha não é neutro, tampouco despretensioso.

Enquanto isso, Bolsonaro ganhava cada vez mais a apreciação dos/as religiosos/as cristãos/ãs, sobretudo daqueles/as pertencentes à “onda conservadora” (Ronaldo Almeida, 2019). Foi nesse cenário que me vi fazendo parte de uma Igreja que declarou apoio a Bolsonaro e que, assim como muitas pessoas, fez circular afirmações por ele proferidas, incluindo aquelas que continham notícias falsas. Os conflitos de ideias entre mim e a Igreja, somados aos muitos questionamentos que eu fazia com relação à forma como os membros eram ensinados/as nas Células e o modo como temáticas atuais eram abordadas sob um viés marcado pelo moralismo, me fizeram romper novamente com a Igreja e intensificaram em mim o desejo de investigar a produção de jovens no *Currículo da Célula Evangelizadora*. No entanto, foi preciso ter cuidado para não fazer críticas à Célula e à Igreja a partir da minha experiência pessoal com elas. O que fiz foi investigar as práticas de si acionadas e prescritas no currículo para produzir o/a jovem cristão/ã, indagando como essas práticas são fabricadas e colocadas em funcionamento no *Currículo da Célula Evangelizadora*.

Na minha experiência pessoal com as Células, muitas vezes fui subjetivada pelo discurso religioso e passei a me conduzir de acordo com suas normas e prescrições, assumindo a posição do sujeito cristão que ali era produzida. Outras vezes, me vi resistindo aos seus ensinamentos e me conduzindo de modo inteiramente diferente do que me era demandado. Em alguns outros momentos, o discurso religioso entrou em disputa com o discurso acadêmico e foi no ponto de contato entre eles que passei a me interessar pelas possibilidades de outros modos de governo da conduta. Passei a entender que do mesmo modo com que os espaços religiosos operam sistematicamente na produção de modos específicos de ser cristão/ã, há escapes, há resistência.

Após o rompimento com a Igreja, já ingressante do programa de doutorado, durante as reuniões de orientação e a partir das leituras de Foucault, considerando que, além das técnicas de governo do/a outro/a, existem também outras práticas que junto a elas atuam na produção do sujeito cristão, passei a considerar uma pesquisa que se preocupasse em investigar essas outras formas de governo. Intrigada por compreender outros modos de condução da conduta, inclinei-me para os estudos foucaultianos sobre as técnicas de autogoverno, sobretudo as práticas de si, pois referem-se aos exercícios que o sujeito opera sobre ele mesmo, se autoconduzindo. Foi nesse contexto que passei a indagar como o/a jovem se produz no *Currículo da Célula Evangelizadora*.

Encontrar o ponto de equilíbrio entre o *eu-pesquisadora* e o *eu-cristã* certamente consistiu em grande desafio durante a produção desta tese. Adentrar no universo da Célula evangelizadora, após minha própria experiência nesse espaço formativo, provocou inquietações já adormecidas pelo rompimento com a Igreja. Voltar àquele lugar na função investigativa desdobrou-se em outros conflitos existenciais sobre as formas de governo que perpassam as relações ali estabelecidas. Porém, dessa vez havia um certo distanciamento. Foi como se eu estivesse salva das investidas daquele currículo. Para dizer de outra forma, compreendo que os conteúdos, as práticas e os saberes que compõem um currículo são selecionados de forma interessada, e seu interesse está na produção de subjetividades. Imaginei que como pesquisadora eu não me deixaria capturar pelo *Currículo da Célula Evangelizadora*, afinal, eu sabia que daquele currículo formas padronizadas de existir seriam produzidas. Um currículo que tem o desejo voraz por formar um modo específico de ser cristão/ã. Mas será que o meu *eu-pesquisadora* estava mesmo imune ao *Currículo da Célula Evangelizadora*?

Reviver os rituais e as práticas do cristianismo protestante, ainda que como pesquisadora, fez eclodir em mim uma série de sensações suscitadas em cada etapa dos quatro “Es” da organização celular. Eu me vi diante do desafio de estabelecer um distanciamento necessário para garantir meu comprometimento ético e, sobretudo, científico com esta investigação. Mas como evitar angústias e inquietações provocadas pelas fissuras e lacerações da minha própria experiência? Será que evitar minha experiência é o caminho mais adequado? Se o surgimento do problema de pesquisa que me mobilizou a ingressar no doutorado veio justamente da minha experiência com as Células, por que, durante o percurso da investigação, eu deveria abandonar minhas inquietudes? Entrar em contato com aquilo que nos atravessa nos faz retroceder aos nossos próprios sentimentos, ou, como definiram João Paulo Macedo e Magda Dimestein (2009, p. 156), “entrar em contato com tais universos mobiliza em nós o desejo de olhar para as nossas próprias batalhas, de modo a nos conectar nessas lutas e emaranhar nossas existências”. O *eu-pesquisadora* precisou encontrar uma forma de coexistir com o *eu-cristã*. Essas duas posições de sujeito que assumi em momentos diferentes da minha existência se encontraram na tessitura dessa pesquisa. Semelhante à governamentalidade de Foucault (2018), foi do ponto de contato entre essas duas forças que precisei criar um modo próprio de investigar que considerasse o fato de que eu carrego uma percepção específica, orientada por minha experiência como ex-membra e líder de uma Célula. Eu me fortaleci com o argumento de Macêdo e Dimestein (2009, p. 153) quando afirmaram que, “na construção de nossos trabalhos acadêmicos, podemos experimentar a nós

mesmos por diferentes modos de ser, no ato em que produzimos tais textos”. E caminhei em direção a um “exercício de liberdade” (Macêdo; Dimenstein, 2009, p. 15) no processo de investigação, análises e escrita da tese.

Exercício de liberdade, pois trata efetivamente de um movimento sobre nós mesmos, no sentido não só de produzir desvios diante dos formatos vigentes (muitas vezes sufocantes) que as estruturas da escrita acadêmica requerem para a produção dos nossos artigos ou dos nossos trabalhos monográficos, dissertativos e de tese, mas também liberdade de estilização da nossa própria existência (Macêdo; Dimenstein, 2009, p. 154).

A partir de minha participação neste contexto religioso, passei a entender, por instrumentos analíticos foucaultianos e pela minha experiência, que o discurso religioso que me constituía como sujeito produziu um *eu-cristão* com características mais questionadoras. Nessa nova posição passei a não aceitar passivamente as orientações vindas da igreja, mesmo que pautadas na Bíblia. Entendo as escrituras bíblicas como um instrumento importante no meio religioso, mas seu acionamento pode ser utilizado como ferramenta para produzir corpos dóceis e obedientes. Foram essas características que culminaram em meu recente rompimento com a Igreja enquanto uma instituição religiosa. Também foram essas marcas que me mobilizaram a investigar como os/as jovens têm se constituído como sujeito na Célula Evangelizadora e quais as marcas características desse modo de ser jovem cristão/ã.

No tópico a seguir, apresento os desafios de acionar conceitos foucaultianos para investigar práticas religiosas tão dissonantes daquelas que ele investigou ao abordar o cristianismo e a produção do sujeito cristão. Meu esforço foi em criar aproximações e distanciamentos entre as práticas religiosas investigadas por Foucault (1996, 2018, 2019, 2020) e as práticas protestantes produzidas no currículo investigado.

2.5 O/a jovem cristão/ã da Célula evangelizadora e o sujeito cristão da ética foucaultiana: diferenças e aproximações

Na presente pesquisa construiu-se a tese de que no *Currículo da Célula Evangelizadora* produz-se o/a jovem cristão/a *Livre, porém servo/a* e o/a *Louco/a por Jesus*, por meio de práticas de renúncia de si, obediência, santidade, liberdade e de amor. Para se chegar a essa elaboração, os eixos que analiso em capítulos posteriores a este foram examinados à luz de um referencial teórico que funcionou como uma lupa. A lente com que o/a pesquisador/a olha para sua empiria o/a ajuda a ver nela aquilo que, possivelmente,

outro/a pesquisador/a, com outra lente, não enxergaria. É isso que torna cada pesquisa única, ainda que permeada por temáticas e contextos que a conectam a outras.

Entre os conceitos teóricos encontram-se aqueles elaborados por Michel Foucault nos estudos da ética acerca da produção do sujeito cristão. A aproximação entre o cristianismo analisado por Foucault e aquele no qual se insere a produção do jovem cristão/ã investigado/a nesta tese precisa ser feita com cautela, pois, além da diferença tempo/espacial, referem-se a campos religiosos distintos. É essa distinção que gostaria de tratar neste tópico, haja vista que minha pesquisa se insere no campo religioso protestante, enquanto Foucault pesquisou a ética do sujeito desde a antiguidade clássica até os primeiros séculos do cristianismo (Frédéric Gros, 2020).

Foucault (2020) analisou práticas e doutrinas católicas e como elas produziam o sujeito cristão por ele investigado. Para tanto, ele recorreu às práticas filosóficas greco-romanas e aquelas praticadas nos primeiros mosteiros. Em uma tentativa de organizar as pesquisas que deram origem aos estudos éticos em Foucault, Gros sintetizou da seguinte forma:

Um primeiro resumo dessas pesquisas havia sido apresentado na aula de 1975 no Collège de France. Porém, Foucault logo decide recuar ao topo da escala do tempo para retomar, na história cristã, o ponto de origem, o momento de emergência, de uma obrigação ritualizada de verdade, de uma injunção de verbalização pelo sujeito de um dizer verdadeiro sobre si mesmo [...]. Ele escreve sobre os Padres da igreja e realiza um deslocamento de alguns séculos da sua história da sexualidade [...], ele aproveita essas primeiras leituras dos Padres para caracterizar o momento cristão da 'governamentalidade pastoral': atos de verdade (dizer o verdadeiro sobre si mesmo) articulados com práticas de obediência (Gros, 2020, p. 10)

Foucault recorreu a escritos normativos que tinham por objetivo dirigir as condutas, como as primeiras leituras dos padres e os escritos sobre Tertuliano e Cassiano (Gros, 2020). Além disso, Foucault também precisou estudar ritos do catolicismo em torno dos quais se organizou a articulação entre o governo dos/as outros/as e as práticas de si. Alguns desses rituais são a confissão, a penitência, o batismo.

O protestantismo também se configura em torno de uma série de ritos e escritos normativos, sobretudo aqueles presentes na Bíblia Sagrada, que estou nomeando de manual da conduta cristã. Entre os exercícios realizados no protestantismo, a confissão e o batismo são os que mais se assemelham àqueles praticados na Igreja Católica. Entretanto, em cada vertente religiosa, essas práticas têm nuances diferentes e são realizadas de modos distintos. O batismo, por exemplo, que, para os católicos, pode ocorrer nos primeiros meses de vida da criança, no protestantismo, é realizado somente após um longo período de preparação e doutrinação. Para os/s cristãos/ã protestantes, o batismo é um ato de reconhecimento de si como pecador/a arrependido/a. Para que haja arrependimento das faltas cometidas, é

necessário todo um labor de evangelização da criança para que, após tomar consciência de seus atos, se arrependa e converta-se ao caminho da salvação. O batismo pode acontecer ainda mais tarde, em caso de pessoas que decidiram aceitar Jesus na vida adulta. De acordo com o artigo publicado no blog Evangelização²⁰, aceitar Jesus é a expressão comumente utilizada entre protestantes para se referir ao momento em que uma pessoa toma a decisão de seguir a Jesus, passando a fazer parte de um grupo religioso específico.

A prática da confissão tem diferenças ainda mais expressivas entre católicos/as e protestantes. No catolicismo, a confissão deve ser feita a um padre. Para os/as praticantes dessa religião, a confissão realizada entre o/a pecador/a e Deus não é suficiente, pois ela não gera vergonha de expor sua honra a outrem (Canção Nova²¹). Martinho Lutero, monge agostiniano, que discordou de algumas doutrinas da Igreja Católica e deu origem ao protestantismo, afixou na porta de uma igreja católica em Wittenberg, na Alemanha, as 95 teses em que questionava algumas práticas do catolicismo. Entre elas, a prática da confissão dirigida ao padre. Segundo Lutero, todo/a cristão/ã tem acesso direto a Deus, não precisando de uma figura intermediária. Assim sendo, para os/as protestantes, a confissão quase sempre é feita diretamente a Deus, em oração (Moura, 2017²²). Apesar disso, a prática da confissão ao padre, ao pastor ou a líderes religiosos segue presente no cristianismo.

Muitas formas de experienciar o cristianismo diferem entre protestantes e católicos/as. A Bíblia dos/as protestantes, por exemplo, tem sete livros a menos que a dos/as católicos/as. Segundo Moura (2017), a leitura de Martinho Lutero era de que tais textos não tinham Deus como figura central. A tradição protestante, então, adotou a versão hebraica da Bíblia, com os sete textos a menos. Outra diferença é veneração a santos e imagens que tem uma função pedagógica dentro da Igreja Católica, como se indicassem um exemplo a ser seguido, uma inspiração. Nas igrejas protestantes, no entanto, a visão é a de que essas figuras podem desviar a devoção que deve ser dada somente a Deus. A tradição protestante caracteriza o culto a imagens e a santos como uma forma de idolatria, ou seja, de que se acaba cultuando as imagens e não a Deus (Moura, 2017). Outra diferença fortíssima, talvez até a mais contundente, é o celibato. Segundo Fernando Jorge Brandão Carneiro (2017), nem mesmo no catolicismo há um consenso no entendimento acerca do celibato. Para o autor, “há quem entenda que procede de origem divina, mas também há outros, sobretudo quanto à

²⁰ Disponível em: O que é aceitar Jesus como Senhor e Salvador? (evangelizacao.blog.br). Acesso em: 7 abr. 2023.

²¹ Disponível em: Reflita sobre o sacramento da confissão (cancaonova.com). Acesso em: 7 abr. 2023.

²² Disponível em: Diferenças entre católicos e protestantes vão do celibato à confissão - Bem Paraná (bemparana.com.br). Acesso em: 7 abr. 2023.

disciplina da Igreja latina, que acreditam que se trata de uma simples instituição eclesiástica” (Carneiro, 2017). Entretanto, independente da origem, na Igreja Católica os padres não podem se casar. Moura (2017) explicou que oito anos após Lutero afixar as 95 teses na porta da igreja e romper de vez com o catolicismo, ele se casou com a ex-freira Catarina de Bora. Desse modo, nas igrejas protestantes, o casamento não é proibido para os sacerdotes.

Outra diferença expressiva entre as práticas do catolicismo e do protestantismo diz respeito ao ritual de eucaristia, a santa ceia. Mas, antes de tratar de suas diferenças, vamos compreender o que seria esse ritual presente nas duas vertentes do cristianismo. Existem três ritos celebrativos a respeito da eucaristia, organizados por Adriano Cruz (2021, p. 8) da seguinte forma: “A primeira é Jesus, o verbo de Deus se torna carne para nossa salvação, a segunda: o pão e vinho se tornam o corpo e o sangue de Jesus para que ele possa nos doar e a terceira: todo cristão se assemelha a Cristo quando se nutre na Eucarística”. Assim sendo, a eucaristia é o momento em que o/a cristão/ã come do pão e bebe do vinho, simbolizando o corpo e o sangue de Cristo, para tornar-se semelhante a Ele. Tanto no catolicismo quanto no protestantismo, só pode tomar a Santa Ceia aquele/a que foi batizado/a. A principal diferença entre as vertentes cristãs está no entendimento do que seriam o pão e o vinho. Para os/a católicos, pão e vinho tornam-se corpo e sangue de Cristo, enquanto, para os/a protestantes, trata-se apenas de uma lembrança do que Cristo fez por seus/suas seguidores/as.

[...] fica claro perceber a diferença entre a celebração da Eucaristia católica e a ceia protestante, na primeira crê-se na presença real de Cristo, que após a consagração do pão e do vinho, torna-se o corpo e sangue de Jesus, sacrifício renovado a cada celebração da Santa Missa, já na segunda a crença é apenas na realização de um memorial, que recorda a entrega de Jesus na cruz, após a ceia derradeira (Cruz, 2021, p. 9)

Todas essas diferenças e aproximações entre o cristianismo católico e o protestante foram acionadas nesta tese para evidenciar que as práticas que investiguei são diferentes daquelas analisadas por Foucault. Considerando que as práticas produzem sujeitos específicos e conduzem as condutas, o sujeito cristão investigado por Foucault no cristianismo primitivo se distingue do/a jovem cristão/ã produzido/a no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Apesar disso, a escolha por trabalhar com os conceitos foucaultianos justifica-se pela natureza do problema que a temática apresenta, qual seja investigar como o/a jovem cristão/ã se produz no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Ora, na presente pesquisa, o que está em questão é justamente a produção de um sujeito cristão, assim como nos estudos desenvolvidos por Foucault. Assim sendo, as análises desenvolvidas pelo filósofo francês puderam auxiliar nas

minhas análises. São as especificidades e as características do sujeito cristão que se produz em cada corrente religiosa que separam as análises foucaultianas das minhas.

O meu exercício nesta tese foi o de investigar o *Currículo da Célula Evangelizadora* com a lente de Foucault, a fim de identificar e analisar as práticas de si em exercício naquele currículo, buscando compreender como se dá a produção do/a jovem cristão/ã. A partir de alguns dos conceitos cunhados e acionados por Foucault em sua investigação do sujeito cristão, busquei também investigar como as práticas de si são produzidas e postas em funcionamento, quais estratégias são utilizadas para que o/a jovem imerso naquelas práticas curriculares conduzam a si mesmo/a. No próximo capítulo, os conceitos por mim utilizados serão explicados à luz do referencial foucaultiano.

3 CAPÍTULO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para investigar como os/as jovens produzem a si mesmos/as no *Currículo da Célula Evangelizadora*, tomei por referência os estudos foucaultianos sobre o modo como os indivíduos se conduzem e se governam. Assumindo como conceito central as “práticas de si” (Foucault, 2006), busquei analisar os processos pelos quais os/as jovens se constituem sujeitos. A tese aqui defendida é a de que no *Currículo da Célula Evangelizadora* produz-se o/a jovem cristão/a *Livre, porém servo/a* e o/a *Louco/a por Jesus*, por meio de práticas de renúncia de si, obediência, santidade, liberdade e de amor. Compreendo tais práticas como exercício de si sobre si e, para que se produza o/a jovem cristão/ã, elas foram ensinadas e colocadas em funcionamento no currículo investigado. Segundo Foucault (2006), práticas de si são aquelas que o indivíduo opera sobre si mesmo a fim de se autogovernar e de se autoconduzir, criando, assim, diferentes modos de existir. Essas práticas, no entanto, não atuam isoladamente, tampouco ocorrem de forma neutra, elas atuam na produção de modos de ser e existir concomitante com as práticas de governo do/a outro/a.

Ao indagar como os/as jovens se produzem, foi necessário compreender como os sujeitos são produzidos na perspectiva dos estudos foucaultianos. Segundo Foucault (2014b), os indivíduos são transformados em sujeitos por meio dos modos de subjetivação, que são os processos que capturam os indivíduos e os categorizam, impondo a eles “[...] uma lei de verdade que lhes é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos” (Foucault, 2014a, p. 123). O filósofo nomeou “modos de subjetivação” ou “processos de subjetivação” os “meios pelos quais se investe na produção de uma subjetividade” (Foucault, 1984, p. 28); os “diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos” (Foucault, 1995, p. 231). Segundo o autor, “não existe constituição do sujeito sem modos de subjetivação” (Foucault, 1984, p. 28). Os modos de subjetivação “são todos os processos e práticas heterogêneas por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo” (Paraíso, 2006, p. 101). Entende-se que “os processos de subjetivação dão-se incessantemente em diversos lugares e segundo regras que se confrontam com indivíduos livres que a elas aderem, ou não, em função dos estilos de vida e dos modos de existência que se deseja levar” (Garcia, 2002, p. 28).

De acordo com Fábio Gesueli (2018), Foucault designa dois sentidos para o termo sujeito: i) “diz respeito ao sujeito que está em estado de submissão pela dependência e pelo controle que outro exerce sobre si” e ii) “caracteriza o movimento do sujeito que se liga à sua

própria identidade por um exercício de conhecimento ou por um movimento **de acesso à verdade de si, ao conhecimento de si mesmo**” (Gesueli, 2018, p. 10, grifos meus). Esse segundo ponto é o que dialoga mais diretamente com a presente pesquisa, haja vista que o objetivo dela foi investigar como os/s jovens se produzem no *Currículo da Célula Evangelizadora*, o que pressupõe um olhar sobre os exercícios de si sobre si tanto quanto sobre o controle que o/a outro/a exerce sobre si. De todo modo, fez-se necessário compreender esses dois movimentos que incidem na produção de um tipo específico de jovem.

Considerando que o modo como nos tornamos sujeitos ocorre por meio de processos que envolvem o modo como somos controlados/as e conduzidos/as pelo/a outro/a, ao mesmo passo em que nos controlamos e nos conduzimos, os modos de subjetivação estão, então, imbricados à questão do governo. De acordo com Foucault, “o ponto de contato do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios. Pode chamar-se a isto o governo” (Foucault, 1993, p. 207). Dito de outro modo, o governo refere-se à condução da conduta, tornando os indivíduos sujeitos de determinados tipos.

Ao estudar o conceito de governo na perspectiva foucaultiana, é necessário considerar dois pontos importantes. Primeiro é que não há governo sem a manifestação de uma verdade. “Não pode haver governo sem que os que governam indexem suas ações, suas opções, suas decisões a um conjunto de conhecimentos verdadeiros, de princípios racionalmente fundados ou de conhecimentos exatos [...]” (Foucault, 2014b, p. 14). Sem a manifestação de uma verdade, não é possível governar. Assim, o governo não deve ser pensado apenas na dimensão econômica onde saberes e práticas se estabelecem para gerir a conduta dos/as governados/as. A manifestação de uma verdade é um elemento necessário para a efetivação do governo. Ao se referir ao governo como uma forma de poder, Foucault afirma que “[...] se teria muita dificuldade para encontrar o exemplo de um poder que não se exerceria sem se fazer acompanhar [...] por uma manifestação de verdade” (Foucault, 2014b, p. 6).

A manifestação do verdadeiro é atravessada por saberes referentes e necessários ao exercício de governo. “Esse[s] saber[es] em tal manifestação do verdadeiro justifica[m] a verdade e os efeitos de poder que derivam dela” (Gesueli, 2018, p. 7). Os saberes que existem na manifestação do verdadeiro são basilares no exercício de governo e são nomeados por Foucault como aleturgia – ritual de manifestação de uma verdade. Por aleturgia, entende-se “o conjunto dos procedimentos possíveis, verbais ou não, pelos quais se revela o que é dado como verdadeiro em oposição ao falso, ao oculto, ao indizível, ao imprevisível, ao esquecimento” (Foucault, 2014a, p. 8). Foucault (2014) afirma que, na manifestação do

verdadeiro, os saberes científicos e o conhecimento objetivo são apenas algumas das formas de manifestação da verdade. Desse modo, é possível a compreensão de que existem diferentes formas de aleturgia. Os procedimentos pelos quais se organizam as Células evangelizadoras configuram-se como aleturgia que manifesta uma verdade que atua na condução da conduta dos indivíduos ali evangelizados.

Se, por um lado, a aleturgia consiste na manifestação de uma verdade, por outro lado, a autoaleturgia é o ritual de produzir a verdade de si mesmo/a. Segundo Foucault (2014b, p. 280), a aleturgia de si trata-se de fazer aparecer no sujeito algo que ele “não poderia conhecer e que só se torna conhecido por esse trabalho de aprofundamento” de si sobre si. O autor segue dizendo que na autoaleturgia consta uma necessidade de que o sujeito produza a verdade sobre si mesmo. Temos aqui um exercício ético do sujeito consigo mesmo que, por meio do governo de si, produzirá a verdade sobre si. É em um “movimento de ascensão que requer uma elaboração de si mesmo [...] que regerá o cotidiano daquele sujeito que busca tal acesso para a verdade que reside em si mesmo” (Gesueli, 2018, p. 7). Foucault (2014b) afirma que no cristianismo há um paradoxo entre aleturgia de si e renúncia de si, porém, na lógica da patrística cristã detalhada pelo filósofo, a renúncia produz a verdade de si. O autor afirma que, “na medida em que devo renunciar inteiramente a minhas próprias vontades substituindo minha vontade pela de outro [...], que devo produzir a verdade de mim mesmo, e só produzirei a verdade de mim mesmo porque estarei trabalhando para essa renúncia de mim” (Foucault, 2014b, p. 280).

No cristianismo protestante, a renúncia de si é uma prática bastante ensinada nos templos, nas Células e nos perfis das Igrejas no ciberespaço. O/a cristão/ã protestante deve negar a si mesmo/a para seguir a Jesus, conforme o trecho bíblico ensina: “Então Jesus disse aos seus discípulos: Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Bíblia, Mateus 16:24 NVI). A renúncia de si é uma marca do sujeito cristão, por esse motivo, ela é também uma característica do/a jovem cristão/ã louco/a por Jesus, conforme veremos nos capítulos analíticos desta tese. O processo de renunciar às próprias vontades compõe a autoaleturgia, pois entende-se que é somente no ato de negar a si que se chegará à verdade de si enquanto seguidor/a de Cristo. Por meio das verdades de si, o/a jovem cristão/ã se governa e conduz a própria existência.

O segundo ponto a se considerar é que o governo não deve ser pensado apenas como condução da conduta do/a outro/a. Ele é também condução da própria conduta, o governo de si mesmo/a. Para Foucault, o governo de si

Tratar-se-ia de esboçar uma história da verdade que tomaria como ponto de vista os atos de subjetividade, ou ainda, as relações do sujeito consigo mesmo, entendidas não só como relação de conhecimento de si, mas também como exercício de si sobre si, elaboração de si por si, transformação de si por si, isto é, as relações entre a verdade e o que se chama espiritualidade, ou ainda: ato de verdade e ascese, ato de verdade e experiência no sentido pleno e forte do termo, isto é, a experiência como o que, a uma só vez, qualifica o sujeito, o ilumina sobre si e sobre o mundo, e ao mesmo tempo, o transforma (Foucault, 2014b, p. 105-106).

Pensar em como os/s jovens se produzem é pensar na relação do sujeito consigo mesmo, nos exercícios que operam sobre si e no modo como se transformam a si próprios/as.

Percorrendo esse caminho em busca de compreender como os indivíduos se tornam sujeitos, para analisar como os/s jovens se produzem no *Currículo da Célula Evangelizadora*, até aqui foi possível perceber como o governo incide nessa produção por meio de uma engrenagem que mistura o governo do/a outro/a e o governo de si. Essa engrenagem compõe o que Foucault chamou de governamentalidade. São técnicas e estratégias que possibilitam a condução da conduta do/a outro/a e/ou de si mesmo/a. A governamentalidade é tecida por dimensões política e ética (César Candiotti, 2008). A primeira refere-se às técnicas de dominação exercidas sobre os/as outros/as. Já a dimensão ética engloba as práticas, as técnicas e os procedimentos que são exercidos sobre si próprio/a. Ao investigar como os/as jovens se produzem na Célula evangelizadora, a presente pesquisa manteve o foco sobre as práticas de si, sem, entretanto, deixar de observar e analisar como as técnicas de dominação exerciam poder no modo como os/as jovens se autoconduziam. Esse imbricamento trata de uma questão conceitual e metodológica. Conceitual porque as técnicas de dominação e técnicas de si se conectam num procedimento de governamentalidade; metodológico porque, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, a produção de si ocorre amalgamada ao modo como os/as jovens são ensinados/as e conduzidos/as pelas práticas de evangelização.

3.1 O cuidado de si por meio das práticas de si e da manifestação da verdade

3.1.1 *Metanoia*

[...] limiar de uma morte que se esconde sob a aparência enganosa da vida e de uma vida verdadeira que é prometida pela morte. Este limiar é o da metanoia, ou da conversão, quando a alma se volta inteiramente sobre si mesma, inverte todos os seus valores e muda totalmente (Foucault, 2020, p. 140).

Os estudos foucaultianos sobre a prática do cuidado de si no cristianismo abordam um momento muito importante na vida do/a cristão/ã: a conversão. No protestantismo, a conversão é o princípio da evangelização: converter aquele/a que anda por caminhos errados e

ajudá-lo/a a se conduzir pelo caminho que o/a levará ao Reino de Deus. Segundo Jorge Araújo e Cícero Bezerra (2018), a evangelização consiste em ensinamentos que buscam anunciar o Reino de Deus, um Reino de salvação, e preparar as pessoas para viver esse Reino. Nesse mesmo sentido, Marcio Afonso e Gleyds Domingues (2017, p. 98) afirmam que falar de evangelização é falar sobre “a pregação do Evangelho com o objetivo de apostolar, isto é, cristianizar, converter ao Evangelho”. A evangelização “focaliza os sujeitos individualmente constituídos e historicamente situados” (Afonso; Domingues, 2017, p. 99), a fim de que se tornem sujeitos evangelizados, ou cristianizados. Para que o indivíduo se torne o sujeito evangelizado, ele precisa se conduzir nesse caminho que lhe é ensinado. Essa é uma prática que exige o exercício e a transformação constante de si sobre si: *Metanoia*.

Segundo Foucault, a metanoia “é ao mesmo tempo ponto de partida e forma geral da vida cristã” (Foucault, 2020, p. 110). O autor explica que a vida cristã é composta por dois pontos importantes: o primeiro é do ato da conversão, quando o indivíduo se percebe como pecador e por isso precisa se arrepender. Ele quer ter acesso a Deus, e isso só é possível por meio de uma preparação que o fará romper com aquilo que ele era e o ensinará a se desligar continuamente de si. Na Célula evangelizadora, esse momento funciona com o ato de “aceitar Jesus”, é a chegada do/a pecador/a arrependido/a. É quando ele/a decide pela primeira vez se filiar àquele grupo religioso e se ligar às verdades ali produzidas e que estão em circulação, tornando-se um cristão/ã. Esse é o “ponto de partida”.

O segundo ponto diz da “forma geral da vida cristã”. Já houve a conversão, o arrependimento e a manifestação de seguir por aquele caminho. No entanto, durante a caminhada, podem acontecer quedas, ou seja, outros pecados serão cometidos – agora por um/a cristão/ã. A *metanoia* também diz do modo como o/a cristão/ã deve se conduzir na vida cristã com a ajuda de outros/as cristãos/ãs. Pode se dizer então que a *metanoia* é o princípio e o meio da prática de evangelização.

De acordo com o dicionário Priberam, *metanoia* significa “1. Mudança no pensamento ou no sentimento; 2. Arrependimento ou penitência”²³. No Cristianismo, a palavra “metanoia” tem um significado muito especial sobre o “despertar de uma intuição que leva a um conhecimento mais direto de Deus. Ela também está relacionada ao termo arrependimento, que reflete o caráter de entendimento de que alguma coisa está errada e

²³ METANOIA. In: DICIONÁRIO Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/metanoia>. Acesso em: 15 dez. 2022.

precisa ser mudada”.²⁴ A partir dessas definições, é possível refletir que, para haver *metanoia*, algo no interior do indivíduo precisa ser mudado, e essa mudança é o caminho para chegar a Deus. É necessário reconhecer que existe um caminho certo e existem caminhos errados, o primeiro nos leva a Deus e os demais nos afastam de Deus. A escolha pelo caminho certo e o ato de se conduzir por ele é uma decisão individual que, no entanto, é ensinada nos meios religiosos por meio da evangelização e de acordo com as verdades ali produzidas.

A *metanoia* exige o acionamento de uma série de práticas que o indivíduo deve operar sobre si mesmo, tais como um conhecimento de si, o autogoverno de seus pensamentos e suas ações, a fim de que possa identificar as falhas que precisam ser corrigidas em sua conduta. Considerando que não é possível se governar sem que haja a manifestação de uma verdade (Foucault, 2014b), a identificação de quais erros precisam ser corrigidas ocorre a partir de verdades que constituem os saberes religiosos do cristianismo. Verdades essas que são fabricadas por meio de uma aleturgia que produzirá na consciência do indivíduo tudo aquilo que está em dissonância com o sujeito evangelizado que se deseja formar, a fim de que possa se corrigir. É por meio dessas verdades que o *Currículo da Célula Evangelizadora* prescreve como os/as jovens devem se conduzir.

Em termos de juventude como categoria analítica, todo cuidado é pouco, sobretudo porque Foucault jamais pesquisou as juventudes em sentido estrito. O que o filósofo fez foi um “detalhamento das práticas sociais” (Favacho, 2016, p. 491). O que nos interessa desse detalhamento é analisar como o sujeito jovem se constitui a partir dessas práticas. Nesse sentido, o cuidado de si é um conceito importante para refletir essa produção e as práticas de si se constituem um conceito central para o funcionamento do cuidado de si, conforme veremos a seguir. O trecho bíblico a seguir traz alguns exemplos de práticas de autocuidado que todo/a cristão deve ter:

Quanto mais, irmãos, tudo o que é justo, tudo o que puro, tudo o que é amável, tudo que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, **nisso pensai**. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes [...] **isso fazeis** [...] (Bíblia, Filipenses 4, 8-9 ACF, grifos meus).

O fragmento do texto acima refere-se a uma passagem bíblica frequentemente acionada no meio religioso. Ele ensina que os/as cristãos/ãs devem pensar em coisas que são *justas, puras, amáveis* e de *boa fama*. A partir desse fragmento, podemos problematizar dois aspectos importantes: o primeiro deles diz da responsabilidade individual de cada um/a em cuidar de seus próprios pensamentos. Esse é um cuidado ensinado nas Células e nas Igrejas

²⁴ IBC. O que é metanoia? Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/mudanca-de-vida/o-que-e-a-metanoia/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

protestantes. Ao abordar a visão estratégica das Células, em um manual para as lideranças,²⁵ o religioso Naugery Prado afirma que “o[/a] líder de sucesso preocupa-se em saber qual é o propósito do Senhor para a sua vida e dispõe-se com todas as suas capacidades para desenvolvê-las [sic]” (Prado, p. 25). Ele ainda afirma que o triunfo é obtido quando cada um/a cuida de seus próprios pensamentos. Essa orientação é ampliada a todas as pessoas que participam de uma reunião celular e não é o único ensinamento que conduz ao cuidado que cada membro necessita ter com sua vida.

As práticas ensinadas nas Células têm por objetivo tornar o indivíduo semelhante a Deus, fazer com que ele chegue ao Reino de Deus. São práticas que levam ao cuidado de si por meio de um conhecimento de si, daquilo que se passa em seu pensamento, em sua alma, daquilo que está escondido em seu coração. Para Foucault (2020, p. 151), trata-se de

[...] reconhecer em si o elemento pelo qual se pode conhecer Deus, aquele do qual Deus é o guia, aquele que, conseqüentemente, pode a ele conduzir e, separando o homem do mundo exterior, com seus ornamentos materiais, o reveste de uma beleza pura que o faz assemelhar-se ao próprio Deus.

É por meio desse conhecimento de si que o indivíduo poderá modificar a si mesmo, eliminando todas as impurezas do seu ser a fim de que se torne semelhante a Deus. O primeiro aspecto referiu-se ao cuidado que se deve ter com os próprios pensamentos, a segunda reflexão que se pode fazer a partir do fragmento utilizado na abertura desse tópico é sobre os saberes que conduzem os/as cristãos/ãs na prática do cuidado de si. O texto bíblico indica que o/a cristão/a deve pensar no que é *justo, puro, amável e de boa fama*, mas o que seria isso? *Justo, puro, amável e de boa fama* de acordo com o quê? Quem define o que é *justo*? *Puro* em relação a quê? *Amável* com quem ou o quê? O que é ser de *boa fama*? Essas definições constituem um campo do saber religioso protestante. O saber está vinculado a certas formações discursivas – que nem sempre são consideradas científicas. Trata-se de componentes fundamentais dos discursos cristãos e atuam na produção de sujeitos. Saberes dão lugar à ciência, mas nem todo saber é científico, já que “há saberes que são independentes das ciências” (Foucault, 1972, p. 221). Os saberes advindos dos espaços religiosos muitas vezes são distintos ao que a ciência afirma (Maria Carolina Caldeira, 2015). Eles têm outras características tanto no seu processo de produção como na sua circulação nos diferentes espaços sociais, por isso, são aqui nomeados “saberes religiosos protestantes”. Esses saberes

²⁵ PRADO, Naugery. Visão estratégica. [s.l]. [s.n]. [s.d]. Trata-se do livro produzido exclusivamente para líderes da Igreja Batista Connect – igreja em Célula. Tive acesso ao manual quando atuava na condição de líder de Célula, em 2016.

estão em disputa com outros e, permeados por relações de poder, vão conferindo status de verdadeiro ao modo como o/a cristão/ã deve conduzir-se.

As definições acerca do que é *justo, puro, amável* e de *boa fama* indicam de modo muito específico o que é pureza, por exemplo, e constituem-se como verdades. Essas definições são próprias dos grupos protestantes, embora existam compreensões diferentes acerca desses ensinamentos entre as denominações evangélicas e, muitas vezes, podem ser divergentes daquelas produzidas por outros grupos religiosos. Seguindo o exemplo da pureza, para alguns grupos protestantes, o/a fiel que ingerir bebida alcoólica (como o vinho) torna-se impuro, já para outros protestantes tal prática é aceitável e permitida, desde que haja moderação. As verdades que circulam nesses grupos são sempre social e historicamente localizadas e provisórias. Para Foucault, a verdade não se refere àquilo que é verdadeiro ou falso em si, mas diz respeito aos saberes que são produzidos como verdadeiros ou falsos em determinados contextos (Foucault, 2018). A verdade, nesse sentido, é sempre uma produção do discurso e, assim, não se trata de compreender o que é verdadeiro ou não, mas sim de analisar os saberes que adquirem caráter de verdade. Trata-se de conhecer e analisar aquilo que Foucault chamou de “procedimentos de verdade” (Foucault, 2020, p. 129), cuja manifestação não está relacionada “a demonstrar, a provar alguma coisa, a refutar o falso, mas a mostrar simplesmente, a desvelar a verdade” (Foucault, 2014b, p. 7).

Dando continuidade à discussão a respeito dos exercícios do indivíduo sobre si mesmo que o tornarão sujeito, Foucault explora, sob o exemplo da penitência no cristianismo, alguns procedimentos que envolvem ações do indivíduo consigo mesmo que, no entanto, são regidas pela Igreja. Dito de outra forma, alguns rituais são prescritos como único caminho para alcançar o perdão divino, mas é uma decisão individual se conduzir por meio dessas verdades. Uma vez decidido a cumprir a penitência a fim de se redimir daquilo que foi nomeado como pecado pelo cristianismo, uma série de procedimentos de verdade são prescritos ao indivíduo e cabe a ele mesmo se conduzir, tomando as decisões “corretas”. Isso é a *metanoia* em seu sentido de “forma geral da vida cristã” (Foucault, 2020). A penitência, então, diz dos procedimentos de verdade que ajudarão o/a cristão a se redimir na caminhada que o/a levará a Deus. Entre os procedimentos de verdade que conduzirão o/a pecador/a ao perdão, estão aqueles que envolvem o reconhecimento de si como pecador/a, como alguém que precisa se arrepender e abandonar uma prática pecaminosa.

[...] a igreja²⁶ instaurou o caráter fundamental da obrigação de verdade para quem pecou e como condição de uma remissão possível. O dizer verdadeiro sobre sua falta, ou antes, manifestar em sua verdade seu estado de pecador é indispensável para que o pecado cometido seja perdoado (Foucault, 2020, p. 135).

O reconhecimento de si como pecador/a é possível quando o indivíduo é convencido de que fez algo errado, e esse erro o separaria de Deus. Tal convencimento acontece quando verdades sobre o que é certo ou errado, puro ou impuro, santo ou profano são produzidas. Essas verdades são produzidas em meio a relações de poder-saber à medida que os saberes do cristianismo protestante são autorizados e acabam por demandar práticas do sujeito consigo mesmo e atuam na produção de modos específicos de ser jovem. Ou seja, a verdade não pode ser atingida “sem certas práticas ou certo conjunto de práticas totalmente especificadas que transformam o modo de ser do sujeito, modificam-no tal como está posto, qualificam-no, transfiguram-no” (Foucault, 2006, p. 59).

Desse modo, é possível dizer que o cuidado de si se constitui uma importante estratégia para ter acesso à verdade sobre como um indivíduo deve se conduzir para se tornar o sujeito cristão. A verdade de si é alcançada por meio do exame da consciência, esse exercício contínuo sobre seus pensamentos, buscando no escrutínio de sua alma identificar aquilo que precisa ser mudado por meio do “exame material do pensamento e não exame do conteúdo objetivo da ideia. [...] Observação do pensamento, portanto, do fluxo do pensamento em sua qualidade, em seu grão em sua origem” (Foucault, 2014b, p. 274).

Compreendo essas práticas que abarcam o cuidado de si como procedimento de “autoaleurgia”, pois elas produzem rituais que atuam na manifestação da verdade sobre si. Para Foucault (2014b), “essa aleurgia de mim [de si], essa necessidade de produzir a verdade que sou [...] é fundamentalmente ligada [...] à renúncia de si mesmo” (Foucault, 2014b, p. 280). Renuncia-se a si mesmo/a para se conduzir de acordo com a vontade do/a outro/a. Foucault (2014a) nomeou de “subjetivação cristã” o vínculo entre produção da verdade de si e renúncia, ou seja, é um “procedimento de subjetivação que se formou e se desenvolveu historicamente no cristianismo e que se caracteriza de maneira paradoxal pelo vínculo obrigatório entre mortificação de si e produção da verdade de si mesmo” (Foucault, 2014b, p. 280). No versículo bíblico utilizado na abertura deste tópico, evidencia-se que, uma vez

²⁶ Embora não esteja se referindo especificamente à Igreja protestante, podemos considerá-la (a igreja protestante) como uma derivação do cristianismo histórico. O protestantismo surgiu do movimento reformista que aconteceu na Igreja Católica na Europa central no século XVI, conduzido pelo monge Agostiniano Martinho Lutero. Lutero era um monge católico insatisfeito com as doutrinas e práticas teológicas da época. Considerando isso, emprego a discussão que Foucault faz sobre a Igreja cristã de modo geral ao modelo protestante, salvaguardando as diferenças entre elas. Aproximações e distinções acerca do sujeito cristão foucaultiano e o da presente pesquisa foram exploradas no segundo capítulo desta tese.

definido o que é *justo, puro, amável* e de *boa fama*, é com isso que o indivíduo deve ocupar seus pensamentos. É dever do/a fiel se conduzir conforme o que *aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e viste*. Ou seja, ele/a deve conduzir-se a partir das verdades ensinadas e das verdades de si que o exame de sua consciência fará emergir.

Nessa perspectiva, o sujeito deve desenvolver um trabalho consigo mesmo para se transformar. Trata-se de um “trabalho de si para consigo, elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese” (Foucault, 2006, p. 20). A ascese consiste no trabalho ético que se efetua sobre si mesmo/a para ter acesso à verdade e o cuidado de si é a condição necessária que dará acesso a tal veridicção. Ora, ao ocupar a mente e o pensamento com o que é *justo, puro, amável* e de *boa fama*, o sujeito é transformado e modos de ser sujeito emergem. Temos aqui a *metanoia*, uma vez se ocupando com isso e transformando seu próprio modo de ser sujeito a partir disso, um modo de ser cristão é inaugurado.

Esse cuidado que o sujeito deve ter consigo é ensinado nos espaços religiosos. Assim, “o pertencimento a um grupo, a uma escola, [...] tudo nos remete às questões da condição de formação do sujeito para o acesso à verdade, pensada, porém em termos sociais, em termos de organização” (Foucault, 2006, p. 40). Desse modo, entende-se que o cuidado de si é uma prática que relaciona o sujeito “ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (Foucault, 2006, p. 71).

Ao abordar o cuidado de si presente no cristianismo, Foucault fala de um paradoxo em que o cuidado de si remete às práticas egoístas de amor-próprio em “contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo” (Foucault, 2014a, p. 262). O autor fala, ainda, da busca pela salvação como uma prática de cuidado de si. Na constante busca pela salvação, o indivíduo precisa conhecer a si mesmo, identificar suas limitações, as características que precisam ser transformadas para ter acesso à salvação. Nessa dinâmica de autoconhecimento, o indivíduo passa a cuidar de si para se manter em constante conversão, para não sucumbir aos prazeres pecaminosos, tendo em vista que uma das verdades divulgadas no cristianismo protestante é que o pecado afasta o homem de Deus (Bíblia, Isaías 59, 2). Desse modo, uma série de saberes que definem o que é ou não pecado é posta em prática e demanda ações do indivíduo sobre ele mesmo para que não se contamine e mantenha-se *puro*.

O autoconhecimento compõe o conceito de cuidar de si. Ambos produzem uma relação de complementaridade nos processos de autocondução em que o indivíduo opera

sobre si uma série de técnicas e práticas a fim de se constituir o sujeito da salvação cristã. Assim, “o cuidado de si tornou-se uma espécie de matriz do ascetismo cristão” (Foucault, 2006, p. 14) e configura-se como um caminho em direção a Deus, à verdade ou à virtude. Nessa concepção, conhecer-se é examinar-se a fim de identificar as faltas cometidas que o impendem de atingir a salvação e, então, no exercício de cuidar de si, aperfeiçoar-se e, assim, produzir-se um sujeito evangelizado.

O cuidado de si ocorre por meio de técnicas, práticas e exercícios – filosóficos e/ou espirituais – que o sujeito opera sobre si mesmo.

O princípio do cuidado de si foi formulado, convertido em uma série de fórmulas como “ocupar-se consigo mesmo”, “ter cuidados consigo”, “retirar-se em si mesmo”, “recolher-se em si”, “sentir prazer em si mesmo”, “buscar deleite somente em si”, “permanecer em companhia de si mesmo”, “ser amigo de si mesmo”, “estar em si como numa fortaleza”, “cuidar-se”, ou “prestar culto a si mesmo”, “respeitar-se” (Foucault, 2006, p. 16).

Embora Foucault (2006) afirme que o cuidado de si tem sempre um sentido produtivo, toda essa construção em torno de si próprio/a acabou por conceber esse conceito com caráter um tanto quanto egoísta e, por esse motivo, o cuidado de si acabou por se perder nas sombras ao longo da história. Entretanto, o autor chama seu reaparecimento de algo inteiramente diferente:

Essas regras austeras, cuja estrutura de códigos permaneceu idêntica, foram por nós reacimatadas, transportadas, transferidas para o interior de um contexto que é o de uma ética geral do não-egoísmo, seja sob a forma cristã de uma obrigação de renunciar a si, seja sob a forma “moderna” de uma obrigação para com os outros [...]. Portanto, todos estes temas, todos esses códigos do rigor moral, nascidos que foram no interior daquela paisagem tão fortemente marcada pela obrigação de ocupar-se consigo mesmo, vieram a ser assentados pelo cristianismo e pelo mundo moderno numa moral do não-egoísmo (Foucault, 2006, p. 17-18).

Transportar o cuidado de si para o contexto da ética implica cuidar de si próprio/a a partir de complexas relações com os/as outros/as. Logo, a noção egoísta do cuidado de si se perde. Para o filósofo, “uma cidade na qual todo mundo cuidasse de si adequadamente funcionaria bem e encontraria nisso o princípio ético de sua permanência” (Foucault, 2014b, p. 265). Ao cuidar de si, o indivíduo busca um constante aprimoramento de suas obrigações para consigo, com a sociedade e com o mundo.

A ética do cuidado de si se efetiva por meio de toda uma tecnologia do eu e a partir de um conjunto de práticas que o indivíduo coloca em funcionamento sobre seu corpo, sua mente e sua alma. Por ser um exercício de si consigo mesmo, no qual o indivíduo busca se transformar e se modificar, Foucault nomeia (2014, p. 193) essas transformações de “artes da existência”, e elas se efetivam por meio das práticas de si. De acordo com o estudioso, as

práticas que o sujeito opera sobre si mesmo também podem ser chamadas de “artes da existência”, uma vez que são “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens [e as mulheres] não somente se afixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (Foucault, 2018, p. 16).

Foucault (2006) afirma que a prática de si é uma formação do indivíduo, mas não de modo a prepará-lo para alguma profissão ou atividade social. Trata-se de prepará-lo para uma “atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural, à vida dos outros” (Foucault, 2006, p. 114). Entretanto, essa não é a única característica das práticas de si, estas também têm um elemento corretivo em que o indivíduo volta para si, se autoexamina e se corrige a fim de se tornar um ser outro.

[...] há um lado formador que é essencialmente vinculado à preparação do indivíduo, preparação porém não para determinada forma de profissão ou atividade social [...]. Trata-se, conseqüentemente, de montar um mecanismo de segurança, não de inculcar um saber técnico e profissional ligado a determinado tipo de atividade. [...] Esse aspecto formador, contudo, de modo algum é dissociável de um aspecto corretivo (Foucault, 2006, p. 115).

Retomando o trecho bíblico utilizado na abertura deste tópico, em que se prescreve ao/à outro/a: tudo o que *aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes [...] isso fazeis*, por se tratar de um ensinamento descrito na Bíblia (que é considerada como manual do/a cristão/ã), esse é um caráter formador do cuidado de si ensinado nos meios religiosos. O que Foucault está chamando de aspecto corretivo é o resultado do “exame de consciência” ou “exame da alma” que o indivíduo fará e que o levará à autocorreção de seus erros e maus hábitos. O exame, segundo Foucault (2020, p. 148), “é o sentimento que a alma experimenta a propósito do que ela faz ou do que ela vê”, é o escrutinar da alma para, então, identificar falhas e corrigi-las. Na prática de autocorreção, outra subjetividade é inaugurada, outro modo de ser passa a existir. Nos termos foucaultianos, tornamo-nos o que “nunca fomos, este é, penso eu, um dos mais fundamentais elementos ou temas desta prática de si” (Foucault, 2006, p. 117).

Nos meios religiosos cristãos, os/as jovens são ensinados/as e levados/as a se autoexaminarem a fim de identificar seus pecados. Em outra passagem bíblica, é dada a prescrição “Examine-se, pois, o homem a si mesmo” (Bíblia, I Coríntios 11, 22 ACF). Por se tratar de uma orientação bíblica, os/as cristãos/cristãs são incitados/as a segui-la fielmente, portanto, o autoexame é uma prática de si ensinada aos/às cristãos/cristãs. Por serem práticas ensinadas nas Células, que têm por objetivo evangelizar e produzir modos específicos de ser cristão/ã, o conceito de currículo também foi útil para analisar o modo como, a partir dos

ensinamentos divulgados no *Currículo da Célula Evangelizadora*, os/as jovens produzem a si mesmos/as.

3.1.2 *Currículo pós-crítico e o currículo da Célula: tramas de ordenamento, prescrição e liberdade*

[...] *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim* (Bíblia, João 14, 6 ACF).

O versículo utilizado na abertura deste subtópico é acionado nesta tese em um jogo que busca explorar o conceito de currículo, mostrando-o como um percurso que tem seus objetivos bem-delimitados e específicos. Etimologicamente, a palavra “currículo” vem do latim *curriculum* e significa pista de corrida (Tomaz Tadeu da Silva, 2005). Nesse sentido, Silva (2005, p. 15) afirma que “no curso dessa corrida que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos”. O curso dessa corrida constitui-se um *caminho* que é organizado em meio à relação de saber-poder que define os conhecimentos válidos naquele currículo como sendo *verdades*. Saber e poder operam juntos, constituindo uma relação em que poder e saber são diretamente implicados (Foucault, 2005). As disputas por quais saberes são autorizados e divulgados no currículo constituem-se como um exercício de poder, pois em tal processo alguns conhecimentos são selecionados, incluídos e outros são suprimidos, silenciados (Silva, 2005). Envolto nessa trama de conhecimento, saber e poder, o sujeito se constitui e diferentes modos de *vida* passam a existir. Nas palavras de Silva (2005, p. 15):

O conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade.

O currículo é, então, um *caminho* em que, por meio das *verdades* nele divulgadas, produzem-se diferentes modos de *vida*, uma vez que as verdades, o conhecimento e os saberes fabricados e divulgados no currículo produzem efeitos diretamente naquilo que somos. Diante disso, indaguei: como as verdades fabricadas e divulgadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* produzem efeitos no modo como os/as jovens conduzem suas vidas? Essa questão somente é possível porque reconheço o caráter produtivo do currículo e compreendo que um currículo está implicado em produzir modos de ser e estar no mundo. A produção de modos de vida é central no funcionamento do currículo. Trata-se de um artefato desejante, que anseia adestrar corpos por meio da incitação, da interdição, da condução, da prescrição. Ele quer ordenar, situar, implantar, nomear e, assim, dirigir a vida das pessoas.

Ao nomear as práticas que se desenvolvem em um grupo religioso de *Currículo da Célula*, tomo por referência o conceito de currículo na perspectiva pós-crítica. O currículo nessa visão é um campo de composições e experimentações, é um território de fabricação de significados, é um “espaço onde se concentram e se desdobram as lutas em torno de diferentes significados sobre o mundo social e sobre o político” (Silva, 2005, p. 99). O currículo é aqui compreendido como um discurso, isso porque, tal qual o discurso, “é espaço de produção e circulação de saberes variados, de conhecimento múltiplos, de perspectivas diversas” (Paraíso, 2010, p. 12). Assim como o currículo, o discurso é “uma prática com regularidades e tencionada por lutas, sobre o qual se exercem inúmeras operações de exclusão e controle” (Paraíso, 2007, p. 67). Para Foucault (1996), o discurso é uma prática social que se produz em meio a relações de poder.

Ao identificar o discurso como “prática que forma sistematicamente o objeto de que fala” (Foucault, 1996, p. 60), temos o caráter produtivo do discurso tal qual no conceito de currículo. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, nomeia-se o sujeito evangelizado como sendo aquele que se insere nas verdades daquele currículo, se governando e se deixando governar por elas. As verdades ali produzidas e em circulação são resultado das relações de saber-poder e estão em permanente disputa com outras verdades e outros currículos.

Assim, podemos dizer que currículo é também um território de lutas, um campo de disputas (Michael Apple, 2008; Michael Young, 2007). Disputam-se quais conteúdos, saberes e conhecimentos serão selecionados para compor aquele currículo. Essa seleção não é neutra ou desinteressada. Ela é feita considerando a produção do tipo de sujeito desejado pelo currículo.

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, articulam-se vários elementos heterogêneos, como saberes sobre a conduta cristã, verdades sobre o que é puro ou profano, ensinamentos sobre como ser um/a bom/boa cristão/a e ter acesso a Deus. Esses elementos, por sua vez, impõem uma racionalidade específica para a organização da vida de forma intencional, que governa os corpos nos espaços e nas ações. O currículo é constituído por um conjunto de ordenamentos resultante de uma seleção interessada dos conhecimentos que o compõem, que implicam sua composição e implantação, o que, por sua vez, mobiliza formas de ser, pensar e agir. Esses aspectos são escolhidos mediante critérios de seleção historicamente constituídos, ou seja, em meio a relações de poder (Silva, 2005).

A construção de um currículo ancora-se na produção de saberes e diz respeito aos modos de subjetivação dos indivíduos, porque “o que está em jogo em um currículo é a constituição de modos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo”

(Paraíso, 2010, p. 16). A vida daqueles/as que estão inseridos/as em determinado currículo é governada pelas verdades que nele produzem-se e divulgam-se. Considerando que a noção de governo em Foucault (2014a) refere-se à condução das condutas; governar implica organizar, planejar o campo de ação do/a outro/a e de si mesmo/a. É o modo como o poder se exerce sobre os indivíduos e que os torna sujeitos. É conduzir seus modos de vida, a fim de valorar determinadas ações e formas de ser. Em sua forma estrita, o governo nos dá ferramentas para analisarmos a articulação entre o sujeito e o currículo, que desencadeia processos pelos quais o sujeito é provocado a observar-se, a governar-se, a exercer sobre si certo domínio. Nesses processos, o sujeito “governará sua conduta, fixará a si mesmo finalidades e desenvolverá estratégias pelas quais exercerá suas ações, recorrendo a instrumentos dados em um campo no qual ele é livre e é o objetivo” (Nunes, 2021, p. 663).

Nesses termos, tomamos o *Currículo da Célula Evangelizadora* como instrumento de subjetivação dos/as jovens, que se insere em uma ordem pautada pelo governo das condutas. Afinal, o desejo de um currículo será sempre o de produzir algo e que essa produção ocorrerá por meio de ensinamentos e prescrições, permeados por verdades (Silva, 2005). No *Currículo da Célula Evangelizadora*, tais verdades estão relacionadas ao objetivo da evangelização de conduzir as pessoas por um caminho que as levará até Deus. Nesse percurso, a única possibilidade de ter acesso à verdade sobre Deus se confunde com o acesso à verdade de si.

Embora em um mesmo espaço possa haver vários currículos, cada currículo é único, pois “se conecta, de modos distintos, com tempos, espaços, saberes, culturas e pessoas” (Paraíso, 2010, p. 12). Compreendo que tempos, espaços e saberes que constituem o *Currículo da Célula Evangelizadora* se diferem de outros currículos. Entretanto, há algumas similitudes entre o *Currículo da Célula* e outros currículos de outros espaços. Essas semelhanças referem-se àquilo que caracteriza um currículo.

Um currículo é um composto heterogêneo, constituído por matérias díspares e de naturezas distintas; por saberes diversos e com capacidades variadas; por sentidos múltiplos e com inúmeras possibilidades. Um currículo está sempre cheio de ordenamentos, de linhas fixas, de corpos organizados, de identidades majoritárias. Porém um currículo, também, está sempre cheio de possibilidades de rompimento das linhas do ser; de contágios que podem nascer e se mover por caminhos insuspeitados; de construção de modos de vida que podem se desenvolver de formas particulares. Um currículo é um artefato com muitas possibilidades de diálogos com a vida; com diversas possibilidades de modos de vida, de povos e de seus desejos. É um artefato com um mundo a explorar. Afinal, mesmo sendo um espaço disciplinar, por excelência, muitas coisas podem acontecer em um currículo (Paraíso, 2009, p. 278).

Conforme Paraíso descreveu no texto acima, os diálogos com a *vida* são possibilidades de um currículo. Inspirado em Popkewitz (1999), André Favacho (2016, p. 489) o definiu como

[...] a forma pela qual dizemos a verdade sobre nós mesmos e sobre os outros. O currículo é, então, uma invenção moderna, uma maquinaria destinada a regular e disciplinar a vida dos indivíduos, que se inscreve entre nós de maneira sutil e tênue, tal qual uma necessidade geral e consensual que congrega formas seguras e visíveis de agir sobre o mundo e modificá-lo.

Assim, *caminho*, *verdade* e *vida* são marcas constitutivas do currículo, uma vez que o entendemos como um percurso no qual verdades são fabricadas e produzem efeitos na vida dos indivíduos. Trata-se de um território onde muitas coisas podem acontecer. Ali podem ser ensinados modos de vida, prescritas formas de se conduzir, demandada esta e/ou aquela posição de sujeito. Mas ali, também, os indivíduos podem ser ensinados sobre sua *liberdade*.

Como explicitado anteriormente, o currículo é regulador, padroniza e modela o indivíduo. Diante disso, ele parece inviabilizar práticas de liberdade para o sujeito. Ao abordar o cuidado de si, Foucault expõe a maneira de como se produzem práticas de liberdade, pois o cuidado de si é uma maneira de o indivíduo cultivar a si mesmo, desde sua parte exterior, ou seja, seu corpo e seus prazeres, mas também em uma perspectiva interna, cuidando da sua mente, conhecendo a verdade sobre si. Ao estudar a educação e as práticas de liberdade, Foucault (2014) afirma que não se deve imaginar liberdade como fazer o que bem entende, pois ser livre só é possível através do cuidado de si que comporta questões limitativas. Nesse processo, modos de existir vão sendo constituídos.

Em *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*, Foucault analisa a liberdade em relação aos prazeres. Liberdade é conceituada pelo autor como “estado que se tende a alcançar pelo exercício do domínio e pelo comedimento na prática dos prazeres” (Foucault, 2018, p. 93). A liberdade dos indivíduos “é o domínio que eles são capazes de exercer sobre si mesmos” (Foucault, 2018, p. 94). A liberdade de dominar a si mesmo/a e seus prazeres não é algo fácil, tampouco dispensa esforços. Foucault (2018, p. 97) recorre às explicações de Platão para refletir que nem todas as pessoas são capazes de “comandar suas feras interiores”. Os indivíduos precisarão aprender a exercer tal domínio. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, ao ensinar como o/a jovem deve cuidar de si, ensinam-se práticas de liberdade.

Sobre o modo como práticas de liberdade são ensinadas, Foucault (2018, p. 95-96) faz a seguinte observação

[...] essa liberdade é mais do que uma não escravidão, mais do que uma liberação que tornaria o indivíduo independente de qualquer coerção exterior ou interior; na sua forma plena e positiva, ela é poder que se exerce sobre si, no poder que se exerce

sobre os outros. Com efeito, aquele que, por status, se encontra situado sob autoridade dos outros não tem que esperar de si mesmo o princípio da sua temperança; basta-lhe obedecer às ordens e às prescrições que se lhe dá.

Nesse ponto, o governo de si é atravessado pelo governo do/a outro/a, pois será necessário um/a outro/a para ensinar que se pode ser livre dos prazeres da carne. Um currículo não se encarrega de ensinar somente as habilidades e os conhecimentos considerados adequados, mas também “os procedimentos que este sujeito deve ter na vida, como deve ser sua conduta, que tipo de pessoa deve ser” (Paraíso, 2016, p. 95). Assim, tal currículo convida o sujeito a observar-se e a reconhecer-se como um lugar de saber e de produção de verdade e é, então, a partir das experiências de cada indivíduo que novas subjetividades vão sendo forjadas.

Outro aspecto para se pensar em um currículo como prática de liberdade é o fato de que nele prescreve-se que o indivíduo tenha tempo para refletir sobre suas ações, com o/a outro/a e consigo mesmo/a. Pensar nele como prática de liberdade então é pensar na constituição de um ser mais reflexivo, alguém capaz de pensar em suas verdades e de se produzir em meio a forças interiores e exteriores. Um currículo como uma ferramenta do cuidado de si garante não só a produção e a circulação de saberes e verdades, mas também fabrica um ser livre, pois é alguém capaz de entender e de colocar em prática suas próprias potencialidades. Além disso, a subjetividade surge do ponto de contato entre as técnicas de governo do/a outro/a e as técnicas de si e, em meio a essas técnicas, o indivíduo tem certa liberdade para decidir dobrar sobre si, ou não, determinada conduta socialmente prescrita.

Outra forma de exercer a liberdade em um currículo é por meio da resistência. Um currículo é espaço de ordenamentos e prescrições, também é espaço de lutas e resistências. A liberdade ocorre nos pontos de resistência e também nas lutas, ela se encontra “nas resistências, nas lutas pontuais, nas lutas específicas, nas experiências, nos modos-de-vida-outros” (Sousa Filho, 2009). Para Foucault (2014a), a liberdade está à espreita. Ela segue fitando o poder, encarando-o, buscando formas de liberação das imposições postas por meio das relações de poder.

[...] em Foucault, **era a liberdade que olhava o poder**. E porque o olhava tão bem, em suas minúcias, em suas técnicas, em suas modalidades, ele foi capaz de indicar as formas-ensaios pelas quais a liberdade pode ser experiencial, experienciada: na duplicação da problemática política no campo do cuidado ético de si, campo do sujeito, da hermenêutica de si (Sousa Filho, 2007).

Na teoria foucaultiana, a liberdade emerge no duplo poder-resistência. Antes mesmo de falar sobre uma teoria da liberdade, o filósofo já fazia alusão à sua presença nas malhas do poder. Ao afirmar que “onde há poder, há resistência” (Foucault, 1985, p. 91), é possível dizer que a liberdade poderia ali ser experimentada. Se onde há poder, há resistência;

onde há resistência, há liberdade, pois a liberdade “é da ordem das resistências às sujeições dos diversos poderes. O poder, longe de impedir a liberdade, excita-a” (Sousa Filho, 2007). Com essa inspiração, propus-me pensar como o currículo constitui-se em um campo de saber permeado por jogos de poder e verdade e como os/as jovens se encontram nesse jogo e se produzem em meio a práticas que regulam, conduzem, governam, mas também possibilitam a liberdade de se governarem.

Desse modo, esta pesquisa se propôs a investigar as práticas que o/a jovem opera sobre si para se constituir sujeito. Para tanto, foram investigadas as práticas de si ensinadas no *Currículo da Célula evangelizadora* e como elas atuam no processo de subjetivação que faz emergirem modos de ser jovem. Assim, é possível dizer que um currículo não é composto apenas das técnicas de dominação que desejam governar a conduta dos/as jovens. Currículo é território em disputa, é campo de luta e também de práticas de liberdade.

3.1.3 *Juventudes e posições de sujeito*

Na presente tese, empreendi esforços em uma aproximação entre o referencial teórico dos estudos sobre juventude e o referencial foucaultiano, acionei o conceito de posições de sujeito de Foucault (2005) para dialogar com a categoria juventude e as múltiplas formas de ser jovem que Dayrell (2007), Leão (2011) e Spósito (2005) mencionaram em seus estudos. Compreendo que essa é uma articulação que guarda ressalvas, pois trata-se de autores/as de campos teóricos distintos. O primeiro ancora-se no campo da filosofia, e os/as demais desenvolvem seus estudos considerando a base teórica da sociologia. Entendo também que minha pesquisa apresenta argumentos e ferramentas teórico-metodológicas que dialogam mais com os estudos foucaultianos. Entretanto, reconheço que, em uma investigação sobre jovens cristãos/ãs, a categoria juventude torna-se central, portanto, os estudos sobre juventudes acrescentam robustez a esta pesquisa. Situando-me como pesquisadora em um programa de pós-graduação em educação na Universidade Federal de Minas Gerais, não poderia deixar de reconhecer as contribuições para os estudos sobre juventude desenvolvidos no Observatório da Juventude/UFMG (OJ). Além de ser um grupo que tem uma relevante produção acadêmica no campo, o OJ é um programa de pesquisa, extensão e ensino que “situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e

juventudes” (Observatório da Juventude).²⁷ Desse modo, ainda que conhecendo os desafios em tentar articular os estudos foucaultianos aos estudos sobre juventudes do OJ/UFMG, encarei tais desafios como parte do processo formativo de um doutoramento. Apresento, a seguir, como o conceito de juventudes, articulado ao conceito de posições de sujeito, ajuda a compreender a produção do/a jovem cristão/ã.

3.1.4 As juventudes e as posições de sujeito ocupadas pelos/as jovens cristãos/as

*Como pode o jovem
manter pura a sua conduta? [...]
(Bíblia, Salmos, 119, 9 NVI).*

*Alegre-se, jovem, na sua mocidade!
Seja feliz o seu coração
nos dias da sua juventude!
Siga por onde seu coração mandar,
até onde a sua vista alcançar [...] (Bíblia, Eclesiastes, 11, 9 NVI).*

*Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza.
(Bíblia, I Timóteo, 4, 12 NVI).*

*Jovens, eu escrevi a vocês,
porque são fortes,
e em vocês a Palavra de Deus permanece,
e vocês venceram o Maligno.
(Bíblia, I João, 2, 14 NVI).*

Hoje, no Brasil, muitas Igrejas protestantes utilizam versículos como os citados acima endereçando-os aos/às jovens. O primeiro, em que há um questionamento sobre como o/a jovem pode manter pura sua conduta, indica que manter-se puro é um exercício que cabe ao/a jovem realizar. Já o segundo refere-se a orientações dirigidas aos/às jovens para que sejam alegres e felizes, seguindo seu coração. Essa última orientação também reitera que os caminhos percorridos pela juventude devem partir de si própria, de suas escolhas, guiadas pelo coração. O terceiro e o quarto versículo descrevem os/as jovens cristãos/ãs como fortes, vencedores/as e exemplo para os/as demais. Utilizo esses versículos para discutir a temática das juventudes. A Igreja aciona textos bíblicos como esses para descrever um perfil de jovem cristão/ã. Entretanto, o conceito de juventudes que utilizo nesta pesquisa compreende que jovens são sujeitos plurais (Dayrell, 2007), havendo, portanto, diferentes formas de vivenciar

²⁷ Esta e outras informações sobre o OJ/UFMG podem ser consultadas em: Observatório da Juventude – UFMG. Acesso em: 17 maio 2023.

essa etapa da vida. Assim, é preciso reconhecer que “nem todos os sujeitos vivenciam da mesma maneira a experiência de ser jovem” (Prates; Garbin, 2019, p. 110). Ser jovem é experimentar diferentes modos de ser e estar, é criar trajetos e construir inúmeras possibilidades que “são igualmente constituídas por vivências múltiplas e oblíquas” (Reis; Dayrell, 2020, p. 3).

Por existirem diferentes formas de viver a juventude, Dayrell (2007) referiu-se à condição juvenil como um modo de significar, sob diferentes recortes, o ser jovem. Condição juvenil “refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir de diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc.” (Dayrell, 2007, p. 1108). As vivências experimentadas pelos/as jovens serão sempre marcadas pelas condições nas quais o indivíduo esteja inserido.

Ao se pensar no conceito de juventudes, é inevitável que também se pense sobre a idade que contempla essa fase. Entretanto, o recorte etário não é suficiente para discorrer sobre a população jovem. Desse modo, não podemos reduzir as juventudes à condição etária.

[...] não podemos enquadrar a juventude em critérios rígidos, como uma etapa com início e um fim predeterminados, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta. Devemos entender a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um (Gomes; Dayrell, 2004, p. 4).

As discussões mais amplas, que concebem a juventude como categoria analítica, extrapolam a questão etária. Nesse sentido, é importante que, nas pesquisas sobre elas, o meio social no qual o/a jovem está inserido seja levado em consideração como meio constitutivo do sujeito jovem e ainda como espaço para a vivência dos múltiplos modos de ser jovem.

A juventude, como categoria de análise, é uma construção histórica e social na qual se cruzam as diversas posições sociais ocupadas pelos sujeitos e seu grupo de origem, as representações sociais dominantes em um dado contexto, as culturas juvenis, as experiências e as práticas produzidas pelos jovens. Não se pode, portanto, falar de uma juventude universal, mas em jovens que vivem e compartilham experiências a partir de contextos sociais específicos. O conceito de condição juvenil é importante para se compreender os jovens a partir de sua posição na estrutura social, mas também a partir dos elementos comuns à experiência juvenil nas sociedades contemporâneas, do modo como essa sociedade representa e desenvolve políticas e ações voltadas a eles (Leão, 2011, p. 101-102).

Alguns/algumas pesquisadores/as argumentam que são múltiplas as possibilidades de se vivenciar essa etapa da vida (Dayrell, 2007; Leão, 2011; Sposito, 2005). Para Leão (2011, p. 99), “quando se trata da juventude, todos os especialistas na área são unânimes em afirmar a diversidade de experiências e práticas sociais que configuram o modo de ser jovem na contemporaneidade”. A trajetória juvenil não é marcada por uma linha estática e única. Ao

contrário disso, “a existência contemporânea se move pelas contingências, em um emaranhado de traços interseccionados” (Reis; Dayrell, 2020, p. 2). As vivências religiosas fazem parte dessas experiências e atuam de modo específico na configuração de modos de ser jovem.

Para a sociologia, o que configura ser jovem está relacionado às experiências e aos contextos em que os indivíduos estão inseridos/as. Essas vivências podem ser diversas e resultam em uma multiplicidade de modos de ser jovem. Já nos estudos de Foucault, “um único e mesmo indivíduo pode ocupar [...] diferentes posições [de sujeito]” (Foucault, 2008, p. 105). Essas posições se definem pela “situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. Elas também se definem pela relação a uma “rede de informações” disponíveis para ele em um dado momento (Foucault, 2008, p. 58).

Uma posição de sujeito não se trata de um lugar físico a ser ocupado. De acordo com Ercília Cazarin (2005), trata-se de um “lugar social” que é historicamente constituído no discurso. Para Foucault (2008), essas posições não preexistem ao discurso; nele elas se produzem e podem ser apreendidas. Um discurso pode disponibilizar diferentes posições de sujeito. Além disso, “também no interior de uma posição-sujeito há espaço para a contradição, própria de todo discurso. No entanto, essa contradição não é marcada pela divergência, e sim pela diferença possível em seu interior” (Cazarin, 2005, p. 5-6). Posição de sujeito é, portanto, uma produção discursiva que pode ser ocupada por um sujeito do discurso.

Diferentemente do sujeito do discurso de Michel Foucault, a sociologia situa o/a jovem como um sujeito social, que nesta pesquisa é o sujeito empírico, ou seja, o/a jovem que teve suas práticas investigadas. Sujeito discursivo e sujeito empírico são mutuamente constituídos, interdependentes e complementares, e não excludentes ou antagônicos. De acordo com Evandra Grigolletto (2005), ao se identificar com determinados saberes, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva e passa a ocupar, não mais o lugar de sujeito empírico, mas sim o de sujeito do discurso. Grigolletto (2005, p. 5), afirma, ainda, que

[...] a passagem para o espaço teórico, no nosso caso, para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social [...], vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica.

Pode-se dizer que, no deslocamento do lugar empírico para o discursivo, o sujeito já é tomado como discursivo que pode, então, ocupar posições de sujeito. Nesse sentido, na medida em que o/a jovem vivencia as experiências que a condição juvenil proporciona, posições de sujeito vão sendo ocupadas, subjetividades são inauguradas e modos de ser jovem são produzidos. Empenhada em compreender como os/as jovens se produzem, vimos, em Foucault (2014), que o indivíduo se torna sujeito a partir de uma série de exercícios de

governo do/a outro/a, interligados ao modo como cada um/a opera sobre si mesmo/a práticas de autogoverno. Refletindo na produção do sujeito jovem, Reis e Dayrell (2020) afirmam que, no processo de produzir a si próprio/a, elementos de socialização e individuação se misturam, formando um amálgama que dará origem a modos específicos de ser jovem. Embora Reis e Dayrell não discutam a produção da juventude em uma perspectiva foucaultiana, autora e autor apresentam em seu texto como os/as jovens são produzidos na relação com o/a outro/a e na relação consigo mesmo/a. Essa trama que envolve socialização e individuação é descrita como “o trabalho pessoal de cada indivíduo em responder aos desafios, vivenciar processos socializadores e fabricar-se como sujeito” (Reis; Dayrell, 2020, p. 12).

Seguindo na esteira de pensar, como a sociologia, nas múltiplas formas de ser jovem ou, como Foucault (2005), nas diferentes posições de sujeito que podem ser ocupadas pelo sujeito jovem, proponho-me a refletir na produção juvenil também no ciberespaço. Nos dias atuais, é inevitável reconhecer a internet e sua dimensão produtora de modos de vida. Em função do avanço tecnológico, vivemos uma realidade “marcada por mudanças acentuadas em diferentes setores da sociedade, da vida em sociedade, impulsionando a emergência de novos paradigmas, modelos, processos de comunicação, formas de se relacionar, de ser e de estar no mundo” (Schlemmer; Di Felice; Serra, 2020, p. 11). De acordo com Reis e Dayrell (2020, p. 13), “emblemática por seu caráter plurifacetado, a internet como espaço de vivências pode ser caracterizada por uma trama sociocultural, material, simbólica e imaginária”. Eu me aproprio do termo ciberespaço para me referir a um território que abarca a imensidão de possibilidades que a internet representa, junto à conexão das pessoas com os artefatos tecnológicos.

Shirlei Sales (2010, p. 51) afirma que a “juventude é vivida em termos de sua estreita relação com a cibercultura”. Ainda segundo a autora, uma parcela considerável de jovens fica imersa no ciberespaço, de modo que “as tecnologias digitais e as mídias estão construindo um novo tipo de subjetividade por meio dos nexos entre os textos lá produzidos e a cultura juvenil” (Sales, 2010, p. 51). Assim, é possível ponderar que as práticas que se desenvolvem no ciberespaço são constitutivas dos modos de ser jovem. “O termo [ciberespaço] específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Lévy, 1999, p. 17). Conectada a outras instâncias como família, escola, igreja, a web, ou seja, o ciberespaço, tem uma dimensão socializadora das juventudes (Reis; Dayrell, 2020).

Parece que quanto mais nova é a geração, maior habilidade existe no manuseio de artefatos tecnológicos digitais. Os/as jovens, de modo geral, demonstram muita habilidade

com as tecnologias digitais, e isso contribuiu fortemente no processo de expansão do uso das redes. De acordo com Sales (2010, p. 37), “a juventude é um ícone nesse processo. É ela que interage crescentemente com as tecnologias e, nessa mistura, se produz, orienta seu comportamento, conduz a própria existência”. Desde que Pierre Lévy conceituou o ciberespaço, esse campo onde ocorrem relações mediadas pelas tecnologias digitais, outros termos vêm sendo criados, sobretudo porque alguns/algumas autores/as discutem o apagamento das fronteiras que separam a vida online e a offline (Sibilia, 2008).

Para se referirem ao apagamento da fronteira on-offline, Schlemmer, Di Felice e Serra (2020, p. 11) afirmam que estamos em uma “conexão planetária” em que tudo conecta-se à rede. Para as autoras, “estamos em movimento, muitas vezes simultâneo, num hibridismo de espaços (lugares), momentos (tempo), tecnologias, formas de se fazer presente e culturas”. Nesse movimento, o mundo digital vai se hibridizando com os diferentes modos de vida. Pelúcio (2005) argumenta que espaços online e offline não são compartimentados, mas estão imbricados. Reis e Dayrell (2020) defendem que, além das imbricações, existe uma “contaminação recíproca” em ambos os territórios. O que esses/as autores/as estão argumentando é que não é mais possível separar o online do offline. Luciano Floridi e o grupo de pesquisa coordenado por ele e organizado pela DG Connect²⁸ criaram o neologismo *onlife* para “se referir à nova experiência de uma realidade hiperconectada dentro do que já não é sensato perguntar se uma pessoa pode estar online ou offline” (Floridi, 2015, p. 2).

O filósofo italiano entende que tendemos a viver uma experiência híbrida, que ele chama de *onlife*, que não é nem propriamente online nem offline, mas uma mistura dos dois. Ele compara essa nova experiência com a água salobra percebida no encontro do rio com o mar, que mistura de modo indistinto água doce com salgada. As ideias de Floridi e do grupo de pesquisa acerca das relações humanas com as tecnologias digitais foram explanadas em um livro intitulado *The onlife manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*²⁹. Nele, discutem-se as tecnologias digitais³⁰ e a hiperconectividade – não como ferramentas, mas como forças ambientais que estão transformando, entre outras coisas, quem somos e como socializamos (Floridi, 2015).

Convencido de que as tecnologias digitais não são meras ferramentas, o autor apresenta em seu livro quatro campos da existência humana que vêm sendo modificados pela

²⁸ DG Connect manages The Digital Agenda of the EU. For further information see <http://ec.europa.eu/digital-agenda/en/inaugural-event>. Acesso em: 12 out. 2021.

²⁹ *O manifesto onlife: ser humano em uma era hiperconectada*. Até o momento, o livro não tem edição em português, somente em inglês.

³⁰ Os/as autores utilizam o termo TICS e TDIC.

relação que se estabelece entre humano e tecnologias digitais “1. nossa autoconcepção (quem somos); 2. nossas interações mútuas (como socializamos); 3. nossa concepção de realidade (nossa metafísica); e 4. nossas interações com a realidade (nossa agência)” (Floridi, 2015, p. 2, tradução minha). O autor segue explicando que os impactos gerados pela relação das pessoas com as tecnologias digitais produziram algumas transformações, organizadas por ele da seguinte forma:

a. o borrão da distinção entre realidade e virtualidade; b. a indefinição da distinção entre humano, máquina e natureza; c. a reversão da escassez de informações para a abundância de informações; e d. a mudança da primazia de coisas independentes, propriedades e relações binárias, para a primazia das interações, processos e redes (Floridi, 2015, p. 3, tradução minha).

Os estudos de Floridi e do respectivo grupo de pesquisa mostram que nossa relação com as tecnologias produz efeitos que geram transformações. Entre elas, está a dissolução das fronteiras online-offline e humano-máquina. Desse modo, por meio de artefatos tecnológicos diversos como smartphone, notebooks, tablets, bancos digitais e outros serviços mediados pelas tecnologias, vivemos hoje imersos em uma cultura cada vez mais digital. As vivências religiosas também se tornaram *onlife*, estão cada vez mais presentes no ciberespaço e atuam no modo como os/as jovens se conduzem.

Os artefatos tecnológicos deixaram de ser apenas máquinas sendo operadas de acordo com instruções humanas. Dados e informações estão cada vez mais acessíveis e direcionáveis. E, nesse universo de hiperconexões, as juventudes contemporâneas estão cada vez mais conectadas. Considerando a teoria do *onlife*, é possível perceber um hibridismo também do modo como os/as jovens vivenciam as experiências da condição juvenil e como se conduzem a partir delas.

3.2 Metodologia

*A gente anda inseguro
Construindo muros no chão
Arquitetando no escuro nossa direção
[...].³¹*

Pensar nos percursos metodológicos de uma pesquisa é sempre um momento de muita insegurança e incerteza. De certa forma, é uma arquitetura no escuro, a partir do que imaginamos do campo, dos sujeitos, da pesquisa. Contraditoriamente, uma metodologia é

³¹ Fragmento da música “Lua Cheia”, da cantora Sandy.

também um ponto de ancoragem para aquele/a que se aventura nas ondas flutuantes da investigação. As composições teórico-metodológicas são uma arquitetura permanentemente desenhada e redesenhada ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Durante o percurso de construção da metodologia, muitas vezes nos percebemos tateando no escuro. Sentimos medo de errar em nossas escolhas. Ficamos angustiados/as. Nós nos vemos diante do dilema de criar experimentações que às vezes não funcionam e somos desafiados/as a mudar, a reconstruir, a recomeçar. Apesar disso, como postulou Veiga-Neto (2009, p. 89), a metodologia é como um “caminho que é construído durante o ato de caminhar”. Uma espécie de muro necessária para nos firmar, nos fortalecer. Ele delinea, cerca e circunscreve a pesquisa. O muro é estático e firme. Em uma perspectiva pós-crítica, o muro, no entanto, precisa ser substituído por algo mais flexível e dinâmico, menos rígido, mas que ainda assim cumpra o papel de circunscrever as possibilidades analíticas de um problema específico. Então, a metodologia de pesquisa é aqui redesenhada, em uma nova arquitetura, inspirada em uma cerca viva.

O que conduz sua arquitetura é o problema para ser investigado (Meyer; Paraíso, 2012). O problema que conduziu a investigação aqui relatada consistiu em indagar *como os/as jovens produzem a si mesmos/as no Currículo da Célula Evangelizadora?* Essa problemática suscitou outros questionamentos acerca da produção juvenil. Um deles era saber quais práticas de si eram ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Também interessou saber por meio de quais jogos de verdades algumas condutas foram prescritas como sendo a conduta do/a jovem cristão/ã. O modo como essas condutas eram ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* também se constituiu como outra questão a ser investigada. Após a definição do problema e dos questionamentos que moveram a pesquisa, fui impelida à construção de uma metodologia capaz de me conduzir na investigação (Paraíso, 2012) ao longo da pesquisa. Essa escolha se assemelha à construção de uma cerca viva, cujos resultados não dependiam apenas das ferramentas selecionadas. Ela ganhou robustez quando ferramentas e campo foram imbricados e iniciou-se a construção de uma *Cerca viva metodológica*.

A construção de uma cerca viva envolve alguns passos fundamentais³², que descrevo a seguir fazendo relação com os passos da metodologia construída para a realização da investigação que resultou na presente tese de doutorado. O primeiro passo para o cultivo de uma cerca viva é selecionar cuidadosamente a espécie a ser plantada, pois “cada uma delas

³² Os procedimentos sobre como construir uma cerca viva foram estudados em: <https://sitiodamata.com.br/blog/cercas-vivas/como-criar-uma-cerca-viva-em-6-passos/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

tem suas peculiaridades que devem ser consideradas antes de adquirir a muda, como: altura a que pode chegar, espécie, diâmetro de seu tronco, flores, frutos, espinhos, tempo de crescimento, entre outros aspectos”³³. A muda é o estágio inicial da planta. Cada espécie demandará uma forma específica de cultivo. Na cerca viva metodológica, essa etapa consiste na elaboração do problema de pesquisa, porque sua construção exige atenção a alguns aspectos e sua composição indicará todo o cuidado necessário para que a pesquisa se desenvolva, como, por exemplo, qual aporte teórico-metodológico será necessário acionar.

Segundo Antônio Carlos Gil (1991), existem algumas condições que auxiliam no processo de formulação do problema de pesquisa. Para o autor, antes de tudo, é preciso compreender as razões pelas quais se deseja investigar determinada temática. Entre as razões citadas pelo autor, estão “avaliação de certas ações ou programas [...], o interesse prático [...], razões de ordem intelectual [...], testar uma teoria específica [...] interessar-se pela descrição de determinado fenômeno” (Gil, 1991, p. 25). Ao desejar investigar como os/as jovens produzem a si mesmos/as no *Currículo da Célula Evangelizadora*, fui motivada por razões intelectuais, que, para Gil (1991), estão relacionadas ao interesse em entender um objeto pouco conhecido.

Ainda seguindo os passos de Gil (1991) sobre a elaboração do problema de pesquisa, algumas etapas precisam ser acionadas pelo/a pesquisador/a antes mesmo de sua construção. Entre elas estão a imersão na temática envolvendo o objeto de estudo e o estudo da literatura existente. Essa etapa foi iniciada ainda no primeiro ano do doutorado ao cursar as disciplinas relacionadas ao tema e realizar leitura de autores/as que discutem a produção da subjetividade, o currículo e a religião protestante e seguem sendo desenvolvidas até o presente momento.

Para chegar à literatura existente sobre a temática, fiz uma pesquisa no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) para me informar sobre como a temática estava sendo tratada nas teses e dissertações no Brasil, utilizando um recorte temporal de dez anos. Imbuída pelo interesse de investigar como os/as jovens se produzem no *Currículo da Célula Evangelizadora*, comecei buscando trabalhos que de algum modo discutiam a produção de si. Para tanto, utilizei os termos “técnicas de si”, “jovem”. Essa busca apresentou alguns problemas, pois a imprecisão do termo “técnicas” gerou a localização de um volume muito grande de pesquisas – 580 no total, porém relacionados às técnicas de

³³ Informações sobre a seleção da espécie de cerca-viva ideal para o plantio podem ser consultadas em: <https://www.ibflorestas.org.br/conteudo/plantas-para-cerca-viva>. Acesso em: 10 out. 2022.

trabalho, muitos deles ligados à ciência. Alterei os termos para “práticas de si” e “jovem” e localizei 32 trabalhos.

Desses trabalhos, selecionei aqueles que demonstravam alguma relação com o objetivo da pesquisa, considerando as informações contidas no título das pesquisas, descartando aquelas em que era possível identificar se tratar de assunto totalmente diferente dos que eu pretendia investigar. Desse modo, os títulos que indicavam tratar de cuidados físicos na área da saúde foram descartados. Após essa filtragem, foram selecionadas três pesquisas. Na primeira delas, a dissertação de mestrado de Joseane Chinkevicz (2014), a autora buscou investigar a percepção que os/as jovens têm de si e de suas identidades, mas não abordou a questão da produção de si. A segunda pesquisa localizada é uma tese de doutorado defendida por Michelli Ghiggi (2016) e buscou investigar a condução da conduta do/a outro/a e de si a partir do dispositivo do esporte. Já o terceiro trabalho encontrado foi uma dissertação de Andressa Fantoni (2017) e referia-se a como os/as jovens representam a si mesmos/as no Instagram. Nenhum dos trabalhos localizados fez qualquer abordagem sobre a produção de si em Células evangelizadoras.

Continuei a busca, agora utilizando a palavra “evangelização”, por entender que este é um tema mais amplo e resultaria num número maior de pesquisas localizadas. Foi exatamente o que aconteceu. Apareceram na busca 226 pesquisas, sendo 169 dissertações e 57 teses. Dei início à leitura de todos os títulos, descartando aqueles que ali identificava tratarem da evangelização não protestante, uma vez que os objetivos da pesquisa se relacionam diretamente com as práticas evangelizadoras protestantes. Restaram 33 trabalhos em que não foi possível identificar no título se eram ou não referentes às práticas protestantes. Passei, então, à leitura dos resumos dessas pesquisas.

Nessa etapa, além dos trabalhos sobre evangelização não protestante, também foram descartados aqueles que não dialogavam com as outras temáticas que abarcam a pesquisa, a saber: juventudes, evangelização celular ou evangelização no ciberespaço. Restaram 15 pesquisas, sendo 10 sobre práticas evangelizadoras e 5 sobre a ciberevangelização. Entre as pesquisas sobre evangelização, 9 delas eram sobre as práticas que se desenvolviam dentro das Igrejas e apenas uma pesquisa fez referência à evangelização celular. Intitulada *As práticas educativas neopentecostais na periferia: um estudo de caso* (Machado, 2015), a tese de doutorado buscou investigar as práticas educativas que ocorrem em uma igreja neopentecostal, no culto e na Célula. Entretanto, não era objetivo da pesquisa investigar como o/a jovem produz a si mesmo/a no *Currículo da Célula Evangelizadora*.

Acrescentei a palavra “Célula” na busca e apenas o estudo desenvolvido por Machado (2015) apareceu novamente. Utilizando os descritores “Célula evangélica”, dos 149 resultados, apenas três eram de fato sobre Célula evangelizadora. *A Visão Celular no Governo dos 12: estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008*, de Eliane Andrade (2010), é um estudo sobre a origem das Células, porém, o trabalho não faz nenhuma abordagem às categorias juventude, currículo, práticas de si. Já o trabalho de Andreciliana Miranda (2018), *Igreja em Células: a restauração da Igreja de atos*, faz referência à Igreja em Célula. Um estudo bastante interessante, pois nos ajuda a compreender como surgiram as Células, porém a pesquisa da autora não dialoga com juventudes, currículo ou práticas de si. Já a pesquisa de Dalvani Fernandes (2016), *Célula da rima: a conformação simbólica do espaço na relação hip-hop e Religião*, faz um diálogo direto com jovens em contexto de Célula evangelizadora. Entretanto, as práticas de si e evangelização como ferramenta de condução da conduta não compõem o foco do estudo do autor.

Utilizando conjuntamente as palavras “Evangelização” e “Internet” apareceram 15 trabalhos. Utilizei o mesmo critério de analisar pelos títulos e descartar aqueles que não se referiam à evangelização protestante. Selecionei 4 pesquisas: 3 dissertações e 1 tese. *A internet a serviço da evangelização*, de Adilson Ulprist (2011), refere-se à internet como instrumento de comunicação acionado pela Igreja para levar a mensagem de Cristo aos/às fiéis. O trabalho de Rubem Ferreira Maria (2012), *Evangelização ou mercantilização da fé? Cotejamentos entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia*, trata do uso das mídias televisivas e da internet como espetacularização da religiosidade. Enquanto a pesquisa *Religião virtualizada: a oferta de bens simbólicos no percurso da religiosidade na internet*, de Mariano Vicente da Silva Filho (2011), apresenta uma investigação sobre o que ele chama de religião virtualizada, porém, da Igreja Católica. A tese de Cleto Junior Pinto de Abreu (2021), intitulada *Os pobres, os públicos e o reino de Deus: uma sociologia do engajamento de organizações evangélicas na arena dos direitos sociais*, analisou o modo como grupos protestantes se engajam em atividades de enfrentamento dos efeitos da pobreza. Como parte dos dados analisados pelo autor foram coletados da internet, a tese apareceu na minha busca.

Embora não haja diálogo direto entre a presente pesquisa e as encontradas na busca no site do IBICT, os trabalhos localizados apresentam uma discussão que aqui também é defendida sobre a potência que há na ciberevangelização enquanto estratégia da evangelização. Em todos os trabalhos enfatizou-se que expandir a evangelização para o

ciberespaço tem sido uma maneira de alcançar um número maior de fiéis em diferentes denominações protestantes.

Como nenhum dos trabalhos localizados se relacionava diretamente com a temática juventudes, iniciei uma nova busca utilizando as palavras “Evangelização” e “Juventudes” e foram localizados 8 trabalhos. Porém, apenas 3 não haviam surgido nas buscas anteriores. Dois deles, os trabalhos de Sena (2011) e Barreto (2018), eram sobre o consumo de música por jovens cristãos/as. Já a pesquisa de Prates (2014) era sobre culturas juvenis na igreja Assembleia de Deus. Nenhum dos trabalhos localizados tratava da produção da subjetividade juvenil a partir das experiências com os grupos de Células e a ciberevangelização, portanto se diferem da presente tese.

Realizei, também, um levantamento no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd³⁴), buscando trabalhos com os termos “Currículo”, “Juventudes”, “evangelização” e “ciberevangelização”, com um recorte temporal de aproximadamente dez anos³⁵. No Grupo de Trabalho “Currículo” (GT-12), não encontrei qualquer estudo em que os termos estivessem correlacionados. No Grupo de Trabalho “Filosofia da educação” (GT-17), realizei a busca considerando os termos “práticas e cuidado de si” e localizei apenas um trabalho. Intitulado *O ‘Cuidado de si’ como articulador de uma nova relação entre filosofia, educação e espiritualidade: uma agenda de pesquisa foucaultiana*, o artigo traz uma problematização das condições de formação do sujeito. O autor refere-se a um interdito no campo pedagógico em discutir os modos pelos quais os sujeitos exercem o governo de si e se constituem por meio de práticas e exercícios sobre si (Freitas, 2009). No entanto, no texto de Freitas, não há nenhuma relação entre a produção de si e as práticas de evangelização, tampouco os grupos de Células ou as juventudes compõem as temáticas de seu trabalho. Também realizei a busca no grupo de trabalho “Movimentos Sociais, sujeitos e processos educativos” GT (03) e, mais uma vez, nenhum trabalho relacionado à temática desta pesquisa foi localizado.

Embora tenham sido localizados poucos trabalhos acadêmicos que se propusessem a investigar a produção de subjetividades juvenis a partir das experiências do sujeito consigo mesmo, tal temática é bastante importante, pois, conforme mencionado anteriormente, nos ajuda a refletir nas práticas que o indivíduo opera sobre si mesmo e na sua relação com as práticas que desejam subjetivá-los. Há nas produções acadêmicas um acervo

³⁴ Disponível em: <http://39.reuniao.anped.org.br/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

³⁵ O levantamento considerou as publicações a partir da 29ª Reunião, em 2006, até a 39ª Reunião, em 2019.

considerável de pesquisas que analisam a produção do sujeito a partir dos discursos que desejam subjetivá-lo. Embora o cuidado de si seja algo tão potente, Foucault falou do seu apagamento no pensamento filosófico durante a modernidade. Esse apagamento também é sentido nas pesquisas acadêmicas nos dias de hoje, sobretudo nas pesquisas em educação. Porém, é preciso conduzir o olhar para esse aspecto na produção do sujeito e foi por esse caminho que a pesquisa aqui apresentada enveredou.

O segundo passo para a construção da cerca viva é definir o terreno onde ela será cultivada. Essa é uma etapa importante no seu cultivo, pois é necessário garantir que o espaço selecionado seja adequado para o plantio. Na cerca viva metodológica, essa etapa consistiu na escolha de qual grupo investigar, e mais uma vez o problema de pesquisa orientou essa decisão. Para investigar como os/as jovens produzem a si mesmos/as, foi necessário garantir que a investigação ocorresse em um local ocupado por jovens. A segunda parte do problema já indicava que o interesse era investigar a produção da subjetividade juvenil em um território específico, que nomeei de *Currículo da Célula Evangelizadora*. Desse modo, ficou definido que a pesquisa aconteceria em uma Célula jovem. Por considerar a relação dos/as jovens com as tecnologias digitais, o estudo também se deu em uma página do Instagram, onde jovens da Célula interagem sobre assuntos relacionados à evangelização celular. Para isso, foi necessário criar uma metodologia utilizando diferentes ferramentas e todas elas estão descritas e detalhadas nos respectivos procedimentos metodológicos.

O terceiro passo para o plantio de uma cerca viva é preparar a terra. Os cuidados com a terra são a garantia para que a cerca se desenvolva. Na cerca viva metodológica, o preparo do solo é um movimento contínuo que se inicia com a ampliação do “vocabulário teórico-metodológico” (Paraíso, 2012, p. 24). Preparar a terra está relacionado ao movimento de preparar o/a próprio/a pesquisador/a para o campo de pesquisa. Desse modo, o/a pesquisador/a precisa estar amparado/a em um referencial teórico capaz de auxiliá-lo/a desde a formulação do problema até as análises do material empírico. Assim como um solo fértil permitirá o bom desenvolvimento da cerca viva, um solo teórico-metodológico robusto produzirá condições para que o/a pesquisador/a enxergue os fenômenos e seja capaz de analisá-los. Essa etapa, no entanto, iniciou-se durante a formulação do problema e segue sendo realizada até o momento de finalizar a pesquisa. Preparar a terra exige um estudo contínuo em que o/a pesquisador/a é, ao mesmo tempo, a terra e o/a cultivador/a. Exige leitura e muito esforço, características necessárias “tanto para conhecermos bem nosso objeto como para conhecermos nossas ‘filiações teóricas’ e a potência dos conceitos e ferramentas com os quais vamos trabalhar” (Paraíso, 2012, p. 35).

O quarto passo para o cultivo da cerca viva consiste em escolher as ferramentas que serão utilizadas durante o plantio. Já foi selecionada a espécie/elaboração do problema de pesquisa. Já se tem o terreno/grupo a ser investigado. Já foi preparado o solo/ampliação do vocabulário teórico metodológico. Agora, precisa-se escolher bem os instrumentos que auxiliarão na empreitada. Pá, enxada, tesoura de poda, escardilho, luva de jardinagem, borrifador, entre tantos outros instrumentos sem os quais é impossível realizar o plantio. É uma escolha cuidadosa que precisa levar em conta o tipo de planta e suas características específicas, bem como o tipo do solo que se tem. Na cerca viva metodológica, essa etapa consiste no momento em que o/a pesquisador/a decide quais ferramentas irão auxiliá-lo/a durante a investigação. Metodologicamente, ele/a precisa “construir percursos, estratégias e procedimentos” (Meyer; Paraíso, 2012, p. 20) que permitam responder às questões de pesquisa. Isso demanda que o/a pesquisador/a analise em cada vertente metodológica as ferramentas que melhor lhe servirão, fazendo a seleção delas.

Assim é a pesquisa. Escolhem-se algumas ferramentas esperando obter certos resultados. Mas a pesquisa é viva e pode nos surpreender. Para investigar como os/as jovens produzem a si mesmos/as em um currículo específico, foi necessário pensar em ferramentas que auxiliassem na busca por respostas que indicam como ocorre essa produção. Respostas essas que jamais se inscrevem como verdades absolutas, pois partimos do pressuposto de que “a verdade é uma invenção, uma criação. Não existe a ‘verdade’, mas, sim, ‘regimes de verdade’, isto é, discursos que funcionam na sociedade como verdadeiros” (Paraíso, 2012, p. 27). A cerca é viva. Desse modo, busquei em diferentes vertentes metodológicas as ferramentas que mais se encaixavam na busca pelas respostas que me propus a encontrar. Observação e entrevistas foram as ferramentas selecionadas. Tais instrumentos foram capturados de algumas metodologias de pesquisas, a saber a etnografia e a netnografia. Por esse motivo, não defino a pesquisa aqui apresentada como especificamente uma pesquisa etno ou netnográfica, mas sim uma pesquisa que articulou elementos dessas vertentes metodológicas na composição de uma cerca viva. A articulação dos diferentes instrumentos compõe o arranjo metodológico da pesquisa pós-crítica. Nessa organização, compreende-se que “não temos uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos [...]. Usamos tudo aquilo que nos serve, que serve aos nossos estudos, que serve para nos informarmos sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo de novo seja produzido” (Paraíso, 2012, p. 33).

Após selecionar a planta, escolher o terreno, preparar a terra e selecionar as ferramentas para realizar o plantio da cerca viva, chegou a hora de plantar! Na pesquisa, após

formular as questões, fiz a seleção do método que melhor se aplica a elas, preparei o solo teórico-metodológico e realizei a escolha das ferramentas que conduzem no desenvolvimento da pesquisa. Cultivada a cerca viva metodológica, fui a campo e lá permaneci entre novembro de 2021 até março de 2022. Durante esse tempo, alguns ajustes foram realizados. Na metáfora da cerca viva, trata-se da manutenção da cerca. Foi possível ver o que deu certo e corrigir o que não funcionou. A metodologia passou pela fase da manutenção, adaptações e ajustes, em um processo permanente de avaliação das decisões tomadas, sempre com o foco no problema de pesquisa (Meyer; Paraíso, 2012).

Ao relacionar as etapas de construção de uma cerca viva com a metodologia de pesquisa, meu objetivo foi mostrar como a construção da metodologia também é um organismo vivo e, como tal, pode exigir alterações ao longo do percurso. Neste tópico, guiada pelo problema de pesquisa, apresentei a arquitetura do plantio da cerca viva que deu origem aos percursos metodológicos para a pesquisa. A seguir, apresento a descrição das metodologias de onde foram selecionadas as ferramentas utilizadas, seguidas dos procedimentos de realização da investigação e do corpus da pesquisa.

3.2.1 Sobre as escolhas metodológicas ou o cultivo de uma cerca viva

Conforme dito anteriormente, a escolha da metodologia se orienta pelo problema de pesquisa. As pesquisas pós-críticas são pautadas pelo movimento que combina os efeitos de diferentes correntes, associados a invenções de outras práticas, ou, conforme descrito por Meyer e Paraíso (2012, p. 17), esse é o movimento de “rever tradições e de experimentar outros pensamentos”. A partir do problema de pesquisa, como forma de começar a construir uma cerca viva metodológica, que se tornou o caminho da pesquisa, lancei mão de elementos metodológicos diversos. Com isso, compus um arranjo capaz de orientar a investigação das questões suscitadas. Desse modo, ao construir a cerca viva metodológica, analisei o que realmente importa, descartando em cada corrente o que não auxilia na resolução do problema de pesquisa, refletindo e avaliando as escolhas feitas, revisando, ampliando, recortando e assim criando um caminho ou percurso mais assertivo. Neste tópico, o objetivo é descrever as metodologias e cada ferramenta utilizada.

Utilizei a ferramenta da observação para me atentar ao que acontecia nas Células e na página da *a.rede* no Instagram. Para compreender melhor essa ferramenta, orientei-me pelos métodos da etnografia e da netnografia. A etnografia é uma metodologia ou método de pesquisa que se preocupa em estudar a cultura e o comportamento de determinados grupos

sociais (Barroso; Sousa, 2008). Ela passou a ser utilizada no final do século XIX e se propagou no campo das pesquisas qualitativas no século seguinte, tornando-se uma metodologia de pesquisa bastante utilizada nas pesquisas em educação atualmente. Inicialmente, a etnografia era destinada a investigar “culturas de civilizações exóticas” (Barroso; Sousa, 2008, p. 151). De acordo com as autoras, o método passou por três períodos de revolução, até chegar ao cenário urbano e ser aplicado em diferentes estudos. Baseando-se em Geertz (1989), Barroso e Sousa (2008, p. 1552) afirmam que “realizar uma pesquisa etnográfica consiste, em suma, em observar, estabelecer relações, selecionar informantes, manter um diário, dentre outras atividades”. No entanto, trata-se de um trabalho com muitas exigências, que aprofunda de modo exaustivo sobre o comportamento das pessoas e traz um detalhamento das práticas experimentadas pelo grupo investigado.

Os caminhos que perfizeram a tese, considerando o problema de pesquisa e as escolhas teórico-metodológicas, não conduziam a investigação à pesquisa etnográfica em sua completude. Por esse motivo, decidi utilizar um elemento dessa metodologia, a observação. Ela pode ser compreendida como uma ferramenta que está presente em diferentes vertentes metodológicas e sua utilização está fortemente associada ao estudo das culturas. Segundo Ana Oliveira, Carlos Santos e Roberto Florêncio (2019), a observação “constitui-se um dos mais importantes elementos para a pesquisa empírica. Por intermédio da observação, os fatos são percebidos diretamente” (Oliveira; Santos; Florêncio, 2019, p. 38). Trata-se de “uma técnica de investigação social em que o/[a] observador/[a] partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, ocasiões, interesses e afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade” (Oliveira; Santos; Florêncio, 2019, p. 39). Ao observar, assume-se, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo.

De acordo com Renata Belei, Sandra Gimenez-Paschoal e Patrícia Matsumoto (2008), durante a observação, são registradas informações que sejam de interesse da pesquisa. As anotações podem ser feitas por meio de registro contínuo, por meio do uso de palavras-chaves, de check list e códigos, que são traduzidos posteriormente. Segundo Oliveira, Santos e Florêncio (2019), o registro da observação é feito no momento em que esta ocorre e/ou posteriormente e pode assumir formas diversas. As mais comuns são a escrita ou a gravação de sons ou imagens. Na presente pesquisa, utilizou-se das anotações em diário de campo, gravação de sons e captura de imagens. A observação foi realizada presencialmente durante as reuniões de Célula e também no ciberespaço.

A observação no ciberespaço foi realizada com elementos da netnografia. Nomeada por alguns/algumas pesquisadores/as como a etnografia que acontece no

ciberespaço, a netnografia é uma metodologia utilizada para “observar comunidades presentes na internet” (Ferro, 2015, p. 3). O trabalho netnográfico exige, entre outras coisas, “a imersão do/[a] pesquisador/[a] no grupo a ser estudado e a sua convivência com a cultura local para entender, ou melhor, mergulhar no modo de ver e pensar o mundo daquele grupo, a fim de poder falar sobre ele” (Martins, 2012, p. 1). Durante a pesquisa, imergi e naveguei pela página do Instagram utilizada pelos/as jovens do grupo de Célula investigado, observando seu funcionamento, os modos de interação, as publicações ali compartilhadas. Meu objetivo foi compreender como o *Currículo da Célula Evangelizadora* opera também no ciberespaço, quais as regras, normas, saberes autorizados, relações de poder, enfim, tudo o que caracteriza o funcionamento do currículo investigado. Para a realização de uma pesquisa netnográfica, foi necessário “estudar essas comunidades culturais sem uma localização física fixa, por estarem alocadas no ciberespaço”, compreendendo que essas comunidades “influenciam tanto ou mais que as tradicionais culturas, em relação ao modo de ser, agir, pensar e ser, dos grupos e pessoas frequentadoras desses novos ambientes constituídos no espaço cibernético” (Ferro, 2015, p. 3).

Segundo Sales (2012), a netnografia tem algumas características que são específicas da cibercultura, como o fato de as relações serem mediadas por algum artefato digital e as informações serem produzidas em forma de textos e imagens. Por essa razão, elas exigem ferramentas específicas para a produção das informações, como “downloads, e-mails, imagens e arquivos de áudio e vídeo” (Carvalho, 2006, p. 8). Baseando-se em Flick (2009), Oliveira, Santos e Florêncio (2019, p. 49) organizaram três condições básicas para a realização da pesquisa netnográfica: “1. A familiaridade do/[a] pesquisador/[a] com o ambiente online”. Segundo a autora e os autores, é imprescindível que o/a pesquisador/a conheça as formas de interação online, que tenha acesso assegurado e goste de estar e trabalhar online. Eu me identifico bastante com essa característica, pois, além de ser usuária assídua de algumas redes sociais e me sentir bastante confortável com as interações nesses territórios, entre os anos de 2014 e 2016, realizei uma pesquisa de mestrado, que também ocorreu no ciberespaço, em uma das redes sociais mais acessadas naquele momento: o Facebook (Evangelista, 2016). Essa experiência me permitiu ter certa familiaridade com as ferramentas de interação ciberespaciais.

A segunda característica necessária ao/a pesquisador/a é “2. A temática da pesquisa precisa ser condizente com o ambiente virtual”. Eu me propus a investigar como os/as jovens produzem a si mesmos/as no *Currículo da Célula Evangelizadora*. O que nomeio de *Currículo da Célula* é o conjunto de práticas que se desenvolvem nas reuniões presenciais de Célula e no Instagram. Isso conecta a temática de pesquisa ao ciberespaço. A última

característica que a autora e os autores descrevem consiste no fato de “3. Os participantes devem estar facilmente conectados via internet, a rede não deve ser apenas o contato, mas o ambiente e objeto de pesquisa”. Durante a investigação, foi possível perceber que os/as jovens acionaram elementos da cibercultura em diferentes situações. Em alguns momentos, eles/as relacionavam informações do que acontecia na Célula, ou na igreja, com eventos, postagens e outros conteúdos disponíveis no Instagram da Célula. Em outros, acionavam as ferramentas digitais em alguma prática durante as reuniões presenciais. Havia, ainda, momentos em que eles/as traziam conteúdo da *a.rede* para discutirem na Célula. As redes sociais surgiam durante as conversas entre eles/as:

“vi no insta [Instagram]” (Raquel - Notas de diário de campo, 04/03/2022);
“vou publicar no stories” (Lucas – Notas de diário de campo, 13/11/2021);
“No Instagram tem tudo, a conferência inteira tá lá” (Lucas, se referindo ao evento para jovens que havia ocorrido na igreja – Notas de diário de campo 20/11/2021)

Esses são apenas alguns exemplos que evidenciam como as redes sociais estavam presentes no dia a dia da Célula. Sobretudo a *a.rede* que, por se tratar de uma rede social criada para divulgar as Células de grupos jovens, compunha aquele currículo. Por esse motivo, concomitante às reuniões de Célula presenciais, a página da *a.rede* no Instagram compôs o corpus de investigação. Trouxe para as análises elementos dos dois territórios que compõem conjuntamente o currículo investigado. Isso demandou que fossem realizadas anotações acerca da *a.rede*, bem como captura de tela e downloads dos conteúdos ali publicados. Não obstante, também precisei ficar atenta às formas de funcionamento próprias daquele espaço e ter todo o cuidado para armazenar tudo que fosse relevante para a investigação, além do modo como os/as jovens escrevem sobre si e suas experiências, para analisá-las.

Outra ferramenta acionada durante a pesquisa foi a entrevista semiestruturada. De acordo com Belei *et al.* (2008), esse tipo de entrevista contém um roteiro previamente elaborado com questões abertas. Ela nos permite uma organização flexível e a ampliação da discussão à medida que as questões são apresentadas. Essa flexibilidade foi importante, pois algumas questões feitas aos/as jovens durante a entrevista surgiram a partir das respostas que eles/as elaboravam. Ainda de acordo com os autores supracitados, em uma metodologia que utiliza as entrevistas, torna necessário considerar “a vivência do/[a] pesquisador/[a]” e, “a literatura sobre o tema em estudo” (Belei *et al.*, 2008, p. 189). A minha experiência prévia

com os grupos de Célula certamente foi importante na elaboração das questões. Ao indagar, por exemplo, sobre as práticas de devocional realizadas pelos/as jovens, levei em consideração meu conhecimento prévio sobre o assunto. Como ex-participante de Célula, eu compreendo que o devocional faz parte do dia a dia do/a cristão/ã e é sistematicamente ensinado nas Células. A literatura envolvendo a temática também forneceu elementos a serem considerados. Ao questionar o que os/as jovens aprendem na Célula, levei em consideração os estudos que apontam que na Célula “as pessoas são evangelizadas, se sentem acolhidas, são disciplinadas e aprendem a perseverar na obra de Cristo” (Miranda, 2018, p. 18). Para Silva Filho (2010), os estudos em grupos menores, como é o caso das Células, são uma espécie de formação continuada das práticas do cristianismo protestante. Ou seja, há um reconhecimento no campo dos estudos religiosos de que nas Células evangelizadoras o foco está em ensinar algo a alguém. Certamente, tanto minha experiência prévia quanto a literatura sobre o tema foram importantes na formulação das questões utilizadas durante as entrevistas.

Segundo Belei *et al.* (2008, p. 188), antes da realização das entrevistas, é preciso haver uma proposta de trabalho que atenda às “exigências éticas e científicas, implicando autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade aos[às] participantes”. Em respeito a essa exigência, antes de iniciar a investigação, foi elaborado um projeto de pesquisa em que me comprometi a seguir rigorosamente as determinações constantes na Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, que determina diretrizes éticas específicas para as ciências humanas e sociais (CHS) e rege as pesquisas científicas na Universidade Federal de Minas Gerais, por meio do CEP – Comitê de Ética em Pesquisa. Além disso, foi assegurada aos/as participantes a liberdade de decidir se desejavam, ou não, participar do estudo, por meio de consulta prévia, em que foram explicitados e devidamente explicados os objetivos da pesquisa e os procedimentos adotados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Também fiz uso da técnica da entrevista online ao solicitar aos/às jovens que respondessem a algumas questões de forma escrita, pelo WhatsApp. Articular a entrevista de modo presencial e online é uma prática já bastante utilizada em pesquisas. Oliveira, Santos e Florêncio (2019, p. 46) afirmam que “é natural que as entrevistas também possam ser concebidas pelo processo da tecnologia da comunicação online, no ciberespaço (como as entrevistas virtuais e a netnografia)”. Assim sendo, combinando elementos da netnografia e da etnografia, desenvolvi uma organização das entrevistas cuja finalidade era saber como os/as jovens se produzem e criam modos de ser a partir dos ensinamentos desenvolvidos no

Currículo da Célula Evangelizadora. Considero importante essa articulação, pois todas essas ferramentas puderam auxiliar na produção das informações geradas para a pesquisa.

Para investigar as práticas de si produzidas e em funcionamento no *Currículo da Célula Evangelizadora*, associado aos elementos da pesquisa etnográfica e da netnografia, recorri ao arcabouço teórico foucaultiano em busca de uma referência metodológica para desenvolver a pesquisa. O que encontrei foram algumas pistas, pois Foucault não defende a utilização de um método único, rígido, pronto e acabado. O autor afirma não ter “um método que se aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes” (Foucault, 2010, p. 229). Ao contrário, ele afirma que procura isolar um mesmo campo de objetos, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por ele, no exato momento em que faz suas pesquisas, mas sem privilegiar o problema do método.

Pensando com Foucault, a partir do conceito de ascese por ele desenvolvido, passei a refletir em um caminho que me conduzisse na construção da verdade (a pesquisa) aqui produzida. Certamente, trata-se de uma verdade provisória, inventada e que só é possível ser vista pela lente teórica e das questões que me mobilizaram desde o início da trajetória no doutorado. Inspirada também na tese de doutorado de Fabíola Alves (2020), aceitei o convite foucaultiano de realizar um trabalho de si por si, cujo produto resultasse na produção de um conhecimento acerca do modo como os/as jovens cristãos/ãs produzem a si mesmos/as no *Currículo da Célula Evangelizadora*.

A ascese constituiu-se como uma ferramenta teórico-metodológica. Ela me orientou na investigação sobre o trabalho de elaboração de si mesmo/a ensinado ao/a jovem para que ele/a se conduzisse no acesso à verdade sobre ser jovem cristão/ã. Por meio da ascese fui incitada a questionar por meio de quais práticas de si o/a jovem cristão/ã estava conduzindo a própria existência? Qual trabalho sobre si estava sendo demandado no currículo investigado? Quais ferramentas estavam sendo acionadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* para equipar o/a jovem cristão/ã para uma “experiência modificadora de si” (Foucault, 1984, p. 13)? Considerando que a “ascese é uma forma de equipar-se, uma transformação experimentada pelo sujeito para alcançar outra forma de ser” (Stela Silva, 2007, p. 195), busquei identificar nas reuniões da Célula presenciais e no ciberespaço práticas que conduzissem o/a jovem cristão/ã nessa experiência.

Desse modo, analisei como o trabalho sobre si mesmo/a foi ensinado no currículo investigado considerando as verdades que aquele currículo fazia funcionar. Na espiritualidade, a verdade se dá por meio da ascese. Nesse sentido, “é imperioso modificar-se para que se possa ter acesso à verdade; sem esta transformação do sujeito em si mesmo, não

há acesso ao conhecimento verdadeiro” (Rodrigo Silva, 2020, p. 41). E é por meio da constituição de certas verdades que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, prescrevem-se as características do/a jovem cristão/ã, demandando que ele/a renuncie de si mesmo/a como caminho para aceder a Deus. Tal análise me ajudou a compreender como determinadas verdades se configuram em práticas a serem exercidas pelos/as jovens cristãos/ãs e como a conduta juvenil passa a ser dirigida por elas.

Ao indagar como o/a jovem produz a si mesmo/a no *Currículo da Célula Evangelizadora*, tomei por referência que as práticas de si, assim como o governo do outro/a, são constitutivas de modos de existir. Ao investigar tal produção em um contexto que envolve a espiritualidade, precisei acionar a ascese – um exercício espiritual de si para consigo, para analisar as práticas de si produzidas e postas em funcionamento no currículo investigado. Considerei que, por meio de uma ascética de si, produz-se um sujeito que se fortalece mediante as práticas de si, pela ascese, pelas meditações, pela direção de consciência (Silva, 2020, p. 43).

Até aqui, as etapas para a construção da cerca viva metodológica buscaram apresentar quais ferramentas foram acionadas de cada vertente metodológica. Selecionei da etnografia e da netnografia a observação e dela utilizei as ferramentas de notas de campo, download e capturas de tela. Acionei também o conceito de ascese para analisar a produção das práticas de si no currículo investigado. A seleção dessas ferramentas foi uma escolha interessada, que se deu a partir do problema de pesquisa. Esse é o arranjo metodológico composto para esta pesquisa. Muito embora sua composição não seja perfeita, e também não seja fixa ou imutável, busquei aqui desenhar um caminho próprio para essa investigação, manuseando ferramentas de diferentes metodologias e buscando contribuições de diferentes vertentes. Meu objetivo com essa elaboração foi desenvolver uma metodologia adequada ao objeto investigado.

Como apontam Meyer e Paraíso (2012), essa é “uma das marcas mais importantes das pesquisas pós-críticas, qual seja, a de que o desenho metodológico de uma pesquisa não está (nem poderia estar) fechado e decidido a priori e que não pode ser ‘replicado’ do mesmo modo” (Meyer; Paraíso, 2012, p. 20). No item a seguir, apresento os procedimentos metodológicos utilizados nesta investigação.

3.2.2 Procedimentos metodológicos

Considerando as etapas de construção de uma cerca viva, descritas anteriormente, todas as fases do plantio da construção metodológica foram importantes para o desenvolvimento da pesquisa. A construção da cerca viva metodológica consiste em selecionar a espécie a ser plantada/escolha do problema de pesquisa; preparar o terreno/selecionar o grupo a ser investigado e onde a pesquisa será realizada; preparar o solo para o plantio/ampliar o vocabulário teórico-metodológico; escolher as ferramentas utilizadas durante o plantio/seleção das ferramentas metodológicas. Passamos, agora, à descrição de como esse arranjo foi posto em funcionamento.

3.2.3 O filtro antes de chegar à Célula jovem investigada

[...] primeiro devem ser provados para que se tenha certeza de que são irrepreensíveis.
(Bíblia, 1 Timóteo 3, 10 KJA)

Conforme vimos no capítulo de contextualização, no Cristianismo protestante existem Igrejas que se organizam pelo modelo celular. As Células são pequenos grupos que se reúnem focalizados no evangelismo, ou seja, na anunciação do evangelho de Cristo (Comiskey, 2001). Compreendendo isso, a primeira etapa para a realização da pesquisa foi selecionar um grupo de Célula cuja característica fosse a evangelização de jovens. Por já ter feito parte de grupos de Célula, é do meu conhecimento o nome de algumas igrejas que operam com a lógica celular, em especial aquelas voltadas para o público jovem. No mês de agosto de 2021, pelo Instagram, fiz contato com Felipe³⁶, um jovem pastor de uma das igrejas que conheço, considerando que se trata de uma rede bastante conhecida pelo trabalho que desenvolve com jovens na região norte de Belo Horizonte. Ao explicar que o objetivo da pesquisa era investigar como os/as jovens se produzem nas Células, optei por fazer uma explicação detalhada, porém sem utilizar os termos conceituais, de modo que ele pudesse compreender rapidamente qual era o meu objetivo. Esse pastor me indicou outra Igreja, que tem um programa, referência no Brasil inteiro, de evangelização juvenil em escolas de ensino médio e faculdades. De forma bastante solícita, ele me enviou o contato de telefone de um dos líderes do Movimento de Evangelização Juvenil de uma Igreja cristã protestante que se localiza na região sul de Belo Horizonte/MG. A partir daí deu início uma saga na qual passei por diversos pastores e expliquei inúmeras vezes os objetivos da pesquisa. Senti-me como se

³⁶ Para preservar o anonimato das fontes pesquisadas, todos os nomes citados são fictícios.

estivesse sob suspeita, eu e minha proposta de investigação precisávamos ser provadas para sermos aprovadas.

Antes de realizar contato com o líder em questão, fiz uma busca na internet para conhecer um pouco mais do projeto e me deparei com uma rede com as características que eu buscava. Formado por jovens, em sua maioria estudantes, o Movimento de Evangelização Juvenil organiza Células jovens em espaços escolares e no ciberespaço. Imediatamente, contatei um dos líderes, o jovem Renato. Por mensagem de WhatsApp, me apresentei, expliquei minha solicitação. O primeiro pastor com quem fiz contato já havia informado a ele minha proposta de investigação. De forma solícita, Renato disponibilizou um horário em sua agenda para uma reunião online, pois estávamos no auge da pandemia. No dia da reunião, me apresentei como pesquisadora do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, explicito a natureza do meu contato e os objetivos da pesquisa. Coloquei o projeto de pesquisa já aprovado pelo Comitê de Ética à disposição dele e de quem julgasse necessário. Foi, então, que Renato me disse que, em função da pandemia, as atividades do Movimento de Evangelização Juvenil não estavam acontecendo nas escolas, mas sim nas Células online. Por esse motivo, me colocou em contato com Diego, responsável pelas Células.

Demonstrando certa preocupação com a exposição de outros/a jovens, Diego me explicou a existência de uma Célula de jovens pastores/as casados/as que coordenam outras Células jovens e disse que o ideal era que a pesquisa fosse realizada com esse grupo. Com a intenção de dirimir a preocupação de Diego, expliquei detalhadamente os comprometimentos éticos da pesquisa e me propus a construir junto com ele algumas premissas para assegurar que todo o cuidado com os/as participantes da pesquisa fosse tomado, caso julgasse necessário. Após alguns dias de espera, Diego me enviou o contato de Raquel, me explicando que se tratava de uma líder de Célula jovem e que o grupo que ela liderava, assim como os demais grupos de Célula jovem da rede, participava da *a.rede*, um território de evangelização juvenil no ciberespaço.

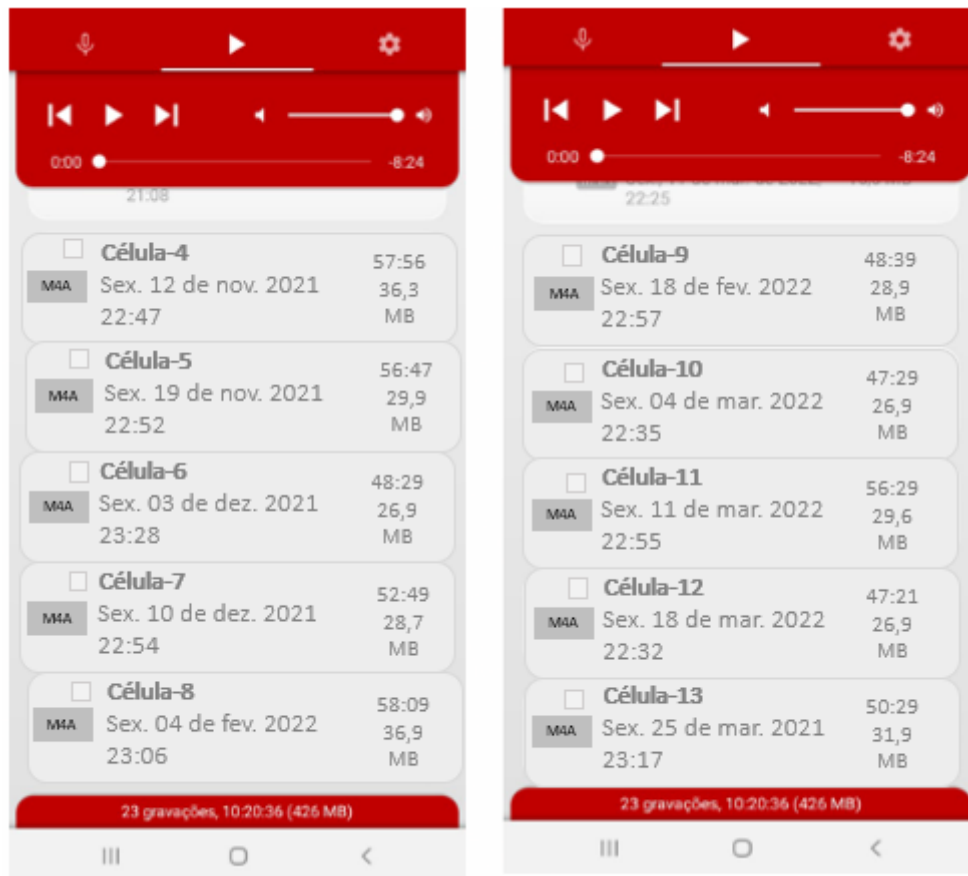
Em outubro, dois meses depois do primeiro contato com líderes religiosos para selecionar uma Célula em que poderia realizar a investigação, consegui alinhar com Raquel o início da pesquisa de campo. Como todo o processo demorou algum tempo, em Belo Horizonte algumas igrejas já haviam flexibilizado a autorização da realização de atividades presenciais, de acordo com protocolos sanitários da cidade, para prevenção da covid-19. Esse era o caso da Célula liderada por Raquel, as reuniões já estavam acontecendo presencialmente, às sextas-feiras, passei, então, a observá-las. Todos/as os/as participantes residiam em bairros das regiões leste e nordeste de Belo Horizonte.

3.2.3.1 A observação

A etapa de observação foi realizada tanto nas reuniões presenciais quanto na página da *a.rede*. Toda sexta-feira, durante os meses de novembro de 2021 a março de 2022, me dirigi a uma das casas onde a reunião acontecia. Ao todo foram 11 encontros presenciais que ocorreram nos dias 12 e 19/11/2021; 03 e 10/12/2021; 04, 11 e 18/02/2022; 04, 11, 18 e 25/03/2022. Raquel se encarregava de me enviar, horas antes do início da reunião, qual seria o endereço. As reuniões eram programadas para iniciar às 20 horas. No entanto, esse horário quase nunca era cumprido, pois havia muitos atrasos e a reunião só era iniciada quando a maioria dos/as jovens estivessem presentes. Raquel me explicou que havia um grupo da Célula no WhatsApp, e por lá os/as jovens se organizavam quanto ao lanche coletivo que acontecia em todos os encontros, a distribuição de tarefas e demais avisos. Embora soubesse da existência do grupo, eu não participei dele, pois soube do grupo somente algum tempo depois de iniciada a pesquisa e não senti abertura dos/as participantes para integrar o grupo. A reunião da Célula era organizada em quatro etapas: um lanche coletivo no início, abertura com uma dinâmica (quebra-gelo), estudo da Bíblia e encerramento com um louvor e uma oração. Durante o lanche, os/as jovens conversavam mais livremente sobre coisas cotidianas como trabalho, faculdade, lazer, jogos, família, entre outras coisas. Na hora da dinâmica, era comum algum tipo de interação mais descontraída como uma brincadeira ou algum desafio. Esse momento é conhecido como “quebra-gelo”, pois envolve alguma atividade de descontração. Já no momento do estudo da Bíblia, um/a jovem era responsável pela condução. Na maioria das vezes, foi a líder Raquel quem conduziu essa etapa, porém todos/as participavam com comentários, perguntas e observações. Por fim, uma música gospel que se relacionava ao tema estudado no dia era posta para tocar, geralmente pelo celular de um/a dos/as jovens, e todos/as eram convocados/as a orar.

No primeiro dia de observação, Raquel me apresentou aos/as jovens e me pediu para explicar brevemente o motivo da minha participação ali. Percebi que os/as jovens estavam curiosos/as. Alguns/algumas chegaram a me perguntar mais sobre minha pesquisa e minha trajetória na UFMG, demonstrando grande interesse. Nesse dia expliquei sobre o TCLE e fizemos os acordos sobre minha presença ali. Combinamos que, durante a observação, eu utilizaria dois instrumentos para a produção das informações (Meyer; Paraíso, 2012): um caderno de anotações (notas de diário de campo) e a gravação em áudio da reunião, o que foi autorizado previamente por eles/as. Os áudios foram armazenados em arquivos organizados por data, conforme é possível observar na figura a seguir:

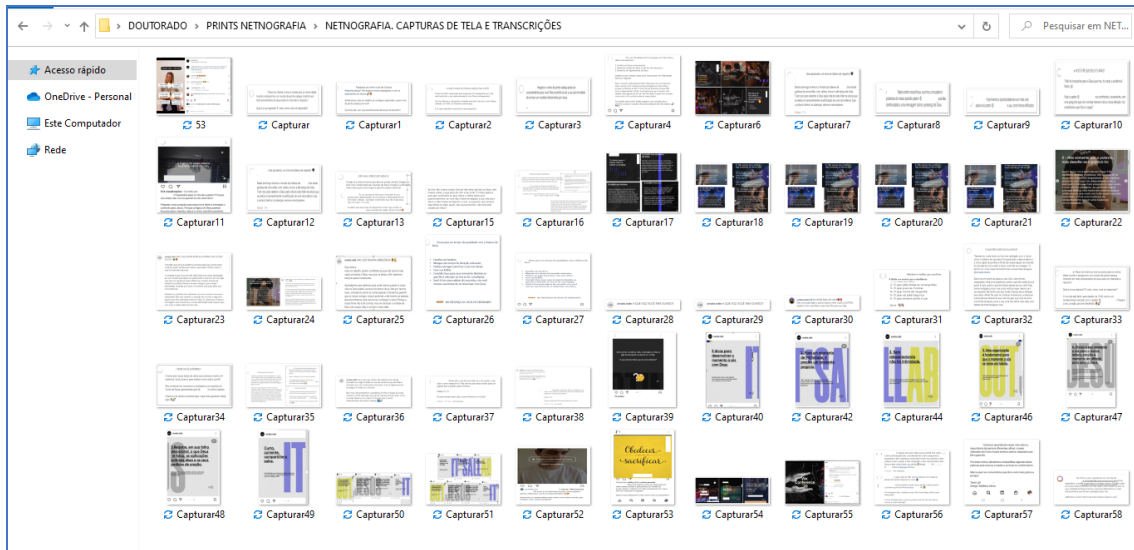
Figura 1 – Áudios das reuniões presenciais da Célula



Fonte: Acervo pessoal.

A gravação das reuniões em áudio foi importante, pois permitiu que eu retornasse no arquivo de cada reunião para comparar com os registros das notas de diário de campo e identificar aspectos que pudessem ter me escapado durante as anotações. A observação no ciberespaço aconteceu concomitante à observação da Célula. Porém, no ciberespaço os procedimentos adotados foram diferentes. Criei uma rotina diária, em que durante uma hora eu verificava as postagens antigas e recentes, bem como as interações advindas delas. Observei que o espaço era bastante utilizado para divulgar os eventos da Igreja, as reuniões de Célula e repercutir cada uma das ações organizadas pelos/as jovens e seus/suas líderes. Observei também que as postagens eram compostas por imagens, vídeos e textos escritos. Isso demandou que a organização do material incluísse downloads, captura de telas e transcrição de textos e vídeos. Para garantir a confidencialidade dos dados, as identificações em cada postagem foram suprimidas e, posteriormente, os arquivos foram armazenados em uma pasta, conforme imagem abaixo.

Figura 2 – Pasta netnografia



Fonte: Acervo pessoal.

Em um primeiro momento, os arquivos foram armazenados aleatoriamente e, a partir das análises, todo o material foi agrupado, conforme aproximação entre as temáticas. Busquei compreender como o/a jovem se produz no *Currículo da Célula Evangelizadora*, bem como entender em meio a quais jogos de poder as práticas de si são ali produzidas e acionadas. Investiguei que relações de poder-saber são estabelecidas e quais técnicas são acionadas para colocar em funcionamento modos de condução da conduta que devem ser praticados pelo/a jovem cristão/ã.

2.2.1.1 As entrevistas

Durante as entrevistas, busquei conduzir os/as participantes de modo a levá-los/as a falarem sobre si e suas experiências com as Células evangelizadoras, a fim de identificar e analisar as práticas de si demandadas e ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora*. As questões foram previamente elaboradas e encontram-se disponíveis no Apêndice. Indaguei os/as jovens sobre o melhor momento em que pudéssemos realizar as entrevistas. Todos/as eles/as preferiram que fosse ao final da reunião. Essa etapa foi desafiadora, pois os/as jovens nem sempre chegavam no horário marcado para o início da Célula e por isso a reunião também não tinha hora certa para terminar. Algumas vezes, acabava tarde, não sendo possível a realização da entrevista. Consegui entrevistar sete jovens, dos treze que participavam da Célula. Ao analisar as entrevistas, percebi que o material não fornecia elementos suficientes que pudessem me auxiliar nas respostas às questões que minha pesquisa havia levantado. Para

complementar a produção das informações, reelaborei algumas temáticas e solicitei, então, que eles/as me falassem sobre elas via WhatsApp, em um momento em que estivessem mais tranquilos/as, para que pudessem falar mais livremente sobre o assunto proposto. Combinei que eles/as poderiam responder às perguntas por áudio ou de forma escrita e assim fizeram.

Com as entrevistas em mão, transcrevi todo o material e fiz algumas marcações indicando possíveis agrupamentos. Na triangulação com as notas de diário de campo, obtidas por meio da observação, as entrevistas, os diferentes *prints* de tela da página do Instagram, realizei agrupamentos temáticos, atribuindo-lhes significados a partir da minha lente teórico-metodológica. De posse de todo o material empírico produzido para a pesquisa, passei a analisá-lo de modo a focar aquilo que foi narrado, escrito, postado, compartilhado, comentado, curtido, expressado, sem me ocupar com o que estava por trás desses ditos. Estive atenta para não buscar um sentido homogêneo nas explicações ou como se essas tivessem uma essência. Para tanto, foi necessário detalhar arduamente os ditos que circulam no *Currículo da Célula Evangelizadora* e as relações de poder-saber que estão em funcionamento e em disputa. Mantive meu olhar nas práticas de si fabricadas e ensinadas aos/às jovens no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Atentei-me para as subjetividades que foram autorizadas, os ditos que circularam como verdadeiros naquele currículo. Busquei, ainda, pelos escapes e por subjetividades outras produzidas em relação aos discursos prevalentes do que é ser cristão/ã. Por fim, dediquei-me à escrita da tese, levando em conta o fato de que a nenhuma pesquisa caberá produzir verdades absolutas acerca de determinada realidade. Nos estudos sobre currículo, as possibilidades estão sempre abertas, “um currículo diz sempre mais do que pretendíamos que dissesse” (Corazza, 2001, p. 13). Assim, as análises apresentadas são apenas uma verdade temporária acerca daquele currículo que se escolheu analisar.

3.2.4 Corpora da pesquisa

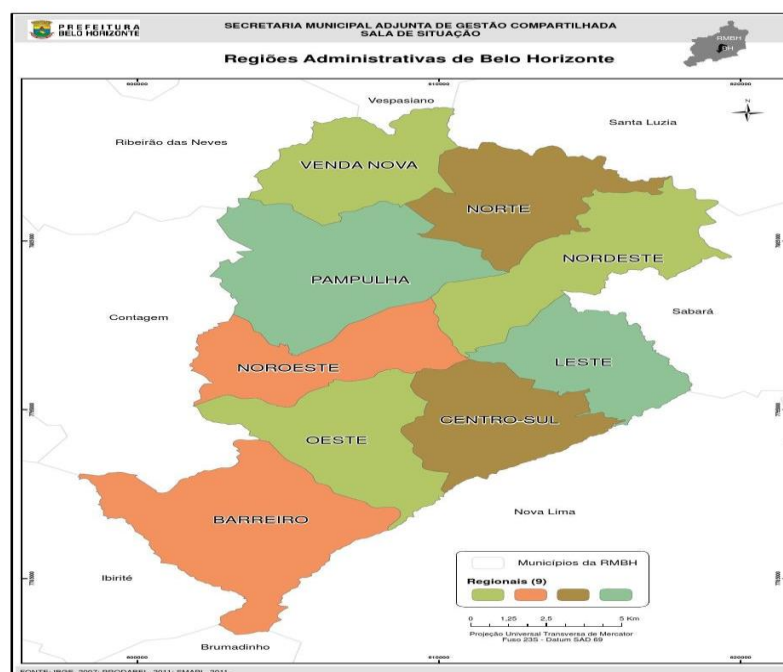
3.2.4.1 A Célula

Conforme foi explicado na contextualização desta tese, a Célula constitui-se por um grupo de pessoas que se reúnem com o objetivo de evangelizar por meio de ensinamentos relacionados à fé cristã protestante. É comum que os/as participantes se organizem por nichos, ou seja, considerando necessidades, preferências ou aspectos identitários que os/as tornam um

grupo com características semelhantes. No caso da Célula investigada, ela é formada por jovens, todos/as pertencentes à mesma Igreja.

As reuniões de Célula aconteceram às sextas-feiras, sempre na casa de um/a jovem que integra o grupo. Não havia um local específico, cada semana era na casa de uma pessoa, porém todos/as os/as jovens residem em bairros próximos uns dos outros, localizados na região Nordeste de Belo Horizonte. Segundo informações disponibilizadas no site Bairros de Belo Horizonte³⁷, a região nordeste é composta por 12 bairros, sem contar com as vilas. Entre eles estão Cachoeirinha, Concórdia, Goiânia, Nova Floresta, Palmares e União, locais onde aconteceram algumas reuniões da Célula. Os bairros Jaraguá e Dona Clara, na região da Pampulha – vizinha da região Nordeste, também foram locais para acolher o grupo de Célula. O mapa a seguir mostra a proximidade entre essas regiões.

Figura 3 – Limites do município de Belo Horizonte e divisão administrativa



Fonte: Scientific Diagram, 2023.

Para a criação desse grupo de Célula especificamente, o endereço dos participantes pode ter sido um elemento considerado no momento de composição do grupo. As reuniões da Célula têm uma organização, com algumas ações previstas para cada encontro, elas “funcionam de uma forma predeterminada e padronizada” (Andrade, 2010, p. 93). Todas as Células seguem os mesmos padrões de funcionamento. As reuniões são semanais, duram

³⁷ Disponível em: <https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/bairros%20da%20regi%C3%A3o%20nordeste/>. Acesso em: 5 jan. 2023.

uma hora e possuem um esquema que é seguido quase sem modificações. Andrade (2008) sistematizou essa organização da seguinte forma:

[...] começando sempre com uma dinâmica “quebra-gelo” ou mensagem de abertura, seguido de cânticos ou “louvores” e a realização de uma oração. Logo após é feita a ministração de uma mensagem Bíblica, previamente passada a todos os líderes da igreja, que estarão pregando sobre o mesmo tema na mesma semana. Há também um momento para os presentes fazerem pedidos de oração ou compartilharem alguma experiência. Ao final dos trabalhos é servido um lanche, que na concepção do grupo, funciona como um atrativo a mais aos convidados, principalmente aos não-crentes (Andrade, 2010, p. 93-94).

Conforme descrito nos procedimentos metodológicos, a Célula investigada cumpriu todas essas etapas que Andrade descreveu. Entretanto, não seguia à risca todos os rituais, principalmente no que se refere ao tempo de duração do encontro. Não havia um prolongamento demasiado das etapas previstas. Porém, antes de começar com o quebra-gelo e depois da ministração, eles/as conversavam demoradamente, sem pressa alguma para ir embora, o que certas vezes fez com que a reunião fosse iniciada às 20 horas e encerrada às 23 horas, extrapolando o período de 1 hora de duração previsto para cada reunião.

Sempre com bom humor, as reuniões eram leves, divertidas e as temáticas abordadas durante as ministrações evitavam alguns assuntos. Ao escrever o projeto de pesquisa desta tese, havia uma expectativa enquanto pesquisadora do surgimento de temas como gênero, sexualidade, namoro, sexo, vícios, entre outros, mas, durante as reuniões que eu acompanhei, nenhum desses assuntos tornara-se pauta. Minha expectativa ancorava-se, sobretudo, na minha experiência passada como membra e líder de Célula. Entretanto, minhas expectativas quanto à abordagem desses temas não se concretizaram.

É possível afirmar que em todas as reuniões, em algum momento, os/as jovens acionavam as tecnologias digitais. Os smartphones estavam sempre à mão e eram bastantes utilizados para fazer leitura da Bíblia, consultar o significado de alguma palavra dos textos bíblicos, para listar os pedidos de oração, para colocar música ou apenas para uso individual. A rede social que congrega os acontecimentos das Células vinculadas à igreja a qual eles/as pertencem também foi assunto em diferentes momentos, inclusive durante os avisos sobre a programação da Igreja, haja vista que no perfil no Instagram esses avisos circulam com bastante frequência. Nessa rede social, os/as jovens da Célula interagem entre eles/as por meio de postagens referentes às Células jovens daquela Igreja. Considerando isso, os discursos ali produzidos e em circulação também foram objeto de pesquisa da presente tese. A seguir, apresento o perfil na rede social como parte do corpus da pesquisa.

3.2.4.2 O Instagram – a.rede

O perfil da *a.rede*, nome fictício criado para preservar a identidade dos/as participantes da pesquisa, é uma página no Instagram destinada a dar visibilidade aos acontecimentos relacionados às Células juvenis pertencentes à Igreja frequentada pelos/as jovens participantes da pesquisa. Em 2022, o blog Neilpatel³⁸ publicou um artigo explicando detalhadamente o funcionamento do Instagram. A seguir apresento a sistematização dessas informações, a fim de evidenciar como o perfil da *a.rede* atua na evangelização e na produção do/a jovem cristão/ã por meio da rede social.

O Instagram foi criado em outubro de 2010³⁹, pelo americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, sendo que o objetivo principal da rede social é a interação por meio do compartilhamento de fotos e vídeos entre amigos/as, colegas e familiares. No ano de 2012, houve registro de que o aplicativo havia sido baixado mais de um milhão de vezes em apenas um dia, tornando-se um fenômeno de utilização. Segundo pesquisa divulgada pelo Statista⁴⁰, o Brasil é o terceiro país com mais usuários/as do Instagram no mundo, acumulando 119,45 milhões de pessoas conectadas à rede social. Apesar de estar disponível na versão web, podendo ser utilizado em computadores e notebook, o aplicativo foi criado para ser baixado e utilizado em aparelho celular e encontra-se disponível gratuitamente nas lojas de aplicativos.

Para navegar na rede social, após instalar o aplicativo, o/a usuário/a deverá criar ou se conectar a uma conta no Instagram.⁴¹

³⁸ O artigo completo sobre o Instagram e seu funcionamento está disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/instagram/#:~:text=Instagram%2C%20tamb%C3%A9m%20conhecido%20como%20IG,para%20todos%20os%20seus%20seguidores>. Acesso em: 7 jan. 2023.

³⁹ Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁴⁰ Os detalhes da pesquisa podem ser acessados no site Statista, por meio do endereço eletrônico: <https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/>. Acesso em: 7 jan. 2023.

⁴¹ Crie sua conta no Instagram: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 7 jan. 2023.

Figura 4 – Conecte-se ao Instagram

A imagem mostra a interface de login do Instagram. No topo, o logotipo "Instagram" é exibido em uma fonte manuscrita. Abaixo dele, há dois campos de entrada: o primeiro para "Telefone, nome de usuário ou email" e o segundo para "Senha". Um botão azul com o texto "Entrar" está posicionado abaixo dos campos. Abaixo do botão, o texto "OU" é centralizado. Logo abaixo, há um ícone do Facebook seguido pelo texto "Entrar com o Facebook". Abaixo disso, o link "Esqueceu a senha?" é visível. Na base da tela, há um link "Não tem uma conta? Cadastre-se".

Fonte: Instagram.com.

A partir daí, o Instagram se conecta à câmera do celular e permite a criação e a publicação de fotos, vídeos, além de possibilitar a transmissão ao vivo de conteúdo a qualquer tempo. Imagens e vídeos podem ser editados com a utilização de filtros e personalizações. As publicações podem ser feitas no *feed* – espaço que reúne todas as publicações do perfil e serve como um resumo do conteúdo produzido; nos *stories* – ferramenta do Instagram desenvolvida para a criação e a postagem de publicações temporárias, que ficam disponíveis para visualização por apenas 24 horas; e por meio dos *reels* – ferramenta para criação e publicação de vídeos curtos e criativos, com duração de até 90 segundos.

Nas publicações é possível marcar outros/as usuários/as e exibir a localização. Os modos de interação no Instagram ocorrem por meio de curtidas, comentários e as famosas reações com emoticons, que são ícones utilizados para traduzir sentimentos, tais como risos, raiva, alegria, amor, que surgem na linguagem internética de modo a reiterar a expressividade de suas falas (Garbin, 2003). Nos dizeres de Sales (2014, p. 234), os

emoticons são técnicas estilísticas e que acrescentam “colorido e humor” às conversas tecladas. Também é possível salvar e compartilhar postagens por mensagens diretas.

Com tantas possibilidades de uso, o Instagram tornou-se uma rede social potente para interação e comunicação. A *a.rede* movimentava bastante o Instagram com postagens variadas, utilizando com frequência os recursos que o aplicativo oferece. O perfil foi criado para que os/as jovens que participam das Células pudessem se conectar uns/umas aos/às outros/as e como um mural de divulgação dos acontecimentos relacionados às Células e à Igreja.

Figura 5 – *a.rede*



Fonte: Instagram.

O número de jovens seguidores/as da *a.rede* no Instagram está relacionado com o que os estudos sobre juventudes e tecnologias digitais já vêm apontando há bastante tempo, que evidenciam que a íntima relação com as tecnologias digitais é uma marca da juventude contemporânea e as redes sociais estão povoadas pelo público juvenil. Na pesquisa de mestrado que realizei, investiguei o Facebook e, conforme mencionei anteriormente, na ocasião, era a rede social mais acessada do mundo (Evangalista, 2016). Em termos nacionais, de acordo com artigo publicado no site Escola de E-commerce⁴², em 2022, o líder de acesso no Brasil é do WhatsApp, com 165 milhões de usuários/as; seguido pelo YouTube, com a marca de 138 milhões de pessoas conectadas. O Instagram ocupa o terceiro lugar das redes sociais mais acessadas no mundo inteiro, chegando a 122 milhões de pessoas na rede social.

⁴² O artigo com informações completas pode ser acessado por meio do link: [https://www.escoladeecommerce.com/artigos/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=4.%20Facebook%20\(116%20milh%C3%B5es\)&text=No%20mundo%2C%20ele%20ainda%20%C3%A9,quais%20116%20milh%C3%B5es%20s%C3%A3o%20brasileiros.](https://www.escoladeecommerce.com/artigos/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/#:~:text=4.%20Facebook%20(116%20milh%C3%B5es)&text=No%20mundo%2C%20ele%20ainda%20%C3%A9,quais%20116%20milh%C3%B5es%20s%C3%A3o%20brasileiros.) Acesso em: 7 jan. 2023.

Já o Facebook caiu para o quarto lugar, totalizando 116 milhões de usuários/as brasileiros/as. Muitos desses acessos são feitos por jovens, segundo dados do Estudo de 2022 da McAfee sobre famílias conectadas no Brasil⁴³.

A presença constante dos/as jovens no ciberespaço fez emergirem novas formas de vivenciar a condição juvenil e, conseqüentemente, de produzir suas culturas. Os/As jovens são produzidos/as também no contato com as tecnologias digitais. São jovens que vivenciam práticas de sociabilidade e culturais gestadas também em espaços não institucionais e que experienciam as múltiplas dimensões de um ser social (Sposito, 2006). Conforme argumentei na dissertação, “entre os diferentes espaços de produção cultural e de sociabilidade insere-se o ciberespaço. Isso ocorre porque na atualidade diferentes artefatos e espaços sociais estão permeados pela possibilidade de ensinar, aprender, produzir e criar” (Evangelista, 2016, p. 39). Por considerar isso, foi possível pensar na *a.rede* como um território privilegiado para a produção do/a jovem cristão/ã. No tópico a seguir, apresento as características dos/as jovens participantes da pesquisa.

3.2.4.3 Os/as jovens participantes da pesquisa

Ao escrever este tópico, o objetivo foi descrever quem são os/as jovens que participaram da pesquisa. O quantitativo de jovens presentes nas reuniões de Célula durante a observação foi de 13 pessoas, sendo 4 homens e 9 mulheres. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pesquisa na área de educação – TCLE foi assinado por todos/as eles/as.

Desses/as participantes, sete aceitaram responder às entrevistas e, a partir delas, foi possível ter acesso a algumas informações mais detalhadas sobre os/as jovens. Na tabela a seguir são apresentadas algumas características dos/as participantes da pesquisa. Vale ressaltar que, considerando orientações éticas de preservação das identidades dos participantes em pesquisas, os nomes que apresento na tabela, bem como em toda a tese, são fictícios. Como a pesquisa ambientou-se em território religioso e os participantes são jovens cristãos/ãs, escolhi nomes de personalidades bíblicas para substituir os nomes reais, conforme é possível observar na Tabela 1.

⁴³ A pesquisa completa pode ser acessada por meio do link: <https://www.mcafee.com/content/dam/consumer/pt-br/docs/reports/rp-connected-family-study-2022-brazil.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Tabela 1 – Quem são os/as jovens que participaram da entrevista?

Caracterização dos jovens participantes da pesquisa					
Nome	Idade	Sexo	Cor/Raça	Estuda	Trabalha
Ana	20 anos	Feminino	Branca	Graduanda	Não
Ester	19 anos	Feminino	Parda	Cursinho	Não
Miguel	21 anos	Masculino	Branco	Curso técnico	Não
Rute	20 anos	Feminino	Branca	Graduanda	Não
Maria	23 anos	Feminino	Branca	Graduanda	Sim
Lucas	21 anos	Masculino	Branco	Graduando	Sim
Raquel	20 anos	Feminino	Branca	Graduanda	Sim

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com as informações da tabela, sete jovens aceitaram responder à entrevista. Cinco delas eram mulheres e dois eram homens, todos/as com idade entre 19 e 23 anos. Apenas uma jovem se declarou parda, os/as demais se declaram brancos/as. Todos/as eles/as estudam, sendo que cinco ingressaram na faculdade. Apenas três jovens informaram que também trabalham e precisam conciliar as duas atividades.

Uma característica importante no perfil dos/as jovens que participaram da pesquisa é que todos/as concluíram o ensino médio e deram sequência aos estudos em cursinho ou no ensino superior. Ou seja, eles/as vivenciam a “condição de estudante” (Fernandes, 2018). Os estudos sobre juventudes afirmam que existem muitos modos de ser jovem (Dayrell, 2007; Spósito, 2006.). Esses modos se configuram considerando as culturas e a condição juvenil, de forma que, além do recorte etário, outras vivências ajudam a caracterizar o/a jovem, tais como trabalho, estudo, lazer, grupos sociais, religião entre outras características que desenham um mosaico de muitas formas de ser jovem. A relação dos/as jovens com os estudos é apontada por Fernandes (2018) como uma forma de problematizar a noção de juventude. O autor mostra que, em diferentes momentos da história, essa relação teve contornos distintos. Segundo o autor, durante os períodos Colonial, Imperial e até o final da República Velha, a escolarização era um privilégio apenas para os jovens do sexo masculino, favorecidos economicamente. Já por volta da década de 1930, durante o processo de industrialização e urbanização, o ingresso dos/as jovens das camadas populares no mundo do trabalho dificultava o acesso à escola, enquanto estava “naturalizado entre os jovens do sexo masculino e brancos, privilegiados economicamente, seguir o caminho da escolarização e do bacharelado” (Fernandes, 2018, p. 779). Em todos esses cenários, “os[as] jovens estudantes e não estudantes cumpriram o papel que lhe fora socialmente designado, materializando, em sua maioria, as perspectivas adultas instituídas” (Fernandes, 2018, p. 779).

A partir da década de 1960, os movimentos estudantis organizados por estudantes do ensino secundário e do ensino superior, referidos como “movimento de contestação juvenil ao padrão político, econômico e cultural”, trouxeram uma compreensão das juventudes como um problema para o pensamento social. A partir desses movimentos, foi “possível compreender que tenha sido produzido por tais sujeitos [jovens] certo exercício de crítica ao modo estabelecido de serem governados [...]”, ao menos em sua relação com os estudos e as instituições formadoras (Fernandes, 2018, p. 180).

Ao trazer essa discussão sobre a relação juventudes e estudos, realizada por Fernandes (2018), o que pretendo é discutir a condição de estudante como uma forma de produzir o ser jovem. Do ensino fundamental, passando pelo ensino médio até o ensino superior, ser estudante é também uma forma de constituir a juventude. A condição de estudante é uma marca da condição juvenil. Em diferentes momentos, durante a fase de observação, assuntos relacionados ao universo estudantil eram explorados pelos/as jovens, sobretudo, nos momentos antes de iniciar a reunião de Célula. Durante o mês de novembro, essas discussões se intensificaram em virtude do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. O ENEM foi criado em 1998 pelo governo federal e tinha por objetivo avaliar os/as estudantes ao término da educação básica. A partir do ano de 2009, durante o governo Lula, houve um incentivo para o uso do ENEM não apenas como um processo de avaliação do Ensino Médio, mas como forma de acesso ao ensino superior no Brasil. Desse modo, por meio da nota do ENEM, o “Sistema de Seleção Unificada (Sisu) passou a operar em larga escala no processo de alocação dos candidatos às vagas” (Silveira *et al.*, 2015, p. 1101-1102). Em diferentes momentos, o ENEM figurou as discussões na Célula e foi conteúdo de postagens no perfil da *a.rede*, corroborando com a argumentação de Fernandes (2018) sobre a condição de estudante que abarca boa parte das juventudes. Analisando o perfil dos/as participantes da pesquisa, é possível inferir que a relação com os estudos é uma marca que caracteriza os/as jovens. Eles/as se preocupam com isso, e durante seu processo de evangelização essa relação é levada em consideração.

No último tópico do presente capítulo, meu objetivo foi apresentar as características do/a jovem participantes da pesquisa. A seguir, apresento as análises que evidenciam as marcas que caracterizam o/a jovem cristão/ã produzido no *Currículo da Célula Evangelizadora*.

4 MARCAS CONSTITUTIVAS DA JUVENTUDE CRISTÃ

A produção de sujeito está centralmente envolvida naquilo que constitui um currículo (Silva, 2005). Um currículo é composto por saberes e conhecimentos intencionalmente selecionados e essa seleção atua na produção daquilo “que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade” (Silva, 2005, p. 15). Na presente pesquisa, desenvolvi a tese de que no *Currículo da Célula Evangelizadora* produz-se o/a jovem cristão/a *Livre, porém servo/a* e o/a *Louco/a por Jesus*, por meio de práticas de renúncia de si, obediência, santidade, liberdade e de amor. *Livre, porém servo* e *Louco/a por Jesus* são posições de sujeito nomeadas por mim a partir da análise das práticas ensinadas no currículo investigado. Essas posições são prescritas no currículo investigado e podem ser ocupadas por jovens cristãos/ãs em momentos distintos e até concomitantemente. No presente capítulo, analiso as marcas que constituem a juventude cristã, tais como ser diferente dos/as demais, ser obediente, viver em santidade, praticar a oração e frequentar as atividades religiosas (cultos, Células, eventos cristãos).

Ao indagar, no início desta pesquisa, como os/as jovens se produzem, busquei nos estudos da ética foucaultiana compreender como se fabrica um sujeito. Esses estudos me levaram à compreensão de que a produção do sujeito ocorre no ponto de contato entre as técnicas de dominação e as técnicas de si (Foucault, 1993). Ambas as técnicas operam mutuamente na constituição do sujeito. O/a jovem não se produz de forma neutra e isolada dos discursos que o/a atravessam, nem das relações de poder que os constituem. Diferentemente, enquanto é constituído/a pelos discursos, ele/a opera sobre si práticas e exercícios que produzirão modos específicos de se conduzir. Por esse motivo, interessou-me pesquisar “quais são as formas e as modalidades da relação consigo mediante as quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito” (Foucault, 2018, p. 11). Considerando isso, mantive o olhar atento às práticas produzidas e ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* para identificar e analisar que tipo de jovem elas produzem. Assim sendo, busquei analisar as marcas constituintes das posições de sujeito jovem demandadas. Inspirada em Silva (2005, p. 15), busquei indagar “‘o que eles ou elas devem ser?’ ou, melhor, ‘o que eles ou elas devem se tornar?’”. Afinal, um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão ‘seguir’ aquele currículo”.

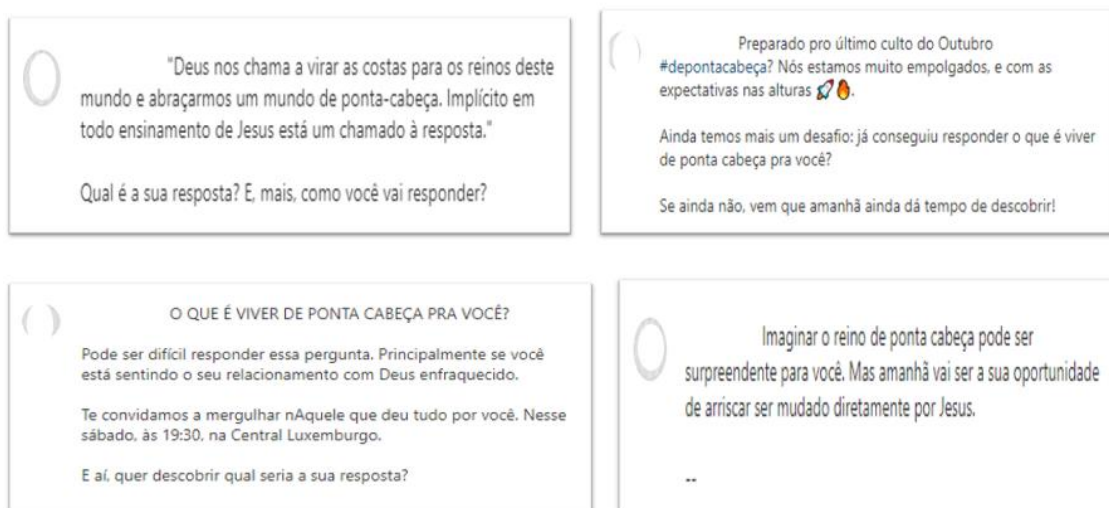
O argumento desenvolvido neste capítulo é que a juventude cristã é constituída por marcas que evidenciam que ela deve se conduzir renunciando os padrões da sociedade, realizando diversas práticas sobre si mesma para se produzir em torno da santidade e da

obediência a Deus. Nesse sentido, o/a jovem cristão/ã se distingue dos/as demais porque seu estilo de vida não segue os padrões sociais. Ele/a deve se conduzir de modo a se preparar para experimentar a vida eterna, algo que só será possível à medida em que ele/a morrer para as próprias vontades. Assim, prescreve-se que ele/a siga os princípios e as virtudes ensinados no currículo investigado, como frequentar a igreja, ir às reuniões da Célula, se envolver em atividades jovens religiosas, ser exemplo para sua geração. A conduta do/a jovem cristão/ã é ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora* e, por meio do discurso religioso, aciona elementos da Bíblia para construir uma moral a ser seguida por esse/a jovem. A seguir, discorro sobre as marcas que caracterizam a juventude cristã.

4.1 O/a jovem cristão/ã vive de ponta cabeça

O objetivo do presente capítulo é caracterizar a juventude cristã, identificando as marcas que são produzidas e postas em funcionamento no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Uma característica que se destaca nesse modo de ser jovem é o fato de que ele/a é marcado/a por se conduzir de modos que contrariam aquilo que outros/as jovens agnósticos/as e/ou de religião não protestante vivenciam. Por isso, em sua conduta, é prescrito que ele/a viva de *ponta-cabeça*. Isso significa que o/a jovem cristão/ã não deve se importar com o “reino desse mundo”, mas seu objetivo deve estar em se conduzir de modo a fazer as vontades de Deus. Para anular-se em uma sociedade de culturas variadas, o/a jovem cristão/ã precisa escolher viver de ponta cabeça, conforme veremos a seguir, na Figura 6, que reúne algumas postagens feitas na página *a.rede* no Instagram.

Figura 6 – Viver de ponta-cabeça



Fonte: *a.rede*

A Figura 6 é composta por quatro postagens realizadas no perfil da *a.rede*. No primeiro post desta seleção, afirma-se que “Deus nos chama a virar as costas para o reino deste mundo”, aciona-se a figura de Deus para conferir status de verdadeiro ao discurso religioso que estabelece para os/as cristãos/ãs um padrão de vida que se diferencie ao que se vive no mundo, ou seja, diferente daquilo que se vive fora da igreja. A fim de reiterar que viver de ponta-cabeça é o desejo divino, afirma-se que a resposta a esse chamado está “implícit[a] em todo ensinamento de Jesus”, ou seja, todos os ensinamentos cristãos convocam a uma condução da conduta que os/as diferencie dos/as demais. Embora os outros posts sigam provocando os/as jovens a responder o que seria viver de ponta-cabeça, a resposta ao chamado de Jesus não deve ser feita apenas com palavras, pois trata-se de uma forma de se conduzir. A convocação é para “**viver** de ponta-cabeça”. Para que isso seja possível, é necessário “ser mudado diretamente por Jesus”. Se conduzir segundo os ensinamentos de Cristo os/as fará viver de ponta-cabeça. Dessa maneira, o/a jovem cristão/ã é ensinado/a a viver contrariando o modo secular de viver. Foucault (2020) analisa os modos como os/as cristãos/ãs primitivos/as eram ensinados/as a escapar aos prazeres da alma, desprezando as coisas desta vida. Para o autor, tal fato se dá pelo desejo dos/as cristãos/ãs de unirem-se a Deus.

Unir-se a Deus é estar próximo dele, relacionando-se com ele. No currículo investigado afirma-se que para conseguir responder ao chamado de uma vida de ponta-cabeça é necessário que o relacionamento do/a jovem cristão/ã com Deus esteja fortalecido. Em um dos posts afirma-se: “Pode ser difícil responder a essa pergunta. Principalmente se você está sentindo seu relacionamento com Deus enfraquecido”. Relacionar-se com Deus significa conduzir-se conforme o que Ele ensina. Esses ensinamentos chegam até os/as cristãos/ãs por meio daquilo que a igreja prescreve como conduta adequada aos/às seguidores/as de Jesus. Assim, o/a jovem cristão/ã é convocado/a a “mergulhar nAquele que deu tudo por você [ele]”. Mergulhar pode ser analisado como uma entrega total de si. É deixar-se governar segundo o que seria a vontade daquele que deu a própria vida pela salvação dos/as seus/suas. A morte e ressurreição de Cristo para salvar os/as cristãos/ãs compõe o discurso religioso acerca da salvação e da vida eterna. Essa é a verdade a qual todo/a cristão/ã persegue, nela se fundamenta toda a prática do Cristianismo. Segundo Foucault (2020, p. 22-23), “a crença dos cristãos na vida eterna e o desejo de se unir a Deus constituem um motivo profundo e sólido para realmente seguirem esses preceitos”. Os preceitos mencionados por Foucault referem-se

à manutenção de intenções puras, afastando pensamentos relativos às ações condenáveis no cristianismo. Por meio da verdade acerca da salvação e da vida eterna, fixam-se os pontos de irreduzibilidade das práticas de verificação e de governamentalidade cristãs.

Cada uma das postagens agrupadas na Figura 6 foi acompanhada de vídeos. Os vídeos eram iniciados com um questionamento: “O que é viver de Ponta-Cabeça pra você?”. A partir disso, surgiam jovens dando depoimentos que respondiam o que significa viver de ponta-cabeça. Essas foram as respostas dos/as jovens ao questionamento das postagens:

Viver de ponta cabeça é negar a si mesmo e seguir a Cristo.

A gente não deve se moldar aos padrões desse mundo, mas ter uma mente renovada de acordo com o que Deus disse para nossas vidas.

Viver de ponta-cabeça é viver fora dos padrões da terra e focar nos padrões de Cristo.

E abrir mão de tudo para seguir a Cristo.

É literalmente viver aquilo que o pessoal não faz no mundo.

É olhar a vida com a visão de Deus.

É viver a autenticidade em Cristo.

É viver a verdadeira obediência. É saber que faço parte de algo eterno.

É não se preocupar com o amanhã porque você sabe que Deus está cuidado de tudo.

Viver de ponta-cabeça é o tema de uma série de encontros que acontece na igreja e têm por objetivo ensinar os/as jovens cristãos/ãs a serem inconformados/as com os padrões culturais e sociais da contemporaneidade. Duas respostas apontaram que viver de ponta cabeça é não se “moldar aos padrões desse mundo” e “viver fora dos padrões desse mundo”. Trata-se, então, de uma cotidiana renúncia a toda e qualquer relação com os padrões sociais que se diferem dos religiosos. Esses padrões podem ser analisados como culturas, formas de se conduzir, viver e estar no mundo. Se tratando de juventude, a cultura juvenil também traduz o que seriam tais padrões. Segundo José Machado Pais, culturas juvenis são os “modos de agir dos jovens no interior dos ritmos da vida cotidiana” (2003, p. 72-75). O autor também caracteriza essas atividades como “práticas sociais” (Pais, 2003).

Ao refletir nos modos de agir dos/as jovens como práticas sociais é possível fazer um deslocamento dos estudos das juventudes para o pensamento foucaultiano. O filósofo francês afirma que as práticas sociais colocam em funcionamento determinados discursos. Analisando os estudos foucaultianos acerca do funcionamento do discurso, Giuslane Silva e Sergio Junior (2016, p. 203) afirmam que o discurso se “materializa nas práticas sociais dos sujeitos e nestes produz efeitos”. Essa compreensão me permite argumentar que o modo como o/a jovem cristão/ã age no mundo, por meio de práticas sociais, é mobilizado pelo discurso

religioso acerca de como ele/a deve se conduzir. Desse modo, ele/a passa a assumir, ainda que provisoriamente, posições de sujeito. Dos modos de condução ensinados no currículo destacam-se “olhar a vida com a visão de Deus”, “viver a autenticidade de Cristo e a “verdadeira obediência”. Por meio dessas práticas, o/a jovem cristão/ã que vive de ponta-cabeça é produzido/a.

Os estudos sobre juventudes apontam que são diversas as formas de estar no mundo experimentadas pelos/as jovens. Apesar disso, existem algumas marcas que podem caracterizar mais fortemente a vida juvenil. Sobre isso, Reis e Jesus (2014, p. 14) afirmaram que “tatuagens, piercings, pulseiras, bonés, colares, roupas estilizadas, calças largas ou justas, cabelo colorido, cortes moicanos”, entre tantas outras marcas e símbolos, caracterizam e expressam uma forma prevalente de viver a juventude. De igual modo, os lugares que frequentam e o contexto em que estejam inseridos/as são também fortes marcadores do modo de ser jovem. Nesse sentido, é possível dizer que “há uma multiplicidade de experiências juvenis caracterizadas por novas linguagens, expressões corporais, apropriações da e na cidade, práticas na internet e movimentos artísticos-culturais” que se configuram como padrões do mundo em que vivem. Ao dizer que o/a jovem cristão/ã precisa viver fora dos padrões do mundo e “focar os padrões de Cristo”, ensina-se que ele/a deve se conduzir por meio de práticas que favoreçam a experiência com Cristo. Desse modo, as marcas que o/a constituem não podem ser semelhantes às marcas que constituem outros modos de ser jovem.

O/a jovem cristão/ã vive de ponta-cabeça porque o modo de se conduzir irá considerar aquilo que ele/a acredita ser o que Deus quer que ele/a faça. O seu foco está em se conduzir a Deus. Em uma das respostas dada por um jovem, ele diz trata-se de “viver aquilo que o pessoal não faz no mundo”, reiterando mais uma vez que o modo de se conduzir deve ser diferente do modo como outros/as jovens se conduzem.

Ter um estilo de vida que seja diferente é uma demanda do *Currículo da Célula Evangelizadora* ao/à jovem cristão/ã. No currículo investigado, o/a jovem cristão/ã segue sendo convocado a um estilo de vida que fuja aos padrões mundanos, o que para outras pessoas pode parecer loucura. Na figura a seguir, a lógica da salvação é evidenciada como loucura para quem não é cristão/ã protestante.

Figura 7 – Loucura para o mundo



Fonte: *a.rede*.

Na Figura 7, o/a jovem é convocado/a a entregar o controle de sua vida a Jesus e se preparar para o que acontecerá durante o mês de outubro. Assim como as postagens da Figura 6, esse post faz parte de um conjunto publicações para divulgação das atividades que aconteceram no mês de outubro de 2021 e que foram nomeadas como *Vivendo de Pontacabeça*, por isso a imagem acionada está invertida. Chamo a atenção para a produção do/a jovem cristão/ã que vive a loucura do evangelho. Com a frase “A lógica do reino parece loucura para o mundo”, uma referência ao versículo de I Coríntios 1, 18 (ACF) que diz: *Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus*. O convite é para que os/as jovens se conduzam em desacordo com os padrões sociais do mundo em que vivem. Desse modo, divulga-se que é preciso ser louco/a nesse mundo e se conduzir conforme os regimes de verdade produzidos pelo cristianismo.

Prescreve-se, ainda, que “este é o único caminho possível”. Ou seja, para ser jovem cristão/ã, é necessário viver de uma forma que para outras pessoas pode ser considerada loucura. Isso faz dele/a um/a jovem distinto/a dos/as demais. Essa distinção foi

evidenciada também durante a observação, conforme é possível verificar na nota de diário de campo a seguir:

Raquel, 20 anos, convoca os/as outros/as jovens para um momento de oração. Acionando o exemplo bíblico de Zaqueu, um homem que subiu em uma árvore para chamar a atenção de Jesus, ela diz que é preciso agir diferente para ter resultados diferentes (Notas de diário de campo, 4 de março de 2022).

A história de Zaqueu é contada na Bíblia, no capítulo 19 do livro de Lucas. Trata-se de um homem que queria ver Jesus, mas, como havia muitas pessoas em sua volta e sendo ele de baixa estatura, precisou subir em uma árvore, chamando a atenção de Cristo. A atitude de Zaqueu foi considerada ousada e bastante diferente, pois ele não era um dos discípulos de Jesus. Ao ser surpreendido com sua atitude, Jesus o mandou descer da árvore, se convidou para repousar na casa do homem e perdoou-lhe os pecados (Bíblia, Lucas 19). A ousadia em subir na árvore, é para os/as cristãos/ãs exemplo de que, para atrair a atenção de Jesus, coisas inesperadas precisam ser feitas. Convocando os/as jovens a agirem diferentemente dos/das demais, no *Currículo da Célula Evangelizadora* ensina-se que é preciso fazer coisas diferentes e ousadas, se conduzindo de modo distinto. Para atender a essa e outras demandas, é necessário que o/a jovem cristão/ã se conduza em obediência. Obediência é uma marca do/a jovem cristão/ã. Tal marca é ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora*, conforme é possível observar no subtópico a seguir.

4.2 A marca da obediência

Para que o/a jovem cristão/ã coloque em prática os ensinamentos a ele/a dirigidos sobre o modo como deve se conduzir, ele/a precisa estar disposto/a a obedecer a tais ensinamentos. A obediência é caracterizada por uma série de exercícios que o/a jovem cristão/ã deverá operar sobre si mesmo/a a fim de se manter fiel ao que tem aprendido. A Figura 8 evidencia que obedecer é uma marca que caracteriza o/a jovem cristão/ã

Figura 8 – Obedecer é melhor que sacrificar



Fonte: *a.rede*.

A Figura 8 é uma postagem que evidencia que o/a jovem cristão/ã deve ser obediente e afirma que “obedecer é melhor que sacrificar”. Essa expressão compõe os ditos de um versículo bíblico no livro de I Samuel 15, 22 (ACF) que afirma: “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros”. No contexto bíblico, é explicado que para Deus importa mais que seus/suas seguidores/as sejam obedientes aos seus mandamentos do que façam sacrifícios em seu nome, se referindo aos sacrifícios de animais que eram comuns no antigo testamento. A prescrição exige a obediência do/a jovem cristão/ã para que ele/a vire as costas para os reinos desse mundo e viva de ponta-cabeça, ou seja, mesmo estando no mundo, ele/a não deve se conduzir de acordo com os padrões aqui estabelecidos, conforme já foi discutido no início desse capítulo. O/a jovem cristão/ã como um sujeito obediente também foi evidenciado durante as entrevistas.

[...] o jovem cristão precisa refletir em cada ato, o tempo inteiro, pra andar obediente à Palavra porque ela é a luz que dá a direção (Ester, 19 anos, entrevista)

Em sua entrevista, Ester afirma que “o jovem cristão precisa refletir em cada ato, o tempo inteiro, para andar obediente à Palavra porque ela é luz e dá a direção”. Embora obedecer seja uma técnica de governo do/a outro/a, para se conduzir em obediência o/a jovem precisará operar sobre si mesmo/a algumas práticas que o/a mantenham obediente. Nesse fragmento da entrevista, é possível analisar que a prática do exame de si é acionada para garantir a obediência, pois, refletindo em seus atos, será possível obedecer. Foucault faz a análise sobre o vínculo entre obediência e exame de si ao explorar a formação dos noviços quando chegam ao convento, na Idade Média. Por certo que a análise que aqui desenvolvo não tem relação direta com isso, porém, tanto na pesquisa aqui desenvolvida quanto nas análises foucaultianas sobre a iniciação dos noviços, o que se tem por objeto é a produção do sujeito cristão. Se, ao analisar o noviciado, Foucault (2014) deparou-se com a obediência e o exame de si como marcas constitutivas daquele sujeito cristão, aqui nesta tese também tomo essas práticas como características importantes na composição do/a jovem cristão/ã produzido/a no *Currículo da Célula Evangelizadora*.

Ester foi taxativa ao afirmar que como cristã ela precisa ser “obediente à Palavra porque ela é a luz que dá direção”. Já outra jovem entrevistada disse que é preciso seguir princípios e valores, que conduzirão sua conduta de modo a amar a Deus, amar e obedecer aos pais e às pessoas, ser respeitosa, ou seja, ela precisará se conduzir em obediência a tais princípios, conforme mostra o trecho da entrevista a seguir.

Eu acredito que como cristão a gente tem alguns princípios que nós acreditamos e seguimos, e com base nesses princípios e valores a gente guia todas as nossas emoções. Por exemplo, a Bíblia ensina que a gente deve amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como nós mesmos. Tendo como esse fundamento o amor, sabe, eu me comporto de determinadas formas, assim, então eu não vou desrespeitar as pessoas, eu vou obedecer a meus pais, eu vou valorizar as pessoas, amar elas, como se eu tivesse fazendo algo por mim, eu vou fazer pelo outros (Raquel, 20 anos, entrevista).

Enquanto Ester afirmou que o/a jovem cristão/ã precisa obedecer à Palavra, que para os/as cristãos/ãs significa ser obediente ao que está escrito na Bíblia, Raquel segue dizendo que, por causa dos ensinamentos bíblicos, se conduz em obediência aos pais e respeitando as pessoas. Desse modo, pode-se dizer que, por meio da manifestação da verdade sobre os princípios e valores cristãos, produzidos no discurso bíblico, a jovem que ama a Deus e ao/à próximo/a, obedece aos pais e à Bíblia foi produzida, operando sobre si práticas que a levarão a se conduzir dessa forma. Trata-se de uma forma de governo que tem por objetivo a condução da conduta do/a jovem cristão/ã, que se dará por meio das “diferentes

articulações existentes entre as tecnologias de governo (ou poder), as tecnologias de saber (ou processos de verificação) e as tecnologias do eu (ou processos de subjetivação)” (Caponi, 2019, p. 179). No *Currículo da Célula Evangelizadora*, aciona-se o discurso bíblico para colocar em funcionamento a tecnologia de autogoverno e do governo do/a outro/a, por meio das verdades religiosas e, assim, produzir o/a jovem cristão/ã que obedece.

A jovem Raquel afirma que a Bíblia ensina amar a Deus e, por causa desse amor, ela decide ser obediente aos pais. No sétimo capítulo desta tese, analiso o amor a Deus e ao próximo como práticas ensinadas no currículo investigado. No presente capítulo chamo a atenção para a produção do/a jovem cristão/ã que obedece. Para tornar-se obediente aos pais e ao que a Bíblia está prescrevendo, ela precisará examinar-se constantemente para identificar e corrigir faltas que a impeçam de amar e obedecer. Essas são práticas que demandam a ação de um/a sobre o/a outro/a bem como a ação sobre si mesmo/a. São, portanto, elementos fundamentalmente ligados entre si, pois “o princípio da obediência sem fim, o princípio do exame incessante e o princípio do reconhecimento exaustivo das faltas” (Foucault, 2014a, p. 262) estão embricados uns nos outros. Esses três elementos formam o que Foucault (2014a) nomeou de “direção cristã”.

Trata-se de estabelecer uma relação de obediência à vontade do outro e de estabelecer ao mesmo tempo, em correlação, como condição dessa obediência, o que eu chamaria, não de uma jurisdição, mas de uma verificação: a obrigação de dizer permanentemente a verdade sobre si mesmo, e isso na forma de reconhecimento das faltas [...]; obediência ao outro tendo como instrumento uma verificação de si mesmo – é essa, a meia voz, a fórmula da direção [cristã] (Foucault, 2014a, p. 279).

O/a jovem cristão/ã está seguindo uma direção que foi dada por meio dos ensinamentos bíblicos prescritos no currículo investigado. Foucault afirma que “a direção consiste em um adestramento à obediência, entendido como renúncia às vontades próprias por submissão à de outro” (Foucault, 2020, p. 156). Isso reitera a relação entre exame de si e obediência, haja vista que, para renunciar às vontades, é preciso saber sobre si, se conhecer, e o saber de si ocorre por meio do exame de si.

As expressões “*a gente tem que vigiar*” (Raquel) e “*o jovem cristão precisa refletir em cada ato*” (Ester) evidenciam que, para se manterem obedientes aos ensinamentos, é necessário examinar suas ações para não agir diferentemente daquilo divulgado como conduta ideal do/a jovem cristão/ã. Segundo Foucault (2020, p. 148), “o objetivo específico do exame é o sentimento que a alma experimenta a propósito do que ela faz ou do que ela vê”. Desse modo, faz-se necessário examinar-se para se conhecer e se dominar, a fim de se conduzir em obediência ao que é ensinado.

É por meio da prática de exame de si que se dirige a alma que se pode governar os pensamentos. O exame de si também permite o conhecimento de si, o escrutínio daquilo que habita as profundezas da consciência humana. Entretanto, o exame não tem por objetivo pesquisar as causas ou a origem do mal, “ele não desce às raízes ocultas do mal, tenta restituí-lo como se apresenta à consciência, sob a forma das satisfações que ela experimenta ou dos movimentos que sente nela mesma” (Foucault, 2020, p. 148). Ou seja, trata-se de se examinar para perceber os movimentos que agitam a alma, para, então, dominá-los e conseguir manter-se obediente.

Nos fragmentos das entrevistas, é possível perceber que o/a jovem cristão/ã deve seguir as prescrições bíblicas a fim de se conduzir como o/a jovem obediente, que ama ao próximo e é virtuoso/a. Os princípios e valores bíblicos fabricam a verdade sobre ser jovem cristão/ã. Ele/a deve, então, se conduzir conforme essas verdades. Só é possível atingir os padrões prescritos à juventude cristã por meio da manifestação de tais verdades.

Foucault (2014, p. 24) afirma que a manifestação da verdade é necessária para o exercício de poder entre os indivíduos. Tal manifestação ocorre por meio de uma “aleurgia”, ou seja, “uma manifestação ritual de verdade”. Dito de outra forma, a fabricação do verdadeiro exige o acionamento de diferentes conhecimentos, isto é, “a produção do verdadeiro na consciência dos indivíduos por procedimentos lógicos-experimentais”. O autor ainda afirma que “a ciência, o conhecimento objetivo, não é mais que um dos casos possíveis de todas essas formas pelas quais podemos manifestar o verdadeiro” (Foucault, 2014a, p. 8). A aleurgia aciona um “conjunto de procedimentos possíveis, verbais ou não, pelos quais se revela o que é dado como verdadeiro em oposição ao falso, ao oculto, ao indizível, ao imprevisível, ao esquecimento [...]” (Foucault, 2014a, p. 8). Nos fragmentos retirados das entrevistas, é possível identificar alguns procedimentos desse ritual.

Primeiro, Raquel afirma que existem princípios e valores que os/as cristãos/ãs devem seguir e oferece como exemplo alguns princípios descritos na Bíblia. Desse modo, aciona-se o conhecimento bíblico na fabricação das verdades sobre os princípios e valores cristãos. A Bíblia é um manual da conduta cristã, portanto, para aqueles/as que se conduzem por ela, se algo está dito na Bíblia, é verdade. Os ensinamentos descritos nela são aceitos pela maioria dos/as cristãos/as. Por esse motivo, acioná-la é um procedimento de aleurgia.

O segundo procedimento é o amor como fundamento, que fará com que o/a jovem se conduza de determinada forma. O amor a Deus, aos/às outros/as e a si próprio/a, um sentimento genuíno, é acionado como procedimento para manifestar a verdade acerca dos princípios e dos valores que o/a jovem cristão/ã deve seguir. Além de ser um sentimento

nobre, o amor também está entre os ensinamentos bíblicos, por isso, entende-se que ele é uma característica do/a jovem cristão/ã. A partir desses procedimentos, a verdade sobre princípios, virtudes e valores cristãos é manifestada de modo que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, atua produzindo marcas distintivas que caracterizam o/a jovem cristão/ã.

Assim como Raquel acredita que, para ser um/a jovem cristão/ã, é necessário seguir princípios e valores, o jovem Miguel também defende essa prescrição:

Um jovem cristão deve se comportar tentando ao máximo seguir os princípios e virtudes ensinados na Bíblia (Miguel, 21 anos, entrevista).

Miguel é categórico ao afirmar como um/a jovem cristão deve se comportar. Para ele, seguir os *princípios e virtudes ensinados na Bíblia* faz parte desse comportamento. Dessa forma, ele/a se manterá obediente. Miguel afirma, ainda, que o/a jovem cristão/ã deve tentar ao máximo seguir os ensinamentos bíblicos, evidenciando que tal prática não é algo simples. Ser obediente em seguir os ensinamentos bíblicos pode ser algo difícil para o/a jovem cristão/ã, mas ele/a deve ser persistente e continuar tentando. Embora Miguel não tenha dito abertamente o que significa seguir os princípios bíblicos, esses princípios e virtudes que o/a jovem cristão/ã precisa tentar *ao máximo* seguir referem-se às práticas que o/a afastam do pecado. No pecado estão implícitos os prazeres da carne, dos quais se destacam o sexo antes do casamento, o consumo de bebidas alcóolicas e/ou substâncias ilícitas. Para alguns/algumas jovens, pode ser muito difícil manter-se longe dessas práticas. Não sucumbir a certos prazeres é a tarefa constante de todo/a cristão/ã. Foucault (2020, p. 195) analisa um “código moral das interdições sexuais” presente no cristianismo, que define a virgindade como “santificação, como vontade de Deus” (Foucault, 2020, p. 198). No meio cristão protestante, a virgindade é uma decisão de prestígio para o/a jovem que decide não praticar sexo até que se case. A figura a seguir evidencia como a virgindade é algo valorizado na cultura cristã.

Figura 9 – Eu escolhi esperar



Fonte: Eu escolhi Esperar (confusidades.com.br).

A imagem é o slogan do movimento *Eu escolhi esperar*, que foi aderido por muitos/as cristãos/ãs. Segundo o site *euescolhiesperar.com*, trata-se de uma campanha cristã acerca do princípio de preservação sexual. O objetivo é “encorajar, fortalecer e orientar os solteiros cristãos a esperarem até o casamento para viverem suas experiências sexuais”⁴⁴. Criada em 2011, a campanha tem por idealizadores um casal cristão de pastor e pastora que atuam como conselheiros de jovens e adolescentes em todo o território brasileiro. Com o alcance das redes sociais, a campanha ganhou repercussão nacional e internacional, e desde 2012 atua em diversos países. No Instagram, a página oficial *Eu escolhi esperar* atingiu a marca de mais de 2 milhões de seguidores/as e o conteúdo ali publicado é destinado a reiterar a preservação sexual antes do casamento. A castidade faz parte daquilo que Foucault nomeou como a “economia de relações e atos sexuais” (2020, p. 36). Nessa economia, o sexo só deve ser praticado depois do casamento e para funções reprodutivas. A interdição sexual advinda do cristianismo tornou-se objeto de análise de Foucault em várias de suas obras⁴⁵. Não se trata de analisar se o sexo deve ser praticado antes ou depois do casamento, mas sim de investigar os regimes de verdade que produzem doutrinas cristãs, que conduzem as condutas de seus/suas praticantes. A interdição do desejo sexual está entre as práticas que o/a jovem

⁴⁴ Veja descrição completa em: Saiba mais sobre o Eu Escolhi Esperar: quem somos, equipe e mais. Acesso em: 17 jul. 2023.

⁴⁵ Entre os principais livros em que Michel Foucault analisa a interdição sexual no cristianismo estão *História da Sexualidade I, II, III e IV*.

cristão/ã deve operar sobre si a fim de alcançar uma vida virtuosa, que “por sua vez é caminho para a salvação” (Foucault, 2020, p. 27). Embora não seja fácil, o/a jovem cristão/ã precisa *tentar ao máximo* seguir a doutrina cristã.

A interdição sexual é uma das práticas que caracterizam *os princípios e as virtudes ensinados na Bíblia*⁴⁶, ditos por Miguel. Isso porque o sexo antes do casamento é uma prática considerada pecaminosa no cristianismo protestante. Ao analisar textos dirigidos por Tertuliano⁴⁷ nos primeiros séculos do cristianismo, Foucault (2020) aponta algumas tendências em torno dos ensinamentos sobre a castidade, uma delas diz respeito ao fato de que era atribuído “à abstenção das relações sexuais um valor geral, como meio para se aproximar de uma existência santificada”. Ainda hoje, no cristianismo protestante, ensina-se que a preservação sexual antes do casamento é algo que conduz a “uma vida em santidade e pureza baseada nas escrituras sagradas” (euescolhiesperar.com). A santidade é um modo de conduzir-se que nega as práticas de pecado. Por meio dela, o/a cristão/ã busca manter-se separado/a para Deus, vivendo conforme a vontade do seu criador. Ela também é uma marca que caracteriza a juventude cristã, conforme discuto a seguir.

4.3 A marca da santidade

O que é ser santo/a? Como conduzir-se em santidade? Essas são duas questões importantes para analisar a marca do/a jovem cristão/ã explorada neste tópico. Na Bíblia, os termos santo e santidade aparecem relacionados à prática de separar-se para Deus, ou seja, de ter uma vida dedicada a vontade de Deus: “Portanto, irmãos, rogo pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, **santo** e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês” (Romanos 12:1 ARA). “Mas, assim como é **santo** aquele que os chamou, **sejam santos** vocês também em tudo o que fizerem” (1 Pedro 1:15 ARA). O termo santidade também remete ao sentido de pureza, ausência do pecado e a comportamentos que devem ser seguidos para manter-se em santidade: “Amados, visto que temos essas promessas, purifiquemo-nos de tudo o que contamina o corpo e o espírito, aperfeiçoando a **santidade** no temor de Deus” (2 Coríntios 7:1 NVI).

Segundo o teólogo Nildson Ucho (2001), a santidade é algo requerido por Deus a todos/as que o seguem. Conduzir-se em santificação “é em essência a vontade de Deus para

46 Algumas referências bíblicas que declaram que a prática sexual antes do casamento é uma imoralidade condenada por Deus: 1 Coríntios 5: 1; 6:18; 7:2; 10:8. 2 Coríntios 12:21. Gálatas 5:19. Efésios 5:3. Colossenses 3:5. 1 Tessalonicenses 4:3. Judas 7.

47 Foucault cita Tertuliano, *Exortação à Castidade* e Tertuliano, *Veu das Virgens*.

todo ser humano” (Uchoa, 2001, p. 75). Trata-se de um estilo de vida que irá qualificar os/as cristãos/ãs para o céu, pois exige uma batalha constante contra o pecado. Viver em santidade é viver lutando contra qualquer prática que afaste uma pessoa de Deus. A única coisa que, segundo o cristianismo protestante, afasta as pessoas de Deus é o pecado. No entanto, ser santo/a não significa estar completamente livre do pecado. Segundo Uchoa, este é um dos entendimentos acerca da santidade que leva as pessoas ao erro e à radicalização. A santidade deve ser praticada ao longo da vida, até a vinda de Jesus. Ela é a condição para ver a Deus: “Esforcem-se para [...] serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14 ARA). Considerando sua importância na vida cristã, ser santo/a é uma marca da juventude cristã.

[...] se espelhar em Jesus, buscando ser santo igual Ele. (Miguel, 21 anos, entrevista)

Nesse fragmento de entrevista, Miguel afirmou que o/a jovem cristão/ã precisa ser santo igual a Jesus e é necessário nele se espelhar. Raquel, por sua vez, disse que a santidade é algo ensinado pelo próprio Jesus.

Uma outra coisa que também Jesus ensina, assim, e que a gente segue muito, é a questão da santidade. [...] santidade é isso, é a gente viver separado, é tomar cuidado com nosso corpo, nossos pensamentos, com nosso relacionamento [namoro], e pensar que nossa vida, assim, ela... a gente vive pra agradar a Deus e pra desenvolver um relacionamento com Ele, saudável e íntimo, enfim, então é isso que eu acredito (Raquel, 20 anos, entrevista).

A jovem explica que Jesus lhe ensina sobre santidade, e isso envolve viver separada, cuidar do corpo, do pensamento, dos relacionamentos. Raquel afirma que vive para “agradar a Deus e pra desenvolver um relacionamento com Ele”. Desse modo, é possível dizer que o/a jovem cristão/ã é conduzido/a a operar sobre si uma série de práticas de cuidado de si, cuidando do seu corpo, dos relacionamentos, pensamentos. Na Figura 10, é possível perceber que a demanda por um/a jovem santo/a também é evidenciada. Ele/a é convocado/a a experimentar um estilo de vida diferente e é descrito/a como aquele/a que “tem um chamado em Cristo, é santo, separado por Ele e para Ele”.

Figura 10 – Ser santo

! Estamos aprendendo nesse mês sobre a importância de sermos diferentes, afinal, o nosso chamado em Cristo é para sermos santos, separados por Ele e para Ele.

Por esse motivo, decidimos compartilhar algumas dicas práticas para renovar a mente e se livrar do conformismo.

Marca aqui nos comentários qual dica você mais gostou e porque!

Texto: @l ;
Design: Matheus Abreu



Fonte: *a.rede*.

O post endereçado aos/às jovens afirma que eles/as precisam ser diferentes para atenderem ao chamado de Deus. Isso significa que é necessário ir contra qualquer padrão de comportamento que seja oposto ao de Deus. Foucault (2020), estabelece uma relação entre direção e santidade. O autor conclui que no Cristianismo “santo não é aquele que ‘se dirige’ a si mesmo: é aquele que se deixa dirigir por Deus” (Foucault, 2020, p. 159-160). Neste caso, “a direção consiste em um adestramento à obediência, entendido como renúncia à vontade própria por submissão à de outro” (Foucault, 2020, p. 160). Desse modo, é possível dizer que ser santo está imbricado em ser obediente. A santidade é o fruto da obediência a Deus.

A Figura 11 também evidencia essa relação. Após ensinar em cinco passos a importância de ser santo/a, afirma-se que viver em santidade é obedecer a Deus, ou seja, é se deixar dirigir pelo próprio Deus. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, demanda-se que os/as jovens sejam “santos[/as], verdadeiros[/as] opositores[/as] a este mundo”, conforme mostra Figura 11 a seguir.

Figura 11 – Ser distinto é viver em santidade

O VALOR DE SER DISTINTO 🔥

Diariamente, o mundo nos ensina padrões completamente opostos aos de Deus. Diariamente, somos alvo de uma cultura que não é a mesma sonhada e decretada pelo Senhor. Assim, em um mundo passivo, relativista e liberalista, precisamos nos lembrar de algo: O VALOR DE SERMOS DISTINTOS!

Aqui estão cinco pontos que demonstram a importância de sermos santos, verdadeiros opositores a este mundo:

1º: a santidade é um atributo essencial de Deus (Sl 99:3 / Ap 4:8);

2º: a santidade nos identifica como filhos de Deus, pois um filho dEle vive de forma pura e irrepreensível neste mundo (Fp 2:12, 15);

3º: a santidade é um chamado de Deus (1 Pe 1:14 / Ef 5:1);

4º: a santidade é o padrão dos discípulos de Jesus (2Co 6:4,6 / 1 Tm 4:12);

5º: a santidade é a vontade de Deus (1 Tess 4:3, 5-6).

Fomos chamados para viver de maneira distinta, em pureza e obediência a Deus! E o Apóstolo Paulo, em sua carta à igreja de Éfeso, nos exorta e explica como vivermos em santidade (Ef 4:17, 22-32 / Ef 5:3, 15, 19-20).

Fonte: *a.rede*.

Na postagem, que tem como título “O valor de ser distinto”, o/a jovem é ensinado/a sobre a importância de lutar contra uma “cultura que não é a mesma sonhada e decretada pelo Senhor”, reiterando a demanda pelo/a jovem que não se conduz conforme os padrões da sociedade em que vive, conforme analisei anteriormente. Incentivado/a a tornar-se opositor/a a essa cultura, afirma-se que isso o/a tornará distinto/a e há valor em ser distinto/a, pois isso é ser santo/a. Nas figuras 10 e 11, assim como nos trechos das entrevistas de Raquel e Miguel, há uma prescrição para que sejam santos/as. A verdade aqui manifestada é a que o/a jovem cristão/ã precisa ser e manter-se santo/a. Especificamente na Figura 11, para produzir essa veridicção na consciência dos/as jovens, a aleturgia de manifestação dessa verdade está descrita em cinco passos, analisados a seguir. 1. A santidade é um atributo essencial de Deus; 2. A santidade os/a identifica como filhos/as de Deus; 3. A santidade é um chamado de Deus; 4. A santidade é o padrão dos/as discípulos/as de Jesus e 5. A santidade é a vontade de Deus.

Todas essas afirmações foram extraídas da Bíblia e as referências estão lá para que o/a jovem possa consultar. O discurso religioso se sustenta a partir das Escrituras Sagradas, ela confere status de verdadeiro a toda forma de condução da conduta prescrita aos/às jovens.

Percebem-se aqui ao menos dois procedimentos de manifestação da verdade. O primeiro é o saber bíblico mais uma vez acionado para conferir status de verdade sobre o valor de ser santo. Assim como discutido anteriormente, se está na Bíblia, então, não há do que duvidar. O segundo procedimento foi organizar os versículos utilizando afirmações como “é a vontade de Deus”, é “atributo de Deus”, é o que identifica “como filho de Deus”. Ora, se o/a jovem cristão/ã deseja viver para “agradar a Deus”, conforme observamos na entrevista de Raquel, se conduzir conforme essas verdades está em concordância com isso.

De acordo com Foucault (2014), o ritual de manifestação de verdade é uma forma de governo. O autor afirma que “não pode haver governo sem que os que governam indexem suas ações, suas decisões a um conjunto de conhecimentos verdadeiros” (Foucault, 2014a, p. 14). Dessa forma, ao acionar esses conhecimentos sobre santidade, objetiva-se evangelizar o/a jovem e governar sua conduta.

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, a juventude cristã é caracterizada como aquela que precisa ser distinta no mundo que vive. Ele/a está neste mundo, mas sabe que foi separado/a para viver para Deus, segundo a vontade de Deus e, assim, tornar-se santo/a. Por isso, ele/a é distinto/a e está aqui para ser diferente e fazer a diferença. O processo que envolve a produção do/a jovem cristão/ã ocorre em meio da prática da evangelização, que é produzida e divulgada no currículo investigado. O que se deseja com essa prática é produzir um/a jovem que obedece a Deus e à Bíblia, ama ao próximo, se conduz em santidade baseando-se nos princípios, nos valores e nas virtudes bíblicas.

Embora, no currículo investigado, os/as jovens sejam ensinados/as a se manterem santos/as para se relacionar com Deus e eles/as afirmem que acreditam nessa verdade, há escapes a essas prescrições. No fragmento da entrevista de Lucas, o jovem problematiza o modo como cada um/a deve se conduzir no percurso da vida cristã.

Creio que um jovem cristão deve ser um exemplo, deve se comportar de acordo com o que acredita, sendo o influenciador em seus convívios sociais e não o influenciado (Lucas, 21 anos, entrevista).

Lucas foi um jovem que, durante a entrevista, não mencionou a santidade como padrão de conduta da juventude cristã, nem a Bíblia como manual da vida cristã. Para ele, ser jovem cristão é ser exemplo, se comportar de acordo com o que acredita, é ser o influenciador

de pessoas e não o influenciado. Esse trecho da entrevista dialoga com uma discussão que ocorreu durante uma reunião de Célula:

Os/as jovens estavam compartilhando a experiência vivenciada durante o feriado de Carnaval na Vox Conference. Alguns/as falaram das ministrações que ouviram e dos momentos de oração. Ao assumir a fala, Lucas indagou: “você questionam o que escutam ou acreditam cegamente no que está sendo ensinado na Igreja, na Célula?” (Nota de diário de campo, 04/03/2022).

Nesses dois trechos, o da entrevista e a nota de diário de campo, é possível perceber a produção de um/a jovem que não quer se deixar levar cegamente pelo que os/as outros/as dizem sobre Deus. Ele mesmo quer ter acesso às verdades sobre Deus. Para Foucault (2018), o exercício de si leva ao trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento. Considerando isso, o autor indaga “até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe?” (Foucault, 2018, p. 14). Essa reflexão nos permite analisar o fragmento da entrevista de Lucas e a discussão relatada na nota de diário de campo supracitados, considerando que nem sempre o/a jovem cristão/ã aceitará sem questionar as verdades sobre a conduta do/a cristão/ã ensinadas por outrem. Ele/a próprio/a pode buscar a verdade sobre si mesmo/a, duvidando, questionando e “se comportando de acordo com o que [ele/a] acredita”. O/a jovem que busca do próprio Deus o direcionamento de como deve conduzir a própria conduta também é uma característica do/a jovem cristão/ã produzido no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Esse/a jovem deve organizar sua rotina de modo a incluir momentos de devocional, ou seja, momentos de estudo autônomo da Bíblia e orações.

Essa seria a busca pela verdade de si que consiste na ascese filosófica ou ascese da prática de si. Foucault (2004, p. 400) explica que “a ascese filosófica, a ascese da prática de si não tem por princípio a submissão do indivíduo à lei. Tem por princípio ligar o indivíduo à verdade [...] é o que permite fazer de si mesmo o sujeito que diz a verdade”. Ao afirmar que o/a jovem cristão/ã deve ser “o influenciador em seus convívios sociais e não o influenciado”, sugere-se que o/a jovem cristão/ã não deve apenas ser submisso à lei, ao contrário disso, deixando de ser influenciável, deve tornar-se influenciador/a. De igual modo, nas notas de diário de campo, ao indagar “você questionam o que escutam ou acreditam cegamente no que está sendo ensinado na Igreja, na Célula?”, problematizam-se as verdades produzidas nos espaços religiosos. Nas notas de diário de campo acima, Lucas afirma que é importante confiar em Deus, mas deve-se questionar a interpretação que é feita da Bíblia. Percebe-se um esforço em fazer de si o sujeito da verdade, e não apenas aquele/a que se deixa conduzir conforme as verdades que lhe são ensinadas.

Sobre as perguntas levantadas por Lucas, os/as jovens presentes na reunião da Célula naquele dia foram unânimes em afirmar que é necessário questionar o modo como as instruções bíblicas são ensinadas. Mateus, 20 anos, disse que não se deve acreditar cegamente na interpretação que cada vertente religiosa faz da Bíblia. Segundo ele, são essas interpretações que dividem a igreja.

A reunião ficou bastante agitada após as perguntas que Lucas fez na Célula. Estão todos/as conversando ao mesmo tempo, mas dá para perceber que há uma concordância entre eles/as sobre a necessidade de questionar as ministrações bíblicas. Mateus começa falar um pouco mais alto e aos poucos os demais vão se calando. Ele disse que a Bíblia é para ser interpretada e não levada ao pé da letra. Segundo ele, “muita gente viaja” e essas interpretações fizeram surgir tantas religiões, cada uma com “seu estilo” e algumas “nada a ver”, segundo o jovem (Nota de diário de campo, 04/03/2022).

O/a jovem cristão/ã considera necessário questionar, não a Bíblia em si, mas a forma como ela é ensinada nas ministrações. Mateus explora um pouco mais o tema e afirma que “muita gente viaja”, se referindo às interpretações que fazem dos textos bíblicos. Ele segue dizendo que a interpretação individual da Bíblia deu origem a tantas religiões, provavelmente referindo-se as diversas religiões ou filosofias de matriz cristã, tais como catolicismo, espiritismo, protestantismo, etc. É possível analisar as distinções também dentro de cada religião. O protestantismo, por exemplo, é subdividido em protestantismo históricos (anglicanos e luteranos), pentecostal, neopentecostal e pseudoprotestante (Andrade, 2010). Em cada uma dessas vertentes existem, ainda, outras ramificações expressas pelos nomes das igrejas: Batista, Metodista, Presbiteriana, Evangelho Quadrangular, Deus é amor entre tantas outras. Todas as igrejas do protestantismo têm como referência a mesma Bíblia Sagrada, ainda que com traduções diferentes, mas são os mesmos livros. O que difere uma das outras é a interpretação de determinadas passagens bíblicas, o que irá orientar o manual de conduta de cada igreja.

Nesse sentido, Mateus afirma que algumas das compreensões que se faz da Bíblia não têm “nada a ver”, ou seja, são totalmente diferentes do modo como ele está acostumado a interpretá-la. Após a fala de Mateus, o grupo se agitou novamente. No fechamento da discussão, Raquel argumentou que para não haver confusão, a interpretação da Bíblia deve ser feita pelo Espírito Santo. Segundo a jovem, “essa é a única forma de não errar” (Nota de diário de campo, 04/03/2022). No quinto capítulo desta tese é evidenciado como a prática de retirar-se para meditar nas escrituras e receber a revelação do próprio Deus é ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Essa prática dialoga com a afirmação de Raquel sobre a Bíblia ser interpretada pelo Espírito Santo. No presente capítulo, chamo a atenção para a

produção do/a jovem que é questionador/a e que busca por meios próprios compreender os ensinamentos das Sagradas Escrituras.

A partir das análises da materialidade até aqui apresentadas, pode-se dizer que o/a jovem cristão/ã é aquele/a que se conduz conforme os ensinamentos produzidos no *Currículo da Célula Evangelizadora*, buscando ser santo como Jesus. Ele/a recorre a essas prescrições para se conduzir conforme o que lhe é ensinado. Entretanto, assim como em todo currículo, neste também há os escapes às prescrições que nele circulam. Desse modo, o/a jovem cristão/ã também pode ser aquele/a que busca a verdade sobre ser cristão/ã em si próprio/a. Acredita que Deus se revelará a ele/a por meio dessa busca e o/a conduzirá sem outras interferências. Outra conduta ensinada no currículo investigado é a da oração. O/a jovem cristão/ã deve sempre investir tempo para orar, pois nesse momento ele/a poderá examinar se sua conduta está de acordo com o que lhe é ensinado, conforme é evidenciado a seguir.

4.4 A marca da oração

A prática da oração é uma marca que caracteriza o/a jovem cristão/ã. No currículo investigado ensinou-se reiteradamente que é preciso ter momentos de oração, separar um tempo para conversar com Deus. Mais uma vez, a Bíblia foi acionada como manual da conduta cristã para ensinar o/a jovem cristão/ã a importância de ele/a ser uma pessoa de oração, conforme evidencia a Figura 12.

Figura 12 – Oração



Fonte: *a.rede*.

A Figura 12 é um conjunto de imagens que foram publicadas na página da *a.rede*. O objetivo é orientar o/a jovem cristão/ã a manter uma rotina de oração. Para ensinar esse princípio, alguns argumentos que reiteram a importância da oração foram selecionados e organizados em um post. Tais argumentos foram construídos ancorados em versículos bíblicos, uma estratégia do currículo para garantir o status de verdadeiro acerca do conhecimento ali divulgado. Ao selecionar a oração como uma prática a ser ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora*, objetiva-se produzir um tipo específico de jovem cristão/ã, pois destaca-se, “entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal” (Silva, 2005, p. 16). No caso do currículo investigado, a subjetividade produzida é a do/a jovem cristão/ã que ora.

Para colocar em prática esse ensinamento, inicia-se afirmando que a oração é uma premissa bíblica e que os ensinamentos sobre ela se baseiam no livro sagrado. A primeira afirmação diz que “a oração nos aproxima de Deus”. Ao orar, é possível ficar em comunhão com Deus e abrir o coração para Ele. Também é possível contar a Deus o que se deseja e se

sente. A segunda afirmação diz: “A oração nos fortalece”. Ao orar, é possível se analisar conforme “os olhos” de Deus e ser fortalecido. Já a terceira afirmação diz que “a oração traz cura”. Aqui a oração é associada à prescrição de uma confissão, e, segundo se afirma no texto, ambas podem curar. Para se chegar ao momento da confissão, o/a jovem cristão/ã terá de examinar-se a si mesmo a fim de identificar e reconhecer suas faltas diante de Deus. A oração é divulgada como prática que reúne o exame de si e a confissão. Esse duplo é nomeado por Foucault (2020) como “exame-confissão”, pois ao mesmo tempo em que será necessário se examinar para que pecados, medos e receios sejam expostos diante de Deus, cria-se um mecanismo que fará com que o/a cristão/a peça conta de si mesmo/a e de sua própria conduta.

A oração reúne em si práticas de governo do/a outro/a e de governo de si mesmo/a. O duplo governo coloca em ação o plano político e ético de constituição do sujeito (Foucault, 2014). Para que isso seja possível, no currículo investigado é divulgado todo um regime de verdade para colocar em funcionamento as técnicas de condução e autocondução dessa prática. Afirmações como: “Quando oramos entramos em comunhão com Deus”, nos tornamos mais “íntimos de Deus e parecidos com Jesus” e “Deus nos capacita”, compõem o regime de verdade acerca da oração.

Percebe-se que a oração é elaborada como forma de conduzir a conduta do/a outro/a à medida que se apresenta como uma série de prescrições a partir da prática da oração: colocar os medos anseios diante dele, contar o que desejamos e sentimos, confessar os pecados diante de Deus. Essas práticas são prescritas para afirmar o que deve acontecer durante a oração, atuando como uma ferramenta que irá conduzir o/a cristão/a durante a prática. Entretanto, ela se torna uma prática de governo de si mesmo/a ao passo que exige do sujeito uma elaboração de si para se abrir, falar dos próprios sentimentos e confessar seus pecados, colocando em funcionamento o exame-confissão.

A oração também esteve presente durante a fase da observação das reuniões da Célula. Três episódios foram destacados das notas de diário de campo, nos quais a prática da oração é prescrita.

No início da reunião, Raquel colocou uma música e pediu que todos/as ficassem à vontade para orar do jeito que quisessem (Notas do diário de campo, 04/02/2022).

Hoje na Célula todos/as os/as jovens fizeram oração para aqueles/as que irão fazer o ENEM, que será no próximo domingo. (Notas do diário de campo, 19/11/2021).

“Não oramos até Deus nos ouvir, oramos até começarmos a ouvir Deus”. Frase dita por Raquel na reunião de Célula (Notas do diário de campo, 04/02/2022).

Nas notas de diário de campo, a importância de desenvolver práticas de oração segue sendo ensinada. A oração faz parte da vida do/a jovem cristão/ã, afinal, é por meio

dessa prática que o/a jovem poderá conversar com Deus, acessá-lo e tornar possível o relacionamento com Ele. Em todos os encontros da Célula, os/as jovens participaram de momentos de oração. Uma prática muito comum durante a Célula refere-se ao fato de que um/a jovem sempre ficava responsável por anotar pedidos de oração trazidos pelos/as jovens no grupo de WhatsApp. Ali eram registrados os pedidos e todos/as eram convocados a orar por eles durante toda a semana. Em uma ocasião

Maria, 20 anos, pediu que orassem para a avó dela, pois estava muito doente (Nota de diário de campo, 19/11/2021)

Na semana seguinte, Maria agradeceu e disse que sua avó havia melhorado graças à oração do grupo. A oração esteve presente na fala de todos/as os/as jovens durante as entrevistas.

[...] quando vem tentações, começo a orar repreendendo (Ester, 19, anos, entrevista)

A única prática constante [no meu dia a dia] tem sido a oração (Lucas, 21 anos, entrevista)

Faço meu devocional todos os dias lendo [a Bíblia] e meditando, após um louvor e orando pelos meus amigos e minha família (Ana, 20 anos, entrevista)

Tenho o hábito de orar antes de alguma coisa importante que preciso fazer (Rute, 20 anos, entrevista)

Eu oro, escuto pregações na internet e escuto muito louvores, o louvor liberta. (Maria, 23 anos, entrevista)

Sobre a minha rotina devocional eu costumo estudar, orar, assim, ler a Bíblia de manhã (Raquel, 20 anos, entrevista)

Antes de qualquer coisa tiro um tempo para ouvir algum louvor, meditar, orar e ler alguma palavra da Bíblia, normalmente uns 20 minutos (Miguel, 20 anos, entrevista)

Lucas disse que tem dias ele fica agitado por causa do acúmulo de tarefas e só depois de orar ele consegue se organizar melhor (Nota de diário de campo, 13/11/2021)

Os trechos das entrevistas e das notas de diário de campo são referentes a momentos em que foi possível registrar como a oração está presente no cotidiano dos/as jovens, evidenciando que o/a jovem cristão/ã deve ter em sua conduta práticas diárias como esta. Ora-se para repreender tentações, por amigos/as e família, antes de qualquer ação e para conseguir organizar o dia. Junto à prática da oração, algumas vezes outras práticas foram associadas, tais como ouvir louvor, ler a Bíblia e meditar. Essas práticas associadas compõem o que os/as cristãos/ãs chamam de momento de devocional. Segundo o blog Doxa Box, que faz publicações relacionadas às práticas cristãs, o termo devocional deriva da palavra “devoção, que significa apego sincero e fervoroso a Deus. Torna-se possível inferir, então, que trata-se

do período de tempo que uma pessoa separa para se dedicar aos assuntos espirituais, ou seja, investir momentos em contato com o divino⁴⁸. Em Foucault (2006), essa prática é nomeada como “técnica do retiro”. Falarei mais sobre ela no capítulo *Livre, porém servo/a: Práticas de Liberdade-Governada e Liberdade-arte-da-existência* da tese. Por ora, sigo analisando a oração como marca constitutiva da juventude cristã.

Considerando a importância da oração, na igreja em que os/as jovens eram membros/as, existe uma reunião chamada de Reunião de oração. Trata-se de um momento em que os/as jovens se reúnem na igreja para orar. Além de ensinar a prática da oração, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, o/a jovem cristão/ã é convocado a participar de reuniões destinada à oração, conforme evidencia a Figura 13.

Figura 13 – Reunião de oração



Fonte: *a.rede*.

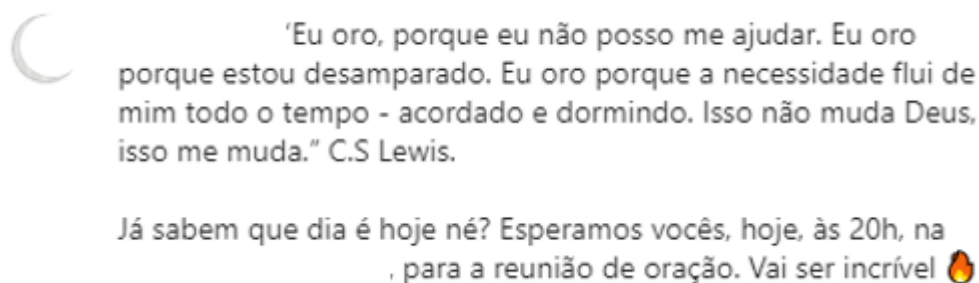
Os argumentos que justificam a importância de participar da reunião de oração foram organizados didaticamente, como um passo a passo, na postagem da Figura 13. Os saberes ali divulgados foram ordenados e numerados de modo que o/a jovem seja convencido/a a participar desse momento. Afirmando que a reunião de oração é um lugar de

⁴⁸ Disponível em: Devocional cristão: o que é, a importância e como fazer (doxabox.com.br). Acesso em: 17 jul. 2023.

comunhão, o primeiro argumento aciona a sociabilidade para atrair o/a jovem para encontrar amigos/as e irmãos/ãs. Os estudos sobre juventudes apontam a sociabilidade como algo inerente à condição juvenil. Segundo Geraldo Leão e Helen Carmo (2014), a convivência entre jovens em grupo de pares e os “espaços de sociabilidade onde se encontram adquirem uma importância central” nas experiências juvenis. Considerando ser uma publicação endereçada aos/às jovens, a sociabilidade foi acionada no currículo investigado como estratégia para a adesão do/as jovens à reunião de oração. Os demais argumentos atribuem à divindade o motivo para participar da reunião de oração. O segundo argumento aciona a presença de Deus como o motivo pelo qual o/a jovem deve participar. Já o terceiro argumento afirma que a reunião de oração é um lugar de renovação, ou seja, no qual se produzem novos modos de ser e agir. No último argumento, garante-se que lá é lugar de adorar e exaltar a Deus.

Em outra postagem, o/a jovem continua sendo convocado/a a participar da reunião de oração, desta vez acionando uma frase de um escritor bastante conhecido no meio cristão, Clive Staples Lewis. Entre os livros de sucesso de C.S. Lewis está a série *Crônicas de Nárnia*.

Figura 14 – Eu oro porque



Fonte: *a.rede*.

A frase publicada na *a.rede* evidencia alguns porquês da oração: para ser ajudado/a, para ser amparado/a e porque é uma necessidade. Afirma-se, ainda, que a oração “não muda a Deus”, muda quem ora. A partir dessas afirmações, vem o convite para a reunião que terá início às 20h. Observa-se que no currículo investigado o/a jovem cristão/ã é reiteradamente convocado/a a orar, existindo até reuniões específicas para isso. Foucault (2020) afirma que é por meio da oração, da meditação, da fixação do espírito em direção a Deus que se chegará ao objetivo da existência cristã de uma “vida contemplativa em que Deus deverá ser acessível graças a pureza do coração” (Foucault, 2020, p. 177). Na prática da oração, o/a jovem cristão/ã poderá buscar a pureza, pois estará em constante conhecimento de si, de suas fraquezas e poderá

trabalhar incessantemente para corrigi-las. Por esse motivo, o/a jovem cristão/ã precisa participar de experiências que o/a levem à prática da oração. Mas não é apenas das reuniões de oração que o/a jovem é convocado a participar. A seguir, analiso a participação em diferentes atividades como uma marca que caracteriza o/a jovem cristão.

4.5 Ser jovem cristão/ã é participar

Além de frequentar a Célula, ir aos cultos, o/a jovem cristão/ã deve estar envolvido/a em conferências e outras atividades propostas pela igreja. O desejo por um/a jovem participativo/a foi divulgado no *Currículo da Célula Evangelizadora* como uma marca constitutiva da juventude cristã.

Antes de terminar a reunião, Raquel deu alguns recados. Pediu que os/as jovens não deixassem de ir ao culto no sábado (Notas do diário de campo, 13/11/2021).

No fragmento da nota acima, o/a jovem é convocado/a a participar do culto de sábado, destinado especificamente ao público juvenil. No Instagram, a convocação para o culto segue sendo realizada.

Figura 15 – Culto

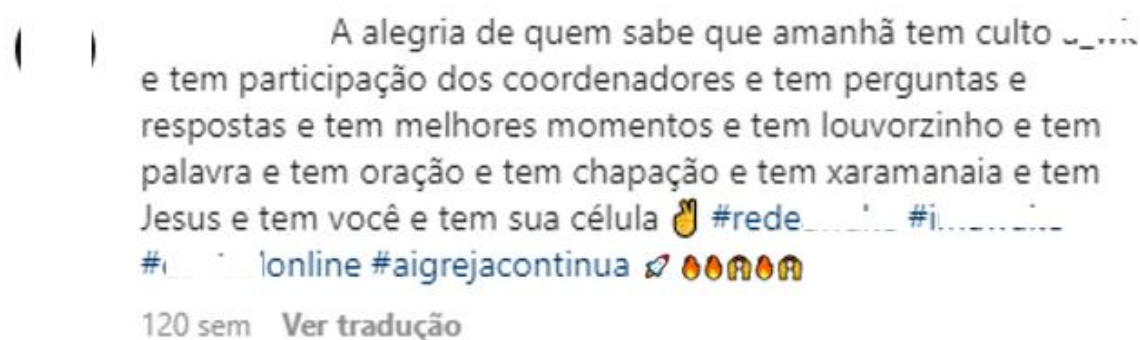


Fonte: *a.rede*.

Participar do culto de jovens é uma marca constitutiva do jovem cristão/ã. No perfil da *a.rede* no Instagram, a agenda dos cultos de jovem era sistematicamente divulgada a fim de conduzir o/a jovem a deles participar. Para atraí-los/as, a cada semana um tema era discutido no culto e divulgado nas redes sociais. Mesmo após a flexibilização das normas de segurança da covid-19, o culto continuou sendo transmitido via YouTube, possivelmente por considerar a relação dos/as jovens com as tecnologias digitais e para ampliar a evangelização no ciberespaço. De acordo com Marcelo Costa (2020), as ações evangelísticas que acontecem utilizando recurso e plataformas ciberespaciais são nomeadas como “Evangelismo Digital, Evangelismo Virtual,

E-Vangelismo ou Web-evangelismo” (Costa, 2020, p. 167). Trata-se de forma de evangelização que, além das tecnologias digitais, inovam a cada dia e contam a participação de influenciadores/as digitais cristãos/as e os/as web-missionários/as (Costa, 2020). A evangelização no ciberespaço pressupõe o acionamento de elementos específicos da cibercultura, como as hashtags e os ícones das reações. Na Figura 16 é possível observar a presença desses elementos.

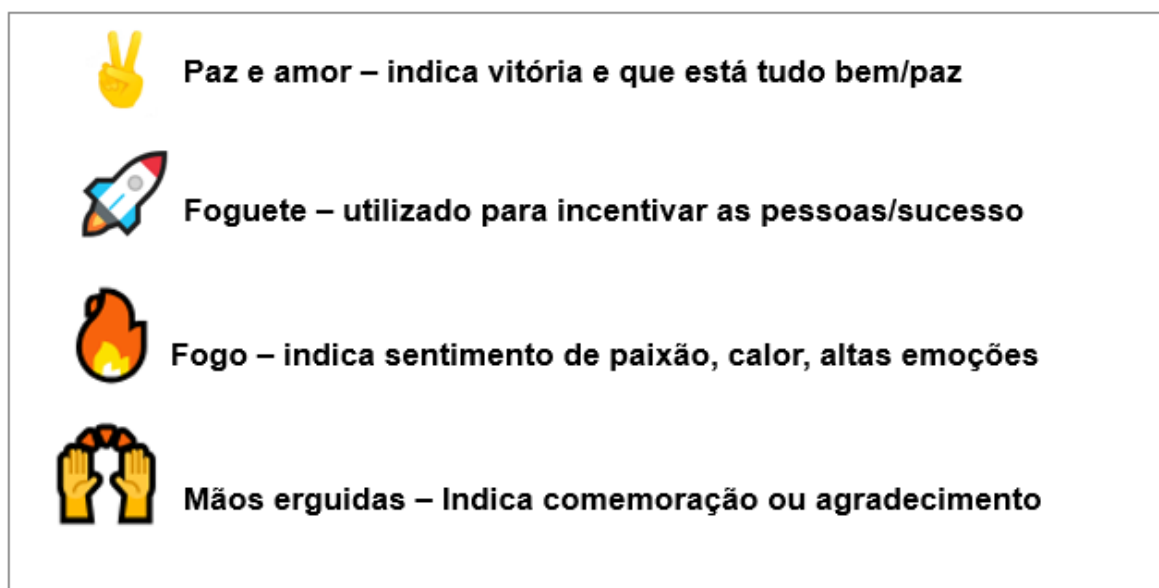
Figura 16 – Amanhã tem culto



Fonte *a.rede*.

A postagem que também é uma convocação para o culto de sábado mescla elementos da cibercultura e das culturas juvenis. Três hashtags desse post tiveram a identificação da igreja suprimida, mas nelas eram divulgados os nomes das redes de jovens e adolescentes pertencentes à igreja, a outra afirma: #aigrejacontinua. Segundo Fernanda Costa-Moura (2014), a palavra *hashtag*, composta pela junção de *hash* (que em inglês é representada pelo símbolo #) mais a palavra *tag* (etiqueta ou marcação), é responsável “por fornecer um meio de agrupamento instantâneo de mensagens e metadados – os quais, a partir daí, podem ser acessados ao alcance de um clique” (Costa-Moura, 2014, p. 150). Além das hashtags, o post contém alguns emojis que, para melhor compreensão, foram destacados na Figura 17 a seguir.

Figura 17 – Emojis



Fonte: Elaborada pela autora.

A utilização de símbolos da cibercultura foi associada a alguns elementos das culturas juvenis, como dizer que no culto terá “louvorzinho”, “chapação” e “xaramanaia”. Essas palavras expressam um jeito de se comunicar muito característico dos/as jovens, por meio da zoação. A música e o modo de falar são manifestações simbólicas das culturas juvenis (Garbin, 2006). Ao dizer que no culto haverá “louvorzinho”, a música foi acionada com estratégia para garantir a presença dos/as jovens. A palavra “chapação”, por sua vez, faz parte do vocabulário juvenil e indica que todo mundo vai ficar chapado no culto. No dicionário Priberam, uma das definições para a palavra refere-se ao “que está inerte ou sonolento devido ao efeito de drogas ou álcool (ex.: chapado de maconha). = drogado⁴⁹”. O consumo de bebida alcóolica e de drogas ilícitas é condenável pela Igreja Protestante. Apesar disso, fora da igreja, o público jovem é apontado como um dos principais consumidores de produtos ilícitos.

Para relacionar o consumo de drogas e juventudes, é necessário levar em consideração os “contextos de vulnerabilidade e os marcadores sociais que permeiam essa relação” (Maira Souza *et al.*, 2015, p. 68). Segundo as autoras, essa consideração é importante, pois o consumo de drogas se configura como um complexo problema de saúde pública no Brasil, que precisa ser discutido à luz de problematizações sobre as políticas públicas e a política em seu contexto geral. Discussões acerca do enfrentamento e da prevenção às drogas, realizadas na perspectiva dos/as usuários/as e dos tratamentos existentes, são fundamentais antes mesmo

⁴⁹ CHAPADO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

de atrelar o consumo de drogas aos/às jovens.

Considerando que a Igreja rechaça o consumo de drogas, é possível inferir que a “chapação” mencionada no post dizia respeito a outra coisa. No livro de Efésios 5:18, é dado o conselho para que “não vos embriagueis com vinho, que leva à devassidão, mas deixai-vos encher pelo Espírito”. Em outro livro das Escrituras, conta-se a história de um grupo de pessoas que estavam reunidas e todos/as começaram a falar em várias línguas diferentes. Algumas pessoas perceberam o que estava acontecendo e os/as acusaram de estarem bêbados/as à luz do dia. Pedro, um dos discípulos de Jesus, tratou de esclarecer as pessoas e explicou que o que estava acontecendo ali era o derramamento de Espírito Santo (Atos 2:1-17). Considerando esse contexto, ao dizer que no culto haverá “chapação”, os/as jovens estavam sendo convidados/as a participar de um encontro com o Espírito Santo, e não para consumir drogas e bebidas. Estrategicamente, a palavra pode ter sido utilizada a fim de atrair os/as jovens.

Outra palavra utilizada no post é “xaramanaia”. Essa palavra não existe no dicionário português. Trata-se de uma derivação a uma das línguas estranhas que os/as protestantes pentecostais costumam dizer quando estão sob efeito do Espírito Santo. Conforme mencionei no capítulo primeiro desta tese, uma marca que distingue os/as protestantes pentecostais é a glossolalia, que significa falar em línguas estranhas, uma língua que não é passível de interpretação, tampouco tradução (Pinezi, 2009). Xaramanaia é uma expressão que se aproxima dos sons emitidos pelos/as cristãos/as quando estão sendo visitados/as pelo Espírito Santo. Seu acionamento no currículo investigado assume caráter de zoação. A zoação também é uma marca da juventude. Segundo Evangelista (2016, p. 104), “zoar, falar de modo jocoso, fazer graça” são marcas das culturas juvenis. A zoação, segundo Shirlei Sales (2010), “funciona como uma ‘tecnologia de subjetivação’, que utiliza diferentes técnicas como sarcasmo, ironia, deboche, repúdio e banimento” (Sales, 2010, p. 159). Assim, é possível analisar o acionamento da expressão para zoar as línguas estranhas e/ou indicar que no culto haverá a presença do Espírito Santo. Acionando estratégias endereçadas aos/às jovens para que ele/a participe do culto, a juventude participativa é produzida no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Ele/a deve participar não apenas dos cultos, mas também de eventos como a Vox Conference.

No próximo final de semana haverá uma conferência na igreja. Os/as jovens estão animados/as e falam disso o tempo todo. A programação está no Instagram e contará com atividades durante todo o final de semana. Esse evento é específico para jovens (Notas do diário de campo, 13/11/2021).

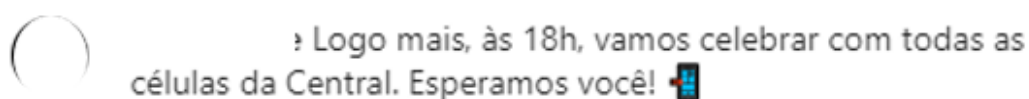
Figura 18 – Conferência



Fonte: *a.rede*.

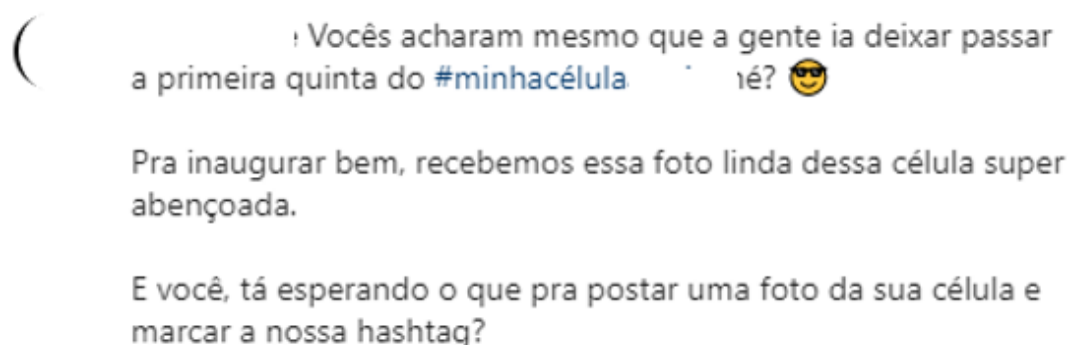
Mais uma vez, elementos da cibercultura são acionados para convocar os/as jovens. O evento mencionado na Figura 18 foi amplamente divulgado no Instagram e também nas Células. Durante os dias que antecederam ao evento, era muito comum que os/as jovens falassem sobre ele antes de a reunião iniciar. A conferência também foi tema dos avisos dados durante a Célula. Em diferentes situações, Raquel reiterou a importância da participação no evento. A participação dos/as jovens nas Células também foi sistematicamente demandada, conforme é possível observar nas figuras 19 e 20.

Figura 19 – Logo mais tem Célula



Fonte: *a.rede*

Figura 20 – Minha Célula



Fonte: *a.rede*.

O/a jovem cristão/ã deve ser participativo e estar envolvido com as programações divulgadas no *Currículo da Célula*. Conseguir conciliar muitas tarefas é uma característica que o/a jovem cristão/ã precisa desenvolver. Essa missão nem sempre é fácil. Durante a entrevista, ao serem indagados/as sobre como conciliam atividades de estudo, trabalho, lazer e a Igreja, alguns/algumas jovens responderam que é difícil equilibrar tudo.

[...] às vezes é difícil conciliar tudo porque tem muitas programações da Igreja e a gente tem que ter tempo para tudo, buscar o equilíbrio das coisas. Eu tenho meus estudos, eu faço faculdade, eu trabalho também, eu preciso ter meu tempo de descanso, então, eu tento equilibrar as coisas. Então, fim de semana, por exemplo, eu tento focar menos na faculdade e essas coisas... Então eu busco descansar e ir pra igreja, essas coisas, e durante a semana eu foco mais nas obrigações, né? Vamos dizer assim, mas que também são coisas que eu amo fazer. É... tá estudando, tá desenvolvendo minha vida profissional e tal, então eu acho que é mais uma questão de gestão de tempo, assim, de saber o que é prioridade e de organizar, assim, a rotina (Raquel, 19 anos, entrevista).

Como eu já tinha falado antes, minha rotina tem sido bem cansativa, trabalho o dia inteiro, estudo quando dá (risos). Tenho tentado manter uma rotina de exercícios [se referindo a exercício físico]. Com isso tudo não sobra quase tempo nenhum durante a semana, só quero deitar e dormir. Mas no fim de semana gosto de focar mais no meu lazer e na própria igreja. Creio que não seja muito ideal gerenciar as coisas dessa forma, mas tem sido o jeito que encontrei no momento (Lucas, 20 anos, entrevista).

Em suas entrevistas, tanto os/as jovens que estudam e trabalham quanto aqueles/as que apenas estudam ressaltaram as dificuldades em conciliar essas atividades à programação da igreja e ao lazer. Raquel afirmou que durante a semana prioriza trabalho e estudo, já no final de semana se dedica à igreja e ao lazer. Lucas também segue uma rotina parecida. Durante a semana, o jovem passa oito horas diárias no trabalho e, quando dá tempo, ele estuda. Nos finais de semana, ele afirmou que foca mais o lazer e a Igreja. Considerando essas informações, é possível dizer que eles/as vivenciam suas rotinas no tempo e no espaço de formas bastante dinâmicas.

Ao problematizar questões como tempo e espaço e a transição do/a jovem para a vida adulta, Dayrell (2007) resalta que os/as jovens estão sempre em movimento, em um trânsito constante, ocupando espaços e se apropriando do tempo de forma muito particular. O autor ainda afirma que é “nesse percurso, marcado pela transitoriedade, que vão se delineando as trajetórias para a vida adulta. É nesse movimento que se fazem, construindo modos próprios de ser jovem” (Dayrell, 2007, p. 1113). Nos trechos das entrevistas de Rebeca e Lucas, esse movimento é evidenciado. Ele e ela destacam que estão sempre ocupados com muitas atividades, faculdade, trabalho, descanso e lazer.

Ao ocupar esses espaços, os/as jovens vão atribuindo sentidos particulares a eles e “tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais” (Dayrell, 2007, p. 1113). Eles/as se constituem jovens à medida que transitam por espaços onde experimentam a obrigação, a regra, a sociabilidade e o lazer. Aliada à dimensão do espaço, a condição juvenil expressa, de forma singular, formas de viver o tempo. Para os/as jovens, na experimentação da dimensão temporal, há um predomínio do tempo presente, pois é “a única dimensão de tempo que é vivida sem maiores incômodos e sobre a qual é possível concentrar atenção” (Dayrell, 2007, p. 1112). O autor segue dizendo que jovens vivenciam o tempo de formas diferenciadas, levando em conta os espaços: “nas instituições (escola, trabalho, família [e podemos acrescentar a igreja]) que assumem uma natureza institucional, marcada pelos horários e a pontualidade; ou aqueles vivenciados nos espaços intersticiais, de natureza sociabilística” (Dayrell, 2007, p. 1113). Os/as jovens entrevistados/as para a presente pesquisa demonstraram que transitam em diferentes espaços e se organizam no tempo para experimentar tanto os espaços institucionais quanto os de sociabilidade.

A dimensão do lazer também se manteve em evidência nas falas dos/as jovens. Nos fragmentos das entrevistas, Raquel e Lucas afirmaram que tentam conciliar as obrigações do dia a dia com atividades relacionadas ao lazer. Práticas de lazer são aquelas “atividades realizadas em espaços/tempos em que os indivíduos estão livres do trabalho e de outras obrigações” (Stigger, 2009, p. 82). Ao discutir como os/as jovens vivenciam práticas de trabalho, estudo e lazer, Ivanês Zappaz e Juliana Vargas (2017, p. 2) afirmaram que “as ações/situações de lazer vivenciadas pelos sujeitos são constituídas por processos sociais e culturais e também pelas relações com seus pares”. As autoras seguem refletindo sobre as representações das práticas de lazer associadas à juventude. Para elas, muito mais do que expressões artísticas, esportivas e de divertimento, existem representações diferenciadas de lazer.

Uma dessas representações é nomeada por Edmilson Santos e Claudio Mandarino (2005) como “lazer religioso”. Segundo os autores, essa é uma dimensão da organização do

tempo livre experimentado pelos/as jovens que frequentam espaços religiosos. Baseando-se nos estudos desenvolvidos por Novais (2005), eles afirmam que o “ato de ir à missa, à igreja e ao culto ocupa uma posição privilegiada no lazer de jovens” (Santos; Mandarino, 2005, p. 162). Para os/as jovens investigados/as, as atividades religiosas são significadas como atividades de lazer. Raquel organizou as atividades de modo que, durante a semana, se dedica ao trabalho e ao estudo, enquanto, durante os finais de semana, procura “descansar e ir para a igreja”. De igual modo, Lucas também afirmou que foca os estudos e o trabalho nos dias de semana para que possa se dedicar ao “lazer e na própria igreja” nos finais de semana, corroborando, assim, para a produção da prática do lazer religioso.

5 LIVRE, PORÉM SERVO/A: PRÁTICAS DE LIBERDADE-GOVERNADA E LIBERDADE-ARTE-DA-EXISTÊNCIA

Nesta tese, tenho discutido como a evangelização opera por meio de práticas de reflexão e julgamento de si. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, é ensinado ao/à jovem a pensar sobre si, a avaliar seus pensamentos, a examinar as atitudes juvenis, a julgá-las e a renunciar àquelas que não condizem com a juventude evangelizada. Ao prescrever como o/a jovem cristão/ã deve conduzir sua conduta para alcançar a salvação, ensina-se também que essa é uma escolha que cabe ao/a próprio/a jovem. É uma decisão individual seguir ou não os ensinamentos prescritos. Entretanto, apesar de ser livre para escolher, o/a jovem terá que lidar com as consequências de suas escolhas. Vida eterna por meio da salvação ou condenação eterna compõem o regime de verdades acerca da vida cristã. As escolhas da vida do/a jovem cristão/ã serão feitas considerando que elas o/a levarão para um dos dois caminhos: salvação ou condenação. Essas verdades são reiteradamente divulgadas no currículo, mas sempre deixando o/a jovem livre para escolher qual caminho deseja seguir. Trata-se de uma *liberdade governada*. Deixar livre é uma forma de governo. É a condução para o autogoverno muito mais eficiente (Foucault, 2014). Essa passa a ser uma estratégia crucial para a condução das condutas juvenis.

Práticas de liberdade são, pois, o tema do presente capítulo. O argumento aqui desenvolvido é que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, produz-se o/a jovem cristão/ã *livre, porém servo/a* por meio de práticas de *liberdade-governada* e da *liberdade-arte-da-existência* que têm o objetivo de conduzir a conduta dos/as jovens, produzindo sujeitos livres. Desse modo, no currículo investigado, divulgam-se dois tipos de práticas de liberdade: (i) *liberdade-governada*, aquela que ensina o/a jovem a se conduzir livremente, partindo, no entanto, do governo do/a outro/a sobre sua conduta; (ii) *liberdade arte-da-existência*, que inaugura um modo de condução da própria conduta em uma busca individualizada de Deus. Ambas as práticas de liberdade produzirão o/a *jovem livre, porém servo/a*. O/a *jovem livre, porém servo/a* é aquele/a que, sendo livre, escolhe tornar-se servo/a das vontades de Deus. Para tanto, práticas de *liberdade-governada* e *liberdade-arte-da-existência* são acionadas a fim de que seja ensinado que ele/a é livre do pecado, livre das próprias vontades e livre para buscar a Deus individualmente.

Embora neste capítulo haja um esforço em classificar dois tipos de liberdade e como elas operam produzindo o/a *jovem livre, porém servo*, elas são práticas ensinadas simultaneamente e, assim como o governo do/a outro/a e o governo de si, elas também

operam de modo imbricado. Por vezes, apareceram misturadas. Em um mesmo trecho do material empírico produzido foi possível identificar o acionamento de uma e da outra prática, evidenciando que a produção do sujeito ocorre no ponto de contato entre elas.

Para o pensamento foucaultiano, desenvolvido a partir da análise dos gregos, a liberdade – ou a *sophrosunè* – é “o estado que se tende a alcançar pelo exercício do domínio e pelo comedimento na prática dos prazeres” (Foucault, 2018, p. 93). Segundo o autor, a liberdade dos indivíduos consiste no domínio que eles são capazes de exercer sobre si mesmos e refere-se a “uma prática possível no interior dos sistemas de verdade” construída em meio às relações de poder-saber. Foucault explica que liberdade é diferente de liberação, embora ele afirme que, para que haja liberdade, é necessário ao indivíduo “um certo número de liberações em relação ao poder. [...] A liberação abre um campo para novas relações de poder que devem ser controladas por práticas de liberdade” (Foucault, 2014a, p. 261). O que o autor está dizendo é que, além de se libertar de uma moral repressiva, é preciso encontrar novas formas de viver e se relacionar. Trata-se de uma criação que se dará por meio de um trabalho de si para consigo. Para produzir a liberdade, é preciso intenso labor de si, ao mesmo tempo, é preciso resistir às regras já estabelecidas. A prática de liberdade é uma prática de si e, por meio da arte da existência, inaugura outros modos de ser. Assim, podemos dizer que a liberdade é da ordem dos ensaios, das experiências, dos inventos, tentados pelos próprios sujeitos que, tomando a si mesmos como prova, criam para si outros destinos.

No pensamento foucaultiano, as práticas de liberdade podem ser experimentadas por meio do conhecimento e do cuidado de si. “Trata-se de refletir sobre si, para agir não em submissão às normas sociais, mas em conciliação entre seus desejos e as prescrições” normativas (Bruna Saraiva; Gabriel Feil, 2018). É um trabalho ético no qual o sujeito é reconstruído por meio do cuidado de si.

A liberdade-Foucault, olhando o poder por entre suas técnicas, e pelas frestas dos seus próprios mecanismos e dispositivos, definia as condições nas quais emergiria: (re)construindo o sujeito pelas artes do cuidado de si. Qual uma arte da luta, anuncia-se rivalizando com a sujeição: éticas do cuidado de si como prática da liberdade (Sousa Filho, 2017).

Embora seja um exercício de si para consigo, prática de liberdade não se configura como um ato egoísta, uma vez que se refere a um duplo-retorno: O primeiro movimento faz com que o sujeito se volte para si, refletindo acerca da sua atual condição, levando-o a um estado de conhecimento de si; em seguida, ele irá retornar à sociedade, buscando “agir não em submissão à prescrição social, mas em conciliação entre seus desejos e as normas sociais. O sujeito passa, portanto, a alcançar momentos de liberdade, uma vez que

se apropria de si para criar um estilo de vida singular, concebido a partir de suas próprias reflexões e subjetividade” (Saraiva; Feil, 2018).

As práticas de liberdade são formas de resistir ao poder. Considerando a afirmação foucaultiana de que onde há poder há resistência, “a liberdade só pode existir em oposição a um poder, a poderes, pois o poder não impede a liberdade, limita-a. Não importando sua origem, porque se exerce, o poder é limitante. A liberdade é da ordem das resistências às sujeições dos diversos poderes” (Sousa Filho, 2007). Para Ribas (2017, p. 181), “não se trata, desta forma, de pensar a liberdade como oposta aos regimes de saber e as relações de poder, mas antes de pensar a liberdade como uma prática possível no interior dos sistemas de verdade formados por estes campos”. Abordando a liberdade, Foucault (1995, p. 244-245) afirma que:

[...] a relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem, então, ser separadas. O problema central do poder não é o da ‘servidão voluntária’ (como poderíamos desejar ser escravos?): no centro da relação de poder, ‘provocando-a’ incessantemente, encontra-se a recalcitrância do querer e a intransigência da liberdade. Mais do que um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar de um ‘agonismo’ – de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; trata-se, portanto, menos de uma oposição de termos que se bloqueiam mutuamente do que de uma provocação permanente.

Na presente tese, a noção de poder está sendo abordada por meio dos conceitos de governo e governamentalidade, pois, assim como Foucault em sua obra *Do governo dos vivos*, entendo que o poder se exerce por meio do governo dos/as outros/as e de si. A liberdade de dominar a si mesmo/a e seus prazeres não é algo fácil, tampouco dispensa esforços. Foucault (2018, p. 97) recorre às explicações de Platão para refletir que nem todas as pessoas são capazes de “comandar suas feras interiores”. Os indivíduos precisarão aprender a exercer tal domínio. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, os/as jovens são ensinados/as a exercer domínio sobre os prazeres considerados carnis. Nesse sentido, há um atravessamento entre o governo de si e o governo do/a outro/a, pois será necessário/a um/a outro/a para ensinar que se pode ser livre. Considerando que “não há sujeito que preceda às práticas” (Batturi Junior *et al.*, 2019, p. 9), é possível dizer que as práticas de liberdade são fronteiras em que novas subjetividades passam a ser criadas. Elas se manifestam “no embate, nas resistências e inventividades, nas diversas possibilidades de subtrair-se aos processos de fixação do corpo ao trabalho e às diversas inscrições disciplinares” (Batturi Junior *et al.*, 2019, p. 9). No tópico a seguir, foi analisado como o/a jovem cristão/ã é conduzido/a por meio da liberdade-governada.

5.1 Liberdade-governada: sois livres, mas viveis como servos/as de Deus

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, o/a jovem é ensinado/a a exercer o domínio de si em face à sua liberdade, obedecendo a prescrições e seguindo ensinamentos que conduzem suas condutas. Por meio do domínio de suas vontades e prazeres, eles/as são governados/as a se tornarem um modelo específico de jovem cristão/ã que não sucumbe aos desejos mundanos e carnavais. São ensinados/as que são livres, pois não são mais escravos do pecado. Para Foucault (2018, p. 95), “ser livre em relação aos prazeres é não estar a seu serviço, é não ser seu escravo”. Nesse sentido, o/a jovem que consegue dominar seus prazeres é um ser livre. Mas é também ensinado/a que sendo livre deve escolher renunciar a si mesmo/a para viver a vontade de Deus. Trata-se de uma *liberdade-governada* que aqui é compreendida como práticas que ensinam os/as jovens a terem domínio sobre as próprias vontades, tornando-se livres dos prazeres carnavais e do pecado. Contudo, essa liberdade é renunciada à medida que é demandado que o/a jovem renuncie aos prazeres da carne para tornar-se seguidor/a de Cristo, produzindo, assim, o sujeito *livre, porém servo/a*.

“Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal; vivam como servos de Deus” (Bíblia, I Pedro 2, 16 NVI). No contexto do cristianismo investigado para a presente pesquisa, o sujeito cristão é ensinado desde o início de sua conversão sobre sua liberdade. Partindo do pressuposto de que é preciso escolher aceitar seguir a Jesus para que efetivamente seja inserido no contexto das práticas que compõem o Cristianismo protestante, esse é um ato de inteira liberdade, em que o indivíduo precisa, de livre e espontânea vontade, realizar tal escolha, passando a se conduzir como sujeito cristão. Pode-se afirmar que o sujeito cristão é um sujeito de liberdade. Como descrito no versículo do evangelho de I Pedro, essa liberdade, no entanto, deve ser acionada para escolher servir a Deus. Essa contraposição – de ser livre e em sua liberdade decidir ser servo deu origem àqueles/as que são chamados de *livres, porém servos/as*.

A expressão “livres, porém servos/as” originou-se dos grupos religiosos formados, sobretudo, por jovens, que, resistindo às práticas de pecado, decidiram seguir a Jesus, tornando-se servos/as de Cristo. É possível localizar essa expressão em diferentes cenários de fruição das culturas juvenis, como música⁵⁰, ciberespaço⁵¹, coletivo jovem⁵², tema

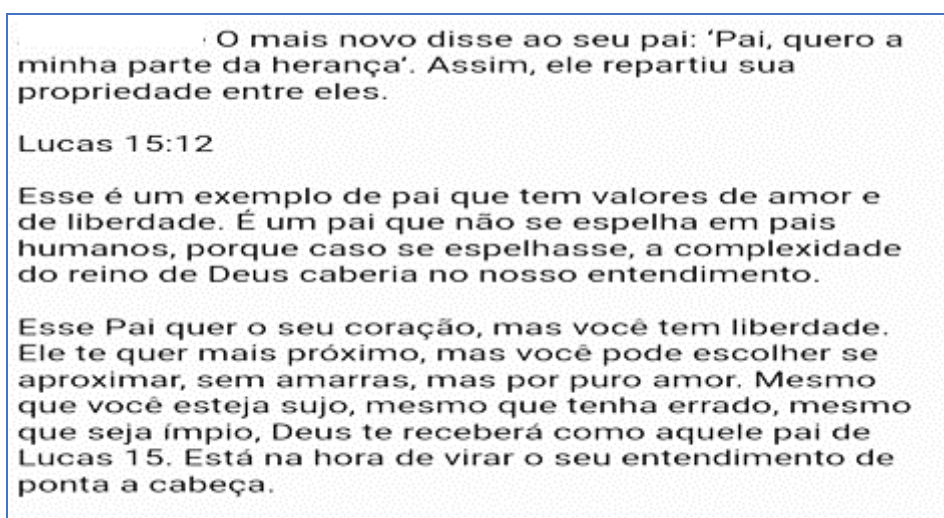
⁵⁰ Música Livres, porém servos, do grupo musical gospel Ministério Em Tuas Mãos: <https://www.lettras.mus.br/ministerio-em-tuas-maos/libre-porem-servo/>.

⁵¹ Vide páginas criadas no Instagram: https://www.instagram.com/teens_lps/.

⁵² Comunidade jovem criada no Facebook: <https://www.facebook.com/servosporemlivres/>.

de congressos e conferências⁵³, vestuário⁵⁴, entre outros. Mas como se produz o *sujeito livre*, porém *servo/a* no currículo investigado? No *Currículo da Célula Evangelizadora*, o/a jovem como um ser de liberdade é reiteradamente divulgado/a, conforme será possível ver nas evidências ao longo deste capítulo. Na Figura 21, divulga-se que Deus é um pai que respeita a liberdade do filho:

Figura 21 – Filho pródigo



Fonte: *a.rede*.

A Figura 21 refere-se a uma postagem realizada no perfil da *a.rede*. O post é iniciado com um versículo bíblico que faz parte da parábola do filho pródigo. Trata-se de um texto que conta história de um pai muito rico que tem dois filhos. Ao atingir a maior idade, o filho mais novo decide pedir ao pai sua parte da herança e sair pelo mundo a gastar seu dinheiro como bem quisesse, saindo, assim, do governo de seu pai. Depois de gastar todo o dinheiro com festas, bebida e mulheres, o filho começa a passar fome e decide retornar à casa do pai, que o recebe com muita festa e fartura.⁵⁵ O jovem da parábola aciona práticas de liberdade para resistir às práticas de governo do seu pai, assumindo a posição de sujeito do filho pródigo.

Ao acionar a parábola do filho pródigo, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, é evidenciado que ali é produzido/a o/a jovem livre para realizar suas próprias escolhas,

⁵³ Congresso Livres, porém servos – LPS, divulgado no Instagram: <https://www.instagram.com/p/B7CqFSbgClo/>.

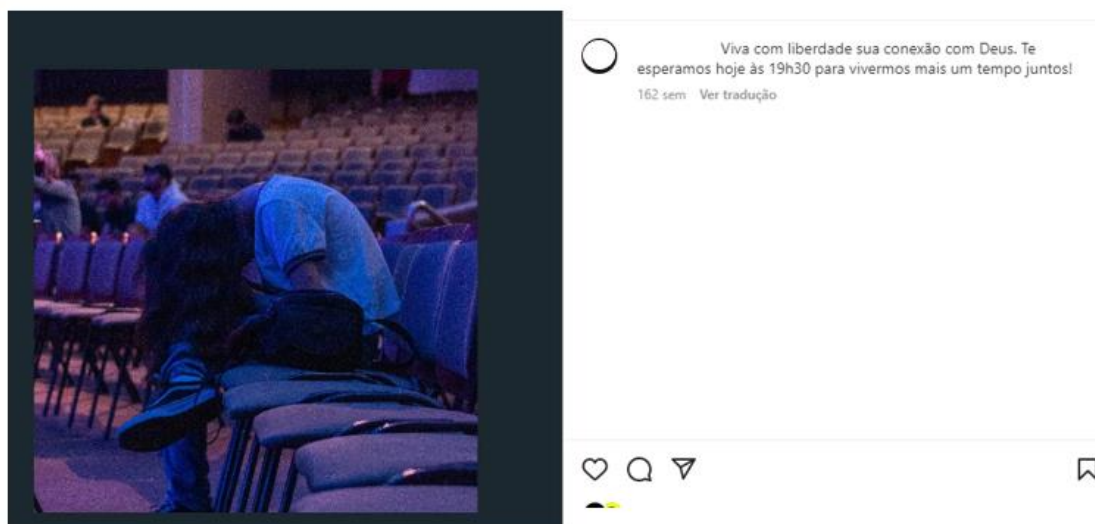
⁵⁴ Vide perfil no Facebook de loja de vestuário, disponível em: <https://www.facebook.com/Alfa-stamp-109013160452691/photos/pcb.109027950451212/109027040451303/>.

⁵⁵ Referência bíblica da parábola.

contudo, quando ele/a escolhe sair da presença do pai (Deus), as consequências podem ser duras. Reafirmando o versículo bíblico, o post traz os dizeres: *Esse é um exemplo de um pai que tem valores de amor e liberdade*. Afirma-se, assim, que a oferta de amor e liberdade são atributos de um bom pai, reafirmando a demanda do currículo por jovens que exerçam liberdade. Em outro trecho, essa prescrição segue sendo reiterada: *Esse pai quer seu coração, mas você tem liberdade. Ele te quer mais próximo, mas você pode escolher se aproximar, sem amarras, mas por puro amor*. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, é produzido/a o/a jovem livre que decide ser servo/a de Deus.

Em outra postagem, a liberdade segue sendo reafirmada, conforme é possível observar na Figura 22.

Figura 22 – Viva com liberdade



Fonte: *a.rede*.

A imagem de um/a jovem que parece estar orando isolado dos/as demais é acompanhada pela frase *viva com liberdade sua conexão com Deus*. Embora ele esteja curvado, em uma posição que pode ser a de rendição ou submissão, na legenda é possível observar a prescrição para que ele viva com liberdade. É possível entender que a forma como cada jovem decide se conectar a Deus é uma escolha livre. Na sequência, uma convocação: *Te esperamos hoje às 19h30 para vivermos mais um tempo juntos!*, indicando também que ele/a não precisa fazer isso sozinho/a, pode se conectar a Deus junto com outros/as jovens. Percebe-se que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, o/a jovem é ensinado/a a ser livre para se relacionar com Deus da forma que desejar, entretanto, a opção de fazer isso junto com

os/as demais também é garantida a ele/a. Percebe-se, então, que a liberdade é uma prática reiterada no currículo investigado.

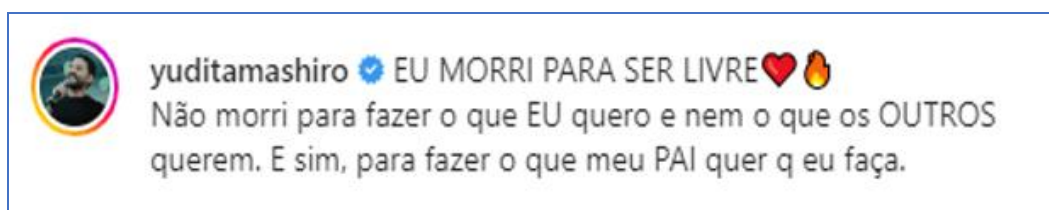
A liberdade também foi tema em uma reunião presencial na Célula, conforme relato no trecho da nota a seguir:

Raquel leu um versículo bíblico e logo todos/as começaram a conversar sobre ele. O texto dizia que onde Deus está há liberdade. Os/as jovens reagiram explicando como compreendem a dimensão da liberdade. “livre do pecado”, “livre para orar”, “livre para chorar”, “liberdade para escolher o Senhor”, “liberdade na adoração a Deus”, “livre para pular, dançar na presença de Deus”, foram algumas das definições. Em meio às explicações de cada jovem sobre a interpretação do texto, Raquel ressaltou que todos/as são livres, mas isso não significa fazer o que se quer ou agir sem pensar (Nota de diário de campo, 04/02/2022).

O versículo lido por Raquel está no livro de I Coríntios 3, 17 e diz “o Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor ali há liberdade”. Raquel justificou que ser livre não é fazer o que deseja. A interpretação dos/as jovens variou bastante. Maria, por exemplo, disse que “a liberdade está em não ser escravo do pecado” (Nota de diário de campo, 04/02/2022). Na análise foucaultiana sobre a liberdade, o autor afirma que (2018, p. 94), a liberdade dos indivíduos consiste no “domínio que eles são capazes de exercer sobre si mesmos”. Para não ser escravo do pecado, é necessário o domínio das próprias vontades. Trata-se da elaboração do trabalho ético que se efetua sobre si mesmo/a, no qual o indivíduo não é mais governado pelos prazeres. O domínio próprio é uma prática de si ensinada no currículo investigado.

Seguindo as pistas que evidenciam que o/a jovem cristão/ã é um sujeito livre, na Figura 23, uma postagem realizada por um jovem bastante influente no meio cristão, sobretudo entre o público juvenil, reitera essa afirmação. Yudi Tamashiro já foi apresentador de TV na emissora do SBT, se converteu ao protestantismo e hoje é influencer digital que produz conteúdo para mais de 4 milhões de seguidores no Instagram.⁵⁶ Em uma postagem, ele explora o que é ser um/a jovem cristão/ã livre.

Figura 23 – Morri para ser livre



Fonte: *a.rede*.

⁵⁶ Perfil disponível em: <https://www.instagram.com/yuditamashiro/>.

Yudi afirma que morreu para ser livre, se referindo à morte simbólica representada pelo batismo, momento em que o/a cristão/ã professa sua fé afirmando que morreu para suas vontades, para o mundo, para o pecado, e renasceu para Cristo. Ao mesmo tempo em que declara sua liberdade, ele renuncia a ela afirmando que não morreu para fazer o que ele quer nem o que os/as outros/as querem que ele faça, mas sim para fazer o que o pai (Deus) deseja dele.

Aqui é possível observar que há uma constituição que conjuga elementos de liberdade e servidão. O duplo livre-servo parte de dois princípios: a obrigação de que o/a jovem cristão/ã manifeste uma verdade sobre si mesmo/a (o reconhecimento de sua liberdade) e a aceitação do princípio de obediência às verdades enunciadas pelo discurso religioso protestante (de que, para aceder a Deus, é imprescindível a renúncia de si em obediência às escrituras). Baseando-se nos estudos foucaultianos, Sandra Caponi (2019, p. 184-185) explica que os regimes de verdade operam como mediadores entre o governo do/a outro/a e o governo de si e constituem uma “hermenêutica de si”. A hermenêutica de si no Cristianismo “supõe a capacidade de interpretar nossos próprios atos a partir de verdades e dogmas estabelecidos nas sagradas escrituras” (Caponi, 2019, p. 185). Assim, ser livre é intrínseco a ser servo/a, e ambas as práticas constituem o *sujeito livre, porém servo*.

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, é demandado que o/a jovem resista às práticas de pecado e à cultura do mundo no qual está inserido. Ao não ceder às suas vontades e decidir viver negando os padrões deste mundo, eles/as estão renunciando ao pecado. Durante a entrevista, após serem questionados/as sobre como eles/as resistem ao pecado, pedi aos/às jovens que me falassem sobre as principais dificuldades que enfrentam no dia a dia e todos/as eles/as relataram que se trata de uma batalha, uma guerra na qual precisam lutar incansavelmente.

É mais fácil resistir às tentações quando você tem claro na sua cabeça o que é certo e o que é errado (Miguel, 21 anos, entrevista)

A Bíblia diz que precisamos resistir ao diabo e ele fugirá de nós. Resistimos ao diabo quando escolhemos não pecar contra Deus. Tá bom... É difícil, mas tem sempre aquele momento de escolher fazer ou não o que é errado (Raquel, 20 anos, entrevista)

Todo dia o pecado vem e me chama, parece até a música (risos), mas é verdade. Temos que lutar contra o pecado o tempo todo (Ana, 20 anos, entrevista)

A Bíblia ensina que é preciso resistir ao pecado. Essa batalha é diária na vida do cristão (Ester, 19 anos, entrevista)

Enfrentando nossos medos, mostrando para o inimigo que Deus nos fez livres do pecado. A cruz é nossa vitória (Rute, 20 anos, entrevista)

O pecado não pode mais me dominar. Eu sei que erro, caio, levanto, mas também sei que Jesus venceu na cruz e eu também posso vencer (Lucas, 21 anos, entrevista)

Ah nem sempre é fácil, muitas vezes perdemos a batalha, mas não perdemos a guerra. Eu levanto e continuo lutando contra o pecado (Maria, 23 anos, entrevista)

O pecado pode ser práticas variadas, presentes em diferentes ações e espaços na sociedade. Não há um consenso sobre todas as práticas consideradas pecaminosas, entretanto, a Bíblia estabelece alguns parâmetros que auxiliam na interpretação de cada grupo religioso para criar manuais da conduta cristã, selecionando e classificando aquelas práticas que estabelece como pecado. Alguns exemplos de práticas de pecado incluem os vícios, consumo de bebida alcoólica, prática de relações sexuais antes do casamento, entre outros. Porém, durante as entrevistas e na fase da observação, não foi explicitado a quais práticas de pecado referiam-se.

A partir da seleção sobre o que é pecado ou não, a igreja cria os manuais da conduta da moral cristã e passa a governar os/as fiéis a partir de verdades fabricadas sobre o que é puro e impuro. Sobre a moral, Foucault afirma que se trata de uma palavra ambígua que agrega em si um conjunto prescritivo e, ao mesmo tempo, conduz o comportamento dos indivíduos frente a essas prescrições. Assim, ele descreveu a moral de duas formas, sendo elas o “código moral” e a “moralidade dos comportamentos”:

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educacionais, as igrejas, etc [...] podemos chamar “código moral” esse conjunto prescritivo. [...] Por “moral” entende-se igualmente o comportamento dos indivíduos em relação aos valores e regras que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição. [...] Chamemos a esse nível de fenômenos a “moralidade do comportamento” (Foucault, 2018, p. 32).

A moral cristã baseia-se nas regras ensinadas e nas práticas que os/as jovens operam sobre si mesmos/as frente a essas regras. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, o código moral prescreve que o/a jovem deve ser ensinado/a a lutar contra o pecado, criando resistência a um padrão de conduta pecaminoso estabelecido pelo mundo para tornar-se o sujeito cristão.

Pode-se dizer que no currículo investigado produz-se um sujeito que pratica a liberdade, pois a prática da liberdade requer resistência a alguma forma de governo. O pecado é uma forma de governo a qual o/a jovem cristão/ã está constantemente tentando resistir, assim como os padrões sociais do mundo em que vivem. Conforme descreveu Caponi (2019, p. 181), um padrão social “trata-se da obrigação imposta aos indivíduos de aceitar como verdadeiros certos enunciados definidos por instâncias tão variadas como a religião, a fé, a

crença, o saber ou a ciência”. A verdade ensinada no currículo investigado é que os/as jovens devem resistir a uma forma de poder que deseja capturá-los/as (o pecado) e essa resistência será uma forma de praticar a liberdade. Entretanto, trata-se de uma *liberdade-governada* haja vista que o que demanda o *Currículo da Célula Evangelizadora* é que, sendo o/a jovem cristão/ã livre do pecado, ele/a tenha sua conduta conduzida pelos regimes de verdades que ali se fabricam. Os padrões mundanos e pecaminosos disputam com os saberes divulgados no *Currículo da Célula Evangelizadora* e ambos buscam governar a conduta do/a jovem cristão/ã.

Percebe-se, então, que a liberdade ensinada aos/às jovens “é mais do que uma não escravidão, mais do que uma liberação que torna o indivíduo independente de qualquer coerção exterior ou interior; na sua forma plena e positiva, ela é poder que se exerce sobre si, no poder que se exerce sobre o outro” (Foucault, 2018, p. 96). Por meio da *liberdade-governada*, produz-se o/a jovem livre do pecado. Ou seja, aquele/a que é capaz de se conduzir evitando pecar, atendendo, assim, o desejo daquele currículo por jovens livres do pecado.

Segundo Foucault (2018), a liberdade, além de ser um ato de resistência às formas de governo, é um exercício de si sobre si mesmo/a, portanto é uma ética do cuidado de si. No currículo investigado, o/a jovem é conduzido/a a cuidar de si, de seus pensamentos, suas práticas, conforme veremos nas notas de diário de campo a seguir:

Em um certo momento na reunião da Célula, uma pergunta foi feita para que cada jovem respondesse de acordo com sua experiência. *O que você tem feito para manter a chama acesa no seu relacionamento com Deus?* (Nota de diário de campo, 10/12/2021).

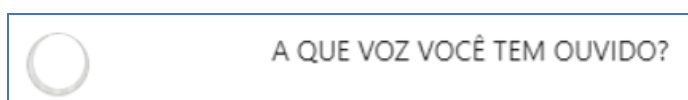
Antes de as respostas começarem a surgir, Ana, que estava responsável por conduzir a Célula naquele dia, fez questão de afirmar que a responsabilidade de manter a chama acesa é de cada pessoa. A Igreja, os amigos, a Célula podem ajudar. Os congressos e eventos também podem ajudar. Mas cada um/a é livre para escolher. Deus deu o livre-arbítrio para que cada um pudesse escolher segui-lo ou não (Nota diário de campo, 10/12/2021).

Raquel relembra alguns eventos realizados pela Igreja que tinham por objetivo ajudar os/as jovens a se manterem conectados/as com Deus e fiéis aos seus ensinamentos: Vox Night e um acampamento de jovens. Ambos tinham o desejo de ensinar os/as jovens a se conduzirem como cristãos/ãs. Após lembrar os eventos, ela questionou: *e o que você fez com tudo que aprendeu? Você tem feito a sua parte?* (Notas de diário de campo, 10/12/2021).

Conforme foi argumentado no início deste capítulo, a evangelização opera por meio de exercícios que conduzem os/as jovens a refletirem sobre suas ações. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, eles/as são ensinados/as a avaliar suas práticas e se julgar conforme as verdades que ali circulam. Nas notas do dia 10/12/2021, é possível observar que reflexão, avaliação e julgamento estão sendo demandados. Percebe-se que os/as jovens são

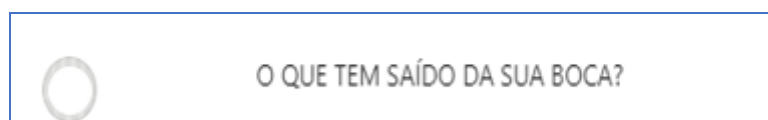
questionados/as sobre como se relacionam com Deus e sobre como colocar em prática os aprendizados produzidos e disseminados na Célula. Com esses questionamentos, eles/as são conduzidos/as a se autoexaminar, julgando suas práticas. Considerando que o exame de si é uma prática de si (Foucault, 2019), percebe-se, então, que no currículo investigado os/as jovens são ensinados/as a fazer a autorreflexão sobre seus atos e pensamentos. Em postagens na página da *a.rede*, o exame de si segue sendo demandado sistematicamente.

Figura 24 – A que voz você tem ouvido?



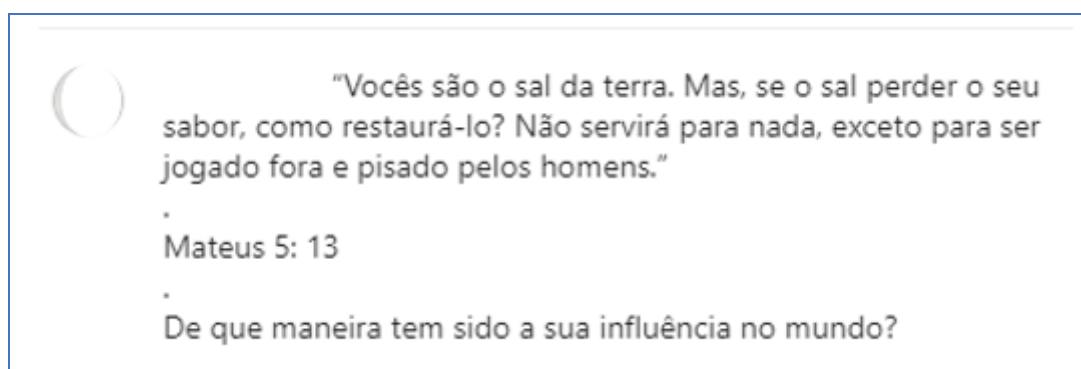
Fonte: *a.rede*.

Figura 25 – O que tem saído da sua boca?



Fonte: *a.rede*.

Figura 26 – Sal da terra

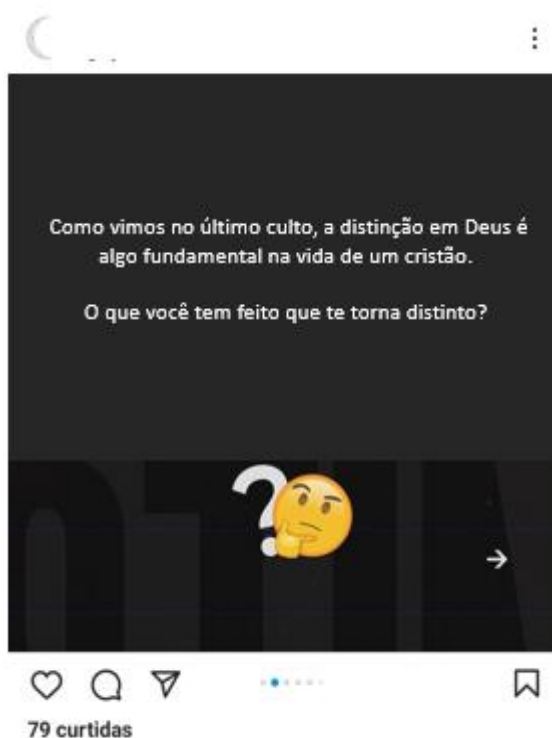


Fonte: *a.rede*.

Na Figura 24, um questionamento, *a quem você tem ouvido?*, compõe uma postagem referente a não dar ouvido às vozes do mundo, fazendo referência ao pecado. Já na Figura 25 a pergunta é sobre o que o/a jovem tem falado: *o que tem saído da sua boca?*. Enquanto na Figura 26, o que está em questionamento é a conduta do/a jovem cristão/ã no mundo em que vive. Em um currículo, tudo é selecionado de modo estratégico e interessado (Silva, 2005). No *Currículo da Célula Evangelizadora* não é diferente. Ali, cada conteúdo é selecionado para ensinar e subjetivar o/a jovem cristão/ã. Na iminência de conduzir o/a jovem ao exame de si, outras postagens foram publicadas na página da *a.rede*. Todas elas têm um

padrão: conduzir o/a jovem a refletir, se avaliar e julgar suas práticas por meio do exame de si. Assim como nas notas de diário de campo exibidas anteriormente,

Figura 27 – Ser distinto



Fonte: *a.rede*.

A postagem publicada na página da *a.rede* é composta por outras imagens, todas elas ensinando aos/às jovens a importância de serem distintos/as, algumas delas foram analisadas no capítulo anterior. Neste capítulo, chamo a atenção para a pergunta: *o que você tem feito que te torna distinto?*. Ao fazer tal indagação, demanda-se que o/a jovem se avalie e julgue suas práticas como sendo capazes, ou não, de torná-lo/a distinto/a. Esses questionamentos conduzem o/a jovem a “examinar-se a si mesmo, dizer a verdade sobre si mesmo” (Foucault, 2020, p. 36), se avaliando e se julgando. O alvo do exame de si é o pensamento. Nas palavras de Foucault (2020, p. 177), “é o pensamento em si mesmo, *cogitatio*, o alvo do exame”. Antes de preocupar-se com a ação do indivíduo, o autoexame preocupa-se com o que ele pensa, pois entende que o pensamento “é aquilo que ameaça, na alma levada à contemplação, levar a cada instante à perturbação” (Foucault, 2020, p. 178).

Considerando que no *Currículo da Célula* produz-se o/a jovem cristão/ã que pratica *liberdade-governada*, o livre pensar configura-se uma resistência às formas de governo, pois o que o/a jovem pensa não pode ser conhecido por outros/as (a menos que ele/a

confesse), portanto, não pode ser governado/a. Desse modo, ensina-se o exame de si para que o/a próprio/a jovem exerça o controle dos pensamentos que escapam à produção do/a jovem cristão/ã. Conferir ao/a jovem o direito de ele/a mesmo se avaliar e se julgar é uma prática que se inscreve no jogo de verdades em que se divulga que o/a jovem cristão/ã é um sujeito de liberdade. Isso é ensinado a ele/a, de modo que ele/a é conduzido/a, por meio de práticas de si, a cuidar de si, cuidar do que ouve, do que fala, do que pensa, ser distinto/a, colocar em prática o que tem aprendido e ter um bom relacionamento com Deus.

Percebe-se que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, ensina-se que o/a jovem cristão/ã é um sujeito que tem liberdade e deve praticá-la. Entretanto, essa liberdade é regulada uma vez que nesse mesmo currículo os/as jovens são ensinados/as a renunciar à sua liberdade para fazer a vontade de Deus, produzindo assim o sujeito *Livre, porém servo*. As práticas de liberdade ensinadas no currículo investigado objetivam governar o/a jovem para que ele/a resista ao pecado e não se conduza conforme os padrões do mundo. Desse modo, é demandado ao/à jovem cristão/ã que crie uma forma autêntica de viver no mundo, sem a ele pertencer.

5.2 Liberdade-arte-da-existência: livre para se conduzir a Deus

No currículo investigado há evidências de que, por meio de uma *liberdade-governada*, produz-se o jovem *Livre, porém servo*, algumas práticas que ali se produzem e são divulgadas fazem emergir um sujeito jovem que pratica uma *Liberdade-arte-da-existência*, ou seja, aquela que inaugura um modo de se conduzir totalmente diferente do prescrito. Trazer em sua composição práticas distintas é uma das características de um currículo, afinal, como descreveu Paraíso (2009, p. 278), um currículo é “um composto heterogêneo, constituído de matérias díspares e de natureza distinta”. Nesse encontro entre a *liberdade-governada* e a *liberdade-arte-da-existência*, estão diferentes forças em luta. A *liberdade-arte-da-existência* nasce da resistência de alguns/algumas jovens aos ensinamentos prescritos no currículo investigado, conforme é possível observar a seguir:

A jovem Raquel está compartilhando alguns informes da Célula. Entre as orientações que a líder passa para os/as jovens, ela pede que todos/as revejam no Instaram da *a.rede* as ministrações que um pastor fez no Vox Conference do ano passado, afirmando que tal pastor deve ser uma referência de cristão/ã. Miguel discorda de Raquel e afirma que não gosta do ministrante que ela citou. Ele afirma que a “salvação é individual” e pergunta: “Todo mundo gosta dele [do ministrante]? Nem tudo que dizem serve para mim” (Notas de diário de campo, 11/02/2022).

A fala da Raquel opera de modo a conduzir os/as jovens a assistirem a uma ministração e passarem a se conduzir tendo como referência o modo de vida do pastor ministrante. Essa é uma estratégia do *Currículo da Célula Evangelizadora* que busca governar os/as jovens para produzir um modelo específico de jovem cristão/ã que se identifica com o pastor. Apesar do esforço de Raquel, o jovem Miguel apresenta resistência à orientação dada por ela. O jovem afirma que não gosta do ministrante em questão e usa como argumento o fato de que “a salvação é individual”, ou seja, ninguém pode salvar ninguém, nem o/a melhor ministrante. Desse modo, Miguel resiste a uma prescrição de que um/a jovem cristão/a deve seguir o modelo do pastor, criando o sujeito que se conduz conforme suas próprias escolhas, corroborando com o argumento acionado por Lucas no capítulo anterior, ao problematizar as muitas interpretações bíblicas.

No exercício de praticar a liberdade, “há os que inventam sua vida, procuram se libertar, há aqueles que procuram os exercícios ascéticos das liberdades. Oferecem-se como pontos de resistência à dominação, à ideologia” (Sousa Filho, 2007). A prática de liberdade requer o acionamento das práticas de si, e essas remetem não apenas ao escape do governo do/a outro/a, mas também favorecem a criação das problematizações (Passeti, 2019). Nos dizeres de Foucault (2014), em um dado momento “de algum modo, as coisas se fundem, as luzes se apagam, tudo escurece, as pessoas começam a perceber que estão agindo às cegas, e, por isso, é preciso uma nova luz. [...] É preciso uma nova iluminação, é preciso novas regras de comportamento”. Miguel busca inventar-se e resistiu em seguir sem questionar a orientação dada por Raquel. Desse modo, práticas de liberdade vão sendo construídas e o/a jovem cristão/ã passa a ocupar uma nova posição de sujeito, a do/a jovem cristão/ã *livre, porém servo/a* que resiste ao governo do/a outro/a.

Elementos da cibercultura são acionados como estratégia para fazer com que o/a jovem assista ao vídeo por meio da rede social. Dessa forma, mesmo quem não participou da conferência poderá ter acesso a seu conteúdo. Durante a pandemia de covid-19, em decorrência do isolamento social, a transmissão dos cultos online, a divulgação de vídeos com os sermões religiosos e tantas outras práticas acionadas por meio das tecnologias digitais se popularizaram entre o público religioso (Machado, 2020). A relação dos/as jovens com as tecnologias digitais também justifica a indicação de Raquel para que os/as jovens vejam o vídeo nas redes sociais. Muitos/as estudiosos/as da temática tecnologias digitais argumentam que os/as jovens são fortes consumidores/as e criadores/as de conteúdos nas mídias digitais. Moraes e Lima (2018, p. 300), por exemplo, argumentam que “o conjunto de práticas de uso e a interrelação entre os jovens com esses dispositivos têm favorecido o surgimento de um novo

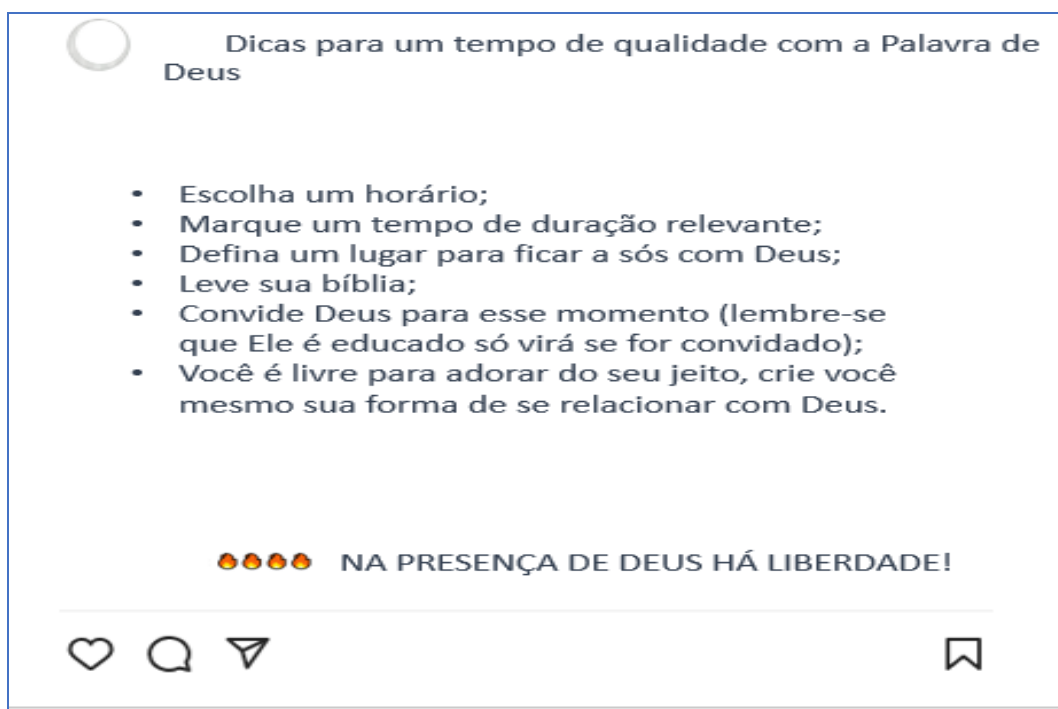
cenário social e cultural”. As autoras defendem que é preciso considerar como as tecnologias participam da vida das pessoas e interferem no meio social e cultural, bem como nas práticas e nas experiências vivenciadas, tanto individuais quanto em comunidade. Ou seja, não se pode mais negar a potência das tecnologias digitais na vida humana e no currículo investigado essa capacidade é explorada.

Miguel se mostrou um criador em meio a regras e prescrições. De modo singular, ele vai se constituindo como o jovem cristão que pratica a *liberdade-arte-da-existência*. Durante a entrevista, o jovem afirmou que considera importante discutir aspectos dos textos bíblicos na Célula:

[...] a gente aprende muita coisa [se referindo à Célula e aos estudos que fazem lá]. Mas, particularmente, eu acho que cada um tem uma visão diferente e age diferente mesmo tendo as mesmas crenças (Miguel, 21 anos, entrevista).

Ele confirma que na Célula ensina-se a partir do que a Bíblia prescreve, corroborando com a ideia que Caponi (2019) desenvolveu acerca da hermenêutica de si que caracteriza o cristianismo e a interpretação bíblica na constituição de verdades. Entretanto, Miguel afirma que *cada um tem uma visão diferente* [sobre os escritos bíblicos], mesmo comungando da mesma crença. O jovem evidencia que usa a liberdade ensinada no *Currículo da Célula evangelizadora* para ele mesmo meditar no que está escrito na Bíblia e interpretá-la conforme seu próprio entendimento. A meditação interpretativa dos textos sagrados constitui uma prática de si e, a partir do exame que ele fizer da Bíblia, ele irá refletir, avaliar, analisar, julgar e então agir, ou melhor, se conduzir. Na imagem a seguir, a prática de se retirar e sozinho/a buscar a presença de Deus também é ensinada. A afirmação de que onde está Deus há liberdade é reiterada, conforme é possível observar na Figura 28.

Figura 28 – Na presença de Deus, há liberdade



Fonte: *a.rede*.

Liberdade-governada, conduzida, controlada e/ou *liberdade-arte-da-existência* que permitirá que, por meio de uma busca individual da presença de Deus, o próprio Deus se revele de uma forma inteiramente nova àquele/a que o busca em secreto. Na Figura 28, é possível observar que se ensina aos/as jovens a ter *um tempo de qualidade com a palavra de Deus*. Para conduzir o/a jovem nesse ensinamento, algumas práticas foram selecionadas, listadas e organizadas de forma didática, ações características de um currículo. Assim como argumentou Silva (2001, p. 18), um currículo se organiza “como trama, como rede de significantes, como tecido de signos, como textos”. Nessa trama, saberes são selecionados a fim de conduzir condutas. Em outra pesquisa que realizei, sendo ela desenvolvida durante o mestrado acadêmico, argumentei que um currículo “articula saberes, conhecimentos, práticas e disponibiliza posições de sujeito” (Evangelista, 2016, p. 27). No *Currículo da Célula Evangelizadora*, práticas como escolher um horário, marcar o tempo de duração, levar a Bíblia e convidar a Deus para participar foram disponibilizadas para produzir o sujeito que aciona sua liberdade buscando conhecer mais a Palavra de Deus. É possível observar, ainda, que no currículo investigado produz-se o/a jovem livre e prescreve-se que ele/a “crie” uma forma de se relacionar com Deus. Nesse ponto, a liberdade prescrita aos/às jovens no currículo investigado produz o efeito da liberdade conceituada por Foucault (2018, 2014)

como sendo aquela capaz de criar, de inventar modos de existir. A produção do/a jovem livre é uma estratégia do *Currículo da Célula Evangelizadora* para o governo da conduta e, para isso, é preciso que os/as jovens se reconheçam como sujeitos livres.

Retirar-se para sozinho/a examinar as escrituras sagradas é uma prática ensinada no currículo investigado, e Miguel parece afeito a ela. Trata-se de uma prática que envolve o cuidado e o conhecimento de si. Ao abordar o ponto de contato entre o cuidado de si e o conhecimento de si, Foucault (2009, p. 332) afirmou que “o conhecimento de si está ligado, de modo complexo, ao conhecimento da verdade tal como é dada no Texto e pela Revelação”. No Cristianismo, a verdade é revelada pela Palavra, ou seja, a Bíblia, que nada mais é que o manual da conduta cristã. Foucault (2006, p. 311) afirma ainda que, “no cristianismo, o conhecimento de si não tem tanto a função de voltar ao eu para, em um ato de reminiscência, reencontrar a verdade que ele contemplara e o ser que ele é: retorna-se a si [...] para, essencial e fundamentalmente, renunciar a si”. Ou seja, no Cristianismo existe uma forma de aceder a verdade que exige um retorno em si para, então, renunciar a si, haja vista que a renúncia de si constitui a verdade sobre a salvação cristã.

Retirar-se para conhecer a verdade revelada a partir de um labor sobre si mesmo/a. Trata-se de um trabalho ético, no qual o indivíduo irá conhecer-se, cuidar de si e, assim, aceder à verdade. Todo esse trabalho irá produzir um sujeito livre da servidão dos próprios prazeres que, retirando-se do mundo no qual vive, abdica de suas vontades. Esse exercício está intimamente ligado com a produção do/a jovem cristão/a como sujeito de liberdade, pois, conforme já vimos, para Foucault (2006), a liberdade consiste no domínio dos prazeres e das próprias vontades. Analisando o texto de Sêneca, o filósofo afirma que “a servidão a si, servidão em relação a si mesmo é definida como aquilo contra o que devemos lutar. Desenvolvendo essa proposição – ser livre é fugir da servidão a si mesmo”, não sendo escravo de si, nem das próprias vontades (Foucault, 2006, p. 332).

A meditação é uma prática acionada nos momentos em que o/a jovem se retira do meio das pessoas, escolhe um local e sozinho/a cria um momento de reflexão, estudo da Bíblia e oração. Esse retirar-se do meio das pessoas para um momento meditativo Foucault nomeou como “técnica do retiro”. Para o autor, se trata de “desligar-se, de ausentar-se – ausentar-se, mas sem sair do lugar – do mundo no qual está situado: cortar, de certo modo, o contato com o mundo exterior [...]” (Foucault, 2006, p. 332). Essa prática é ensinada no *Currículo da Célula evangelizadora*, conforme observamos na figura a seguir, que trata-se de uma postagem da página da *a.rede* em que foram divulgadas “5 dicas para desenvolver o momento a sós com Deus”, ou seja, ensina-se como o/a jovem deve criar seu momento de

meditação. A primeira figura, a capa do post, evidencia que o desejo aqui é o de ensinar o/a jovem por meio de uma lista de dicas.

Figura 29 – Dicas



Fonte: *a.rede*.

Seguindo as características próprias do Instagram, o post descreve na legenda cinco passos que o/a jovem deve seguir para o momento de solitude com Deus, ressaltando a importância dessa prática na vida cristã. Acompanhado de imagens que ilustram os dizeres da legenda, organizou-se um carrossel composto por outras cinco imagens, além da capa. Baseando-se nos resultados de pesquisa da Social Insider, o blog mLabs⁵⁷ explicou que o post em formato de carrossel produz maior engajamento entre os/as internautas. O engajamento é aferido pela quantidade de interações que uma postagem mobiliza. No blog divulgou-se que o engajamento nas postagens que contém uma única imagem pode chegar a 1,74%. Enquanto nas postagens com vídeo esse engajamento pode ser de até 1,45%. Já em postagem no

⁵⁷ Matéria completa disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/post-carrossel-instagram>. Acesso em: 22 ago. 2022.

formato carrossel, aquele que contém mais de uma imagem/vídeo, o engajamento pode chegar até 1,92%. A explicação para isso decorre do funcionamento do Instagram, que faz com que em “um conteúdo do tipo carrossel mesmo que um/a seguidor/a passe e não veja a primeira vez, o Instagram mostrará a mesma postagem uma segunda vez, normalmente com a segunda foto ou vídeo. Por isso, a chance de engajamento aumenta!”.⁵⁸

Além de ampliar o número de visualizações, esse tipo de postagem favorece na organização do conteúdo, que poderá ser sequenciado, ordenado, numerado, de modo a conduzir o/a internauta conforme o interesse que se tem com a publicação. Considerando o entendimento de Paraíso (2010) de que um currículo é território marcado por ordenamentos, organizações, sequenciações, enquadramentos e muitas outras formas de se arranjar, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, os ensinamentos são organizados de forma didática, para favorecer a aprendizagem e conquistar o engajamento. Na primeira imagem do carrossel, orienta-se que o/a jovem arraste para o lado para ver as dicas. Desse modo, a atenção do/a jovem começa a ser capturada e as prescrições passam a ser organizadamente realizadas.

Percebe-se que as características da cibercultura foram acionadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* para garantir que o conteúdo divulgado chegue ao maior número de internautas possível, viabilizando a evangelização de mais jovens. Por meio dessa estratégia, a segunda imagem do carrossel traz a orientação do que deve ser feito para ter um bom momento a sós com Deus.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/post-carrossel-instagram>. Acesso em: 22 ago. 2022.

Figura 30 – Ambiente propício



Fonte: *a.rede*.

Seguindo as características de um currículo, os saberes ali divulgados foram numerados de forma didática e a primeira dica orienta que *1. Para um momento de intimidade, é preciso um ambiente propício*. Ensina-se que o/a jovem deve estar em um ambiente próprio para ficar a sós com Deus. Um versículo bíblico orienta a prática, afirmando a necessidade de se retirar em um local para ficar apenas na presença de Deus. Esse momento a sós com Deus configura-se um momento a sós com a própria consciência, com os próprios pensamentos, haja vista que, segundo a crença cristã protestante, é ali que Deus em secreto se revelará individualmente a cada um/a. Analisando essa prática à luz do referencial foucaultiano, o exame da consciência configura-se uma prática de si acionada nesse momento “a sós com Deus”. Segundo Foucault (2018, p. 230), essa prática diz “respeito ao conhecimento de si, ou ainda à necessidade de refletir o que fazemos e o que fizemos”. No deslocamento do sujeito em direção a si mesmo, uma série de práticas de si serão acionadas e algumas delas foram ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Seguindo os ensinamentos divulgados no currículo por meio dessas postagens, a seguir analisaremos a

terceira imagem do carrossel, contendo a segunda dica prescrita para desenvolver um bom momento a sós com Deus.

Figura 31 – Sem relacionamento, não há intimidade



Fonte: *a.rede*.

O ensinamento divulgado na Figura 30 reitera a necessidade de ter o momento de intimidade com Deus. Essa intimidade, ou esse modo de se relacionar com Deus, levará o/a jovem a refletir sobre suas práticas, ao exame da consciência e do pensamento e, finalmente, à condução da sua própria conduta, conforme os ensinamentos ditados pelo *Currículo da Célula Evangelizadora*. Na Figura 31, o/a jovem como sujeito de *liberdade-governada* continua sendo produzido, à medida que ele/a próprio/a segue fazendo a gestão do seu momento a sós com Deus a partir das prescrições curriculares. Acionando mais uma vez um versículo bíblico com os dizeres *Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo*, evidencia-se que o/a jovem é livre e em sua liberdade pode escolher abrir a porta para Deus, que só irá entrar se alguém o ouvir e abrir a porta. O texto bíblico acionado dessa vez traz uma promessa que compõe a verdade acerca

do evangelho de Cristo segundo o protestantismo: o exercício de si sobre si na luta contra o pecado, se negando a viver conforme os padrões deste mundo e renunciando a si mesmo/a permitirá que o/a jovem cristão/ã tenha acesso a Deus, que se revelará para ele/a. Em termos foucaultianos, pode-se dizer que essa elaboração do sujeito sobre si, que resultará na renúncia de si, ocorre amparada ao “conhecimento de si que é o conhecimento do divino [Deus], conhecimento da sabedoria e regra para se conduzir como se deve” (Foucault, 2006, p. 90). Na Figura 32, a quarta imagem da postagem carrossel e o terceiro ensinamento dessa sequência.

Figura 32 – Organize-se

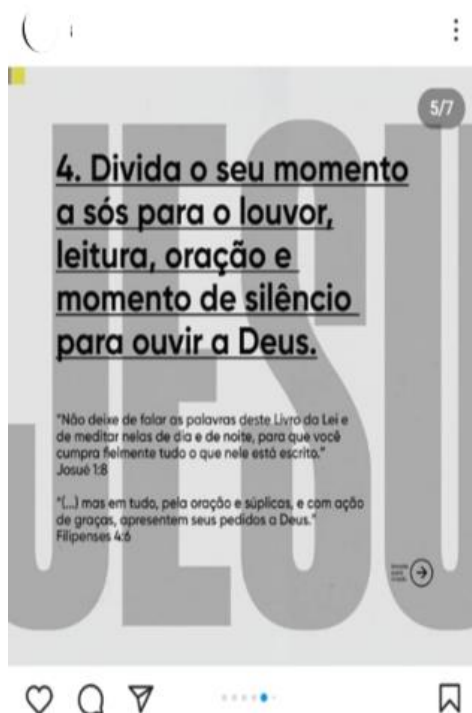


Fonte: *a.rede*

A terceira dica ensina que, para que o momento a sós com Deus se torne um hábito, é necessário que haja uma organização. De acordo com o versículo acionado na postagem, para encontrar a Deus, é necessário procurá-lo. Para que a procura seja eficiente, é necessário se organizar. A organização pode ocorrer com o preparo de um ambiente propício, como evidenciado na Figura 30, por exemplo. No *Currículo da Célula Evangelizadora*,

demanda-se que essa prática se torne um hábito, que o/a jovem tenha esse momento de meditação presente em sua rotina. Para produzir o/a jovem cristão/ã *livre, porém servo/a*, que se conduz de acordo com os saberes ensinados no *Currículo da Célula Evangelizadora*, práticas de si são demandadas. Ao acionar o versículo bíblico “Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração”, ensina-se que procurar a Deus é uma ação que deverá partir daqueles/as que o buscam. Mas, para encontrar Deus, é necessário que o procurem de todo coração. Mais uma vez, práticas de julgamento e autoavaliação são demandadas aos/as jovens cristãos/ãs, bem como as práticas do retiro e do isolamento (Foucault, 2006). Todas essas práticas de si têm por finalidade fazer com que o sujeito atinja a verdade, que no caso do *Currículo da Célula Evangelizadora* é ter acesso a Deus – *me acharão quando me procurarem de todo coração*. Nos dizeres de Foucault (2006, p. 59), é certo que a “a verdade não possa ser atingida sem certas práticas ou certos conjuntos de práticas totalmente especificadas que transformam o modo de ser do sujeito [...]”. Outras práticas de si seguem sendo ensinadas na dica de número quatro.

Figura 33 – Louvor, leitura e oração

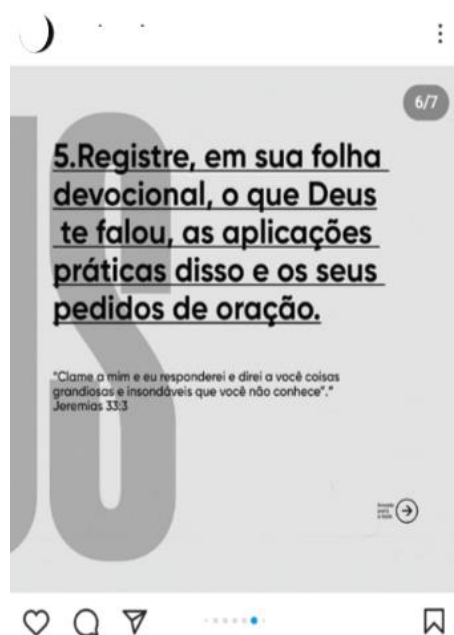


Fonte: *a.rede*.

A dica de número 4: *Divida o seu momento a sós para o louvor, leitura, oração e momento de silêncio para ouvir a Deus*. Escutar músicas (louvores) e o exame da consciência (momento de silêncio para ouvir o que vem do seu interior) são práticas de si que compõem a “técnica da purificação” (Foucault, 2006, p. 61). De acordo com Foucault, trata-se de rituais que irão “purificar a alma e torná-la capaz, conseqüentemente, de entrar em contato com o mundo divino, compreender suas significações, mensagens e verdades”, ou seja, a voz de Deus poderá ser ouvida.

O quinto e último ensinamento da postagem em formato de carrossel prescreve: *registre, em sua folha devocional, o que Deus te falou, as aplicações práticas disso e os seus pedidos de oração*.

Figura 34 – Registre seu devocional



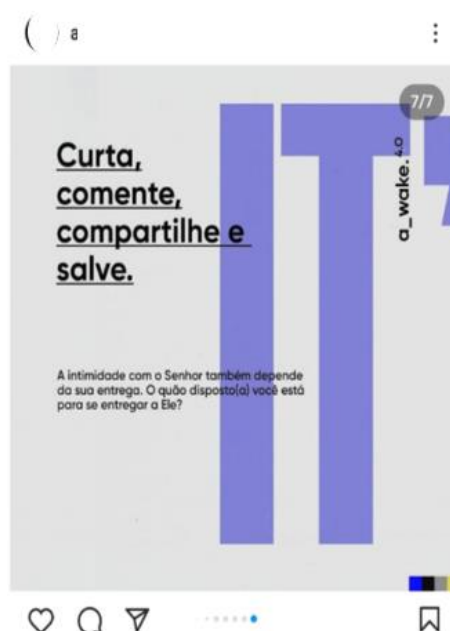
Fonte: *a.rede*

Registrar, ouvir a voz (de Deus) que vem do seu interior, orar apresentando a Deus seus pedidos, e avaliar a aplicação daquilo que aprendeu durante a prática meditativa. O versículo acionado diz: “Clama a mim e eu responderei e direi a você coisas grandes e insondáveis que você não conhece”. Por meio de práticas como registrar, ouvir, orar e meditar nas aprendizagens do momento a sós com Deus, no currículo investigado, produz-se um/a jovem que não apenas é livre das paixões e dos desejos da carne, mas, também, como aquele/a que receberá de Deus algo grandioso que ainda não conhece. No currículo investigado, práticas de si são ensinadas aos/às jovens para que se conduzam conforme o que ali é

prescrito. Desse modo, o/a jovem entende que é livre para fazer suas escolhas, em meio a práticas de *liberdade-regulada e da liberdade-arte-da-existência* ele/a segue se produzindo ao mesmo tempo em que é atravessado/a pelo governo do/a outro/a e o governo de si.

Por fim, a última imagem da postagem demanda que o/a jovem evangelize outros/a jovens curtindo, comentando, compartilhando e salvando a postagem como estratégia para gerar engajamento.

Figura 35 – Curta, comente, compartilhe



Fonte: *a.rede*

A Figura 35 não está em formato de dicas numeradas como as imagens anteriores, porém tem a mesma função das demais: conduzir a conduta do/a jovem. Nesse caso, o que se demanda é que ele/a interaja com a publicação. Afirmando que, para ter intimidade com Deus, depende da entrega de cada um/a, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, ensina-se que o/a jovem cristão/ã é livre em suas escolhas. *O quão disponível você está para se entregar a Ele?* Um questionamento que levará o/a jovem mais uma vez a se autoavaliar e julgar suas ações. A prescrição *Curta, comente, compartilhe e salve* demanda que o/a jovem cristão/ã evangelize outros/as jovens. Também é uma forma de aumentar o engajamento da postagem, e, conseqüentemente, aumentar seu alcance.

O *Currículo da Célula Evangelizadora* demanda que o/a jovem cristão/ã se constitua como um sujeito de liberdade. Ao resistir ao pecado, aos prazeres da carne e aos próprios desejos, práticas de liberdade são postas em exercício. Essas práticas produzem o/a

jovem cristão/ã e são divulgadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* para que ele/a se conduza conforme é ensinado/a. Para o funcionamento das práticas de liberdade, práticas de si foram acionadas, como o exame da consciência, retirar-se em si, técnica da purificação, meditação. Nomeei a liberdade ensinada no currículo investigado como *liberdade-governada*, haja vista que ao mesmo tempo em que é produzido/a o/a jovem/a livre, demanda-se que ele/a renuncie à sua liberdade e passe a se conduzir conforme as verdades do saber protestante. Desse modo, o/a jovem cristão/ã *Livre, porém servo/a* está sendo produzido/a. Nesse mesmo currículo, também é produzido/a o/a jovem cristão/ã que se produz como um sujeito da *liberdade-arte-da-existência*, que se refere àquele/a que examinando ele/a próprio/a as escrituras sagradas, interpreta-as sem necessariamente absorver sem questionar ao que estão lhe dizendo sobre ela. Em ambos os casos o que está em jogo é a produção do/a jovem cristão/ã como sujeito livre que, no entanto, aciona sua liberdade para renunciar a si mesmo/a. Assim, as práticas de liberdade convergem em “Práticas de espiritualidade, ou seja, as transformações necessárias no ser mesmo do sujeito que permitirão o acesso à verdade” (Foucault, 2006, p. 21). Um trabalho ético que fará emergirem outros modos de ser jovem cristão/ã.

6 VIVER É CRISTO, MORRER É LUCRO: PRÁTICAS DE RENÚNCIA DE SI NA PRODUÇÃO DO/A JOVEM CRISTÃO/Ã LOUCO/A POR JESUS

Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. (Bíblia, Gálatas 2, 20 ACF)

A renúncia de si é uma prática central na condução da conduta cristã. Renunciar é morrer para si mesmo/a, e isso é fulcral para aqueles/as que vivenciam as práticas do Cristianismo. A renúncia de si conduz toda a prática cristã, e não há sujeito cristão sem renúncia de si, sem que haja uma morte de si, das próprias vontades, dos desejos deste mundo. Trata-se de não viver para si próprio/a. Conduzir-se segundo a vontade do filho de Deus. “Viver é Cristo, morrer é lucro” (Bíblia, Filipenses 1, 21 ACF). O/a jovem cristão/ã produzido/a pelas práticas de evangelização que compõem o *Currículo da Célula Evangelizadora* renuncia a si mesmo/a para que Deus o governe e viva através dele/a. Foucault (2006) mostra que, para renunciar a si mesmo, é necessário que o sujeito retorne a si, a fim de que, se conhecendo, saiba o que precisa ser negado. Ele precisa se aniquilar em Deus, “perdendo sua identidade, sua individualidade, sua subjetividade em forma de eu, por uma relação privilegiada e imediata com Deus” (Foucault, 2006, p. 305). Neste capítulo, veremos como e por que o/a jovem cristão/ã se conduz e é conduzido para uma renúncia de si, negando a si mesmo/a e ao mundo em que vive para aceder a Deus.

O argumento aqui desenvolvido é que, por meio de práticas de renúncia de si, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, produz-se o/a jovem cristão/ã *Louco/a por Jesus*. Ele/a é governado/a por um regime de verdades sobre a salvação cristã, no qual afirma-se que, para aceder a Deus e ser salvo/a, o/a jovem precisa morrer para as próprias vontades em detrimento à vontade de Deus. Desse modo, por meio da direção cristã, ele/a irá se conduzir por práticas de confissão, obediência e oração, não aceitando ser governado/a pelos padrões da vida cotidiana. Os padrões que precisam ser renunciados são as práticas de pecado, que podem ser identificadas como o sexo antes/fora do casamento, o consumo de drogas e bebidas alcólicas entre outras práticas condenáveis pela igreja. Enquanto, para outros/as jovens, essas práticas possam ser consideradas comuns, o/a Jovem Cristão/ã Louco/a por Jesus deverá renunciar a elas, se conduzindo segundo o que ele/a acredita ser a vontade de Deus.

À medida que renuncia a si e a tudo o que, segundo lhe é ensinado/a, o/a afasta de Deus, o/a jovem cristão/ã se distingue dos/as demais, criando um mundo paralelo em que Deus está no centro de tudo. Ou seja, ele/a vive no mundo, mas não se considera pertencente a

este mundo. Ele/a entende que está aqui apenas de passagem, pois seu lugar é na eternidade (no céu) e é lá que ele/a se encontrará com seu salvador (Jesus). Para que isso aconteça, será necessária uma cotidiana morte de si, deixando de viver suas vontades para que Cristo o/a habite e viva através dele/a.

6.1 A loucura da salvação

Loucos por Jesus
 Que festa é essa?
 Que povo é esse?
 Essa viagem eu não conheço
 A alegria no coração
 Eu me pergunto quem eles são?
 Eles são loucos por Jesus
 Loucos por Jesus
 Loucos por Jesus⁵⁹

Quem são os/as loucos/as por Jesus? Lutar contra todas as coisas e experiências que o mundo tem a oferecer que são dissonantes dos ensinamentos cristãos, vislumbrando uma vida que só é possível viver ao morrer. Loucura! No discurso religioso a vida eterna constitui a verdade da salvação. Por meio dele, ensina-se que após a morte, todos/as que creem em Jesus e forem batizados/as serão salvos/as e herdarão a vida eterna. Viver almejando a morte e, conseqüentemente a salvação eterna, parece loucura. “Pois a mensagem da cruz é loucura [...], mas para nós que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (Bíblia, I Coríntios 1, 18 ACF).

Loucura para uns/umas, mas, para o/a jovem cristão/ã, viver a vontade de Cristo em detrimento de sua própria vontade é o único motivo de ainda estarem neste mundo. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, o/a jovem cristão/ã não se importa que os/as outros/as pensem que isso é loucura, pois ele/a deseja mesmo ser reconhecido/a como louco/a por Jesus. É possível observar isso na Figura 36, que se refere a uma postagem publicada na página da *a.rede*, cuja temática se relaciona aos eventos religiosos voltados para os/as jovens, sobretudo as Células juvenis.

⁵⁹ Música de Kleber Lucas.

Figura 36 – Loucos/as por Jesus



Fonte: *a.rede*

Ser louco/a por Jesus é a prescrição feita com a figura acima. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, afirma-se que o/a jovem cristão/a Louco/a por Jesus é compreendido/a. O que o afirma como Louco/a Por Jesus é seu estilo de vida. O modo como se conduz precisa ser diferente dos/as demais jovens. Governando/a pelo discurso religioso acerca da salvação e vida eterna, ele/a sabe que o que importa mesmo é a vida vindoura, conforme analiso um pouco adiante. O vídeo começa com um jovem parado como se estivesse diante de outra pessoa. Uma voz de assistente virtual diz “só sabe falar de Jesus, não fala outra coisa. Vou sair da sua vida”, indicando que a outra pessoa está fazendo uma crítica ao jovem, que só sabe falar de Jesus. Na sequência, é possível ouvir outra voz e o jovem que aparece na imagem começa a fazer uma dublagem em resposta à assistente virtual: “Quer que eu chame um táxi?”. Na legenda da publicação, os/as jovens são chamados/as de loucos/as por Jesus. Percebe-se que o/a jovem cristão/ã se reconhece com orgulho como alguém que fala de Jesus o tempo todo. Ele/a também sabe que isso pode incomodar quem se conduz de modo diferente. Entretanto, o/a jovem cristão/ã parece não se importar com isso, sugerindo que se a pessoa quiser ir embora por causa disso, ele/a até chama um táxi. Ainda que pareça loucura se conduzir dessa forma, ele/a não se importa com isso. No currículo investigado, se conduzir como louco/a por Jesus é uma conduta compreensível.

O post endereçado aos/às jovens é permeado por elementos da cultura juvenil e da cibercultura. Em sua publicação foi acionada uma ferramenta muito utilizada pelos/as jovens

que navegam pelo Instagram, o vídeo do *reels*. *Reels* é uma palavra da língua inglesa que significa carretéis ou bobinas. Os vídeos do *reels* são curtos, produzidos utilizando-se de várias ferramentas disponibilizadas pelo Instagram. É possível usar fotos, vídeos, áudios e muitos outros recursos disponíveis na cibercultura. Conforme Fernanda Peixoto (2020) explicou para o blog Culturadoria, vídeos produzidos no *Reels* são feitos de forma criativa, com músicas famosas ou a narração do/a próprio/a usuário/a. É possível gravar na hora, fazer edição e cortes, usar vídeos ou fotos da sua biblioteca e, ainda, salvar para postar depois. Criar e publicar *Reels* no Instagram é uma prática recorrente entre os/as jovens.

Loubak (2020) escreveu, em um artigo para a TechTudo explicando o que é *Reels* no Instagram e como ele funciona, que se trata de “um recurso da rede social que veio para concorrer diretamente com o TikTok, aplicativo chinês muito popular entre o público adolescente. A ferramenta [...] permite criar microvídeos criativos usando áudios e efeitos [...]”. Usuários/as do Instagram utilizam a novidade para produzir dublagens, *challenges*, que são os famosos desafios, entre outras possibilidades. Cada vídeo tem duração entre 15 e 90 segundos e pode ser postado via *feed*, *stories* ou compartilhado via mensagens diretas (DMs).

Quando uma postagem é feita por meio do *Reels* no *feed*, de forma automática, ela é direcionada para uma aba exclusiva para postagens de *Reels* no perfil do/a usuário/a. O Instagram também mantém um espaço nomeado como Explorar, onde todos os vídeos do *Reels* ficam em destaque, ou seja, cada vídeo produzido pode ser acessado por qualquer usuário/a por meio do Explorar. Isso potencializa a capacidade de alcance de outros/as seguidores/as. Outra estratégia utilizada na publicação para aumentar o alcance do vídeo é convocar o/a jovem a compartilhá-lo. Esse tipo de postagem atua na evangelização dos/as jovens e ensina que ele/a deve falar de Jesus, sem temer o julgamento de outras pessoas, ainda que isso pareça loucura.

O acionamento do emoji da carinha com óculos escuro faz referência a expressão *Turn down for What*, um meme bastante conhecido na cibercultura para evidenciar quando uma atitude é lacradora. A lacração é uma gíria bastante utilizada na internet e pode significar “arrasar”, “mandar bem” ou “ter sucesso”. Já o meme, segundo Evangelista (2016, p. 43), é um fenômeno viral, ou seja, tudo aquilo que se “espalha rapidamente entre os/as internautas” e são compostos por imagens, vídeos, músicas, hashtags entre outros elementos da cibercultura⁶⁰. O meme se inicia com alguém expressando algo que possa parecer uma

⁶⁰ Em minha dissertação de mestrado apresento um estudo acerca de alguns elementos da cibercultura, incluindo os memes. A pesquisa encontra-se disponível em: Repositório Institucional da UFMG: #CurrículoDoFacebook:

“tirada” ou “mitagem”. A tirada por ser considerada uma resposta rápida, que está na ponta da língua e evidência a agilidade do respondente. Pode significar também uma resposta grosseira ou malcriada. Já a mitagem evidencia algo realizado com excelência, bem feito. O trecho da música de Lil Jon que diz *Turn Down for What* é destacado e óculos escuros surgem sendo colocados no rosto da pessoa⁶¹. Em tradução livre, a expressão significa *Ficar sóbrio pra quê?*. Entretanto, Aqui no Brasil, *Turn Down for What* é usado de uma maneira totalmente diferente do sentido original; é usado para dizer “toma/segura essa!”.

Figura 37 – Turn down for what?



Fonte: internet

Nos memes da Figura 37, temos dois exemplos de como a expressão *Turn Down for What* pode ser acionada. No primeiro, o garoto dá uma resposta que poderia ser considerada malcriada ou uma má resposta, mas também evidencia que ele é sagaz e tem resposta “na ponta da língua”. É a sagacidade que caracteriza a resposta “tirada”. De igual modo, no caso do urso que apenas diz: “não te perguntei”, denotando também que ele está

denúncia de crise e demanda pela reforma do ensino médio na linha do tempo da escola. Acesso em: 21 jul. 2023.

⁶¹ Exemplos de como o meme é acionado podem ser vistos no vídeo Top 10 melhores tiradas do Seu Madruga, disponível em: TOP 10 MELHORES TIRADAS DO SEU MADRUGA - TURN DOWN FOR WHAT - YouTube. Acesso em: 21 jul. 2023.

dando uma tirada em alguém. Em ambos os casos, a expressão *Turn Down for What* reitera a atitude lacradora. Assim também, ser louco/a por Jesus é considerado uma atitude lacradora.

Na Figura 38, é possível observar uma postagem feita na página investigada no Instagram em que os/as jovens são chamados/as de “peregrinos[/as] em terra distante”.

Figura 38 – Peregrinos/as em terra distante

SOMOS HOMENS PEREGRINOS EM TERRA DISTANTE

Uau! Quem participou desde último culto com certeza foi impactado do começo ao fim. Pra encerrar, deixamos aqui o vídeo feito pela área Peregrinos.

Marca nos comentários um amigo que você quer abençoar com esse vídeo!

Fonte: *a.rede*.

De acordo com o dicionário Priberam⁶², peregrino/a é aquele/a que é estrangeiro/a, que vem de terras distantes, que não é nativo. Ou seja, aquele/a que vive em um lugar ao qual não pertence. Ao afirmar que são peregrinos/as, é ensinado ao/a jovem cristão/ã que ele/a não pertence ao mundo em que vive. A Figura 38 refere-se à legenda da postagem de um vídeo composto por imagens de um jovem que caminha de costas, na contramão de tudo, e uma voz masculina narra o texto. Alguns trechos narrados no vídeo serão explorados a seguir.

“Certamente, Jesus em seu evangelho nos chama para viver. O engraçado na verdade são quantos convites Ele nos faz para morrer”.⁶³ O vídeo faz menção a uma morte necessária ao sujeito cristão, por meio do resgate da história de morte e ressurreição de Jesus. No cristianismo, Jesus é o maior exemplo de renúncia de si em favor da salvação da humanidade. Segundo descrito nos evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos, João e em vários outros trechos bíblicos, o filho de Deus veio ao mundo como homem, se esvaziou de suas prerrogativas como Deus (Bíblia, Filipenses 2, 5-8) e, embora muitas pessoas o reconhecessem como filho de Deus, abriu mão de sua identidade e se entregou à morte.

⁶² PEREGRINO. In: Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/peregrino>. Acesso em: 5 dez. 2020.

⁶³ Utilizei o itálico para distinguir os trechos que compõem o vídeo da postagem.

Segundo o Cristianismo, Jesus renunciou a si mesmo para viver a vontade de Deus na Terra e, com seu exemplo prático, deixou esse ensinamento às pessoas que desejam segui-lo. Renunciar a si mesmo/a é um requisito para experimentar uma vida em Cristo. Vida essa que só se pode viver ao morrer para as próprias vontades, moldando seus desejos às vontades de Deus e de seu filho. O texto leva à reflexão sobre a necessidade de morrer para si. De acordo com o que é narrado no vídeo, é Jesus quem convida à morte com a promessa de ressurreição. É dele também o exemplo de morte e ressurreição, trazendo a esperança de uma vida eterna. Assim, “a morte, instrumento de castigo, torna-se um instrumento de salvação, quando associada à ressurreição” (Foucault, 2020, p. 103). “*Morrer para viver. Perder para vencer.*” A morte a que se refere não é física. Trata-se de morrer para as experiências desse mundo, deixando de viver conforme os valores e as culturas que aqui são comuns, afinal, viver de acordo com os padrões deste mundo rouba do/a jovem cristão/ã a eternidade.

É preciso “*negar a si mesmo ou a qualquer padrão*”, referindo-se ao estilo de vida dos/as jovens contemporâneos/as. Segundo a narração do vídeo que acompanha a postagem da Figura 18, os padrões da vida cotidiana, ou seja, as experiências que se vivencia ao estar neste mundo, são, na verdade, *coisas que [os] afastam da verdadeira vida tão sonhada, mas também [os] afasta[m] da tal morte mencionada*. Fica evidente que a vida sonhada pelo/a sujeito cristão/ã não é a que aqui se vive. Conduzir-se conforme os padrões do mundo afasta da morte de si que é necessária na conduta cristã.

Outro fragmento do texto narrado no vídeo reitera que a morte de si é demandada pelo próprio Jesus: *Ele [Jesus] disse que todos aqueles que tentassem poupar [sua vida] perderão. E aquele que não cogitar e se entregar, o verdadeiro galardão receberá*, referindo-se à própria vida. Ou seja, só receberá o galardão – que nada mais é que a vida eterna – aquele/a que renunciar à própria vida.

Para convencer o sujeito cristão/ã à prática da renúncia de si, o argumento que se utiliza no *Currículo da Célula Evangelizadora* é ancorado na verdade sobre a salvação cristã que consiste em afirmar que só é possível ter acesso a Deus e ser salvo/a por meio da morte de si, a qual produzirá uma recompensa àqueles/as que forem fiéis a esse ensinamento. Essa recompensa também é explorada no vídeo: “*Sua presença e o seu amor é o que recebemos. Vida por meio da ressurreição desfrutamos, alegria da salvação que jamais cessará*”. O/a jovem cristão/ã Louco/a por Jesus é ensinado/a que, ao morrer para si mesmo/a, ele/a terá acesso a Jesus, ao seu amor e ressuscitará para desfrutar da vida eterna.

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, reiteradas vezes a renúncia de si aparece como um ensinamento que precisa ser obedecido para tornar-se um sujeito cristão/ã. “*Se vivo*

Ele [Jesus] está, nós o seguiremos vivendo a obediência da morte e da entrega, dia após dia, até com Ele ressuscitar [...] Vencedor é aquele que permanecerá em um mundo perdido, de ponta-cabeça viverá, confiando em sua fidelidade que jamais cessará". O fragmento acima evidencia que a morte de si é uma exigência para os/as seguidores/as de Cristo. Isso significa que todo/a aquele/a que deseja viver segundo o cristianismo precisará renunciar a si próprio/a, obedecendo a um dos mais importantes princípios cristãos. Obedecendo a esse ensinamento, ele/a ressuscitará, assim como Jesus. É por meio da obediência que esse sujeito poderá se conduzir à renúncia de si (Foucault, 2014a). A renúncia de si é um ensinamento que acompanha o sujeito cristão do ato da conversão até o final da sua vida. Ele/a precisará praticá-la cotidianamente, decidindo morrer para si diante de cada nova situação que o colocar frente a essa escolha. A renúncia é postulada na forma de humildade que desautoriza a vontade própria. Para se “conduzir a uma humildade em que a vontade própria terá desaparecido, toda ascese deve ser feita na forma geral da obediência” (Foucault, 2020, p. 167). A renúncia às próprias vontades é a morte de si.

A vida eterna sonhada pelos/as cristãos/ãs é prometida pela morte. A compreensão da existência de uma morte de si que faz ressurgir para uma vida em Cristo simboliza o momento da conversão e faz parte do que Foucault chamou de *metanoia*. Ou seja, trata-se da “consciência e atestação daquilo que se está deixando de ser e da existência regenerada segundo a qual já se vive. [...] Ela mantém juntos, na ordem do tempo, aquilo que não somos mais e aquilo que já somos; na ordem do ser, a morte e a vida” (Foucault, 2020, p. 80). Em sua complexidade, a *metanoia* leva a alma a aceder à verdade, pois ela tem, “na ordem da verdade, a consciência de que realmente pecamos e a atestação de que verdadeiramente nos convertemos” (Foucault, 2020, p. 80). Morte-ressurreição. Morrer para si e ressuscitar para uma vida em Cristo. Nisso consiste toda a economia da salvação, ora, a verdadeira vida só pode ser experimentada após a completa negação de si e da vida que se vive aqui neste mundo. Mas o que seria a vida que se deve renunciar prescrita no *Currículo da Célula Evangelizadora*? São as práticas de pecado. Somente ao resistir ao pecado, o/a jovem cristão/ã Louco/a por Jesus terá acesso à verdade da salvação.

Ao analisar a morte-ressurreição no Cristianismo, Foucault (2020) faz um apontamento importante. O autor refere-se a um desligamento que o sujeito opera ao renunciar ao mundo de pecado e desviar da morte. Para ele, esse rompimento com o mundo “toma cada vez mais a forma de um exercício de si sobre si que consiste numa mortificação – numa disposição voluntária à morte, aplicada, contínua em relação a tudo o que pode ligar o pecado na alma ou no corpo” (Foucault, 2020, p. 104).

Para a efetivação do rompimento com o mundo, uma série de práticas de si são postas em ação. É preciso manter-se afastado/a de coisas que fazem pecar, negar a si mesmo/a, ou seja, negar suas vontades, seus desejos. É preciso viver em obediência a Deus e a tudo o que é ensinado por meio da evangelização. O/a jovem cristão precisa se opor ao que mundo oferece, renunciando a uma vida de pecado. A renúncia de si está intimamente ligada à renúncia ao pecado, ou seja, a tudo aquilo que a igreja condena, como o sexo antes do casamento e os vícios, por exemplo. Isso porque viver conforme as próprias vontades pode significar sucumbir aos prazeres da carne e às vontades do corpo, desenvolvendo práticas que são consideradas pecaminosas. Para saber quais práticas de si os/as jovens acionam para renunciarem ao pecado, durante as entrevistas, foi perguntado como eles/as fazem para evitar atos considerados pecaminosos. Os trechos de entrevistas a seguir mostram que, para os/as jovens, essa renúncia não é uma escolha fácil.

Não é algo fácil, mas orar e clamar pela ajuda do Espírito Santo em um momento de tentação me ajuda muito. (Ester, 19 anos, entrevista).

Para a jovem Ester, a prática que ela precisa desenvolver para manter-se longe do pecado é a oração. Conforme analisei no capítulo *Marcas constitutivas da juventude cristã*, a oração é uma prática de si que conduz seu/sua praticante a se examinar e confessar suas falhas. Ester a aciona quando precisa de ajuda para vencer o que ela chama de tentações. Nessa prática é comum o exame de si, pois é necessário identificar quais são as dificuldades enfrentadas, quais são as tentações que atravessam a alma e como não sucumbir a elas. A oração é atravessada pela relação de si para consigo, afinal, exige o reconhecimento de si como falho/a, pecador/a e que necessita de ajuda para manter-se temperante. Se para Ester o pedido de socorro a Deus por meio da oração é o que a ajuda a renunciar ao pecado, para Raquel a ajuda de alguém que exerce o papel de líder também pode ser útil.

[...] uma outra coisa que é muito importante que é o discipulado, que é esse tempo que a gente tem com os nossos líderes, ir ali falar, tipo confessar algum pecado e falar alguma coisa que a gente não está conseguindo fazer ou precisa de ajuda, isso é bem importante (Raquel, 20 anos, entrevista).

Segundo a jovem, não é apenas o relacionamento com Deus que a ajuda a negar o pecado. Para ela, o discipulado e a prática da confissão também são muito importantes. O discipulado é a prática da evangelização dirigida por uma/a líder, assim como acontece na Célula evangelizadora. O/a líder exerce o papel de discipulador/a, ou seja, de tornar o/a jovem um/a discípulo/a de Cristo, ou, como analisamos nesta tese, torná-lo/a um/a jovem cristão/ã. O discipulado é uma forma de “direção cristã” e essa, segundo Foucault,

[...] tem por alvo a renúncia à vontade. Ela repousa sobre o paradoxo de uma tenacidade em não querer. A submissão ao mestre que é seu instrumento indispensável jamais conduz ao ponto em que pode se estabelecer a soberania sobre si mesmo, mas ao ponto em que, despojado de todo o domínio, o asceta só pode querer o que Deus quer (Foucault, 2020, p. 168).

A direção cristã conduz à renúncia do próprio querer. Para Foucault (2018), ela é composta por três práticas de si: obediência, exame de si e reconhecimento das faltas. Esses elementos foram explorados no capítulo *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao/á próximo/a como a ti mesmo/a: práticas de obediência sem fim e de exame incessante de si mesmo/a*. A tríade se organiza em práticas que envolvem “ouvir o outro, olhar para si mesmo, falar para o outro de si mesmo” (Foucault, 2018, p. 262). Raquel afirma que falar de seus pecados e das suas dificuldades para um/a líder ajuda a renunciar ao pecado. Ela recorre à direção que seu/sua líder a dará, certa de que ele/a lhe dirá o que fazer para renunciar a si e aos seus desejos pecaminosos. Para que a direção cristã seja eficaz, a jovem precisará obedecer às instruções dadas, examinar-se continuamente para identificar as próprias falhas, corrigi-las e evitá-las, colocando em prática uma série de exercícios sobre si mesma. Nas palavras de Foucault (2020, p. 160), a direção consiste em um “adestramento à obediência, entendido como renúncia às vontades próprias por submissão à de outro”. Ao buscar ajuda de seu/a discipulador/a, Raquel se submete à autoridade que seu/a líder exerce sobre ela e passa a se conduzir conforme seus ensinamentos. Em meio a um “jogo de anulação-substituição (anulação da vontade própria, substituição pela vontade de um outro)” (Foucault, 2020, p. 160), a jovem cristã obediente que renuncia a si mesma é produzida.

Os estudos foucaultianos abordam a direção da consciência no estoicismo imperial, mostrando como ela se efetiva na relação entre o mestre e seu discípulo. Entretanto, o filósofo situa sua origem no cristianismo, mostrando-a como técnica de condução da conduta que atua no governo das almas, também denominado de poder pastoral (Cadiotto, 2008). Na sua especificidade, “o governo das almas abrange a estruturação de mecanismos de poder de cunho religioso” (Cadiotto, 2008, p. 92). Governar a alma implica o “modo pelo qual as práticas de obediência integral e de confissão exaustiva buscam sujeitar os indivíduos, na medida em que deles é exigida a renúncia completa da vontade” (Cadiotto, 2008, p. 95). Ao renunciar a si mesmo/a, o/a jovem cristão/ã passa a se conduzir por um regime de verdades que assevera que é preciso morrer para si e, então, viver para Deus. Segundo esse regime de verdade, ele/a deve se conduzir em obediência, negando a si mesmo/a, adotando um estilo de vida que é ditado por outra pessoa, que pode ser seu/a líder ou pastor/a. Diferentemente dos

gregos, a direção da consciência cristã não funciona até que o indivíduo se desenvolva e possa, a partir daquilo que aprendeu ao ser dirigido, deixar de obedecer e se autodirigir.

Segundo Candiotto (2008), a obediência do governo pastoral é infinita. Aquele/a que é dirigido/a “é o/[a] fiel convicto/[a] de que a vontade própria é ruim. A renúncia de si, da qual tanto se fala na direção cristã, concerne à mortificação completa da vontade” (Candiotto, 2008, p. 99). O benefício de tal renúncia consiste na salvação.

O protestantismo postula a salvação como maior objetivo do/a cristão/ã. Para alcançar a salvação, o/a cristão/a deverá se conduzir de determinadas formas, e essas condutas são governadas em meio a regimes de verdades. Foucault reconhece a existência de um duplo regime de verdades no Cristianismo, organizado por Candiotto (2008) da seguinte forma: o primeiro refere-se à verdade revelada. Esta consiste no fato de o indivíduo “aceitar certo número de deveres, de considerar alguns livros como uma fonte de verdade permanente, de consentir com decisões autoritárias em matéria de verdade, de crer em certas coisas – e não apenas crer nelas, mas ainda mostrar que ele crê nelas [...]” (Candiotto, 2008, p. 102). O segundo regime de verdade “se apresenta naquelas práticas que versam sobre a exploração dos segredos individuais, cujo objetivo é a extração de verdades interiores e escondidas na alma” (Candiotto, 2008, p. 102). Esse segundo regime de verdade conduz a prática da confissão. Tanto a obediência quanto a confissão são práticas que buscam sujeitar os indivíduos, pois, por meio delas, exige-se a renúncia completa da própria vontade.

No trecho da entrevista de Raquel, ela afirmou que a confissão é necessária para a renúncia do pecado. A confissão requer um exame de tudo o que passa na alma para que seja revelado ao/a outro/a. Foucault explica que a confissão também caminha imbricada ao exame de si, sendo, portanto, “o olhar sobre si mesmo e a colocação em discurso daquilo que ele apreende” (Foucault, 2020, p. 183). O autor afirma que a confissão nada mais é que um jogo de luz e uma inversão do poder. O pecado oculto exerce um poder sobre o indivíduo e o aprisiona, porém, quando este o confessa, torna-se livre, pois a confissão “tem uma força operatória que lhe é própria: ela diz, ela mostra, ela expulsa, ela liberta” (Foucault, 2020, p. 187).

Foucault (2020) analisa a confissão como um dos procedimentos da penitência. Para o autor, essa prática é difusa e essencial. Difusa porque “não se trata de um rito preciso, localizado no conjunto de procedimento” e essencial porque “se trata de uma dimensão constante do exercício penitencial” (Foucault, 2020, p. 140-141). Segundo o filósofo, a confissão é uma forma de manifestação da verdade, pois ela se caracteriza pela enumeração dos pecados cometidos. Não apenas isso, esse olhar incessante sobre si é acompanhado por um “dizer verdadeiro a propósito de si mesmo” (Foucault, 2020, p. 188). É um trabalho que

tem o objetivo de revelar ao/à outro/a e a si mesmo/a tudo o que se esconde nos cantos mais escuros da alma. Trata-se de fazer emergir uma verdade sobre si que não era conhecida por ninguém. Essa veridicção de si está fundamentalmente ligada à renúncia de si, e, segundo Foucault,

O trabalho indefinido para ver e dizer o verdadeiro de si mesmo é um exercício de mortificação [...], em que o dever de penetrar indefinidamente a interioridade da alma está ligado a obrigação de uma exteriorização permanente do discurso endereçado ao outro; e em que a pesquisa da verdade de si deve constituir uma certa maneira de morrer para si mesmo (Foucault, 2020, p. 190).

Obediência é a base para o funcionamento da direção cristã e esta tem como objetivo levar o indivíduo a uma completa renúncia de si. Nos trechos de entrevistas abaixo, é possível perceber como a direção cristã está presente também na própria relação que os/as jovens estabelecem com o *Currículo da Célula Evangelizadora*. Eles/as o veem como espaços de aprendizagem porque são ali dirigidos/as. Ao serem indagados/as sobre o que eles/as aprendem na Célula e na *a.rede*, é possível perceber que, para eles/as, ambos são territórios de aprendizagem.

[...] eu aprendo com a Célula é, assim, no geral, meu relacionamento com Deus, entender mais os valores de Deus e as coisas de Deus e ter um tempo ali pra adorar a Deus, pra estar mais perto [...] (Raquel, 20 anos, entrevista).

As Células são importantes para a gente aprender, sabe? Principalmente sobre a caminhada cristã (Miguel, 21 anos, entrevista).

A a.rede é uma área que podemos crescer e ser guiados da melhor forma na vida cristã (Miguel, 21 anos, entrevista).

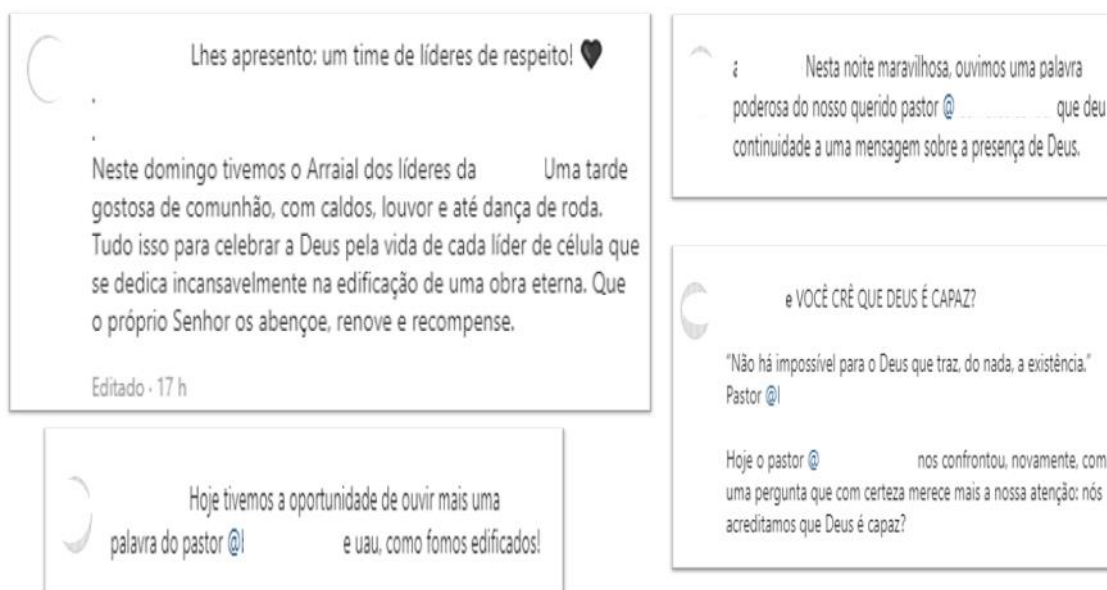
[Na a.rede] Aprendo a crescer espiritualmente e a seguir o caminho de Cristo, sempre o colocando em primeiro lugar (Rute, 20 anos, entrevista).

Dos/as sete jovens entrevistados/as para essa pesquisa, Raquel, Rute e Miguel pensam de forma semelhante sobre a Célula e a página *a.rede* no Instagram. Para eles/as, a Célula é lugar de aprender sobre a caminhada cristã e sobre como se relacionar com Deus. Raquel listou coisas que aprende na Célula, para ela, lá é espaço para “entender mais os valores de Deus e as coisas de Deus e ter um tempo ali pra adorar a Deus, pra estar mais perto”. O mesmo eles/as disseram sobre a *a.rede*. Para Miguel, a *a.rede* é um espaço em que eles/as podem “crescer e ser[em] guiados da melhor forma na vida cristã”. Crescimento espiritual também foi a resposta de Rute sobre a página na rede social.

Percebe-se que o/a jovem cristão/ã está em busca da direção cristã. Ele/a deseja os ensinamentos prescritos no *Currículo da Célula Evangelizadora* e tem certa dependência em se conduzir conforme os saberes que ela divulga. Nos estudos foucaultianos, a direção cristã também remete a uma relação de dependência que o/a discípulo tem de seu/sua mestre/a.

Considerando a configuração das relações entre líderes e liderados/as comum na organização celular, essa direção se estende ao ciberespaço. A página que o grupo segue no Instagram é alimentada com postagens que disseminam ensinamentos feitos por pessoas que exercem o papel de líderes, seja liderando uma Célula, seja como pastores/as.

Figura 39 – Líderes de respeito



Fonte: *a.rede*.

Essas postagens são evidências de que, mesmo no Instagram, há a influência de alguém que exerce a direção cristã sobre a vida dos/as jovens cristãos/ãs. Ou seja, eles/as estão sendo dirigidos/as por outro/a. Não são raras as postagens em que frases ditas por um/a líder sejam acionadas para conferir status de verdadeiro ao que se diz. No primeiro post que compõe a Figura 39, a expressão “time de líderes de respeito” faz referência a uma foto em que estão mais de trinta jovens, que exercem a função de líderes, entre eles/as estão líderes de Células, supervisores/as de Célula e pastores/as. Todos/as eles/as exercem a direção cristã. No caso do currículo investigado, todos/as os/as líderes são jovens que ora dirigem outros/as jovens, ora são dirigidos/as pelos/as pastores/as da Igreja.

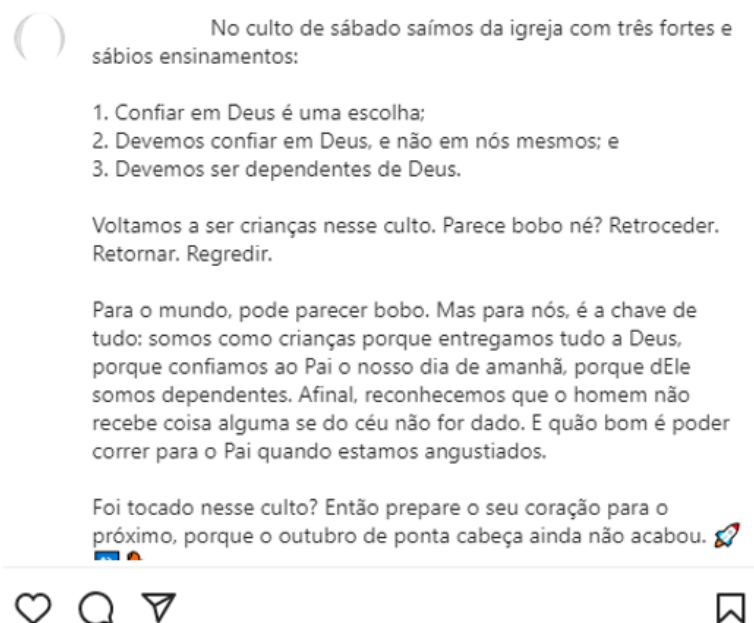
Na Célula investigada, a líder é a jovem Raquel. E foi justamente ela que afirmou ter a necessidade de buscar orientação de um/a discipulador/a para negar o pecado. Essa relação entre dirigir e ser dirigido/a é analisada por Foucault ao mostrar como a direção da consciência elabora um fluxo de obediência que também deve ser seguido pelo/a diretor/a. No Cristianismo protestante, existe a figura do/a pastor/a que é o líder maior na organização da Igreja. Ser pastor/a é um cargo que se exerce nas Igrejas Evangélicas. Tanto no protestantismo

quanto nos estudos foucaultianos, o/a pastor/a é um/a diretor/a, ou seja, é aquele/a que conduz o rebanho para a renúncia de si, entretanto, para Foucault (2020), ser pastor/a não é um cargo, mas sim uma função exercida por alguém que assume o papel de líder de um indivíduo ou de um grupo. No currículo investigado, o governo pastoral é exercido pela líder de Célula Raquel e por outros/as líderes, assim reconhecidos/as pelo grupo ao qual pertencem.

No princípio da direção cristã, a relação entre diretor/a e dirigido/a é organizada pela submissão e pela obediência e, embora essa relação conduza o/a jovem a um crescimento espiritual, ela jamais conduzirá “ao ponto em que pode se estabelecer a soberania sobre si mesmo, mas ao ponto em que, despojado de todo o domínio, o asceta só pode querer o que Deus quer” (Foucault, 2020, p. 168). Ou seja, por meio da direção cristã, o/a jovem cristão/ã é ensinado/a a renunciar a si em obediência a Deus, pois a verdade que essa direção revela é a de que somente o desejo de Deus é bom. Segundo Foucault (2020), ao ser dirigido, o indivíduo deve fazer com que suas ações sejam submetidas à vontade daquele/a que o dirige, passando a se conduzir segundo prescrições feitas por ele/a. No caso do *Currículo da Célula Evangelizadora*, quem realiza a direção são os/as líderes de Célula e pastores/as e as prescrições são reiteradas no currículo investigado. Entretanto, cabe ao/a jovem cristão/ã conduzir-se conforme o que lhe fora ensinado. Para tanto, práticas de si como obediência exaustiva, confissão e autoanulação são exercidas a fim de que se produza o/a jovem cristão/a que renuncia a si mesmo e ao mundo, conforme foi possível analisar no quarto capítulo em *Marcas constitutivas da juventude cristã*.

A direção cristã conduzirá o/a jovem cristão/a Louco/a por Jesus à renúncia de si, por isso necessita ser repetidamente praticada, pois assim será possível governá-lo/a. A direção cristã se efetiva por meio de uma organização curricular bem-arquitetada. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, as postagens são cuidadosamente selecionadas para dar visibilidade ao que se deseja ensinar. Na Figura 20 a seguir, “três fortes ensinamentos” são prescritos para conduzir o/a jovem por meio da direção cristã.

Figura 40 – Três fortes ensinamentos



Fonte: *a.rede*.

Aqui os ensinamentos foram listados de forma bem didática: confiar em Deus, não confiar em si mesmo/a e depender de Deus. Os/as jovens ainda são convocados/as a voltar a ser como crianças, que dependem e confiam no pai (Deus). Já nesse ponto é possível estabelecer uma relação com a afirmação que Foucault faz sobre a direção cristã como sendo algo que jamais proporcionará ao indivíduo uma soberania sobre si mesmo/a. Ser dirigido para aprender e alcançar uma estatura que tornará o indivíduo livre da direção era o que se aplicava no estoicismo. No Cristianismo, a direção torna o indivíduo consciente da sua total dependência de Deus. Por isso, o/a jovem cristão/ã é comparado a uma criança. Ele/a dependerá de Deus e da direção cristã como uma criança depende de um/a adulto/a para ensinar-lhe sobre a vida. O objetivo da direção não é tornar o/a jovem cristão/ã autossuficiente, pelo contrário, pretende-se criar uma dependência integral, por isso ele/a precisa voltar a ser criança, negando sua condição juvenil.

O/a jovem inserido/a no *Currículo da Célula Evangelizadora* deverá se conduzir de acordo com os ensinamentos prescritos nele. Afinal, “muitos/as que vivenciam um currículo acreditam nos saberes que ali se divulgam; esperam-se muito desse espaço social; confiam nas possibilidades que ali são construídas e investem nas aprendizagens que ali são oportunizadas” (Paraíso, 2010, p. 12). A confiança nas aprendizagens oportunizadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* é percebida nos trechos da entrevista de Raquel, Miguel e Rute apresentadas

anteriormente. Todos/as eles/as confiam naqueles saberes e estão dispostos/as a aprendê-lo, seja na Célula, seja por meio da *a.rede*. Os/as jovens vão a esses espaços em busca de aprender e ser evangelizados/as e se conduzirem como jovens cristãos/ãs.

Desse modo, é possível dizer que, na direção cristã, a obediência, o exame de si e a confissão são práticas de governo de si e do/a outro/a que atuam na produção do/a jovem cristão/ã que, abdicando da própria vida, renuncia a si mesmo/a. A partir do regime de verdade que institui a renúncia de si como única forma de aceder a Deus e à salvação, teremos uma regra de conduta moral a qual todo/a jovem cristão/ã deve seguir. Conforme vimos no texto narrado no vídeo do Peregrino – “morrer para viver”. A mortificação da carne faz parte da conduta do/a jovem cristão/ã. Para Foucault (2020, p. 73), a carne “subjaz às regras que se lhe impõem”, ela deve ser compreendida como modo de experiência, isto é, como “modo de conhecimento e de transformação de si por si, em função de uma certa relação entre anulação do mal e manifestação da verdade”. Essa não é uma relação harmoniosa, ao contrário, trata-se de uma disputa entre aquilo que fora instituído no regime de verdade sobre a salvação, que prescreve o que é o bem e o mal.

Em um encontro da Célula, ao estudarem a Bíblia, a guerra entre a carne (corpo físico, vontades próprias) e o Espírito (vontade de Deus) foi o tema central, conforme nota de diário de campo a seguir:

Mateus está conversando com os/as jovens sobre a importância de se manterem fiéis aos “padrões do evangelho de Cristo” (palavras do Mateus). Colocou uma música e pediu que meditassem na letra e fizessem dela uma oração (Nota de diário de campo, 19/11/2021).

A música que Mateus colocou para tocar no celular é da jovem cantora gospel Luma Elpidio. A canção faz menção a essa guerra contra si mesmo/a travada por alguns/algumas cristãos/ãs. A letra narra como é viver a batalha contra as vontades da carne em favor da vontade do Espírito (Deus):

Liberta-me de mim

Não entendo o meu próprio agir
Sem Tua graça o que seria de mim?
Não entendo o meu próprio agir
Sem Tua graça o que seria de mim, Deus?

Pois, o bem que eu quero fazer não faço
E o mal que eu não quero, esse sim
Acabo cometendo
Em meu ser militam Carne e Espírito

*Em uma guerra infundável à qual
Eu não me rendo*

*Pois, meu corpo já foi vendido como escravo
E não existe bem nenhum em mim
Apenas o pecado*

Mas, eu sei, que no tocante ao meu interior
Tenho prazer na Sua lei
Tu és o meu amado

*Então liberta-me de mim
Eu quero ser a Sua casa
Se Você estiver aqui
Eu sei, eu venço o pecado*

*Então enche-me de Ti
Até que não haja mais espaço
Pois, quando estou em Tua presença
O meu viver é transformado⁶⁴*

A música fala sobre uma batalha que é manter-se obediente à vontade de Deus, renunciar a si mesmo/a e aos prazeres do mundo. A renúncia de si é como uma libertação, alcançá-la é uma vitória contra o pecado. A música faz referência a uma batalha que nem sempre garante a vitória aos/as cristãos/ãs. Em alguns trechos, a cantora diz “o bem que eu quero fazer não faço / E o mal que eu não quero, esse sim / Acabo cometendo”, deixando escapar que nem sempre é possível renunciar à própria vontade. Esse trecho da música inspirou-se no apóstolo Paulo, no livro de Romanos: “Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico” (Bíblia, Romanos 7, 19 AA). Em outro trecho, é possível perceber que há um autorreconhecimento de si como praticante do pecado, ao afirmar que “não existe bem nenhum em mim/ apenas o pecado”. No entanto, o que é ressaltado na música é a necessidade de lutar permanentemente contra o pecado e contra as próprias vontades, afinal, não há nada de bom em si mesmo/a.

A música é algo bastante comum na prática protestante e nas culturas juvenis. Ela faz parte da liturgia, ou seja, do conjunto de elementos e práticas dos cultos religiosos. De acordo com Olívia Carvalho (2014), a prática musical na Igreja Evangélica é algo executado há muitos séculos. Inicialmente, com os hinos protestantes do século XVIII, passando pelos *Negro spirituals*⁶⁵ do século XIX, até chegar à vertente *black gospel music*, um estilo musical

⁶⁴ Letra da música completa disponível em: <https://www.letras.mus.br/luma-elpidio/liberta-me-de-mim/>. Acesso em: 17 maio 2021.

⁶⁵ O gênero musical *Negro Spirituals* surgiu no período da colonização dos Estados Unidos, em um movimento que buscava aproximar estilos musicais afros com músicas evangélicas. “As composições foram denominadas de ‘*Negros Spirituals*’ que em português poderíamos chamar de canções espirituais de influência negra. Estes negros eram escravos vindos da África para colonizarem a América do Norte em situações muito difícil e principalmente adversa de todo o seu contexto cultural. Eles foram firmes e autênticos em criarem um novo estilo musical que transcendeu aos dias contemporâneos” (Rocha, 2019).

americano que deu origem à música gospel no Brasil. Segundo Rocha (2019), quem trouxe esse estilo musical para o Brasil foram os/as “evangélicos[as] batistas e presbiterianos[as] vindos[as] dos Estados Unidos no século XIX em 1882. Introduziram este gênero Gospel a partir do próprio estilo americano, simplesmente traduziam para a língua portuguesa” (Rocha, 2019). Como um recurso lúdico, acionar uma música durante a reunião é uma estratégia que também dialoga com as culturas juvenis, haja vista a música se constituir como uma expressão dessas culturas. O gosto pela música é uma das marcas que caracterizam e distinguem o/a jovem.

Vários/as estudiosos/as sobre juventudes investigaram e chegaram a conclusões que nos levam à reflexão acerca do cenário da vida cotidiana no que diz respeito ao envolvimento dos/as jovens com a música (Dayrell, 2002, Hayashi; Martinez, 2008; Spósito, 2009). A música, no entanto, está na sociedade de modo ainda mais amplo. Há quem afirme que ela seja “onipresente” e “é repensada e apresenta-se cada vez mais de uma forma interativa, na qual as pessoas buscam maneiras de participação, compartilhamento e aprendizagem” (Souza; Freitas, 2014, p. 60). A música é, ainda, um artefato cultural que ensina e prescreve condutas. Essa afirmação é possível porque, assim como Marlécio Maknamara e Marluce Paraíso (2013), compreendo a música como um texto curricular. Na perspectiva do autor e da autora, “quando informações, aprendizagens, sentimentos e pensamentos são articulados, está-se compondo o texto de um currículo” (Maknamara; Paraíso, 2013, p. 43). Autor e autora trabalham com a noção de texto em uma perspectiva pós-estruturalista e o conceituam como “o produto da atividade discursiva; como o objeto empírico da análise do discurso” (Paraíso, 2007, p. 32). Assim compreendidas, “músicas ou estilos musicais consistem em textos curriculares” (Maknamara; Paraíso, 2013, p. 43). Convencida pelos argumentos de Maknamara e Paraíso e amparada pelo conceito de currículo na perspectiva pós-crítica, compreendo que, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, outros currículos se articulam e disputam espaço no processo de subjetivação da juventude. Desse modo, é possível dizer que a música da Luma Elpidio é um texto curricular que foi acionado no *Currículo da Célula Evangelizadora* para governar a conduta de jovens.

Por certo que não foi objetivo da presente pesquisa investigar o currículo da música, entretanto, havemos de pensar que seu acionamento no currículo investigado trouxe elementos importantes que atuam no governo da conduta dos/as jovens cristãos/ãs e nos modos pelos quais eles/as se produzem e são produzidos/as. Isso porque o texto de um currículo, como é o caso da música, “prescreve saberes, modos de ser, de pensar e de agir,

indicando pensamentos, valores, exercícios e atitudes que devem ser praticados no sentido de constituição de tipos particulares de sujeito” (Maknamara; Paraíso, 2013, p. 44).

O exercício proposto por Mateus, de meditar na letra da canção e fazer dela uma oração, é uma prática de si que nos remete ao conceito de cuidado de si de Michel Foucault. Para o autor, o cuidado de si ocorre por meio das práticas que o indivíduo coloca em funcionamento sobre seu corpo, sua mente e sua alma, por meio das quais busca se transformar e se modificar (Foucault, 2014a). Vieira (2012) aponta a música como um instrumento capaz de fazer olhar para si, para suas emoções e sensações, sendo, portanto, uma prática de cuidado de si. O autor compara as técnicas de si e a performance musical:

As técnicas de si problematizam o sujeito, tornando-o sujeito estético, constituído em si mesmo. Numa situação artística, como é o caso da performance musical, a compreensão de si e o seu autoconhecimento são formas de se atingir um grande aprimoramento. Por meio do ‘cuidado de si’ o autoconhecimento é atingido (Vieira, 2012, p. 347).

Ainda que o autor não esteja falando apenas da letra da canção, mas sim de toda a performance que acompanha a música, suas reflexões são potentes para pensarmos na música como incitando um exercício de autoconhecimento, sobretudo considerando a orientação de Mateus para fazer dela uma oração, sua própria oração. Para que a música se torne uma oração, é necessário que o/a jovem se reconheça nas palavras que a compõem. Enquanto medita sobre ela, o/a jovem é levado/a a se reconhecer como alguém que precisa ser liberto/a de si para vencer o pecado. Ao propor que os/as jovens meditem na letra, exige-se que eles/as reflitam a partir de um instrumento que busca traduzir quem eles/as são. Esse exercício também faz parte do cuidado de si sob a forma de conhecimento de si. Segundo Vieira (2012, p. 344-345),

Para conhecer-se é preciso olhar-se em um elemento que seja igual a si: olhar-se em um elemento que traduza o princípio do saber e do conhecimento. Esse princípio de saber e de conhecimento, numa acepção próprio-musical, considero como o reconhecimento, a busca e a intervenção da tradição. Portanto, é preciso olhar a tradição, e nessa tradição reconhecer a si mesmo.

A canção de Luma Elpidio expõe uma tradição do comportamento cristão, que é renunciar a si mesmo/a, ensinada desde a morte e a ressurreição de Jesus, para alcançar a salvação. Trata-se de uma tradição e ao mesmo tempo uma veridicção acerca da conduta cristã. Ao acionar uma canção que narra exatamente a batalha que vive o/a jovem cristão/ã, experimenta-se um conhecimento de si que o/a levará ao aprimoramento de sua conduta cristã. Acionar a música foi, então, uma estratégia de governo para conduzir a conduta dos/as jovens sob a forma de conhecimento de si e renúncia de si.

Como uma marca da cultura juvenil, a música esteve presente em outros momentos durante as reuniões da Célula. Muitas vezes sendo acionada para conduzir a conduta durante uma prática religiosa como a oração ou a meditação. Em um episódio específico, as culturas juvenis disputam espaço com as prescrições do *Currículo da Célula Evangelizadora*. Durante uma dinâmica de quebra-gelo, os/as jovens foram questionados/as sobre algo que gostariam muito de aprender. Algumas respostas foram registradas na nota de diário de campo a seguir

Tocar violão, pular de bunge-jump e até pilotar avião foram algumas respostas dadas. Mas uma delas me chamou atenção. A jovem Raquel disse que gostaria de aprender a dançar forró. Disse que já tentou aprender na faculdade, ali na praça central da UFMG, porém com o início da pandemia essa atividade foi suspensa. Questionada sobre o tipo de forró que gosta, ela respondeu que gosta do grupo Falamansa. A fala de Raquel gerou risos e piadas entre os/as jovens (Notas de diário de campo, 10/12/2021).

Até aqui, explorei como o/a jovem cristão/ã se produz em meio a práticas de renúncia de si, que resultam em uma morte não física. Morte de quem se é para tornar-se quem demanda-se que seja. Ao serem questionados/as sobre o que eles/as gostariam de aprender, as respostas os/as levam a possibilidades contrárias à renúncia de si. Conduzem os/as jovens a uma aceitação de si, por um caminho de resgatar-se a si e os próprios desejos. As respostas que os/as jovens deram não se relacionam necessariamente a algo que poderia ser feito no âmbito de determinadas vertentes do cristianismo. Embora sejam conduzidos/as a recusar viver as coisas que são propostas por este mundo, eles/as responderam sobre coisas que desejam fazer neste mundo e que não têm necessariamente relação direta com sua fé. Raquel foi além e disse que gostaria de aprender a dançar um ritmo musical que normalmente não é praticado entre jovens cristãos/ãs, citando um grupo musical secular, que em nada se relaciona com a doutrina cristã. De acordo com Olívia Carvalho (2014), as músicas seculares são aquelas que se diferem das canções gospel, ou seja, que não trazem consigo a missão de expressar uma fé religiosa da salvação em Cristo. A autora afirma que:

A oposição gospel/secular reflete a separação operada na modernidade entre o sagrado e o secular, como domínios distintos. No entanto, as fronteiras entre esses domínios não são fixas, e o estudo da música gospel deixa evidente essa tensão, principalmente quando observamos que a tensão entre sagrado e secular não pode ser vista apenas como um conflito entre o religioso e o profano, mas se reveste de outros sentidos que essas palavras também adquirem na modernidade (Carvalho, 2014, p. 2).

Conforme Carvalho (2014, p. 3) destaca, “a definição do que é sacro ou secular não é consensual nem estável”. O posicionamento de Raquel gerou risos e bastante agitação entre os/as jovens. Frases como “*Está precisando jejuar mais*” e “*Podia ser pelo menos forró*”

gospel” foram disparadas entre risadas e clima de zoação. Raquel também riu e afirmou que “*um forrózinho não faz mal*”. Um currículo, “em suas bifurcações, em seus escapes, variações e linhas de fugas” (Paraíso, 2010a, p. 587), possibilita que vivências diferentes sejam também experimentadas. Escapes como esse foram percebidos algumas outras vezes durante a observação e também na entrevista.

Antes do início da reunião Miguel, Maria e Silas (um jovem que eu nunca tinha visto na Célula) estão se organizando para irem ao estádio de futebol no domingo. Eles e ela estão animados/as, falam do time com empolgação. Durante a reunião de Célula, a líder mencionou um evento que acontecerá na igreja no mesmo dia do jogo e lembra da importância que todos/as participem. Maria interrompe e diz que domingo é “sem chances” de ir à igreja, pois vai assistir ao jogo no estádio. Miguel e Silas concordam com Maria (Nota de diário de campo, 04/02/2022).

Nesse trecho da nota de diário de campo, é evidente a tentativa da líder Raquel em conduzir a conduta dos/as jovens para que eles/as participem de um evento organizado pela Igreja. Entretanto, Maria, Miguel e Silas resistem, pois estão decididos a se conduzirem conforme o desejo que têm de ir ao estádio. Os/a jovens foram taxativos/a e descartaram completamente a possibilidade de fazerem o que a líder espera que façam na posição de jovens cristão/ãs. Raquel não discutiu mais sobre isso com os/as jovens, apenas reafirmou que era importante estar no culto de domingo. A condução da conduta desses e dessas jovens resiste à prescrição de renúncia de si evidenciada no currículo investigado. Durante a entrevista, perguntei para o Miguel como o jovem cristão deve se comportar e ele respondeu dizendo que:

Como qualquer jovem. Acho uma besteira achar que somos diferentes daqueles[as] que não vão à igreja. Tenho muitos[as] amigos[as] que não são cristãos[ãs] e a gente faz as mesmas coisas. Não que eu cometa os pecados que eles[as] cometem... nem tudo é pecado também. Tem os pecados que a Bíblia fala... outras coisas não são pecado, só não convém fazer. Eu troco ideia com eles[as], jogamos juntos[as], compartilhamos filmes, músicas, séries... tem um monte de coisa que a gente pode fazer (Miguel, 21 anos, entrevista).

Perguntei a ele que tipo de filmes e músicas e se seriam do universo *gospel*.

Não necessariamente. Qualquer filme e qualquer música. Eu troco [de trocar, compartilhar] mais as que falam de Cristo porque é o que eu vivo. Mas escuto e curto coisas seculares, desde que tenham respeito. Algumas músicas mesmo sendo seculares nos ajudam a ser corretos (Miguel, 21 anos, entrevista).

Após pedir um exemplo desse tipo de música, ele citou Tiago Iorc⁶⁶. Percebe-se que, para Miguel, ser cristão não exige necessariamente uma anulação completa de si. O jovem destaca que o importante é não cometer pecados, ressaltando que nem tudo deve ser

⁶⁶ Tiago Iorc é um cantor e compositor brasileiro. Sua biografia encontra-se disponível em: Tiago Iorc: Fotos, últimas notícias, idade, signo e biografia! - Purepeople. Acesso em: 21 jul. 2023.

considerado pecado. Para ele, algumas coisas são apenas inconvenientes para a conduta cristã. Ele ainda afirma que escuta as músicas seculares que seus/as amigos/as lhe enviam.

Miguel demonstra habilidade em transitar entre os gêneros musicais, sem encarar isso como prática de pecado. Percebe-se que, assim como aponta Carvalho (2014), a fronteira que separa os dois gêneros musicais é borrada e não há um consenso sobre isso no protestantismo. Foi possível perceber isso entre os/as jovens durante a observação quando Raquel falou de um grupo secular com naturalidade e alguns/algumas jovens reagiram com espanto, mesmo que em tom de brincadeira, e também nas afirmações de Miguel sobre estilos musicais. Entretanto, o que chama atenção nesses comportamentos é a afirmação de si como sujeito de vontades e desejos. Enquanto no *Currículo da Célula Evangelizadora* ensina-se sobre renúncia e morte de si, alguns escapes surgem quando o desejo faz fluir a vontade própria.

Considerando os estudos foucaultianos, esse movimento de conduzir-se pela vontade do/a outro/a e, ao mesmo tempo, pela própria vontade, nada tem de espantoso. Afinal, a governamentalidade não é um poder localizável nem algo que um indivíduo ou instituição detém. Como afirma Candiotta (2008, p. 91), “Foucault quer mostrar que a governamentalidade abrange tanto as diferentes maneiras de governar os outros quanto as diversas modulações do governo de si mesmo”. Nesse movimento entre ser conduzido e se conduzir, outras formas de existir são inauguradas, trazendo outras formas de existência.

Neste capítulo analisei no *Currículo da Célula Evangelizadora* como o/a jovem cristão/ã é conduzido/a à renúncia de si. Por meio das práticas de evangelização, é produzido um/a jovem cristão/ã que renuncia a si mesmo para viver conforme a vontade de Deus. Ele/a é governado/a por um regime de verdades sobre a salvação cristã, que afirma que, para aceder à Deus e ser salvo/a, o/a jovem cristão/ã precisa morrer para as próprias vontades em detrimento da vontade de Deus. Desse modo, por meio da direção cristã, ele/a irá se conduzir por práticas de renúncia de si, não aceitando ser governado/a pelos padrões da vida cotidiana, sobretudo aqueles considerados como pecado. Embora a demanda por um/a jovem que renuncie às próprias vontades tenha sido prevalente no currículo investigado, observou-se, também, que nem sempre essa é a forma como o/a jovem cristão/ã se conduz. Ainda que de forma incipiente, o/a jovem cristão que resiste em renunciar as próprias vontades também é produzido no *Currículo da Célula Evangelizadora*.

7 AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO/À PRÓXIMO/A COMO A TI MESMO/A: PRÁTICAS DE OEDIÊNCIA SEM FIM E DE EXAME INCESSANTE DE SI MESMO/A

Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?

Respondeu Jesus: Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento.

Este é o primeiro e maior mandamento. O segundo é semelhante a ele: ame o seu próximo como a si mesmo (Bíblia, Mateus 22, 36-39 NVI).

Aqueles que aceitam os meus mandamentos e lhes obedecem são os que me amam (Bíblia, João 14, 21 NVI)

Amar a Deus é o primeiro e o maior mandamento bíblico. É o amor a Deus que orienta toda a prática no Cristianismo. Demanda-se que o/a cristão/ã conduza sua conduta em obediência a esse mandamento. Obedecer a Deus significa amá-lo. Amar a Deus significa obedecer a seus mandamentos. Amar e obedecer são correlatos, estão embricados e ambas as práticas fazem parte do manual da conduta cristã. Para se conduzir em obediência, o/a jovem cristão/a precisa se examinar incessantemente, a fim de julgar seus pensamentos, suas práticas e afastar aquilo que porventura o/a impeça de amar e obedecer a Deus.

O segundo maior mandamento bíblico é amar ao próximo como a si mesmo/a. No trecho bíblico acionado na abertura deste capítulo, o segundo mandamento é considerado semelhante ao primeiro, ou seja, amar a Deus, ao/à próximo/a e a si mesmo/a são práticas correlatas prescritas ao/à jovem cristão/ã. Aqui nesta tese, essas práticas estão sendo analisadas como práticas de si. Segundo Foucault, a prática de si requer uma “atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural, à vida dos outros” (Foucault, 2006, p. 114). De igual modo, tendo como principal mandamento o amor, o/a jovem cristão/ã precisa ser crítico/a de suas práticas a fim de se conduzir em obediência. Para isso, torna-se necessário um incessante exame de si para garantir que os mandamentos sejam obedecidos.

Neste capítulo, analiso como o amor a Deus é ensinado ao/à jovem cristão/ã no *Currículo da Célula Evangelizadora* e como esse amor demanda práticas de obediência e exame de si. O argumento desenvolvido é que no currículo investigado práticas de amor a Deus, ao/à próximo e a si mesmo/a são demandadas ao/a jovem cristão/ã. O amor é uma prática que ocorre por meio da obediência e do temor. Amar significa se conduzir conforme a vontade de Deus, ser fiel aos seus mandamentos e viver em devoção a Ele, amando-o de todo o coração. A prática do amor a Deus é validada quando o/a jovem cristão/ã pratica o amor ao/à próximo e a si mesmo/a. No currículo investigado, divulgam-se os motivos que justificam a prática do amor, bem como a relação desta com a obediência e o temor.

A relação entre a obediência sem fim e o exame incessante de si mesmo/a constitui a economia da salvação, haja vista que a salvação cristã implica um árduo trabalho de aperfeiçoamento, que impõe ao/à jovem cristão/ã regras de conduta. “Trata-se de estabelecer uma relação de obediência à vontade do outro” (Foucault, 2018, p. 279) e para isso faz-se necessário o exame de si, pois suas práticas precisam ser incessantemente avaliadas e julgadas a fim de identificar e corrigir falhas, se conduzindo de acordo com a norma prescrita. O alvo do exame é, antes de tudo, o pensamento, e não os atos, pois é no fluxo do pensamento que se inicia a agitação das ideias.

Trata-se, neste caso, de uma atividade que se exerce sobre o fluxo do pensamento e dos pensamentos, no mesmo momento em que esse fluxo se dá. O exame deve concentrar-se na atualidade do pensamento e não, retrospectivamente, no que foi feito. Trata-se de apreender o pensamento no momento em que começa a pensar, de apreender na raiz, quando estamos pensando no que pensamos (Foucault, 2018, p. 272-273).

Por isso, a obediência mantém um vínculo de dependência com o exame de si, pois, examinando-se o pensamento, é possível evitar o cometimento da falta antes mesmo dele se converter em práticas. Ao julgar seus pensamentos, uma “triagem para fazer [com] que o pensamento moa o bom grão e não o ruim” (Foucault, 2018, p. 271) se instaura, ou seja, é possível, no exato momento em que algo se apresenta em sua consciência, selecionar o mais depressa possível o que deverá repelir e expulsar, para, assim, manter sua conduta de jovem cristão/ã obediente.

No primeiro tópico, analiso como o amor a Deus é demandado e ensinado no currículo investigado. No segundo tópico, analiso a prática do amor ao/à próximo e a si mesmo/a. Já no terceiro tópico, analiso a relação entre amar, temer, obedecer e se examinar, como práticas indissociáveis na conduta do/a jovem cristão/a.

7.1 O Currículo da Célula Evangelizadora ensina: o/a jovem cristão/ã deve amar a Deus sobre todas as coisas

O amor a Deus é uma prática ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Na Figura 41 é possível observar que amar a Deus é o dever do povo escolhido.

Figura 41 – Qual seu motivo para amar a Deus?



No último culto, recebemos um convite da a compreender que somos povo escolhido, sacerdócio, e que **o nosso dever é simples: amar a Deus** e cuidar do nosso relacionamento com Ele, assim como fazemos com os que verdadeiramente amamos, para que desfrutemos a vida extraordinária que Ele tem planejado para nós.

Sabemos o nosso motivo de amar a Deus. Qual é o seu?

Fonte: *a.rede*.

O post faz referência a um culto no qual foi ensinado que o/a cristão/ã é povo escolhido e que seu dever “é simples”: amar a Deus e cuidar do relacionamento com Ele. Essa é a condição para que se possa desfrutar da vida que Deus planejou para cada cristão/ã. Conforme já discuti aqui nesta tese, no Cristianismo protestante, uma vida planejada por Deus refere-se à vida eterna e o modo por meio do qual se alcança essa dádiva é se conduzir em obediência aos mandamentos cristãos.

O/a jovem cristão/ã precisa exercer práticas de si que permitam escrutinar os pensamentos para afastar aqueles que por ventura o/a impeçam de se conduzir fiel aos ensinamentos de Deus. Conforme vem sendo discutido ao longo desta tese, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, é ensinado ao/a cristão/ã que, embora viva neste mundo, ele/a não pertence ao mundo. Toda a conduta cristã é organizada partindo do pressuposto de que, após a morte, eles/as serão salvos/as por Cristo e desfrutarão da vida eterna. Desse modo, no currículo investigado, a verdade acerca da vida eterna foi acionada como promessa de recompensa para aqueles/as que desejam assim se conduzirem.

As verdades divulgadas no currículo sobre a salvação cristã são uma estratégia de governo por meio da qual objetiva-se conduzir a conduta daqueles/as inscritos/as naquele jogo de verdade. A salvação cristã se inscreve em um jogo de verdade que coloca a vida planejada por Deus para os/as seus/suas servos/as como a recompensa para aqueles/as que decidirem amá-Lo. Trata-se de uma estratégia de governo porque nela o/a jovem cristão/ã é governado/a pelo discurso religioso acerca da salvação e, ao mesmo tempo, precisa se autogovernar a fim de que se conduza dentro do plano para ser salvo/a.

A prática de autogoverno é perceptível no questionamento que segue a afirmação sobre os motivos para amar a Deus: *Sabemos nosso motivo para amar a Deus. Qual o seu?*

Para responder a essa indagação, o autoexame como uma prática de si é demandado ao/à jovem cristão/ã. Desse modo, o/a jovem cristão/ã é conduzido/a a examinar a si mesmo/a, buscando identificar os motivos que o/a leva a amar a Deus e excluir as razões que os/as afastam desse amor. Trata-se da busca pelo bom grão, o que significa ir buscar no fundo de si mesmo/a como as razões para amar a Deus foram fabricadas. Observar em si mesmo/a a origem do amor a Deus. Mergulhar “nos arcanos do coração, nas dobras da alma” (Foucault, 2018, p. 277) e examiná-los sem cessar para garantir que se encontre os motivos para amar a Deus, e, assim, se conduzir em obediência ao primeiro e maior mandamento bíblico.

No perfil do Instagram, a postagem registrada na Figura 35 é composta por um vídeo em que jovens oram e cantam, enquanto toca a música gospel internacional *Why do i love God?*, traduzido como *Por que eu amo a Deus?*. O acionamento dessa música trata-se de uma estratégia para conduzir o/a jovem a responder à questão feita na publicação *Qual o seu [motivo para amar a Deus]?*, Na letra da música, divulgam-se os porquês que justificam os motivos para amar a Deus. Na Figura 42, apresento o trecho traduzido da música que aparece no vídeo que acompanha a postagem da Figura 41.

Figura 42 – Por que eu amo a Deus?

Why Do I Love God?	Por Que Eu Amo a Deus?
Why do I love God?	Por que eu amo a Deus?
'Cause when He loves me	Porque quando Ele me ama
I feel like I'm floating	Sinto como se estivesse flutuando
When He calls me chosen	Quando Ele me chama de escolhido
I feel like somebody with purpose	Me sinto como alguém com propósito
He changed me, I'm a new creation	Ele me mudou, sou uma nova criação
He will always be my favorite form of loving	Ele sempre será minha forma favorita de amar

Fonte: <https://www.letras.mus.br/josh-thomas/why-do-i-love-god/traducao.html>

Por que eu amo a Deus? Essa é uma pergunta que impõe o exercício sobre si e exige uma reflexão em busca de uma resposta. A música apresenta alguns argumentos que

justificam o amor a Deus. Para se sentir bem (ou flutuando), para ser chamado de escolhido/a, porque vive um propósito, porque nasceu de novo (é nova criação) são algumas respostas divulgadas na canção. Como um elemento da cultura juvenil (Dayrell, 2007), a música foi mais uma vez acionada. A estratégia utilizada foi indagar o/a jovem sobre os motivos que o levam a amar a Deus e o/a conduzir, por meio da música, com algumas possibilidades de respostas. Percebe-se que, embora o governo da própria conduta seja demandado ao/à jovem cristão/ã ao requerer que ele/a examine a si mesmo/a para responder ao questionamento, o governo da conduta do/a outro/a também é posto em prática, uma vez que, por meio da canção, essa resposta é prescrita ao/à jovem. Governo do/a outro/a e autogoverno operam mutuamente de modo a produzir verdades sobre amar a Deus e, assim, conduzir a conduta do/a jovem cristã que ama a Deus sobre todas as coisas.

A dependência entre as formas de governo, ou a “arte de governar” (Foucault, 2018, p. 13), e o jogo que produz o dizer verdadeiro são “procedimentos destinados a conduzir os homens, a dirigir a conduta dos homens, a conduzir a conduta dos homens” (Foucault, 2018, p. 13). Assim, ao acionar uma música que oferece respostas ao questionamento feito ao/à jovem, manifesta-se o objetivo do currículo para que as verdades ali prescritas sejam para o/a jovem cristão/ã a resposta que ele/a dará sobre as motivações para amar a Deus.

O currículo seleciona os saberes, conteúdos e as verdades que ele deseja divulgar (Silva, 2005; Paraíso, 2010). De igual modo, no *Currículo da Célula Evangelizadora* selecionaram-se as razões para amar a Deus e passou-se a ensinar sobre elas, como podemos perceber no post a seguir.

Figura 43 – Ele nos amou primeiro



Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro ♡

O amamos pq por Ele fomos salvos

O amamos pq somos a resposta para essa geração

O amamos pq dependemos Dele

O amamos pq fomos escolhidos para amar e servir

Somos privilegiados e decidimos amá-lo

@

@

@

Se vc ainda não sabe pq amamos tanto a esse Deus lindo , junte-se a nós
no @k de sábado e venha descobrir.

Fonte: *a.rede*.

A postagem traz uma lista de razões para amar a Deus: porque foram amados/as por Ele primeiro; foram salvos/as; para ser a resposta para a geração; porque dependem de Deus; foram escolhidos/as para amar; porque é um privilégio amar e também por decisão individual. As razões para amar a Deus foram listadas de forma interessada para ensinar o/a jovem que ele/a deve amar a Deus e prescrever os motivos para tal. Os argumentos foram organizados de modo a conduzir o/a jovem, fazendo com que ele/a se identifique com as justificativas ali apresentadas. Tem-se aqui um currículo que reitera as razões para amar a Deus. Mais do que isso, tem-se um currículo que normatiza que o/a jovem cristão/ã deve amar a Deus. Claudia Tomé e Elizabeth Macedo (2018, p. 12), compreendendo o currículo como discurso, afirmam que um “discurso normativo que faz proliferar e adensa formas colonizáveis de vida” nunca irá se apresentar como tal. Ou seja, embora no *Currículo da Célula Evangelizadora* haja um objetivo por normatizar que o/a jovem cristão/ã deve amar a Deus, para assim governar a conduta juvenil, não é dessa forma que as prescrições são apresentadas. Elas vêm em forma de sugestão, ensinamentos, dicas. O objetivo do *Currículo da Célula Evangelizadora* é produzir um/a jovem cristão/ã que ama a Deus, prescrevendo-lhe, inclusive, razões para amá-lo.

O amor a Deus é uma premissa do cristianismo. Acionando versículos bíblicos, como os que foram utilizados na abertura deste capítulo, que divulgam o amor a Deus como o

primeiro e maior mandamento de todos, em vários momentos é possível perceber este ensinamento sendo sistematicamente prescrito no currículo investigado. Ao ser indagada como a jovem cristã deve se conduzir, Ester respondeu da seguinte forma

Dentro dos mandamentos de Deus, amando [...] a Deus acima de tudo e todas as coisas! (Ester, 19 anos, entrevista)

Ester deve conduzir sua conduta de modo bastante específico, em obediência aos mandamentos de Deus. Mandamentos estes que são reiteradamente ensinados na Célula, na página da *a.rede* e nos outros espaços religiosos que ela e os/as demais jovens frequentam. Os mandamentos indicam quais práticas são consideradas pecaminosas e, portanto, devem ser evitadas pelo/a cristão/ã. Seguir os mandamentos também demanda uma condução de si mesmo/a em obediência.

Ester deve se conduzir amando a Deus e o modo como isso ocorre é sendo fiel aos mandamentos divinos. Junto a esse mandamento prescreve-se o maior mandamento bíblico: amar a Deus sobre todas as coisas. Ester afirma que ela deve se conduzir *amando [...] a Deus acima de tudo*. Isso significa que ela deve colocar Deus no centro de suas vontades. Ele deve estar acima de tudo. Amar a Deus acima de todas as coisas também compôs a resposta de Raquel sobre a conduta do/a jovem cristão/ã

*Por exemplo, a Bíblia ensina que a gente deve **amar a Deus** sobre todas as coisas [...]. Tendo como esse fundamento o amor, sabe, eu me comporto de determinadas formas* (Raquel, 20 anos, entrevista)

Raquel aciona a Bíblia como argumento para dizer que, como jovem cristã, ela deve amar a Deus. Percebe-se que a prática do amor a Deus ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora* é bastante precisa, pois afirma-se que deve ser um amor que esteja acima de todas as coisas. Amar a Deus deve ser a prática mais importante da vida cristã.

Raquel afirmou, ainda, que a partir do amor que tem por Deus ela se comportará de “determinadas formas”. Ao ser questionada quais seriam essas formas, a jovem respondeu

Ah, vou ser mais atenciosa com as coisas, sabe? Não vou mentir, nem fazer nada que seja ruim para alguém, vou tentar ser uma pessoa melhor. Se eu amo a Deus não posso agir sem pensar e fazer coisas que são erradas (Raquel, 20 anos, entrevista).

Ser mais atenciosa, não mentir, não fazer nada ruim, ser uma pessoa melhor, pensar antes de agir. Essas são algumas das práticas que a jovem Raquel deverá fazer por amar a Deus. São essas práticas que irão evidenciar que a jovem ama a Deus. Elas são as formas de amar a Deus. O amor a Deus é uma prática, um exercício que fará com que o/a jovem cristão/ã se conduza de determinado modo. Ela deverá pensar antes de agir para não

fazer coisas erradas. Embora ela não diga deliberadamente o que são as coisas erradas que ela não poderá pensar ou fazer, pode-se inferir que sejam as práticas consideradas pecaminosas pela igreja. Percebe-se que o modo como Raquel deverá se conduzir refere-se ao manual da conduta cristã, prescrito pela igreja. Existe um modo de se conduzir considerado adequado ao/à jovem cristão/ã, que divulga quais práticas são compreendidas como certas ou erradas. O amor a Deus é aferido quando tais práticas são postas em funcionamento. A partir disso, o que pode ser considerado certo ou errado diante daquilo que as verdades religiosas prescrevem? Como essas verdades são produzidas? A reflexão acerca dessas questões é importante porque, ao operar por meio de determinado regime de verdade, no *Currículo da Célula Evangelizadora* fabrica-se um modo como o/a jovem cristão/ã deve se conduzir e que ações deve realizar para provar que ama a Deus.

O *Currículo da Célula Evangelizadora* pode ser de difícil compreensão para quem não é cristão/ã protestante. Nota-se que não foram observadas nesse currículo a nomeação das práticas tidas como certas ou erradas. Existe a demanda por um/a jovem que se conduza de “determinadas formas”, mas há pouca evidência de quais seriam exatamente elas. Na resposta de Raquel acerca de qual comportamento ela se referia, a jovem até consegue mostrar algumas práticas que compõem esse comportamento adequado, como ser atenciosa, não mentir e ser boa. Entretanto, ela é bastante evasiva ao responder que não pode fazer “coisas que são erradas”, sem explicitar a que se referia. Não apenas aqui neste capítulo, no anterior analisei que o/a jovem cristão/ã deve renunciar ao pecado, mas as práticas que definem exatamente o pecado não são mencionadas no currículo investigado.

Uma das razões para isso pode ser o fato de que no currículo investigado considera-se que o/a jovem já venha com uma base de conhecimentos acerca dos códigos de conduta cristã. Provavelmente, em um outro momento ele/a já tenha sido orientado/a acerca do que é certo ou errado para os padrões daquele grupo religioso. Outra hipótese explicativa para esse silenciamento no currículo pode estar relacionado ao fato de que definir exatamente as condutas pecaminosas talvez possa produzir resistência entre os/as jovens. O sentido de pecaminoso pode concorrer com outros amplamente divulgados como interessantes, prazerosos ou até mesmo tipicamente juvenis, por exemplo, ter relações sexuais fora do casamento, beber, usar droga, ir para a balada.

Apesar disso, no *Currículo da Célula Evangelizadora* existe a demanda por um/a jovem que se conduza de um modo específico, atendendo as prescrições nele divulgadas. Para se conduzir de acordo com a prescrição curricular, o/a jovem cristão/a deve acionar práticas de si como o exame de si (para verificar se ele/a ama a Deus e os motivos para tal) e a

obediência (amar a Deus pressupõe obedecer aos seus mandamentos). No tópico a seguir, analisei como o amor ao/à próximo e a si mesmo/a são ensinados no currículo investigado.

7.2 O Currículo da Célula Evangelizadora ensina: amar ao/à próximo/a como a ti mesmo/a

[...] a Bíblia ensina que a gente deve amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como nós mesmos (Raquel, 20 anos, entrevista)

[...] amando o próximo e a Deus acima de tudo e todas as coisas! (Ester, 19 anos, entrevista)

Amar a Deus, ao/à próximo/a e a si mesmo/a são práticas ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* de forma que uma parece estar diretamente conectada à outra. Apesar disso, por motivos de organização textual, decidi analisar separadamente as práticas de amor. Neste tópico, analiso as práticas de amor ao próximo/a e a ti mesmo/a. Os fragmentos das entrevistas de Ester e Raquel já haviam sido analisados no tópico anterior para evidenciar a prática de amor a Deus. Agora, chamo a atenção nos trechos destacados, para o amor ao/à próximo e o amor a si mesmo/a, pois os/as jovens atribuíram essas práticas à conduta do/a jovem cristão/ã.

Ao ser questionada sobre como o/a jovem cristão/ã deve se comportar, Raquel ressaltou que, assim como amar a Deus, amar ao/á próximo é um ensinamento bíblico, provavelmente se referindo ao trecho bíblico do livro de Mateus 22:35-39. Ela foi ainda mais indelével ao texto bíblico reiterando que o amor ao/à próximo/a deve ser praticado na mesma intensidade com que ela se ama. Já Ester não menciona o amor a si mesmo/a, conforme descreve o versículo, mas ao dizer que precisa amar ao/a próximo/a sabe-se que, conforme prescreve o trecho bíblico, a métrica do amor ao/à outro/a é o amor a si mesmo/a, afinal o mandamento é para que se ame ao/à próximo como a ti mesmo/a. Ou seja, ela terá que se amar também. Esta é a regra a qual o/a jovem cristão/ã deve seguir.

Para amar o/à próximo/a o/a jovem cristão/ã deve se avaliar para saber o quanto ele/a ama a si mesmo/a, pois na mesma medida em que se amar ele/a deverá amar o/a próximo/a. Ensina-se que o amor a Deus é evidenciado no amor ao/à próximo/a. Em uma postagem na *a.rede* sobre trabalho de evangelização, os/as jovens foram convocados/as a demonstrarem que se importam com o/a outro/a, como prova de amor.

Figura 44 – Ame. Cuide. Edifique



Fonte: *a.rede*

A figura faz parte de uma série de postagens em que os/as jovens são convocados/as a participarem de uma ação evangelística no centro de Belo Horizonte/MG. O nome da ação é *abraço grátis*. Trata-se de um momento em que os/as jovens vão às ruas com cartazes sobre Jesus e oferecem abraço às pessoas. A convocação é “let’s the world”, que em tradução livre significa “vamos ao mundo”. Os/as jovens são chamados/as a amar, cuidar e edificar outras pessoas. Em uma das postagens a frase em inglês alerta: “it’s all about Jesus”/é tudo sobre Jesus.

Amar, cuidar e edificar as pessoas são práticas que envolvem o amor. Amor ao/à próximo/a e a Deus, afinal *é tudo sobre Jesus*. Ele é o filho de Deus e, segundo o cristianismo, é a maior prova do amor de Deus pela humanidade. Isso porque, de acordo com as escrituras sagradas, “Deus tanto amou o mundo que deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Bíblia, João 3:16 ARA). Ainda referente à ação do abraço grátis, em outra postagem os/as jovens seguem sendo convocados/as.

Figura 45 – Abraço grátis



a.bra.ço grátis

Não feche seus olhos fingindo ser um cristão 🤝❤️🔥

Fonte: *a.rede*

Assevera-se na postagem que fechar os olhos para a necessidade do outro/a não é uma prática cristã. A frase “Não feche os seus olhos fingindo ser um cristão” é trecho de uma música do grupo gospel Clamor pelas nações. Trata-se da canção *Adormecidos na luz*, que fala sobre a necessidade do/a cristão/a estar disposto a ajudar às pessoas, cuidar delas, logo, amá-las. O abraço pode ser considerado uma forma de demonstração de carinho, afeto e amor. Durante as reuniões de Célula era comum os/as jovens se cumprimentarem com um abraço. Em uma dinâmica de quebra-gelo o abraço foi o tema, conforme nota de diário de campo a seguir.

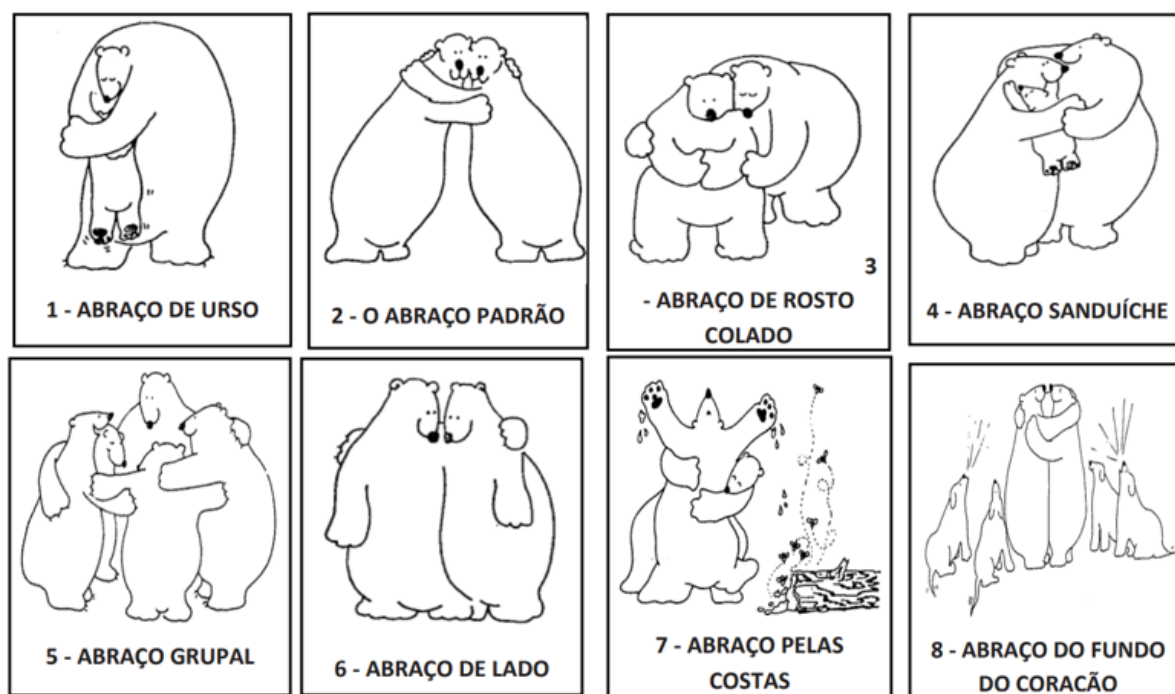
Raquel iniciou a reunião com uma oração. Logo após esse momento, ela informou que Mateus seria o responsável pela dinâmica. Mateus pegou uma caixa que continha várias cartinhas. Ele explicou a dinâmica que consistia em tocar uma música e durante a canção a caixa iria rodar de mão em mão e quando a música estivesse em pausa, a pessoa que estivesse com a caixa deveria abri-la, escolher uma cartinha e reproduzir o que estava escrito nela. Nas cartinhas havia descrito um tipo de abraço. A pessoa deveria escolher alguém do grupo e dar o abraço conforme descrito. Mateus colocou a música *This is living*⁶⁷, do grupo gospel americano *Hillsong* e a caixa começou circular (Notas de diário de campo, 18/03/2022)

Nomeada de dinâmica do abraço, essa brincadeira é bastante utilizada em Células, escolas e empresas. Durante a dinâmica, enquanto se abraçavam, os/as jovens aproveitavam o momento para dizer palavras positivas uns/umas aos/as outros/as. Expressões como “alegria em ter sua amizade”, “te amo, sua chata”, “sou grata a Deus pela sua vida”, “obrigado por estar sempre aqui” (Notas do diário de campo, 18/03/2022) foram observadas durante a realização da dinâmica. No dia dessa atividade não foi possível registrar as imagens da caixa do abraço. Posteriormente, busquei na internet informações sobre ela e encontrei as cartinhas

⁶⁷ Letra e tradução da música podem ser acessadas em: THIS IS LIVING (TRADUÇÃO) - Hillsong Young & Free - LETRAS.MUS.BR. Acesso em: 9 set. 2023.

da caixa misteriosa. Na dinâmica proposta por Mateus, as cartinhas eram bastante semelhantes às que aparecem na Figura 46.

Figura 46 – Dinâmica do abraço



Fonte: Keating, 1983.⁶⁸

Tipos de abraços são o tema do livro *Terapia do abraço*, escrito pela ex-militar farmacêutica e escritora Kathleen Keating (1983). Em seu livro, a autora defende a tese de que “o abraço é uma forma muito especial de toque, que contribui fundamentalmente para a cura e a saúde” (Keating, 1983). Entre os benefícios do abraço, a autora cita que ele faz as pessoas se sentirem bem, acaba com a solidão, o medo, constrói bons sentimentos, melhora a autoestima e estimula o altruísmo (Keating, 1983). A autora nomeia de terapeuta do abraço as pessoas que se dispõem a exercer tal prática e afirma que abraços são formas de demonstrar amor. Segundo ela, “os abraços [...] devem ser cheios de boas intenções, respeitosos e repletos de cuidados para com os outros” (Keating, 1983). A terapia do abraço inspirou a criação da dinâmica do abraço. Inclusive, os tipos de abraço e as cartinhas com as imagens também foram inspiradas pelo livro.

⁶⁸ KEATING, Kathleen. *A Terapia do Abraço*. 10 ed. São Paulo: Pensamento, 1997. In: PARANÁ. Secretaria de Educação. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2018/anexo1_dee_professores.pdf.

O abraço é uma forma de expressar amor ao/à próximo/a e a si mesmo/a. De acordo com Keating (1983), quem oferece um abraço, o faz porque também deseja receber amor, cuidado, carinho. É uma troca de afetos. É dar e receber. Percebe-se que o amor ao/à próximo/a está no cuidado a ele/a oferecido. Existem muitas formas de demonstrar que se ama alguém. Na Figura 44, o amor aparece juntamente com as palavras “cuide”, “edifique”. Ou seja, amar ao próximo/a demanda dele/a cuidar e edificar. O doutor em teologia, Junior Vasconcelos do Amaral (2023),⁶⁹ afirma que o amor é a essência da vida cristã. Um/a cristão/ã que não ama é como uma árvore que não produz frutos. Ele pondera que o amor ao/à próximo/a é a vocação do/a cristão/ã.

Segundo Amaral (2023), “nosso culto a Deus e o amor aos irmãos e irmãs são os mais belos evangelhos que podemos ofertar ao mundo, não por palavras, mas por atitudes”. Amar é, portanto, uma atitude. Para o autor, amar está intimamente ligado ao cuidado que se tem com as necessidades do/a outro/a. Cuidar é outra forma de se praticar o amor. Conforme analisei no terceiro capítulo dessa tese, ao evidenciar as marcas da juventude cristã, a oração é uma marca constitutiva do/a jovem cristão/ã. Durante a observação, essa prática apareceu de diferentes formas, inclusive como um tipo de cuidado com o/a outro/a.

Durante a reunião os/as jovens iam mencionando situações que estavam vivendo e que gostariam de receber ajuda dos/as demais em oração. Em todas as reuniões um/a jovem ficava responsável por escrever no grupo de WhatsApp da Célula: os pedidos de oração daquele dia. Ao final da reunião, todos/as oravam pelos pedidos. Em certa ocasião, a jovem Maria compartilhou com o grupo que sua avó havia sido internada e pediu que orassem por ela. Em outro episódio, Rute disse que iria fazer uma prova de seleção para iniciar um novo curso e estava ansiosa, precisando de ajuda e seu pedido foi adicionado ao grupo. O jovem Lucas pediu que orassem pelo seu estágio, pois estava com dificuldades no trabalho. Ao final, os pedidos eram lembrados sob forma de leitura e todos/as oravam por eles (Notas de diário de campo)

Orar uns/umas pelos/as outros/as é uma forma de cuidado com o/à próximo/a, portanto, é uma forma de amar, assim como abraçar e edificar, práticas ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Percebe-se que o cuidado que o amor faz emergir é extensivo a outras pessoas fora da célula, como é possível analisar no pedido de oração da Maria, que solicitava oração para sua avó. Talvez, alguns/algumas jovens ali sequer conheçam a avó de Maria, mas o amor ensinado no currículo investigado é irrestrito, é para todos/as. Amaral (2023) afirma que o dever do/ã cristão/ã é amar e cuidar dos/as necessitados/as, isso inclui aqueles/as que não fazem parte do seu convívio e até quem não é seu amigo/a. O amor implica cuidar, desse modo “o importante é restaurar a boa relação entre as pessoas e despertar, nos que têm

⁶⁹ O artigo publicado na revista Vida Pastoral pode ser acessado em: 29 de outubro – 30º DOMINGO DO TEMPO COMUM | Vida Pastoral. Acesso em: 9 set. 2023.

condições, a preocupação ética com os desprovidos de bens e direitos” (Amaral, 2023), ou seja, é preciso amar a todos sem distinção, sobretudo aqueles/as que necessitam de cuidados específicos, como era o caso da avó da Maria que estava doente, precisando de auxílio. Já Rute e Lucas pediram oração para algo que incidia diretamente sobre si mesmos/as.

A oração para si é uma prática que evidencia o amor por si mesmo/a. Por meio dela, deseja-se receber as bênçãos e o cuidado de Deus. Ao pedir oração para si mesmo/a, Rute e Lucas demonstram se preocupar consigo e parecem compreender que a prática da oração pode trazer benefícios a ele/a.

Sabemos que o amor a Deus está intimamente ligado ao amor ao/á próximo/a. Mestre em Teologia Bíblica, Francisco Rodrigues (2021)⁷⁰, refere-se ao duplo amor a Deus e ao/à próximo/a como duas faces da mesma moeda. Amaral (2023) é bastante contundente em afirmar que “amar o próximo é condição para afirmarmos nossa fidelidade a Jesus e ao Reino por Ele inaugurado. Amar é tarefa para os que se converteram ao amor de Deus”. Já o amor ao/à próximo tem como medida o amor a si mesmo/a. *Ame o seu próximo como a ti mesmo* (Bíblia, Mateus 22:39 NVI). Torna-se necessário amar-se para, então, amar ao/a outro/a. Compreendendo isso, na presente tese argumento que a dupla face do amor citada por Amaral (2023) se converte na tríade amar a Deus, ao próximo e a ti mesmo.

O amor ao/à próximo/a se efetiva nas práticas de cuidado com o/a outro/a. Já o amor a si mesmo/a é uma prática que envolve o cuidado de si. Cassiana Stephan (2018) afirma que, nos estudos foucaultianos, o amor (*éros*) atua junto ao movimento da ascese (*áskesis*), uma “transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável” (Foucault, 2010, p.16) por essa transformação. Nesse imbricamento, a autora argumenta que para Foucault, “o *éros* e a *áskesis* correspondem a dois modos distintos de se experimentar o amor como um movimento que entrelaça o si, os outros e o mundo e, assim, as duas maneiras diversas de se vivenciar o presente” (Stephan, 2018, p. 380). No currículo investigado, o amor a si mesmo/a é ensinado à medida que é demandado um cuidar de si, de modo a exigir do sujeito uma transformação de si, para que este tenha acesso à verdade (Deus). Prática de um cuidado consigo mesmo/a é prescrita no currículo, conforme é possível observar na Figura 47, publicada no perfil *a.rede*.

⁷⁰ O artigo publicado na revista *Vida Pastoral* pode ser acessado em: 31º DOMINGO DO TEMPO COMUM – 31 de outubro | Vida Pastoral. Acesso em: 9 set. 2023.

Figura 47 – Do que você tem se alimentado?



Fonte: *a.rede*

Do que você tem se alimentado? Uma questão que evidencia uma preocupação com o tipo de alimento consumido pelo/a jovem cristão/ã. A indagação não se refere diretamente ao consumo de produtos alimentícios, mas faz referência àquilo que tem sido consumido, que tem adentrado o corpo do/a jovem. Isso fica evidente no texto que acompanha a imagem e que reitera a preocupação em refletir sobre o que os/as jovens têm levado para dentro de si.

Figura 48 – Que conteúdo tem te alimentado

E eu te pergunto. Qual tem sido o conteúdo que você tem se alimentado?

Veja que quando um ovo se quebra de fora pra dentro a vida simplesmente termina, mas quando um ovo de quebra de dentro pra fora nasce uma vida.

Se você deseja viver coisas novas, é necessário que se mude os conteúdos que tem dentro de você, você não vai parar de sofrer, não parar de acontecer algo de ruim, por que isso simplesmente acontece com todo mundo. Agora se você mudar seu conteúdo, conhecer novas pessoas que te inspirem, resignificar a forma de como se é visto um problema, a sua vida começa a ser melhor, por que de dentro pra fora vai sair um novo comportamento e um novo modo de viver a vida.

Pense aí. O que você tem colocado como conteúdo pra dentro de você?

Ótimo sábado. 😊

Fonte: *a.rede*

A postagem reitera a pergunta feita na Figura 46, porém especificando que a questão é sobre o conteúdo consumido: “Qual tem sido o conteúdo que você tem se alimentado?”. O texto da postagem evidencia a demanda por um/a jovem que cuide de si, refletindo sobre suas práticas, julgando suas condutas e se atentando ao que consome. Afirma-se que, “se você deseja viver coisas novas, é necessário que se mude o conteúdo que tem dentro de você”. O “conteúdo” referido na postagem é descrito na sequência, com a afirmação: “mudar seu conteúdo, conhecer novas pessoas que te inspirem, resignificar a forma de como se é visto um problema” e reitera a prática do autocuidado. Nota-se que que é demandada uma ação que “de dentro pra fora” faça emergir “um novo comportamento e um novo modo de viver a vida”. Percebe-se a prescrição de práticas de autocuidado e, nesta tese, analiso tais práticas como evidências do amor a si mesmo/a sendo ensinado no *Currículo da Célula Evangelizadora*. O cuidado consigo é, segundo Stephan (2018, p. 380), “o movimento da *áskesis* [que] também se constitui pelo esforço do si mesmo em torno do afeto por si”. Ou seja, práticas do cuidado de si como forma de se amar.

Outra forma de evidenciar o cuidado de si, logo, do amor por si mesmo/a ensinado no currículo investigado, é por meio da prática do devocional. O devocional, que já foi analisado no capítulo *Livres, porém servos/as: práticas de liberdade-governada e liberdade-arte-da-existência*, é uma prática ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora* que tem por objetivo fazer com que o/a jovem cristão/ã se dedique em momentos de solidão para orar, meditar nas escrituras sagradas e se autoexaminar. Retomo essa prática no presente

capítulo para evidenciar como o devocional se constitui uma prática do cuidado de si e, portanto, de amor a si mesmo/a. Sobre o modo como o/a jovem compreende o momento do devocional e sua importância, temos as seguintes respostas:

Eu tento priorizar isso porque é uma coisa muito importante. (Raquel, 20 anos, entrevista).

Faço todos os dias antes de dormir (Ester, 19, anos, entrevista).

[faço] todos os dias lendo e meditando (Maria, 23 anos, entrevista).

Minha rotina de devocional tento fazer todas as manhãs, porém não é sempre que consigo, antes de qualquer coisa tiro um tempo para ouvir algum louvor, meditar, orar e ler alguma palavra da Bíblia (normalmente uns 20 minutos) (Miguel, 21 anos, entrevista).

Gosto de fazer o devocional pela manhã e ouço louvor, leio a Bíblia e oro antes de começar a minha rotina do dia (Ana, 20 anos, entrevista)

Fica evidente que, para esses/as jovens, o devocional é uma prática “muito importante”, que deve ser exercida cotidianamente. O devocional é realizado quando o/a jovem se isola em algum espaço para se relacionar apenas com Deus, sem a presença de outras pessoas. A prática é composta por momentos que incluem a oração, a meditação, a leitura da Bíblia e a escuta de louvores. Enquanto experimenta tais momentos, o/a jovem é conduzido por si mesmo/a a uma imersão no âmago de sua alma, examinando-se e julgando seus pensamentos e atitudes, por esse motivo, a devocionalidade produz cuidados consigo mesmo/a.

Analisando cada parte do devocional, é possível perceber como ele está relacionado ao cuidado de si. A oração, por exemplo, demandará do sujeito a autoanálise, o exame de si para identificar suas faltas, confessá-las a Deus e refletir em como evitá-las, tornando-se, na concepção cristã, uma pessoa melhor. A oração está conectada com a meditação, um momento que também demanda o exame de si, um modo de vasculhar os próprios pensamentos, avaliando-os a luz do que prescreve a Bíblia sagrada. Esta, por sua vez, vem permeada de ensinamentos que objetivam formar o/a jovem cristão/ã, segundo um modelo específico, que é o desejado pelo currículo investigado. Portanto, oração e meditação são práticas de autocuidado, pois têm por finalidade produzir algum bem a quem as pratica, logo, são práticas que evidenciam o amor por si mesmo/a.

A música é um instrumento que foi bastante acionado no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Em diferentes momentos a música tomou a cena, tanto na célula quanto nas

postagens musicais da *a.rede*. Ela serviu de inspiração durante momentos de oração, foi acionada como resposta ao questionamento “qual o seu motivo para amar a Deus?”, esteve presente em diferentes situações como uma espécie de preparação do ambiente, deixando as pessoas mais relaxadas. Trata-se de uma estratégia de condução da conduta, que também acompanha o/a jovem cristão/ã durante seu momento de devocional.

As etapas que compõem o devocional cristão demandam um isolamento momentâneo, em que o/a jovem se volta para o seu interior de modo que, ao retornar, ele/a seja uma pessoa melhor para si e para os/as outros/as. Assim também é a prática do cuidado de si que “não consiste em uma ética em que o sujeito se isola do mundo, mas sim retorna para si mesmo para depois agir” (Bruno Galvão, 2014, p. 157) no mundo de uma forma inteiramente melhorada. Segundo Foucault (2006), o cuidado de si provoca dois movimentos: o de voltar-se a si mesmo e o consagrar-se a si mesmo. Tais movimentos também podem ser observados na prática do devocional, pois exige que o/a cristão/ã retorne a si, ao seu íntimo, seus pensamentos e desejos, consagrando sua vida a Deus. Esse retirar-se para um retorno a si mesmo é nomeado por Foucault (2006) como “técnica do retiro” e, na prática do devocional, é o momento de solitude. No currículo investigado, foram exploradas as diferenças entre solitude e solidão para que o momento a sós com Deus não seja visto como um tempo sofrível, ao contrário, seja um período para investir em si e no relacionamento com a divindade.

Figura 49 – Solitude



De forma didática foram ensinadas as características que definem o conceito tanto de solitude quanto de solidão, ressaltando as diferenças entre elas. Na solitude, embora esteja longe da presença de outras pessoas, o/a praticante está na presença de Deus, isso o/a levará ao conhecimento de Deus e a refletir sobre a própria vida. Embora esteja só, segundo a postagem, é possível experimentar a paz de Cristo, estar perto dele, alinhar pensamentos e sentimentos com a vontade de Deus, encontrar a paz e se cuidar para ser um/a cristão/ã melhor. O movimento de retirar-se e ficar a sós para a prática do devocional pode ser analisado como um “deslocamento do sujeito em direção a ele mesmo e o retorno de sujeito sobre si” (Foucault, 2006, p. 302), movimentos que Foucault nomeou de “conversão de si”, um retorno do sujeito sobre si mesmo para se consagrar. O/a jovem cristão/ã se retira para desenvolver práticas de cuidado de si, tais como examinar-se, julgar seus pensamentos e suas atitudes a fim de mantê-los alinhados à vontade de Deus. Isso evidencia que no currículo investigado ensina-se que o/a jovem cristão/ã deve se cuidar e o autocuidado é uma marca do amor-próprio.

No cristianismo analisado por Foucault a conversão de si tem por finalidade a renúncia de si e esta “constitui o momento essencial que nos permitirá aceder à outra vida, à luz, à verdade e à salvação” (Foucault, 2006, p. 304). No *Currículo da Célula Evangelizadora* retirar-se na prática do devocional também tem por finalidade conduzir o/a jovem cristão/ã ao acesso à salvação por meio do conhecimento “daquele que dá a vida” (Deus) e do conhecimento de si a partir da experiência particular com Deus. No currículo investigado é ensinado que retirar-se para a prática do devocional é algo importante na vida do/ cristão/ã. Trata-se de um cuidado de si para tornar-se um/a cristão/ã melhor, que ama a si mesmo/a. Apesar disso, alguns/algumas jovens afirmaram que não fazem o devocional.

Atualmente eu diria inexistente [o momento de devocional], sei que não justifica, mas com o trabalho e estudos tem sido difícil ter tempo e cabeça para outros assuntos (Lucas, 21 anos, entrevista).

Ainda não tenho uma rotina [de devocional], mas estou criando o hábito de ter meu momento a sós e ler a Bíblia todos os dias (Rute, 20 anos, entrevista).

Embora Lucas e Rute demonstrem considerar importante a prática do devocional, ambos admitem não conseguir fazer dele uma prática diária. Lucas afirma que está mais ocupado com outras situações, como trabalho, estudo e não tem tempo para outros assuntos. Já Rute, afirma que está criando o hábito do devocional, mas ainda não tem uma rotina.

Percebe-se que apesar dos esforços do *Currículo da Célula Evangelizadora* em prescrever a prática do devocional, e este ser aqui analisado como uma prática de cuidado de si e do amor a si mesmo/a, nem todos/as que vivenciam esse currículo a realizam.

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, há um investimento em produzir um/a jovem cristão/ã que pratica o cuidado de si se atentando para o que consome e que faça seu devocional, demonstrando uma preocupação em se tornar um/a cristão/ã melhor. Portanto, pode-se dizer que essas práticas de cuidado de si são formas de experimentar um amor por si mesmo/a. No entanto, assim como todo currículo, neste também há escapes e resistência. As práticas ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* disputam espaço com outras práticas, de outros currículos, como o trabalho, o lazer, o estudo, que podem fazer com que o/a jovem tenha dificuldade em “ter tempo e cabeça para outros assuntos”, conforme apontou Lucas. Essas disputas fazem parte do currículo que é um território contestado, de lutas (Silva, 2005) e que “se abre como movimento, disputa em aberto e sem vitória em definitivo” (Danilo Oliveira; Rita Fragella, 2022, p. 4). Por esse motivo, é natural que os quereres de um currículo sejam confrontados pelos desejos de outros currículos.

No presente capítulo, argumento que a prática do amor é ensinada no *Currículo da Célula Evangelizadora* por meio do amor a Deus e ao/à próximo/a como a ti mesmo/a. Stephan (2018) afirma que o amor se constitui como ação que movimenta três elementos: a transformação ética de si, do/a outro/a e a modificação política do mundo. O argumento da autora corrobora com a dimensão do amor ensinada no cristianismo, pois “o amor a Deus envolve a interioridade e o agir humano” (Rodrigues, 2021), logo, amar a Deus implica se conduzir de modo a evidenciar esse amor, com práticas que produzirão efeito na própria vida, na de outras pessoas e no mundo em que se vive. Até aqui busquei analisar a prática de amor a Deus, ao/à próximo/a e a si mesmo/a ensinadas no currículo investigado. No tópico a seguir, discuto como a prática do amor a Deus demanda obediência aos seus mandamentos.

7.3 Amor e temor: práticas de obediência sem fim e exame incessante de si mesmo/a

Amar e obedecer a Deus são práticas que se vinculam, por meio das quais a conduta cristã é conduzida. Trata-se de um acoplamento entre a obrigação de amar a Deus e, de maneira correlata, imediatamente ligado a ela, o dever de obedecer. O amor a Deus se converte em práticas de obediência. Essa, por sua vez, exige o exame incessante de si mesmo/a. Há um vínculo entre “a obediência ao outro e o exame de si mesmo/a. Se quisermos efetivamente ensinar [...] a obedecer, e a obedecer mais exaustivamente ao outro, é preciso

também, e a título de condição, lhe ensinar a se examinar a si mesmo” (Foucault, 2018, p. 262). Os versículos bíblicos utilizados na abertura deste capítulo reiteram a relação entre amar e obedecer, que remete à interdependência entre essas práticas. Mais do que isso, considerando as afirmações do livro de João, capítulo 14, versículo 21, também acionado na abertura do capítulo, obedecer é a prova de que se ama a Deus verdadeiramente. Obedecer é se entregar inteiramente à vontade de Deus.

Figura 50 – Entrega radical



Fonte: *a.rede*

“Amor é a nossa razão, entrega é a nossa resposta.” A frase afirma que o/a jovem cristão/ã deve confiar e se entregar às vontades de Deus em resposta ao amor. Esse post pode ser analisado considerando o amor a Deus ou o amor de Deus. Analisando na perspectiva do amor a Deus, a entrega é a resposta que confere esse amor, ou seja, é se entregando às vontades de Deus que se evidencia o quanto se ama a Deus. Essa possibilidade corrobora com o argumento aqui desenvolvido e com o versículo acionado na abertura do capítulo. O/a jovem cristão/ã mostrará que ama a Deus à medida que se torna obediente a Ele. A frase que acompanha a imagem na postagem é categórica ao afirmar que os/as jovens são movidos/as por amor e a sua entrega é radical, afinal, eles/as são loucos/as por Jesus, conforme já foi analisado nesta tese.

Em se tratando do cristianismo protestante, o *amor* possui relação com outra prática além de *obedecer*. Refiro-me à prática do *temor*. Mas o que significa temer a Deus? De acordo com o dicionário Priberam⁷¹, a palavra temor possui três significados: 1. Medo, receio; sentimento respeitoso. 2. Pessoa ou coisa que infunde medo. 3. Escrúpulo; zelo; pontualidade.

Nas escrituras sagradas, não é apresentado um significado para a palavra, mas o verbo temer é acionado para dizer do respeito a Deus e está sempre associado à obediência, conforme podemos observar nos versículos a seguir: “Para ser sábio, é preciso primeiro temer a Deus, o Senhor. Ele dá compreensão aos que obedecem aos seus mandamentos” (Bíblia, Salmos 111, 10 NTLH). “Não fique pensando que você é sábio; tema o Senhor e não faça nada que seja errado” (Bíblia, Provérbios 3, 7 NTLH). “Temam o Senhor, o seu Deus, e só a ele prestem culto, e jurem somente pelo seu nome” (Bíblia, Deuteronômio 6, 13 NVI). “Adorem o Senhor com temor. Tremam e se ajoelhem diante dele” (Bíblia, Salmos 2, 11 NTLH). “As coisas serão melhores para os que temem a Deus, para os que mostram respeito diante dele” (Bíblia, Eclesiastes 8, 12 NVI). “Temam a Deus e louvem a sua glória, pois já chegou a hora de Deus julgar a humanidade” (Bíblia, Apocalipse 14, 7 NTLH).

Considerando as prescrições bíblicas, é possível dizer que temer a Deus é se manter obediente e tratar com respeito seus ensinamentos. Por esse motivo, no *Currículo da Célula evangelizadora*, o verbo temer por muitas vezes foi acionado junto à prática do amor, pois ambos demandam a obediência. Na Figura 51 é possível perceber como amar, temer e obedecer formam um triângulo cujas partes estão fundamentalmente ligadas.

Figura 51 – Amor e temor

Não é a toa que uma das ordenanças nos deixada é o amor a Deus. É tempo de firmamos o nosso fundamento no Senhor, conhecer a aliança com Cristo, através do temor ao Senhor.

Fonte: *a.rede*

A Figura 51 refere-se a uma postagem na página *a.rede* que foi recortada, o amor a Deus é mencionado como uma *das ordenanças* deixada aos/às que O servem. A economia da tríade amor-temor-obediência produz o jogo das práticas de si em que o amor é uma ordenança que por si só exige a obediência. Ora, ao tratá-lo como uma ordem, cumpri-la é ser

⁷¹ TEMOR. Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/temor>. Acesso em: 4 out. 2022.

obediente. Além da obediência, o temor também é uma prática que coloca o amor em funcionamento. No currículo demanda-se que o fundamento no Senhor seja firmado por intermédio do temor a Deus. O termo *fundamento* também foi acionado por Raquel, no trecho da entrevista descrito no tópico anterior. A jovem disse que o amor é um fundamento, o que pode ser entendido como uma espécie de mandamento. No dicionário Priberam foram localizados cinco significados para o termo: 1. Base principal. 2. Prova. 3. Causa. 4. Motivo. 5. Fundação. Já nas escrituras sagradas, assim como no caso do temor, não localizei uma definição da palavra. Entretanto, ela aparece relacionada a uma base fundamental, ou seja, princípios pelos quais todo/a cristão/ã deve se conduzir: “Porque ninguém pode colocar outro fundamento além do que está posto, o qual é Jesus Cristo!” (Bíblia, 1 Coríntios 3, 13 KJA). Ele [Deus] será o “firme Fundamento nos tempos a que você pertence, uma grande riqueza de salvação, sabedoria e conhecimento; o temor do Senhor é a chave desse tesouro” (Bíblia, Isaías 33, 6 NVI). Entretanto, o firme Fundamento de Deus permanece inabalável e selado com esta inscrição: “O Senhor conhece quem lhe pertence” e “afaste-se da iniquidade todo aquele que confessa o nome do Senhor” (Bíblia, 1 Timóteo 6, 19 NVI).

Já no trecho da Figura 52, o fundamento deve ser firmado em Cristo, como uma aliança, diante do temor a Deus. Temer e obedecer podem ser os fundamentos de aliança com Cristo que resultarão em uma prova de amor a Deus. Assim, pode-se dizer que amar a Deus pressupõe temer e obedecer aos seus mandamentos.

Figura 52 – Ame o Senhor



"Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. (...) Amarre-as (as palavras do Senhor) como um sinal nos braços e prenda-as na testa." Deuteronômio 6:5,8 NVI

O que fazer quando não amamos mais a Deus? Sim. Isso pode acontecer. Até porque amar a Deus como ele nos ama é impossível.

Então, o que fazer? Lembrar e se arrepender. Lembrar de quem Deus é, ter uma visão da glória do Senhor, e se arrepender. Sempre é tempo de voltar para o Senhor.

Na Figura 52, a prescrição é para que o/a jovem cristão/ã ame a Deus de tal maneira que amarre suas palavras nos braços e na testa. Isso significa que a palavra do Senhor, que são seus mandamentos e ensinamentos, deve ser seguida de modo radical, inscrita no próprio corpo para ser vista incessantemente, ser lembrada de maneira permanente e com isso dirigir condutas. Na postagem, é levantada a possibilidade de alguém que não ama a Deus e o que se deve fazer nesse caso. *Lembrar e se arrepender. Lembrar de quem Deus é [...] e se arrepender.* Lembrar e se arrepender são práticas de si. Lembrar é vasculhar a mente, é escrutinar os porões do coração, a fim de que se identifiquem pecados e deles se arrependa. Lembrar de quem é Deus e se arrepender, pois, ao lembrar de Deus, percebe-se toda a sua glória e toda a pequenez humana.

Ao olhar para Deus, o/a jovem cristão/ã deve se enxergar como um/a pecador/a que necessita da bondade de Deus. Assim, ele/a se arrepende e, como forma de atestar seu arrependimento, ele/a declara seu amor a Deus. Segundo Foucault (2020), existe uma busca do/a cristão/ã por se tornar semelhante a Deus. Uma semelhança que já existiu, mas foi perdida com a queda do ser humano em Gênesis. O filósofo afirma que “essa semelhança era aquela do homem antes da queda, e ela pode, ela deve, tornar-se de novo sua. Essa semelhança se dá não pelo corpo, mas pelo espírito e o raciocínio; é assegurada pela obediência à lei” (Foucault, 2020, p. 43). Lembrar-se de quem é Deus é reconhecer sua bondade e sua perfeição, é querer resgatar em si os atributos de Deus, buscando ser semelhante a Ele.

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, ensina-se que o/a jovem cristão/ã deve se lembrar e se arrepender – exercícios de si para consigo que demandam o acionamento das práticas de si. Com essas prescrições, entra-se no domínio da obediência às escrituras sagradas, ao/a outro/a e à própria consciência. Para tornar-se obediente, ele/a precisará examinar-se incessantemente, avaliar e julgar seus pensamentos, ter domínio das próprias ações, tornar-se um/a vigilante de si. Trata-se, portanto, da produção da subjetividade, a produção do/a jovem cristão/ã, que, em meio a exercícios de si sobre si e do conhecimento de si, se constitui como objeto de investigação, redenção, purificação e salvação.

Se amar a Deus sobre todas as coisas evidencia a obediência, não amar a Deus é um pecado porque aquele/a que não o ama não obedece a seus mandamentos, logo, quem não ama a Deus está em pecado e precisa se arrepender. O acionamento de músicas que corroboram com as prescrições curriculares foi uma prática bastante recorrente no currículo investigado. Em uma reunião de Célula na casa de Ester, logo após a ministração, Raquel colocou a música “Eu quero voltar ao primeiro amor”, cuja letra é apresentada a seguir:

Quero voltar ao início de tudo
 Encontrar-me contigo, senhor
 Quero rever meus conceitos, valores
 Eu quero reconstruir
 Vou regressar ao caminho
 Vou ver as primeiras obras, Senhor

Eu me arrependo, Senhor,
 Me arrependo, Senhor
 Me arrependo, Senhor

Eu quero voltar
 Ao primeiro amor
 Ao primeiro amor
 Eu quero voltar a Deus

Essa música é antiga, me lembro de tê-la escutado quando ainda era criança. Desde sua primeira versão, lançada em 1988, vários artistas gospel regravaram a canção, criando outras harmonizações e melodias mais atuais. A versão que Raquel colocou no dia da reunião foi gravada por Arianne e Priscilla Alcântara,⁷² duas jovens cristãs⁷³ famosas no universo gospel. A letra da música reitera a prescrição de que é preciso amar a Deus. O primeiro amor refere-se ao amor entre Deus e a humanidade no Jardim do Éden, quando as únicas pessoas que existiam no mundo eram Adão e Eva. Na música, expressa-se um desejo de voltar ao início de tudo, para se encontrar com o Senhor. Esse desejo corrobora com a argumentação foucaultiana sobre o desejo do/a cristão/ã de ser semelhante a Deus como era antes da queda do homem e da mulher em Gênesis, antes de ter pecado contra Deus. A música aborda, ainda, o desejo em rever conceitos, valores e se reconstruir, práticas de si que envolvem exame de si, avaliação e julgamento de suas próprias práticas, bem como uma reconstrução de si. Ou seja, a produção de um novo sujeito que esteja alinhado com o discurso religioso.

Aqui o ensinamento é para que aquele/a que deixou de amar a Deus se arrependa e volte ao primeiro amor ao Senhor, a fim de que possa continuar praticando suas obras e vontades, ou seja, para que continue se conduzindo em obediência aos seus ensinamentos. Nas palavras descritas na Figura 42, é preciso voltar a amar a Deus: *Sempre é tempo de voltar para o Senhor*. Voltar para o Senhor significa retornar ao caminho da obediência, por meio do amor.

⁷² A versão da música que os/as jovens escutaram na Célula está disponível no YouTube, por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=J1bF1eXhvUE>. Acesso em: 3 dez. 2022.

⁷³ No momento em que essa parte da tese foi escrita, a Priscilla Alcântara se identificava como cristã que cantava música gospel/pop. Porém, em novembro de 2023 a cantora mudou seu nome artístico para Priscilla e se desvinculou completamente do gospel. Disponível em: [PRISCILLA \(@ apriscilla \) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Aciono mais uma vez os estudos foucaultianos sobre a iniciação do noviciado na modernidade, para recuperar a prática de si da obediência sem fim e analisar o amor e o temor a Deus ensinados no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Ao analisar o livro 4 das *Instituições* de Cassiano, que expõe o método para formar os noviços quando chegam ao convento, Foucault recupera como o noviciado era ensinado a não sucumbir às próprias vontades por meio da prática da obediência. Trata-se de “um regime de obediência completo, exaustivo e permanente” (Foucault, 2018, p. 261), que demandava do noviço que ele obedecesse sem cessar às ordens de outrem, a fim de que isso o afastasse das suas próprias inclinações e vontades. Para atingir essa forma completa de obediência, torna-se necessário não esconder nenhum pensamento ou ato pecaminoso. Para tanto, demanda-se um incessante exame de si mesmo/a (Foucault, 2018), um escrutinar da própria alma, buscando nas profundezas de si toda e qualquer face do pecado.

O/a obediente não se conduz segundo as próprias vontades, mas pratica as obras de Deus. Ele/a é ensinado/a a fazer com que os ensinamentos divinos reflitam em tudo o que faz. Por isso, ele/a precisa se examinar continuamente, a fim de que mantenha suas obras obedientes à vontade de Deus.

Já vimos nesta tese que o alvo do exame é “controlar os movimentos do pensamento” (Foucault, 2020, p. 180) e este último reflete nas práticas dos indivíduos. Vimos também que obediência e exame são indissociáveis e, no cristianismo, ambos se efetuam por meio da direção cristã (Foucault, 2014, 2020; Candiottto, 2008). No presente capítulo, chamo a atenção para as práticas de obediência sem fim e exame incessante de si acionadas para colocar em funcionamento as práticas de amar e temer a Deus demandadas ao/a jovem cristão/ã.

O exame de si foi uma prática demandada ao/à jovem cristão/ã também durante as reuniões da célula, conforme é possível observar na nota de diário de campo a seguir:

“O amor é uma decisão”. Essa frase foi proferida por Raquel durante o estudo da Bíblia. A jovem explicou que amar exige uma postura de fidelidade a Deus. Na sequência, ela sugeriu que cada um/a refletisse e avaliasse se a chama do amor está acesa e o que cada jovem pode fazer para não deixar a chama se apagar. Depois disso, eles/as fizeram um período de oração silenciosa (Notas de diário de campo, 11/02/2022).

Se, como Raquel afirmou, o amor é uma decisão, podemos dizer, então, que o amor é algo que o/a jovem cristão/ã precisa estar determinado/a a praticar. O amor é praticado, é exercido. O amor exige uma postura, ou melhor dizendo, o amor exige que o/a jovem cristão/ã se conduza de modo específico, mantendo-se fiel a Deus, ou seja, mantendo-

se obediente. Amor e obediência são práticas que, quando postas em exercício, atuam na produção do/a jovem cristão/ã. Amar a Deus exige uma “postura de fidelidade”. Ser fiel a Deus pressupõe se conduzir segundo a vontade dele, ser obediente e confiar que o que Ele ensina é sempre o melhor a fazer. Nota-se que no currículo investigado é demandado um/a jovem cristão/ã que é governado/a pelas verdades produzidas no cristianismo protestante. As formas de governo exigem o acionamento de práticas de si, como refletir e avaliar o que cada jovem deve fazer para “não deixar a chama [do amor] se apagar”. Mais uma vez, a prática do autoexame é reiterada a fim de garantir que se investigue a fundo na alma e no pensamento como o/a jovem pode se conduzir em fidelidade aos princípios sagrados.

Trata-se de reconhecer em si o elemento pelo qual se pode amar a Deus, aquele do qual a obediência e o exame de si são os guias. Tais práticas revelam a obrigação de velar por si mesmo/a, de abrir os olhos para que encontre em si mesmo/a o que pode ser feito para não deixar a chama do amor a Deus se apagar. Na oração silenciosa o/a jovem tem a oportunidade de, naquele exato momento, examinar o pensamento que vem à mente com tudo o que ele pode ter de incerto quanto à intensidade do amor que se tem por Deus. Assim, poderá corrigir-se e buscar modos de fazer aumentar a chama desse amor. Em meio ao governo do/a outro/a e do autogoverno, práticas de si são ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* a fim de que o/a jovem cristão/ã se conduza e seja conduzido/a por meio das verdades sobre o amor a Deus.

Neste capítulo analisei como a prática de amor a Deus e ao/à próximo como a si mesmo/a é ensinada no currículo investigado. Analisei também como as práticas de amor e do temor operam conduzindo o/a jovem ao exame incessante de si mesmo/a e à obediência sem fim. Estabeleço um diálogo com Amaral (2023) que afirmou em seu artigo que amar é tarefa do/a cristão/ã. As análises aqui apresentadas corroboram com isso e evidenciam que por ser o primeiro e mais importante mandamento descrito por Jesus, a prática do amor foi sistematicamente ensinada aos/às jovens. Afinal, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, o objetivo é a produção do/a jovem cristão/ã, um sujeito que se conduz com consonância com os ensinamentos do cristianismo protestante. Assim sendo, ensina-se que o/a jovem deve evidenciar seu amor a Deus amando ao/à próximo como a si mesmo/a e se mantendo obediente aos ensinamentos divinos. Já o amor ao próximo/a pode ser evidenciado no cuidado que se tem com o/a outro/a para edificá-lo, enquanto o amor a si mesmo/a ocorre por meio de práticas do cuidado de si.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o/a jovem cristão/ã produz a si mesmo/a no Currículo da Célula Evangelizadora? Essa foi a questão que mobilizou toda a investigação aqui relatada. Considerando que esse currículo era composto pelas práticas vivenciadas nas reuniões da Célula presencial e nas interações no perfil da *a.rede*, uma rede social vinculada aos/às jovens da Célula, as práticas nele ensinadas são produções dos/as próprios/as jovens. Argumentei que no *Currículo da Célula Evangelizadora* produz-se o/a jovem cristão/a *Livre, porém servo/a e o/a Louco/a por Jesus*, por meio de práticas de renúncia de si, obediência, santidade, liberdade e de amor.

Ser livre. Ser servo/a. Ser louco/a por Jesus. Ser santo/a. Renunciar. Obedecer. Amar. Essas foram as práticas ensinadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* ao/à jovem analisadas na presente tese. Por meio delas, produziu-se um/a jovem que é o/a responsável por um intenso trabalho de si sobre si mesmo/a e que, por meio de práticas ascéticas de si, se constituía como o/a jovem cristão/ã. A ascese tem um papel importante “para que cada indivíduo constitua a sua própria ética, num caminho de criar novas formas de vida, sem a normatização de um modo de existência” (Silva, 2007, p. 198). A não normatização de modos de existência parece utopia quando o assunto em questão é o cristianismo protestante, afinal, conforme discuti ao longo desta tese, eles/as seguem os ensinamentos bíblicos como se fossem um manual da conduta. Entretanto, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, ensinaram-se diferentes práticas, por meio das quais foram disponibilizadas algumas posições de sujeito, a fim de garantir um certo controle sobre a conduta juvenil. Apesar disso, de um modo bastante estratégico, outras práticas ensinadas no currículo investigado permitiam ao/à jovem uma criação nova de si.

Enquanto divulgava as marcas constitutivas da juventude cristã, no currículo investigado eram prescritas algumas práticas que demandavam do/a jovem alguns exercícios sobre si mesmo/a, como a renúncia de si, a santidade, a obediência, a liberdade e o amor. Ensinou-se que ele/a deveria se conduzir renunciando às práticas de pecado, se tornando um/a jovem que não vive conforme os padrões culturais e sociais do mundo em que está inserido. Para isso, a verdade sobre a salvação cristã foi acionada, e a vida de Jesus – como alguém que aqui viveu, mas não se deixou contaminar pelas práticas mundanas, foi o exemplo didático utilizado para incutir nos/as jovens tais ensinamentos. Segundo prescrições desse currículo, o que importa é a vida eterna que se recebe como galardão, recompensa por ser fiel.

Em seguida, foram ensinadas práticas de liberdade para a produção de um/a jovem que é livre, porém escolheu ser servo/a das vontades de Deus. Práticas de *liberdade-governada* e *liberdade-arte-da-existência* foram prescritas por meio do ensinamento sobre o modo como o/a jovem cristão/ã deve se conduzir para ter acesso a Deus (a verdade). A primeira é aquela que ensina o/a jovem a se conduzir livremente, partindo, no entanto, do governo do/a outro/a sobre sua conduta. Já a segunda prática de liberdade refere-se a um modo de condução da própria conduta em uma busca individualizada de Deus.

Constituindo-se como o sujeito ético da sua própria conduta, o/a jovem cristão/ã foi conduzido a converter o olhar para si, atento/a ao que se passava no seu pensamento, implicando “o próprio eu em certas modificações, mediante uma série de exercícios ou práticas de si, chamada [...] de ascese” (Rodrigo Silva, 2020, p. 40). Em meio às práticas de autoexame e julgamento de si, produziu-se o/a jovem cristão/ã *Louco/a por Jesus*, que, governado/a por um regime de verdade sobre a salvação, decide se conduzir de modo distinto aos/às jovens não cristãos/ãs protestantes. Voltando-se para si mesmo/a, escrutinando os arcanos de sua alma, ele/a passa a trabalhar arduamente contra os pensamentos e as práticas consideradas pecaminosas pela Igreja. Todo esse labor sobre si se justifica pela busca da verdade, que, para o/a cristão protestante, é a busca pelo próprio Deus: “eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Bíblia, João 14:6 NVI). No cristianismo, a forma de aceder à verdade é por meio de “buscas, práticas e experiências, tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência” (Foucault, 2006, p. 15).

Em meio às práticas e aos exercícios de si sobre si, o/a jovem cristão/ã seguiu produzindo a si mesmo/a no *Currículo da Célula Evangelizadora*. Amar a Deus sobre todas as coisas e de todo o coração e ao/à próximo como a ti mesmo/a foi uma prescrição curricular que demandou práticas de exame incessante de si mesmo/a, obediência e temor a Deus. Para se conduzir como o/a jovem cristão/ã que ama, trechos da Bíblia sagrada foram acionados e práticas de cuidado com o/a outro/a e do cuidado de si foram demandadas. Tais práticas produziram um/a jovem cristão/ã consciente do trabalho que deverá efetuar sobre si e sobre os/as outros/as, alguém disposto a tomar “uma atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo” (Foucault, 2006, p. 35). Nisso consiste o cuidado de si, “refere-se a certo modo de estar no mundo e de encarar as coisas, diz respeito à conversão do olhar – que na maioria das vezes está atento apenas aos outros e ao mundo – para estar atento ao que se pensa e ao teor desses pensamentos” (Silva, 2020, p. 39), para, então, agir no mundo de forma melhor.

Embora pareça ter um caráter egoísta, o cuidado de si no cristianismo remete ao retorno para si, a conversão de si, para ser o responsável pela transformação de si, porém isso

também envolve o/a outro/a. Silva (2020, p. 44) afirma que “a questão do estatuto desse si, que nessa ética (que se pode denominar de *ascética*) se *relaciona consigo mesmo*, pode ser alcançada desde que entendamos que esse si mesmo se constitui concomitantemente *com os outros e com o mundo*”. Portanto, a produção do/a jovem cristão/ã no *Currículo da Célula Evangelizadora* constituiu-se de modo imbricado entre as práticas ensinadas naquele currículo que demandavam ações com o/a outro/a e exercícios sobre si memos/as.

Com a ajuda do arcabouço teórico-metodológico criado para analisar os elementos produzidos na pesquisa aqui realizada, chego ao fim desta etapa. Recorrendo à metáfora da cerca-viva, que, mesmo depois de erguida, segue oferecendo outras possibilidades ao/à cultivador/a, esta pesquisa seguirá mobilizando o meu *eu-pesquisadora* a realizar novos desafios, adensamentos e outras provocações. Ao final do cultivo da cerca-viva, ela segue crescendo, tomando outras formas, exigindo outros cuidados. Seu cultivo agora extrapola os métodos adotados pelo/a cultivador/a na fase do plantio. Ramificações não planejadas, combinadas com aquelas já previstas, darão novas formas à cerca, que é e continua viva. Assim também é a pesquisa que, depois das análises iniciais apresentadas, segue aberta a outras possibilidades analíticas, afinal, toda pesquisa vista com outra lente teórica irá permitir outras discussões. Além disso, nos limites desta pesquisa, algumas discussões não estiveram na linha de frente do trabalho, como a questão da definição precisa do pecado.

Indagar quais práticas são consideradas pecaminosas e como elas são ensinadas ao/às jovens seria algo bastante interessante para pensar na constituição do/a jovem cristão/ã. Porém, isso exigiria outro trabalho na direção de analisar as práticas ensinadas pela Igreja e em outros espaços religiosos frequentados pelos/as jovens. Na pesquisa aqui relatada, me propus analisar a produção juvenil no *Currículo da Célula Evangelizadora*, uma composição que envolvia as reuniões presenciais de Célula e as interações na *a.rede*, por isso, as práticas ensinadas no espaço físico da igreja não foram diretamente analisadas. Digo diretamente pois, de alguma forma, os ensinamentos praticados no currículo investigado tinham relação com as prescrições da Igreja, mas a especificação do que é ou não é pecado não foi diretamente abordada nas cenas observadas. Uma das hipóteses para esse fato é de que essa abordagem ocorra na igreja, em outros momentos de formação do/a jovem cristão/ã. Essa e outras ramificações que podem surgir da cerca-viva metodológica que aqui apresento ficam como possibilidades para discussões futuras.

Assim como o pecado, temas como namoro, sexo e drogas não estiveram presentes nas cenas observadas como eu imaginei que estariam. Ao iniciar o trabalho de campo havia a expectativa de que essas temáticas fossem amplamente debatidas durante a

investigação por se tratar de temas que circunscrevem a categoria juventude. A discussão acerca da relação entre o cristianismo protestante e a campanha política para a presidência da república, ocorrida no ano de 2018, também ficou de fora das lentes analíticas apresentadas nesta tese. No projeto que escrevi para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG/PPGE-UFMG, investigar essa relação era um dos objetivos. Mas, ao longo da reescrita do projeto, me aproximei mais da discussão acerca da produção de si, o que mudou os objetivos da pesquisa, logo, os rumos da investigação também.

As posições de sujeito que ocupei até aqui (*eu-pesquisadora* e *eu-cristã*) seguem embaraçadas com outras formas de vida que me habitam e me constituem como sujeito. Nesse jogo entre ser e fazer pesquisa, nenhuma forma está dada e acabada. O que temos são posições que podem ser ocupadas pelos sujeitos investigados e pela investigadora. Nessa dinâmica, a “posição de um sujeito da ciência não é uma posição universal, mas a posição de um sujeito histórico, assujeitado [...], por ocupar um lugar na formação social que o constitui” (Grigoletto, 2005, p. 3). Caminhei por entre formações sociais que envolviam o discurso religioso e o discurso acadêmico, algumas vezes criando um diálogo entre eles. Do encontro entre ciência e religião, ocupei as posições *eu-pesquisadora* e *eu-cristã* e chego ao outro lado da margem mais consciente de que a constituição do/a sujeito ocorre por um trabalho de rede que envolve o governo do outro e o governo de si. Conforme destacou Grigoletto (2005, p. 3), esse trabalho produz “diferentes posições-sujeito, resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos, presentes [em determinado] discurso”. Desse modo, sigo aberta às possibilidades, aos encontros e desencontros que podem se apresentar como novas questões a serem investigadas. Eu me coloco aberta a “rever tradições e experimentar outros pensamentos” (Mayer; Paraíso, 2012, p. 17) e assim suspeitar de outros discursos que funcionam como verdadeiro em determinado tempo e sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cleto Júnior Pinto *Os pobres, os públicos e o reino de Deus: uma sociologia do engajamento de organizações evangélicas na arena dos direitos sociais*. 209 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo, 2021.
- AFONSO, Marcio; DOMINGUES, Gleyds. A igreja e a missão evangelizadora. *Teologia e Espiritualidade*, v. 4, n. 8, Curitiba, dez./2017.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud. CEBRAP* [online]. 2019, v. 38, n. 1, p. 185-213. Epub May 06, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/s01013300201900010010>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- ALVES, Marco Antonio; MACIEL, Emanuella. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. *Internet e sociedade*, n. 1, v. 1, jan. 2020. p. 144-171. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto/>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- ANDRADE, Eliana. *A visão celular no governo dos 12: estratégia de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2010.
- APPLE, Michel. (Org.). *Currículo, Poder e Lutas Educacionais: com a palavra, os subalternos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ARAÚJO, George; BEZERRA, Cicero. A importância da evangelização para nossa geração e para as gerações futuras, até a volta de Cristo. *Caderno Intersaberes*, v. 7, n. 11, 2018.
- BARRETO, Fabio. *Dó-ré-mi-fé: o consumo de música entre os jovens da igreja Sara Nossa Terra em Aracaju, Sergipe*. 2018. 79 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- BATTURI, Atilio; CANDIOTTO, Cesar.; SOUZA, Pedro; CAPONI, Sandra. *Foucault e as práticas de liberdade I: o vivo & seus limites*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- BELEI, Renata; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra; NASCIMENTO, Ednalva; MATSUMOTO, Patrícia. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, v. 30, p. 187-199, jan./jun. 2008.
- BÍBLIA. Velho Testamento e Novo Testamento. Tradução de João Batista Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações Impressas Bíblica Brasileira, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 24 maio 2016.
- CALDEIRA, Maria Carolina. *Dispositivo da infantilidade no currículo do 1º do ensino fundamental: conflitos entre a antecipação da alfabetização e a demarcação do/a infantil*.

2015. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2015.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 87-103, 2008.

CAPONI, Sandra. Entre o governo de si e o governo dos outros: a hermenêutica psiquiátrica de si e as práticas de liberdade. In: BATTURI JUNIOR, A. *et al.* (Org.). Foucault e as práticas de liberdade I: o vivo & seus limites. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

CARVALHO, Olívia. Música gospel: aproximações e conflitos entre o sagrado e o secular. Trabalho apresentado na Reunião Brasileira de Antropologia, 29., realizada entre os dias 3 e 6 de agosto de 2014, Natal/RN.

CAZARIN, Ercília. Afinal, quem chegou ao poder na eleição presidencial de 2002? *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, (s.l.), v. 53, 2005.

CHINKEVICZ, Joseane. *Juventude e identidade: um olhar do jovem sobre si mesmo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2014.

COMISKEY, Joel. *Crescimento explosivo da Igreja em Células: levando seu grupo a crescer e multiplicar*. 3. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008.

CORAZZA, Sandra. Diferença pura de um pós-curriculo. In: LOPES, A.; MACEDO, E. *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 13-114.

CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

COSTA, Marcelo. Ide e pregai o evangelho a todo internauta: da igreja primitiva ao evangelismo digital. Desdobramentos do processo de evangelização provocados pelo ciberespaço. *Caderno Intersaberes*, v. 9, n. 19, 2020.

CRUZ, Adriano. *Eucaristia: Ápice da fé cristã e sacrifício do Senhor*. TCC apresentado ao Curso de Teologia da Universidade São Francisco. Atibaia, 2021.

DAL'IGNA, Maria Claudia; MANTOVANI, José. Hermenêutica e Foucault: a criação de modos de resistência e reexistência. *Revista Páginas de Filosofia*, v. 10, n. 1, p. 195-208, jan./jun. 2021.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & sociedade*, Campinas, n. 100, v. 28, p. 1105, out. 2007.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. (Org.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

EVANGELISTA, Gislene. *#CurrículodoFacebook: denúncia da crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola*. 2016. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

EVANGELISTA, Gislene; SALES, Shirlei. *#AutoridadeDocente e #ResistênciasJuvenis no currículo do Facebook*. In: TOMÉ, C.; MACEDO, E. *Currículo e Diferença: afetações em movimento*. Curitiba: CRV, 2018.

FANTONI, Andressa. *Autorrepresentação de adolescentes porto-alegrense no Instagram*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, 2017.

FAVACHO, André. Currículo, subjetivação e experiência de si: contra os humanismos, os modismos e os relatos obtusos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 488-508, set./dez. 2016.

FERREIRA, Aline. *#CurrículoEmConexãoComACibercultura: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FERRO, Ana. netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós*, ano 5, n. 19, ago. 2015.

FISCHER, Rosa. Foucault e análise do discurso em educação. *Caderno de Pesquisa*, n. 114, nov. 2001.

FISHER, Rosa. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FLICK, Uwe. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIDI, Luciano. *O manifesto onlife: ser humano em uma era hiperconectada*. Suíça: Editora Springer Cham, 2014. p. XIV, 264.

FOUCAULT, Michel. Como se exerce o poder? In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como prática da Liberdade. In: *Ditos e escritos*, volume V: ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 258-280.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frederic Gros: Tradução de Marcio Alves da Fonseca, Selma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014b.

- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Terra e Paz, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 4: As confissões da carne*. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, volume II: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault: a escrita de si. In: *O que é um autor: Lisboa: Passagens*, 1992. Traduzido por Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2017/04/11/michel-foucault-a-escrita-de-si/>. Acesso em: 2 dez. 2020.
- FOUCAULT, Michel. O cuidado com a Verdade. In: *Ditos e escritos*, volume V: ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 234-245.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.
- FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: *Ditos e escritos*, volume V: ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 187-211.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e subjetividade. *Revista de comunicação e linguagem*, Lisboa, n. 19, p. 203-223, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: *Ditos e escritos*, volume V: ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 287-293.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995a.
- FREITAS, Alexandre. O 'Cuidado de si' como articulador de uma nova relação entre filosofia, educação e espiritualidade: uma agenda de pesquisa foucaultiana. REUNIÃO DA ANPEd, 32., 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT17-5142--Int.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- GALVÃO, Bruno. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. *Intuitio*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jun. 2014, p. 157-168. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/17068/11428>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- GARCIA, Maria Manuela. *Pedagogias Críticas e Subjetivação: uma perspectiva foucaultiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

GESUELI, Fabio. *Um cristianismo por Michel Foucault: pastorado cristão e vida monástica a partir de uma leitura*. Campinas: PUC Campinas, 2018.

GHIGGI, Micheli. *A governamentalidade através do dispositivo esportivo como prática de condução da conduta dos outros e de si na sociedade contemporânea*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Ciências Básicas em saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, 2016.

GOMES, Nilma; DAYRELL, Juarez. *A juventude no Brasil*. Mimeo, 2004.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 208-243.

GUSTAVO, Túlio. Como eu descobri o plano de dominação evangélico – e larguei a igreja. *The Intercept Brasil*. [s.l.], 1 fev. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/01/31/plano-dominacao-evangelico/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2. 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

GROS, Frédéric. Advertência. In: FOUCAULT, M. *História da sexualidade 4: As confissões da carne*. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T. da. (Org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HAYASHI, Maria; HAYASHI, Carlos MARTINEZ, Claudia. Estudos sobre jovens e juventude: diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 27, p. 131-154, 2008.

IGLESIAS, Tania. *A experiência educativa da Ordem Franciscana: aplicação na América e sua influência no Brasil Colonial*. 2010. 436 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2010.

KEATING, Kathleen. *A terapia do abraço*. São Paulo: Pensamento, 1983.

LEÃO, Geraldo. In: DAYRELL, J.; STENGEL, M.; MOREIRA, M. I. C. *Juventude Contemporânea, um Mosaico de Possibilidades*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

LÉVY, Pierre. Introdução: dilúvios. In: LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 11-18.

LOPES, Guilherme. A bancada evangélica e a eleição de Jair Bolsonaro. In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIAS E PARCERIAS, 2., SEMINÁRIO FLUMINENSE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, 6., JORNADA DE EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE, 5., 2019. Rio de Janeiro. Disponível em:

https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1570587219_ARQUIVO_db59c4ae8a5ed61ddf616676c228b578.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

LOUBAK, Ana. Como baixar vídeos do Instagram Reels e salvar no celular. *TechTudo*, 2020. Disponível em: Como baixar vídeos do Instagram Reels e salvar no celular | Redes sociais | TechTudo. Acesso em: 19 set. 2022.

DE LUCENA, Maria; PAVIANI, Jayme. O sujeito que cuida do outro: seus discursos e práticas em saúde. *Sapere Aude*, n. 16, dez. 21, 2017, p. 522-535. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2017v8n16p522>. Acesso em: 2 out. 2023.

MACHADO, Katiane. *As práticas neopentecostais na periferia: um estudo de caso*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2015.

MACHADO, Leandro. De cultos online a ‘não leia notícias sobre pandemia’: como as religiões estão lidando com o coronavírus no Brasil. *BBC News Brasil*, São Paulo, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51920196>. Acesso em: 8 set. 2020.

MAKNAMARA, Marlécio. Encontro entre pesquisas (auto)biográficas de formação docente em ciências. *Revista Insignare Scientia*, v. 3, n. 2, maio/ago. 2020.

MAKNAMARA, Marlécio. Tornando-me um professor de Biologia: memórias de vivências escolares. *Educação Foco*, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 495-522, maio/ago. 2016.

MAKNAMARA, Marlécio.; PARAÍSO, Marlucy. Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de *gosto duvidoso*. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 41-53, jul./dez. 2013.

MARIA, Ruben. *Evangelização ou mercantilização da fé? Cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia*. Mestrado profissional em Teologia – Faculdade Escola Superior de Teologia. Rio Grande do Sul, 2012.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARINGOLI, Angela. *Educação teológica e educação ambiental: há lugar nos espaços da educação teológica no Brasil para a responsabilidade ambiental na perspectiva da missão integral?* 2016. 178 f. Tese (Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1605>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MARTINS, Tatiane. A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital. *Jovens em rede*, 2012. Disponível em: <http://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martinsa-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-culturadigital-texto.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. A. (Org.) *Metodologia de pesquisas pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MORAES, Dirce; LIMA, Cláudia. O estudante e sua relação com as tecnologias digitais: representações em sua aprendizagem. *Revista Teias*, v. 19, n. 53, p. 299-313. Abr./Jun. 2018.

NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? *Organização em textos*, ano. 6, n. 12, jul./dez. 2010.

NUNES, Mário. O dispositivo currículo: a produção do sujeito professor de educação física. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 659-681, abr./jun. 2021.

OLIVEIRA, Danilo; FRANGELLA, Rita. Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 27, n. 61, p. 3-12, set./dez. 2022.

OLIVEIRA, Ana; SANTOS, Carlos; FLORÊNCIO, Roberto. Métodos e técnicas de pesquisa em educação. *Revista Científica da FASETE*, p. 38, 2019. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/21/metodos_%20e_tecnicas_de_pesquisa_em_educacao.pdf. Acesso em: 9 dez. 2022.

OLIVEIRA, Gianne. Juventude e tecnologia: usos e apropriações. *Juventude.Br*, [s.l.], n. 11, p. 34-39, 2021. Disponível em: <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/131>. Acesso em: 5 dez. 2022.

OLIVEIRA, L. D. *Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações*. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 4., Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Rodrigo. Mídias sociais digitais: implicações sobre o processo democrático. *Revista Caderno de campo*, Araraquara, n. 25, p. 229-244, jul./dez. 2018.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar, 2003.

PAIVA, Vera. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, jul./dez. 2008.

PARAÍSO, Marlucy. (Org.). *Pesquisas sobre currículo e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: CRV, 2010a.

PARAÍSO, Marlucy. A. Currículo da Mídia Educativa Brasileira: poder, saber e subjetividade. *Educação e Sociedade*, Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016.

PARAÍSO, Marlucy. Currículo, Desejo e Experiência. *Educação & Realidade*, v. 34, n. 2, maio-ago. 2009, p. 277-293, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227054017.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

PARAÍSO, Marlucy. Diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago. 2010b.

PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, percursos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.) *Metodologia de pesquisas pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PARAÍSO, Marlucy. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa brasileira. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 91-115, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/yDnwt33sFwx4rs7gW5fngsr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PEIXOTO, Fernanda. Reels: entenda a ferramenta do Instagram e de que forma pode ajudar você. *Culturadoria*, 2020. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/entenda-o-reels/>. Acesso em: 19 set. 2022.

PEREIRA, Paula. A constituição das posições-sujeito aluno e professor de inglês por acadêmicos do curso de letras. *Anais... SILEL*, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PELÚCIO, Larissa. Toda quebrada na plástica – corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. *Revista UFSCar Campos*, v. 6, p. 97-112, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/4509/3527>. Acesso em: 9 dez. 2022.

PRATES, Daniela. de A. *A marca da promessa: culturas juvenis assembleianas*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

PRATES, Daniela; GARBIN, Elisabete. Culturas juvenis assembleianas: sociabilidades, lazeres e afetividades. *Textura*, v. 21, n. 47, p. 108-131, jul./set. 2019.

QUEIROZ, Christina. Pesquisadores locais e estrangeiros buscam compreender o crescimento evangélico no Brasil, o maior do mundo. *Revista Pesquisa*, FAPESP, Edição 286, dez. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica/>. Acesso em: 10 set. 2020.

REIS, Juliana.; DAYRELL, Juarez. Experiências juvenis contemporâneas: reflexões teóricas e metodológicas sobre socialização e individualização. *Educação*, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao>. Acesso em: 25 mar. 2021.

RIBAS, Thiago. Práticas de liberdade em Foucault. *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 181-197, abr. 2017.

ROSAS, Nina. O desenvolvimento do neopentecostalismo no brasileiro: esboço sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje. Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades. SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 11., Goiânia, 2009. *Anais...* UFG, Goiânia, 2009.

SAHAGOFF, Ana. Pesquisa narrativa: uma experiência para compreender a experiência humana. SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, SEPesq, 11., Centro Universitário Ritter dos Reis. *Anais...* Porto Alegre, 2015.

SALES, Shirlei. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisas em educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. (Org.). *Metodologia de pesquisas pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SALES, Shirlei. *Orkut.com.escol@: currículo e ciborguização juvenil*. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SALES, Shirlei. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: DAYREL, J.; CARRANO, P.; LINHARES, M. C. (Org.). *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 229-248.

SALES, Shirlei; EVANGELISTA, Gislene. Amor, coragem! Dilemas e possibilidades na relação com estudantes em tempos de pandemia. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 30, p. 858-875, set./dez. 2020.

SANTOS, Edmilson; MANDARINO, Claudio. Juventude e religião: cenários no âmbito do lazer. *Revista de estudos da religião*, [s.l.], n. 3, p. 161-177, 2005. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv3_2005/p_santos.pdf. Acesso em: 8 jul. 2022.

SARAIVA, Bruna; FEIL, Gabriel. Verdade e liberdade em Michel Foucault. SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO SIEPE, 10., Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 6 a 8 de novembro de 2018. *Anais...* Santana do Livramento, 2018.

SENA, Luzia Maria de Oliveira. *Dançando para Deus: música e dança a serviço da fé nas cristotecas católicas*. 2011. 248 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SCHLEMMER, Eliane.; DI FELICE, Massimo; SERRA, Ilka. Educação OnLIFE: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem. *Educar em Revista*, v. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.76120>. Acesso em: 28 out. 2023.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Giusilane; MACHADO JÚNIOR, Sergio. A construção do sujeito em Michel Foucault. *Entreletras*, Araguaína, v. 7, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/1488-Texto%20do%20artigo-15068-1-10-20161030.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SILVA FILHO, Mariano. *Religião virtualizada: a oferta de bens simbólicos no percurso da religiosidade na internet*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, 2011.

SILVA FILHO, Osvaldo. *Educação cristã na igreja em células: análise crítica da concepção de ensino no modelo de treinamento do Ministério Igreja em células no Brasil*. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.

SILVA, Luiza. *Currículo da nudez: relações de poder-saber na produção de sexualidade e gênero nas práticas ciberculturais de nude selfie*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em

Educação, Conhecimento e Inclusão Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2018.

SILVA, Tomaz. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Rodrigo. *O conceito de ascese na concepção ética de Michel Foucault*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Stela. A vida como obra de arte. *R.cient./fap*, Curitiba, v. 2, p. 191-200, jan./dez. 2007.

SILVEIRA, Fernando. *et al.* Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. In: *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 37, n. 1, p. 1101, 2015.

SIMON, Marcello. *Papa Francisco: uma encíclica viva de gestos e imagens*. 2019. 131 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOTERO, Eliane; COUTINHO, Brenda. Memes, tecnologias e educação: ‘conversas’ com professoras em tempos de pandemia. *Redoc*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, maio/ago. 2020.

SOUSA FILHO, Alípio. *Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística*. RHS, [s.l.], 2009. Disponível em: <https://redehumanizaus.net/7011-foucault-o-cuidado-de-si-e-a-liberdade-ou-a-liberdade-e-uma-agonistica/>. Acesso em: 21 set. 2022.

SOUZA, Maíra; SOUZA, Cassia; DAHER, Camila; CALAIS, Lara. Juventude e drogas: uma intervenção sob a perspectiva da Psicologia Social. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 10, n. 1, São João del-Rei, janeiro/junho 2015.

SPOSITO, Marília. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. (Org.). *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

STEPHAN, Cassiana. Como não esquecer de viver o presente: um ensaio sobre a espiritualidade do amor. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa – BA, v. 18, n. 2, p. 375-396, dezembro, 2018.

STIGGER, Marco. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

TORRES, Marco; SARAIVA, I. M. M. Professores/as de coragem: a escola nas disputas sobre o governo dos corpos. *Educação UNISINOS* (online), v. 25, p. 1-17, 2021.

VIEIRA, Daniel. Para o princípio do ‘cuidado de si’ na práxis musical do pesquisador: a filosofia de uma metodologia. *DAPesquisa*, v. 9, p. 341-352, 2012.

THOMÉ, Claudia; MACEDO, Elizabeth. (Org.). *Currículo e Diferença: afetações em movimento*. Rio de Janeiro: CRV, 2018.

ULPRIST, A. Adilson Ulprist. Mestrado em Teologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

YOUNG, Michel. *Bringing knowledge back in: from social constructivism to social realism in the sociology of education*. London: Routledge, 2007.

ZAPPAZ, Ivanês; VARGAS, Juliana. Juventude, estudo e trabalho: modos múltiplos de vivenciar o lazer. REUNIÃO NACIONAL ANPEd, 38., 2017, São Luís. *Anais...* São Luís: ANPEd, 2017.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Roteiro de entrevista narrativa semiestruturada

Perguntas iniciais:

Nome, idade, sexo, cor?

Estuda?

Trabalha?

Perguntas para aprofundar

Como a jovem cristã/evangélica deve se comportar?

Como é sua rotina de devocional (estudo e meditação da bíblia, oração...)?

Quais práticas você realiza no seu dia a dia para aumentar seu nível de relacionamento com Deus?

E como você faz para renunciar ao pecado? Como você resiste às tentações?

Você acessa/acompanha as postagens da a.rede no Instagram?

O que você aprende com as reuniões de célula?

O que você aprende com a a.rede?

Como você concilia as atividades de estudo, trabalho (em casa e/ou na rua), lazer/diversão e a igreja?

Teria mais alguma coisa que gostaria de dizer sobre ser jovem cristão/evangélica?